Alice Kellen

Leva-me a qualquer lugar



O grande romance da autora bestseller em Portugal

cultura

“

(...) às vezes as pessoas sentem-se perdidas.
Não podes deixar-te arrastar para baixo, Blake, tens de continuar sempre em frente, na direção certa, mesmo que não seja a mais fácil.

———


Leva-me
a
qualquer
lugar

Alice Kellen

Leva-me a qualquer lugar

Tradução de Cristina
Bernardo Silva

cultura

cultura © 2023
editora

Copyright de edición original Plataforma editorial
Titulo original: LLÉVAME A CUALQUIER LUGAR
Autor: ALICE KELLEN

© Cultura Editora

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

TÍTULO: *Leva-me a Qualquer Lugar*
AUTORIA: Alice Kellen

TRADUÇÃO: Cristina Bernardo Silva
REVISÃO: Silvina de Sousa
PAGINAÇÃO: Marta Pedroso
CAPA: Vera Braga
IMAGEM DE CAPA: © Shutterstock

ISBN: 978-989-577-002-1
1.ª EDIÇÃO EM PAPEL: janeiro de 2024

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrónico, mecânico, fotocópia, fotográfico, gravação ou outros, nem ser introduzida numa base de dados, difundida ou de qualquer forma copiada para uso público ou privado, sem prévia autorização por escrito do Editor.

Cultura Editora é uma chancela

infinito particular
Criatividade à medida

info@particular.pt | www.particular.pt

Aos meus avós,
obrigada por cuidarem de mim

1

Léane



As minhas mãos suavam, tinha o estômago embrulhado e sentia um ligeiro tremor espalhar-se pelas pernas, como se fossem feitas de geleia.

Nunca me sentira tão nervosa. Provavelmente, estava prestes a ter um ataque de ansiedade. Respirei fundo várias vezes com a intenção de afastar os medos.

Havia bastantes alunos reunidos no auditório da universidade e todos tinham o mesmo objetivo: participar no concurso organizado pela cadeia de televisão local do condado de Berkshire.

De quatro em quatro anos — como se fossem umas olimpíadas —, a cadeia de televisão Princett colaborava com a Universidade de Reading, e coordenava e organizava o Concurso Jovem Promessa.

Podiam apresentar-se ao *casting* inicial os alunos de qualquer curso matriculados em jornalismo na universidade. Do primeiro grupo de selecionados, no qual eu me incluía, seriam escolhidos os seis participantes que integrariam o concurso. Durante o ano letivo, precisamente até março, os seis sortudos competiriam fazendo reportagens como locutores, que seriam transmitidas ao vivo através do canal *online* do *campus*.

Como ganhar? Era preciso conquistar o público.

As reportagens eram divulgadas no *site* da universidade e os alunos dispunham de algumas horas para votarem nos seus favoritos. Dali, sairiam os dois finalistas depois de várias rondas de eliminação. No entanto, o vencedor definitivo era escolhido pelo júri. Porém, para conseguir participar na última reportagem, era óbvio que seria necessário cair nas boas graças do público. As audiências na vida

real também funcionavam assim. O suculento prémio consistia em poder trabalhar durante um dos meses de verão na cadeia Princett. Embora não passasse da função de estagiário — havia sempre que aprender a preparar café ou a reorganizar a papelada dos superiores —, era uma oportunidade única, porque não se tratava de uma cadeia qualquer, mas sim de uma das mais conhecidas e importantes do país, sendo, geralmente, líder de audiências. O estágio permitiria conhecer por dentro uma estação de televisão. Obter contactos relevantes e, ainda mais importante, ter experiência naquela área, relevante para o currículo.

Como bónus, embora na opinião de muitas pessoas isso fosse relegado para segundo plano, juntava-se ao prémio uma bela quantia para investirmos nos estudos. E, infelizmente, para mim isso era quase o mais importante.

Em anos anteriores, ganhar o concurso fora crucial para muitos locutores que ocuparam cargos privilegiados e de relevo. Conseguir o Prémio Jovem Promessa abria muitas portas. Aliás, uma das minhas jornalistas preferidas, Linda Carry, tinha sido a galardoada em 2001, e apresentava e dirigia agora um dos programas de debate mais interessantes da grelha de programação.

No auditório da universidade, para o *casting*, juntaram-se cerca de cinquenta estudantes. Ficámos todos de pé, formando uma fila indiana perfeita, enquanto esperávamos que a seleção se iniciasse.

Na primeira fila, sentavam-se os colaboradores da cadeia que se encarregariam, pouco depois, de eleger os seis participantes; entre os jurados estava também o famoso apresentador estrela da Princett, Owen Gabsen. Observei atentamente como se acomodavam nas e preparavam alguns papéis para tomarem notas, antes de desviar o olhar a fim de me focar nos meus colegas.

A maioria parecia partilhar do meu nervosismo. *Eh bien*.

Tentei encontrar algum rosto familiar, mas havia poucos alunos do primeiro ano; eram quase todos de cursos mais avançados. Uma pequena vantagem que não me favorecia, pois teriam mais experiência.

Quando o Owen Gabsen se levantou da cadeira e subiu ao palco, conseguiu reter a atenção dos estudantes. Os murmúrios acabaram e deram lugar a um silêncio inquietante. O famoso apresentador aproximou o microfone dos lábios, sem pressa, e sorriu de forma estupidamente encantadora antes de começar a

falar.

— Presumo que muitos me conhecem por apresentar o jornal da noite na cadeia Princett. — Respirou fundo e fingiu estar tomado pela emoção. Voltou a olhar para o público e, quando recomeçou a falar, apercebi-me do ligeiro eco da voz, que parecia bater nas paredes do auditório. — Mas hoje quero falar-vos como um cidadão comum. Há alguns anos, também estive aí em baixo, a olhar de lado para um palco que me aterrorizava, enquanto aguardava pelo primeiro *casting* da minha vida.

Tentava mostrar-se próximo para que nos identificássemos com ele. Pestanejou de forma exagerada, fingindo-se comovido. O Owen Gabsen sabia a que gestos recorrer em cada momento, como se executasse uma coreografia mil vezes ensaiada. Costumava usar fato, mas para esta ocasião optara por calças de tom caqui e uma simples *T-shirt*. Eu não gostava dele como apresentador, mas admitia que era um ator genial.

— Sabem o que aconteceu no fim, não sabem? Ganhei o concurso. — Sorriu, satisfeito. Tinha uns dentes tão brancos que não pareciam humanos. — É uma experiência imbatível. Um trampolim para o mundo do trabalho. — Apontou um dedo ao público e moveu-o, abrangendo o perímetro do auditório. — Cada um de vós tem a oportunidade de ganhar. Deixem o nervosismo para trás, subam ao palco e mostrem o que são capazes de fazer!

Uma salva de palmas entusiasmada ressoou pelas paredes. Os estudantes mostraram-se extremamente emocionados com o discurso. Sentimento que eu não partilhava. Perguntei-me quantos dos meus colegas se tinham candidatado ao *casting* apenas para verem o apresentador ao vivo e a cores.

Eu não gostava do Owen Gabsen, o seu olhar era sempre esquivo. Ele não era apenas conhecido por apresentar o jornal da noite. Também o era pelas suas aventuras amorosas com jovens famosas e por aparecer em capas da imprensa cor-de-rosa. A sua vida privada desencadeara as audiências.

Quando voltou a sentar-se, sem mais delongas, o jurado indicou ao primeiro estudante da fila que subisse ao palco. Fez-se silêncio absoluto.

Reparei no jovem magro que se deslocava para o microfone com cautela. Pôs, com o dedo mindinho, os enormes óculos redondos que chamavam a atenção para o seu rosto e começou a relatar um homicídio ocorrido no centro de

Londres, em plena luz do dia.

Depois da primeira prova, o palco foi ocupado por um estudante a seguir ao outro, até a fila, onde eu estava, diminuir. Alguns gaguejavam, hesitavam ou repetiam de forma excessiva determinadas palavras; seriam provavelmente desclassificados. Distingui com clareza os que mais se destacavam: uma rapariga pequena de voz doce parecia ter seduzido o júri com a ingenuidade, apesar de se mostrar ansiosa. O Mark Dabbent — que eu conhecia da aula de literatura porque, embora ele estivesse no segundo ano, repetia a cadeira — fez uma reportagem sobre uma fábrica de ursos de peluche e encantou o público com comentários engraçados.

Quando chegou a minha vez, respirei pausadamente. Subi os degraus para o palco com uma lentidão preocupante. Queria fugir. Durante alguns instantes, convenci-me de que concorrer tinha sido uma péssima ideia. Quase me obriguei a caminhar, porque as pernas não pareciam conseguir fazê-lo, por apatia.

Dirigi o olhar para o microfone, evitando encarar o júri. Sentia dezenas de olhos cravados em mim, que me avaliavam minuciosamente, tal como eu fizera com os meus colegas minutos antes. Tentei ignorar a insegurança e imaginei-me sozinha em casa, a ensaiar. Peguei no microfone e sorri.

— Paris, a cidade do amor, da moda, da arte, do turismo…, sim, presumo que todos têm uma ideia de como é Paris e imagino que, neste momento, estejam a visualizar a Torre Eiffel ou os famosos museus. — Fiz uma pausa e inspirei muito ar de uma só vez, obrigando-me a continuar a respirar. — Mas deixando de lado os típicos lugares turísticos, nós, parisienses, escondemos muitos mais segredos… — Sorri de forma misteriosa. — Sabiam que em Paris há um Museu dos Vampiros? — Um silêncio sepulcral tomou conta do auditório. As minhas pernas estremeceram. Respirei fundo e voltei a sorrir. — Sim, não é brincadeira, somos mesmo estranhos. — Quase como que por milagre, ouvi alguns risos que me animaram. — Também criámos o Micromuseu do Departamento dos Objetos Perdidos, que basicamente alberga há mais de duzentos anos objetos perdidos por turistas, ou o Museu das Falsificações, no qual se exibem produções originais junto às respetivas imitações. Sei o que estão a pensar. É um pouco estranho. Não vou negá-lo. — Percebi que grande parte do júri sorria abertamente, entre eles, Owen Gabsen. — De facto, nós, parisienses, adoramos

museus. Se algum dia visitarem a cidade, não podem perder a oportunidade de ver alguns dos mais curiosos, como o Museu da Bijuteria, o dos Quebra-Cabeças, o Museu do Saca-Rolhas ou, se gostam de emoções fortes, O Museu dos Rebuçados Haribo, que, seguramente, não vos deixará indiferentes — referi, sorridente e mais calma, depois de ver a reação positiva do público. — Foi a reportagem de Léane Bouvier, reveladora profissional dos segredos escondidos da cidade de Paris — concluí, dando um toque pessoal à nota final que devíamos usar nos trabalhos.

Ao terminar, respirei fundo. Quando olhei para o grupo de jurados, vi que a maioria continuava com um ligeiro sorriso nos lábios; quis acreditar que se tratava de um bom sinal. Enquanto descia os degraus do palco e me dirigia ao grupo de estudantes que já fizera as suas apresentações, lembrei-me da minha. Não hesitara nem me enganara. Tinha usado um tom claro e linear, mas também caloroso, e um toque informal.

Dado que, inicialmente, me preocupara com a possibilidade de o meu sotaque francês se notar e poder não ser do seu agrado, decidira sublinhar na reportagem o facto de ser estrangeira, para que tudo, da voz, ao tema, etc., estivesse, de alguma forma, relacionado. E embora o argumento fosse talvez um pouco estranho, pareceu-me mais original do que falar sobre os lugares tradicionais que, provavelmente, todas as pessoas presentes conheceriam.

Abanei as mãos, como se afastasse o nervosismo e a energia negativa que tomara conta de mim. Já estava feito, não havia volta a dar.

Olhei para o palco, enquanto o estudante seguinte se dirigia despreocupado ao centro, preparado para apresentar a sua reportagem. Tinha cabelo escuro, ligeiramente despenteado, e vestia de forma informal, embora caminhasse com uma certa elegância. Sorriu quando tocou ao de leve no microfone. Não era um sorriso inocente. Tratava-se de um daqueles sorrisos provocantes e retorcidos e, de imediato, dei-me conta de que algumas raparigas à minha volta sussurravam. *Pathétique*.

Mal começou a falar, conquistou o público e também o júri. Tinha voz grave, um pouco rouca, e o seu inglês era o clássico, com aquele sotaque típico refinado de determinadas zonas do país. Não ficava imóvel no palco, ao contrário do que todos nós antes dele tínhamos feito, caminhando de um lado para o outro com

segurança e desenvoltura. Quando terminou, fez outro sorriso irresistível e, inconscientemente, revirou os olhos. *Bien. Okay*. Era insultuosamente bonito, mas era ou não triste usar os atributos físicos para encantar os demais? Um pouco incomodada, olhei para várias concorrentes e notei que a maioria usava *T-shirts* justas com grandes decotes. *Touché*. Vi-me uma espécie em vias de extinção.

Embora ao finalizar a apresentação me tivesse sentido bastante satisfeita, quando o *casting* terminou e os jurados se reuniram para deliberarem sobre as suas escolhas, convenci-me de que não faria parte dos seis selecionados. Era mais fácil preparar-me para o pior e depois ficar feliz, se tivesse sorte. O Mark Dabbent apoiou uma mão no meu braço, chamando a minha atenção

— Nervosa?

— Como toda a gente, presumo. — Encolhi os ombros. — A tua reportagem foi genial. Muito divertida.

— Obrigado. — Sorriu com sinceridade. — Mas se alguém tem uma grande probabilidade de ganhar, és tu, sem dúvida.

Expeli ar pela boca, incrédula.

— A sério, o sotaque funciona muito bem. — Semicerrou os olhos. — Além disso, tens uma vozinha encantadora.

Parámos de falar quando os jurados começaram a levantar-se. Fiquei surpreendida por terem tomado uma decisão tão rapidamente; não era um bom sinal. Dirigiram-se até nós e o Owen Gabsen voltou a ser o centro das atenções.

— Antes de divulgar os nomes dos seis estudantes selecionados, quero felicitar todos os presentes — disse. — A fasquia foi muito alta desde o início. É uma honra para mim e para os meus colegas poder conhecer o vosso talento.

Sem mais palavras de consolação, o Owen fixou o olhar no papel que segurava nas mãos.

— Os nomes dos selecionados são: Marlenne Nipton, Susan Faith, Mark Dabbent, Blake Lakker…

O jovem que tanto se destacara no palco graças aos atributos físicos, conseguindo arrancar os suspiros de algumas raparigas, deu um passo em frente, furando a fila.

— É Blake Lekker — corrigiu, sem hesitação na voz.

Owen Gabsen franziu a testa, irritado com a interrupção.

— Que seja, Blake Lekker. — Tossiu, aclarando a voz. — Léane Bouvier e Nina Clarson.

Soltei todo o ar retido e respirei, por fim, com tranquilidade. Tive vontade de gritar de emoção, saltar de felicidade ou dançar uma qualquer dança parva, mas é claro que me contive, como toda a gente, e movi-me apenas alguns centímetros. Fiquei cravada ao chão como uma estátua gélida, com o olhar fixo nos membros da cadeia. Sorri com timidez, mas, logo depois, desanimei um pouco por causa dos alunos não selecionados que abandonavam o auditório.

Duas das raparigas vencedoras, que pareciam ser também amigas, aproximaram-se de mim para me felicitarem.

— Chamo-me Marlenne — disse a mais baixinha. Era a jovem que tinha uma voz angelical.

— E eu, Léane — respondi. Senti que as palavras me saíam pesadas, como se ainda me custasse pronunciá-las adequadamente, por causa dos nervos. — Prazer.

Olhei para a sua amiga Susan, prestes a apresentar-me, mas, antes que pudesse fazê-lo, a Nina Clarson interpôs-se. Levantou os braços na minha direção, gesticulando de forma exagerada.

— Adorei a tua apresentação, Léane! És uma fofa. — Apoiou os dedos no meu ombro, com uma confiança que não lhe tinha dado. — És de onde?

— Paris, França — afirmei sem pensar. Eu tinha respondido vezes sem conta àquela pergunta durante o curso de verão da universidade, no qual éramos quase todos estrangeiros.

— Oh, que inveja. — Sorriu. — Adoro a cidade do amor!

Enquanto o Owen Gabsen se aproximava do nosso grupo, Nina voltou-me as costas com a intenção de aproveitar a oportunidade para conversar com ele.

Olhei em redor e reparei que os alunos que não tinham sido escolhidos já haviam abandonado o auditório. Assustei-me ao sentir que uma mão tocava com delicadeza na minha cintura; dei um passo atrás, afastando-me, como se aquele toque queimasse.

O Blake Lekker sorriu.

— Parabéns — disse de forma seca.

— Igualmente.

Durante mais tempo do que o adequado, o Blake olhou para mim fixamente. Estava prestes a dizer qualquer coisa que pudesse interromper aquele silêncio incómodo, quando ele deu meia-volta e começou a conversar com a Marlenne.

Fui para perto do Mark, pois era o único finalista que eu conhecia. Uma mulher que fazia parte do júri aproximou-se e entregou-nos algumas pastas de cor azul.

— Presumo que saibam como funciona o concurso — disse. — Se tiverem alguma dúvida, encontram informação pormenorizada no interior das capas, assim como as datas e o horário das reportagens que devem fazer — especificou. — Lembro-vos que serão emitidas em direto através do canal *online* da universidade e que, dependendo das votações que receberem no *site* da cadeia, serão desclassificados dois participantes, que deverão abandonar o concurso, depois de cada série.

Não parecia ter muita vontade de nos dar mais pormenores, visto que se mostrava apática e franzia os lábios constantemente. Esclareceu que seríamos acompanhados por um operador de câmara e um programador informático para gravar as reportagens e que não teríamos a oportunidade de repetir caso corresse mal. Insistiu no elevado custo que implicava um direto.

— … tal como acordámos com a reitoria da universidade, o concurso terminará em março — lembrou-nos —, para não constituir um problema para os exames finais. Faremos uma reportagem por mês. E cada eliminatória consiste em duas reportagens, com exceção da última. Supõe-se que em dezembro haverá quatro participantes e, portanto, em fevereiro restarão os dois finalistas. — Suspirou de forma sonora. — A final ocorrerá em março. Essa reportagem será improvisada, não vos daremos um tema específico para tratarem. E, como sabem, o vencedor será eleito por nós, os jurados.

Pressionou a ponta do nariz com os dedos e fechou os olhos durante alguns segundos, como se tentasse lembrar-se de algo importante.

— Ah, é verdade, precisamos dos vossos dados completos — acrescentou, enquanto procurava os documentos indicados. — É muito importante que o contacto telefónico que facultarem esteja operacional.

Disseram-nos que poderíamos sair mal terminássemos de preencher os documentos com os dados. Portanto, assim que fiz a assinatura, guardei a caneta

na mala, despedi-me de todos e quase corri do auditório como se um conjunto de ursos me perseguisse. Estava eufórica.

Senti-me grata pelo vento que soprava, que me remexia o cabelo e aclarava a mente. Respirei fundo. Estava satisfeita comigo e comecei a caminhar, num passo rápido, pelas imediações de um dos três *campus* repartidos pela zona estudantil da cidade. Anoitecia, mas ainda havia bastante gente a deambular pelas ruas de pedra que atravessavam a Universidade de Reading.

Reading localizava-se no condado de Berkshire, em Inglaterra; a meio caminho entre Londres e Oxford. Tinha cerca de quinze mil estudantes de várias nacionalidades, motivo pelo qual era frequentemente chamada «cidade universitária».

Cheguei a Reading, com a minha melhor amiga, Lissa, no início de julho, a fim de aproveitarmos o período de férias para nos instalarmos na residência. Poderíamos, assim, frequentar o curso da universidade para alunos estrangeiros e conhecer melhor a cidade.

Quase todos os alunos do primeiro ano — principalmente os que não eram de nacionalidade inglesa — conviviam nas residências dos três *campus*. Ou seja, era preciso partilhar casa com outros colegas, respeitar o horário das refeições se não queríamos ficar de estômago vazio e socializar mais do que o desejado.

Os estudantes que estavam há um par de anos na universidade costumavam sair da residência em busca de liberdade. Arrendavam apartamentos compartilhados, se tivessem condições económicas, e também quartos individuais.

Continuei a andar pelo *campus*, repleto de jardins, cujo vigor contrastava com os caminhos pedonais e os edifícios de pedra. Num dos jardins, e depois de tirar o telemóvel de um dos bolsos das calças, sentei-me em cima da relva com as pernas cruzadas. Vi que o meu pai me tinha enviado outra das suas mensagens filosóficas, ou, como ele costumava dizer, e cito textualmente: «Palavras cheias de inspiração». Desde que abandonara Paris para frequentar a universidade, no início do verão, tornara-se um costume diário.

«O sucesso está em vencer o medo do fracasso», Charles Augustin Sainte-Beuve.

Sorri quando terminei de ler a mensagem e marquei o número de casa.

— Olá, querida — respondeu a minha mãe do outro lado da linha —, como correu o teu dia? O que comeste? Preocupa-me que a comida do refeitório não seja saudável…

— Mamã, fui selecionada para o concurso!

— Amor, isso é… maravilhoso! — Ouvi-a chamar o meu pai aos gritos para lhe contar a novidade. — Sentimos orgulho em ti.

Não pude evitar sorrir.

— Tens de me explicar onde posso ver as reportagens — disse. — Já sabes que a senhora Internet e eu não nos entendemos bem.

Contei aos meus pais como tinha sido a minha apresentação, o que senti no palco frente a todos os estudantes, o processo de seleção e as primeiras impressões dos outros cinco finalistas. Enquanto contava o ocorrido ao pormenor, a mamã ria-se de vez em quando com um certo nervosismo. Pelo tom, notei que tentava disfarçar o quanto a notícia a emocionara. Talvez pensasse que, ao conter-se, diminuiria a pressão do que aquele acontecimento significava para mim.

O único propósito dos meus pais, desde que me lembrava, era que eu fosse para a universidade. Eram os dois artistas, cada um à sua maneira, e valorizavam a cultura como poucos.

A mamã era pintora. Tinha estudado economia na universidade, mas deixar de lado a paixão para mergulhar num monte de papéis cheios de números não era opção. Ela precisava de pintar. E nós precisávamos de ver como o fazia.

De facto, não era um trabalho muito valorizado — pelo menos a nível económico —, mas nada havia de mais gratificante do que vê-la de bata branca, manchada de tinta, a movimentar-se atarefada como um colibri pelo pequeno ateliê com um pincel na mão. Adorava sentar-me no sofá que havia ao fundo da sala, sob a grande janela por trás da qual se desenhava a cidade de Paris, para a observar entusiasmada a pintar um quadro atrás do outro. A inspiração vinha-lhe aos tropeções. A mamã não era especialmente regular, mas quando isso acontecia entrava num estado criativo maravilhoso. Os olhos iluminavam-se-lhe e tornavam-se ligeiramente húmidos, quase como se fosse chorar devido à emoção contida. Um rubor rosado propagava-se pelas suas faces, e deixava de ouvir ou ver o que se passava à volta, como se o mundo inteiro tivesse ficado

suspenso só para ela.

Vendia alguns quadros. Cada vez mais, talvez devido ao efeito produzido pelo passa-palavra de fiéis clientes. No entanto, isso não era suficiente — sobretudo se comparado com o salário médio —, mas tanto o meu pai como eu tínhamos a certeza de que um dia ela seria reconhecida como grande artista.

O papá, pelo contrário, tinha um emprego estável. Além disso, era o trabalho dos seus sonhos. Havia mais de quinze anos que ocupava um cargo numa escola para adultos como professor de literatura. Entusiasmava-o a ideia de que pessoas que tinham deixado para trás a juventude se mantivessem, todavia, com uma mente aberta e vontade de aprender. Era gratificante. Ele saía de casa às oito da manhã com um sorriso radiante nos lábios. E quando voltava, contra todas as expetativas, o seu sorriso não tinha diminuído, ampliara-se.

Os meus pais conheceram-se na feira cultural independente que se realizava todos os anos na cidade. Ela dirigia um pequeno *stand* com outros pintores pouco reconhecidos, no qual expunham os respetivos quadros. O papá era mais um visitante com a intenção de passar um dia agradável na movimentada feira.

Ele ficou completamente fascinado por um dos quadros da minha mãe e decidiu comprá-lo, apesar de lhe custar as poupanças de um ano inteiro. Quando lhe pagou e ela lhe devolveu o troco, os seus dedos tocaram-se e... já estava. Foi assim a sua história de amor. Incrível, mas verdadeira. Dois anos mais tarde, nasci eu.

Decidiram chamar-me Léane porque o nome provém etimologicamente de «leoa». Gostaram de ser um símbolo de força e coragem. Nunca me interessei muito pelo significado dos nomes, mas os meus pais valorizam bastante essas coisas que me parecem pouco relevantes.

Graças ao esforço deles, frequentei desde pequena um colégio bilingue. Obter o certificado de inglês como primeira língua era uma grande vantagem para, mais tarde, entrar no mundo laboral. Quando, no ano anterior, foram anunciadas as bolsas para estudar numa universidade estrangeira de língua inglesa, não pensei duas vezes. Parte de mim queria afastar-se de tudo o que conhecia como se assim pudesse pôr-me à prova, saber se conseguia vingar sozinha… perante o resto do mundo. Era como uma espécie de desafio pessoal. E, é claro, também considerava isso um grande avanço em termos académicos.

Sempre me preocupara com as notas, não apenas porque queria compensar os meus pais por tudo o que haviam feito por mim — em casa, não sobrava um cêntimo —, mas porque considerava isso importante.

O jornalismo interessava-me desde pequena. Tinha participado em todos os diários escolares desde a primária, assim como em algumas revistas digitais, e adorava ver as notícias, analisar dados, comparar vários pontos de vista, documentar-me e tentar aprender de forma autodidata. Tinha a certeza de que sem informação, em todos os sentidos, não éramos nada, e, embora gostasse do programa de debates da Linda Carry, a minha verdadeira inspiração fora, sem qualquer dúvida, a Angélique Deville.

Ela tinha sido uma jornalista francesa bastante conhecida, mas só quando a sequestraram no Afeganistão, com mais três pessoas, é que o seu rosto começou a aparecer em todas as televisões do país e nas capas dos jornais. Pouco a pouco, consoante o tempo foi passando sem novas notícias, caiu no esquecimento e tornou-se algo secundário até que, dois anos mais tarde e para surpresa geral, conseguiu escapar e informar as autoridades sobre o local onde estavam os outros reféns.

Não foi o facto de ter conseguido fugir e salvar-se o que mais me impressionou na Angélique Deville. O que me deslumbrou verdadeiramente foi que, apenas quatro meses depois daquele final feliz, ela voltou ao Afeganistão, antes que o governo talibã fosse derrubado, e continuou a informar os espetadores sobre o que se passava, evidenciando a pobreza e a miséria daquele país, como se o sequestro de que fora vítima não passasse de uma pedra no seu caminho.

Nesse dia, embora ainda fosse muito pequena, soube com toda a certeza que, no futuro, iria ser jornalista.

Agora, era finalista do concurso.

E tinha de ganhar.

2

Blake



E quanto caminhava pela Rua Castle, lembrei-me das apresentações dos outros cinco finalistas. Era certo que o engraçadinho, o Mark, me daria problemas. A Nina, como quase todos sabiam, não era de fiar, e mal conhecia as outras raparigas.

A Léane e o seu sotaque francês ridículo preocupavam-me. Ela cativava. Chamava demasiado a atenção. Tinha um mau pressentimento em relação a ela.

Não me lembrava de a ter visto na universidade, e presumi que seria do primeiro ano. Os recém-chegados costumavam ser mais tímidos. Sentiam-se vulneráveis perante as novidades da vida universitária, mas Léane não parecia vulnerável. Tinha estado nervosa, sabia esconder as emoções para que ninguém as notasse.

Enfiei as mãos nos bolsos do casaco.

Havia pouca gente nas ruas de Reading porque era quase hora de jantar, e pude caminhar sem ter de me desviar das bicicletas que percorriam habitualmente a cidade e eram o meio de transporte mais comum entre os estudantes. Conhecia bastante bem Reading, não só porque frequentava o terceiro ano do curso e já estava ali havia algum tempo, mas também porque cresci nos arredores de Romford, perto da capital, Londres.

Frequentar esta universidade, e o facto de o meu pai me ter oferecido um carro aos dezoito anos, permitia-me visitar regularmente a mamã e a Emma, a minha irmã mais nova, pois Romford situava-se a cento e vinte quilómetros de Reading.

A maioria das vivendas da cidade são estilo rainha Ana, casas pequenas

unifamiliares de tijolo vermelho, geralmente de dois ou mais pisos. Eu gostava de Reading, da estética, do estilo de vida… havia muitos *pubs* e locais de lazer — entre outras coisas, realizava-se ali um dos certames mais conhecidos do mundo, o Reading Festival. Além disso, era, provavelmente, o centro de negócios mais importante do Sudeste de Inglaterra, depois de Londres, e a maioria das empresas de renome da Grã-Bretanha sediava-se naquela cidade, uma vantagem na hora de fazer o estágio no fim da licenciatura e poder escolher um lugar numa grande empresa.

Parei quando avistei ao longe o Bar Sahara. Tirei o telemóvel do bolso e respirei fundo. Às vezes, falar com a minha mãe tornava-se complicado. Havia momentos de calma que, sem pré-aviso, se transformavam em tempestades debaixo das quais eu era incapaz de me orientar. Ou melhor: não sabia fazê-lo.

— Mamã, como estás? — Apoiei o ombro na montra de uma loja de eletrodomésticos.

— Ótima, querido. — Tossiu. — Como correu o concurso?

— Na verdade, correu bem.

— Significa que vais participar?

— Sim. — Sorri, embora ela não pudesse ver-me.

— Isso é fantástico! Fico muito feliz, Blake. — Fez uma pausa e notei que estava a beber água. — Vamos festejar quando voltares no fim de semana.

— Claro — anuí com a cabeça —, diz isso à Emma.

— Ela vai ficar feliz — afirmou. — Porém, não quero que deixes de lado os estudos por causa do concurso! E lembra-te de engomar a roupa. É importante, Blake, não me canso de o repetir.

— Eu sei, mamã.

Revirei os olhos. Porque se preocupava tanto com a ideia de eu não engomar a roupa? Bastava esticá-la um pouco… Toda a gente fazia isso. Quando ia a casa, a mamã analisava a minha roupa ao pormenor, à procura de vincos que alisava com toda a pressa, como se a minha vida dependesse disso.

— Vou ligar ao teu pai a contar-lhe. — Suspirou e, pouco depois, instalou-se um silêncio incómodo. — Vai gostar de saber.

— Tenho de desligar, mamã. — Desviei o olhar, cravando-o nos ténis desportivos, como se receasse ver o que se passava à minha volta. — Estou com

uns amigos.

— Está bem, meu querido. Fica bem.

Respirei fundo quando desliguei.

Detestava que ela se referisse, sequer, a ele. Era humilhante. Não entendia como podia manter uma relação cordial com ele depois de tudo o que acontecera.

Havia dois anos que eu não falava com o meu pai, desde o verão em que me inscrevera na universidade. O Robert Lekker tinha-se separado da minha mãe quando ela descobrira que era traída. Depois, ele nem sequer disse «lamento» ou «cometi um erro, perdoa-me». Nada disso. No entanto, lembro-me da discussão monumental que tiveram nesse dia, na cozinha da nossa casa. Pedi à minha irmã que subisse para o seu quarto, na esperança de que não ouvisse os gritos dos dois, e fiquei junto à porta à espera de que ele lhe implorasse perdão. Mas isso nunca aconteceu. A única coisa que o meu pai disse foi:

«Isto não resulta. Não está a resultar. Estarei ao teu lado sempre que precisares, mas acredito que cada um deve seguir o seu caminho.»

Depois daquelas palavras, fez-se um silêncio que me pareceu eterno. A seguir, a mamã respondeu:

«Sei isso, Robert. Sei-o bem. Temos de falar com os miúdos…»

«Posso abraçar-te?», perguntou ele.

«Sim, claro que sim.»

E foi tudo. Um casamento terminado com quatro frases curtas e sem sentido. Nunca entendi, mas, passado algum tempo, deixei de tentar. Já não queria entender porque não a afetava a situação, nem porque era ele um parvalhão.

O meu pai e eu tínhamos sido muito unidos, até eu saber o que ele fizera. Nesse momento, percebi que nunca mais iria vê-lo da mesma forma, independentemente da reação incompreensível da minha mãe perante o que acontecera. Eu passara a vida a idolatrá-lo, talvez por isso a sua queda do pedestal tenha sido tão abrupta. Detestava pensar que o meu pai era o causador da dor da mamã, da ansiedade da Emma, da separação familiar… Porque, em termos gerais, de uma forma ou de outra, era tudo culpa dele.

Depois do divórcio, ele mudou-se para Nova Iorque a fim de trabalhar numa grande sociedade de advogados, da qual passou a ser sócio.

Não sei o que me irritou mais, se o facto de trair a minha mãe ou o de ter fugido como um cobarde. Talvez ambas as coisas.

No dia em que apanhou o avião, rumo a Nova Iorque, foi a última vez que falámos. Enquanto o observava a caminhar em direção à porta de embarque com o típico andar despreocupado, senti que qualquer coisa se rasgava dentro de mim. E não tive vontade de fazer nada para a consertar, estava bem assim.

Nunca mais atendi as suas chamadas, apesar de ele continuar a ligar-me todas as semanas. Não achava que o merecesse. Ao contrário de mim, tanto a mamã como a Emma mantinham contacto com ele, e a minha irmã passou um mês em Nova Iorque nos dois últimos verões.

Nunca a acusei de nada, respeitava a sua decisão. Entendia que para a Emma tivesse sido complicado dizer «adeus» ao pai, enquanto para mim a decisão mostrara-se fácil. Demasiado, sendo honesto.

E não me arrependia nem um pouco.

Às vezes, quando o meu pai ligava e eu deixava o telemóvel a vibrar até que ele desligasse, imaginava-o sentado no seu escritório elegante, com as pernas cruzadas em cima da mesa de carvalho e com o telefone pregado ao ouvido, olhando, através da janela gigante, os arranha-céus mais próximos que se erguiam no céu azul de Nova Iorque.

Abanei a cabeça para afastar, com esse simples gesto, todos os meus problemas. Quando entrei no Sahara, avistei os meus amigos a uma das mesas ao fundo. Pedi uma cerveja no bar e vi pelo canto do olho que o Ryder tinha uma mão no ar, a apontar para mim antes de gritar:

— És finalista?

Alguns clientes olharam para ele. Peguei na cerveja e sentei-me na única cadeira livre à volta da mesa.

— És finalista? — repetiu.

— Sim, claro. — Recostei-me na cadeira. — Mas não é preciso anunciares isso aos gritos.

— Parabéns, Blake. — O Adam apoiou a mão no meu ombro.

— Prometo que, se ganhares e ficares famoso como o Owen Gabsen, irei às televisões falar de ti e buscar a minha parte de visibilidade — comentou o Ryder, rindo-se.

Não gostei que ele me comparasse com o Owen Gabsen. O tipo era um idiota.

Bebi um pouco de cerveja.

— Quem são os outros finalistas? — perguntou a Kristen, o novo engate do Ryder. Tanto ela como a amiga, que eu não conhecia, olharam para mim interessadas.

— Um tal de Mark Dabbent, um engraçadinho do segundo ano — respondi com cara de nojo. — Mais duas miúdas do quarto, a víbora da Nina Clarson…

— Oh, que horror, odeio-a — interrompeu a jovem que eu não conhecia.

— E a Léane Bouvier, que deve ser do primeiro ano porque nunca a vi antes.

A Kristen franziu os lábios.

— Conheço-a. No outro dia, foi a um dos treinos de futebol com uma amiga. Ao que parece, tem uma ligação ao Nathan.

— E quem é esse? — perguntei e, curioso, inclinei-me ligeiramente e apoiei os braços na mesa. A Kristen atirou o cabelo loiro para trás com orgulho depois de captar a minha atenção.

— É um rapaz norte-americano do primeiro ano que foi admitido no clube de futebol de Reading. Na verdade, está na universidade graças à bolsa desportiva — explicou —, devem ter-se conhecido durante o verão, no curso para alunos estrangeiros.

— Ele não parece muito interessado — acrescentou a amiga. — Quer dizer, não sei se andam juntos ou não, mas o Nathan tem sido visto em muitas festas e consta que teve um deslize.

Durante uma fração de segundo, senti pena da Léane. No entanto, ela tinha grande parte da culpa. Quem se lembrava de tentar namorar na universidade? Ainda por cima, no primeiro ano. Toda a gente quer experimentar coisas, divertir-se, não ter responsabilidades nem problemas… é o que faz mais sentido.

Sorri com uma timidez fingida e fixei o olhar na amiga de Kristen.

— Como disseste que te chamas?

— Não disse — respondeu, com ar atrevido. — Podes chamar-me Sand.

Acabei de beber o pouco que restava da cerveja e dei a entender que ia levantar-me.

— Querem continuar a conversa em casa? Fica a apenas dois quarteirões e a cerveja é de borla.

Felizes, as duas raparigas aceitaram o convite, e o Ryder estava animado enquanto pagávamos a conta. No entanto, o Adam revirou os olhos, seguramente incomodado com a perspetiva de passar mais uma noite em branco.

Sem conversar muito pelo caminho, dirigimo-nos para a casa que dividíamos os três. Tínhamos partilhado no primeiro ano uma residência, pois era mais complicado encontrar uma casa confortável sem se conhecer ninguém. Contudo, no ano seguinte, decidimos os três mudar-nos. Se dividíssemos a renda, o preço atingia quase o mesmo da residência. E o nível de liberdade era incomparável. Em resumo: fazíamos o que queríamos, como e quando nos apetecia.

Conviver com o Adam tornava-se fácil. Embora à primeira vista pudesse parecer que eu tinha mais coisas em comum com o Ryder, não era assim. O Adam era o meu melhor amigo, o único em quem confiava nos momentos difíceis. Uma pessoa com os pés na terra, tranquila e inteligente. Mantinha a calma em qualquer circunstância. Sabia enfrentar as coisas, e admirava-o por isso.

O Ryder era, em poucas palavras, um desastre total. Mas não havia ninguém tão divertido como ele. Eu tinha passado noites incríveis. Era completamente maluco. Um génio do caos.

Quando chegámos à porta de casa, pedi as chaves ao Adam, dado que perdera as minhas no fim de semana anterior, numa festa da qual não me lembrava.

— Emprestei-as ao Ryder porque ele não encontrava as suas — disse, antes de encolher os ombros.

— Então dá-me as chaves, Ryder.

Estendi a mão na sua direção, à espera. O Ryder procurou nos bolsos das calças durante mais de um minuto, esgotando a minha paciência.

— Não as tenho. — Apalpou também os bolsos de trás. — Não sei onde as meti… Que merda.

— Porra, Ryder, eram as minhas chaves! — exclamou o Adam, irritado.

— Juro-te que não as perdi por aí! — Levantou as mãos para o céu. — Acho que me esqueci de pegar nelas, só isso.

— Só isso? — repeti. — Não podemos entrar, e nos últimos dois anos já chamámos tantas vezes o serralheiro que qualquer dia vai poder comprar um

bruto *Mercedes* graças a nós.

— Olha, não digas mais nada, perdeste as tuas chaves esta semana.

Touché. Respirei fundo e tentei acalmar-me enquanto o Adam se sentava num dos degraus da entrada principal.

As duas raparigas olhavam para nós em silêncio, com os braços cruzados; não pareciam sentir-se muito à vontade.

— Vou ver se deixámos alguma janela aberta.

— Eu vou contigo — disse o Ryder.

Contornámos o edifício pela direita. Era uma casa de tijolos vermelhos com dois pisos e havia à volta uma pequena área de relva que raramente era regada. Quando levantei o olhar, descobri que a janela da casa de banho estava entreaberta.

Para ser sincero, não era a primeira vez que nos víamos obrigados a entrar na nossa própria casa como se fôssemos ladrões. Na verdade, não era sequer a segunda vez.

— Dobra-te, vou subir — disse ao Ryder.

Acocorou-se à minha frente, pus os meus pés sobre os seus ombros e tentei agarrar-me com a ponta dos dedos ao fino relevo dos tijolos vermelhos da fachada. O Ryder foi-se levantando aos poucos, até que consegui agarrar-me a um cano e manter o equilíbrio. Ele riu-se como se a situação tivesse piada.

— Estou quase lá — afirmei.

Estiquei a mão o mais que pude até tocar na janela. Apoiei-me no parapeito e, depois, abri-a na totalidade e entrei na casa de banho.

O chão estava cheio de roupa suja, toalhas ainda húmidas, e havia água acumulada no lavatório com restos de barba acabada de fazer.

E frascos de todo o tipo dispersos pela divisão: gel do cabelo, gel de banho, champô, desodorizantes… Abri o móvel branco, puxei o cesto da roupa e guardei lá dentro tudo o que encontrei, para o caso de alguma das raparigas ir à casa de banho.

Quando desci as escadas, descobri que as divisões do piso inferior também se encontravam caóticas. Ouvi baterem, pelo que encolhi os ombros perante o desastre em que a casa estava mergulhada, e abri a porta.

A Kristen parecia conhecer bem a casa, seguramente porque o Ryder já a

trouxera cá. A Sand olhou curiosa à volta.

— Bela casa — disse, enquanto inspecionava o que a rodeava com o sobrolho franzido. — Mas porque há tantas plantas?

— São do Adam — respondi sem pensar. — É apaixonado pela botânica.

Formaram-se algumas rugas na testa do Adam, mas ele manteve a boca fechada enquanto se dirigia à cozinha. Voltou à sala minutos mais tarde, com uma bebida na mão, e pediu à Kristen que se levantasse do sofá porque estava sentada em cima dos seus apontamentos.

— Vou acabar o trabalho de comunicação — disse.

— Agora? — Arqueei uma sobrancelha. — Não é preciso entregá-lo antes da próxima semana. Toma uma cerveja. Relaxa.

O Adam fez que não com a cabeça, ignorando a sugestão, antes de ir para o seu quarto e bater com a porta de forma exagerada. A minha irmã agia assim quando se zangava. Depois de conviver dois anos com o Adam, chegara à conclusão de que ele tinha um lado feminino.

Liguei o televisor enquanto o Ryder pegava nalgumas cervejas e as colocava em cima da mesa de apoio, frente ao sofá onde estávamos sentados. A Sand fingiu que não tinha espaço suficiente e colocou a perna direita em cima das minhas, sem sequer se dar ao trabalho de perguntar se podia. Contive-me para não a afastar, embora tivesse vontade de o fazer.

— Não têm copos? — indagou a Kristen, ao abrir a lata de cerveja.

— Temos, sim, mas não gostamos de os lavar — expliquei-lhe.

O Ryder riu-se da resposta e, depois, começaram a falar de um programa de televisão que eu nunca tinha visto. Senti a perna dormente. Mal ouvia o que diziam; por algum motivo, estava preocupado com a reação do Adam. Ele não era propriamente sociável, mas costumava ser simpático e não era habitual comportar-se daquela forma tão… estranha. Movi-me com desconforto para que a rapariga percebesse a indireta e parasse de apoiar o joelho na minha perna.

— O vosso amigo é um pouco esquisito — comentou a Sand. Bebeu um gole de cerveja e apontou para o grande número de plantas que invadiam a sala. — Porque tem ele tantas plantas? É uma obsessão ou algo do género?

O Ryder olhou para mim sem saber o que dizer. Respirei fundo.

— Não ficam assim tão mal.

— Se o dizes… — Revirou os olhos.

Ponto final. Levantei-me, de modo a que a perna da Sand caísse por inércia, e fiz um gesto para que o Ryder se apercebesse, consistindo em esfregar ligeiramente o lóbulo da orelha. Isso significava que estava na hora de nos despedirmos das convidadas.

— … O Adam não se sente bem, pelo que… é melhor adiarmos a festa — disse o Ryder. Mentia francamente mal.

— Mas ainda só passou meia hora! — A Kristen olhou para ele com os olhos muito abertos.

Sem mais, despedi-me das duas e fui até ao quarto do Adam, deixando o Ryder com a tarefa de se livrar delas, até porque, bem vistas as coisas, eram convidadas dele, apesar de ser um anfitrião de merda.

O quarto do Adam não tinha uma única planta, simplesmente porque ele não apreciava plantas. Eu era o único que gostava de botânica. Fascinava-me como poucas coisas. Não é incrível que de uma simples semente, e um pouco de água e terra, possa surgir uma nova vida?

Na nossa casa havia cerca de cinquenta plantas: trepadeiras que subiam pelos pilares arredondados da sala e também pelo corrimão da escada, flores de todas as cores possíveis e imagináveis, plantas cujos ramos caíam de estantes altas…

Outrora, a minha mãe era uma das melhores decoradoras de jardins da cidade. Ensinara-me tudo o que sabia sobre as plantas. Eu dedicava grande parte do tempo livre a podá-las, dando-lhes forma, a regá-las — não era fácil, cada planta precisava de uma quantidade específica de água —, a transplantá-las… Um passatempo que me mantinha ocupado. Ajudava-me a não pensar em nada e a esvaziar a mente.

No entanto, era irritante o facto de toda a gente fazer perguntas sobre as plantas mal punham um pé dentro da casa. O que tinham que ver com isso? Eu não gostava de dar explicações e, por conseguinte, no ano anterior fizera uma aposta com o Adam, que ele perdera. Desde então, eu apontava para ele quando alguém me questionava sobre a vegetação excessiva, e ele era obrigado a manter a boca fechada.

Preferia proteger a minha intimidade, sentia-me melhor assim.

— O que queres, Blake? — O Adam arrancou-me do devaneio. — Não penso

sair, tenho de acabar o trabalho.

— Já se foram embora.

Deixei-me cair em cima da sua cama com os braços cruzados atrás da cabeça e o olhar fixo no teto. Reparei que o Adam se movia, após escutar o ligeiro chilrear da cadeira de escritório com rodas.

— Não era preciso irem-se embora, só que… ultimamente incomoda-me ter tantas visitas desconhecidas.

— Porquê? — Levantei um pouco a cabeça.

O Adam deixou cair a caneta em cima da e suspirou de forma melodramática, como se revivesse a tragédia de Romeu e Julieta.

— Estou cansado de fazer sempre o mesmo. — Começou a roer a unha do polegar, com o olhar fixo no chão. — Parece um *déjà-vu* permanente. Saímos, conhecemos umas miúdas, vêm cá a casa…

— Que parte disso te desagrada mais? — perguntei. — No geral, parece-me um plano bem fixe. Não me importaria de o repetir durante… o resto da vida, por exemplo.

— Começa a ser chato, Blake.

— Estás farto de nós?

Engoli em seco. Por estranho que possa parecer, sempre receei perder as poucas — pouquíssimas — pessoas de que gostava. Achava-me incapaz de suportar que alguém das minhas relações se afastasse devido à minha maneira de ser, isso faria tábua rasa de tudo o que eu construíra durante vinte e um anos… De mim mesmo. E, infelizmente, era tudo o que eu tinha para oferecer.

— Claro que não — salientou, negando também com a cabeça. — Na verdade, até me apetecia sair e comemorar o facto de seres finalista. Nós os três, sem mais ninguém.

Talvez o Adam tivesse razão.

Sorri aliviado com a resposta.

— E se saíssemos agora mesmo? Ainda são nove, podemos ir à Oceans. Continuo a ser finalista — propus, a sorrir.

— Sim. — O Adam inclinou-se para apanhar um lápis do chão, antes de olhar para mim por cima do ombro. — Finalmente, conseguiste, não foi?

Peguei na bola de vidro que estava em cima da mesinha de cabeceira e dei-lhe

duas voltas, até que pequenos flocos de neve deslizaram sobre o pinguim que ali vivia. Tinha-lhe sido oferecida pela irmã mais nova no Natal anterior. Era uma menina encantadora e adorava o Adam, como se ele fosse uma espécie de semideus. Quando o visitava com os pais, costumava brincar com as minhas plantas, fingindo que as bonecas estavam no meio de uma floresta amazónica e, correndo o risco de lhes arrancar folhas e ramos por simples prazer, deixava-a fazer aquilo, possivelmente porque alguma coisa nela lembrava-me a Emma em pequena.

Perguntei-me se ela continuaria a idolatrar assim o Adam quando crescesse. Olhei para ele fixamente, por instantes, antes de voltar a contemplar o movimento hipnotizante dos flocos de neve.

— Sim, acho que consegui… — Respirei fundo.

Estava animado com o concurso, embora não o mostrasse abertamente. Quase começava a fantasiar e a imaginar como seria o meu futuro a apresentar um programa de debates, qualquer coisa de intenso, algo que me permitisse provocar os convidados, como fazia o Charles Ridson em *A Palavra É Sua*, uma das minhas emissões televisivas preferidas.

Sentia-me atraído pelas guerras que apenas podiam ser ganhas com base em palavras, criatividade, força mental… Em parte, também me sentia atraído pela possibilidade de demonstrar ao meu pai que optara pelo curso certo, que a licenciatura em jornalismo era a adequada, porque no fundo sabia que ele sempre tinha esperado e desejado que seguisse o seu exemplo e me tornasse um advogado chato de fato. Não sei o que queria mais, se ganhar o concurso para ter boas oportunidades no mundo da televisão ou mostrar ao meu pai que, durante toda a sua vida, se enganara em relação a mim.

O Adam levantou-se da cadeira e ergueu os braços, com os olhos abertos. Depois sorriu.

— Está bem, vamos sair um pouco! — disse, mais animado. — Mas primeiro promete que não nos deixas pendurados quando te cruzares com uma miúda.

— Juro que não — garanti, com inocência.

— Boa. — Inclinou-se sobre a mesa e guardou os apontamentos numa capa. — Fala com o Ryder para sabermos o que acha.

Na verdade, sabíamos o que diria. Desde que o conhecia, o Ryder nunca

rejeitara um programa, seria uma espécie de sacrilégio para ele.

Levantei-me da cama e preparei-me para sair do quarto, mas antes de fechar a porta virei-me para ele e apontei para a sua *T-shirt* amarela, na qual se podia ler: «Sou um *nerd* com orgulho.»

— Não vou cumprir o acordado esta noite se saíres com essa *T-shirt*.

— O que tem de mal? — O Adam franziu a testa.

— Ser *nerd* tem o seu encanto, mas só quando não o anuncias aos quatro ventos.

3

Léane



Com muito cuidado, passei uma camada de verniz roxo pela unha do dedo indicador. Adorava vernizes de todas as cores, menos preto e vermelho.

A minha aversão ao vermelho era pessoal.

No entanto, e quanto ao preto, tratava-se de uma questão óbvia. Que coisas positivas simbolizava? Quase nenhuma.

Em pequena, a minha mãe tinha pintado um quaadro assustador, no qual representara uma floresta escura. A cor predominante era o preto, mas também havia pormenores em vermelho, pois os troncos das árvores pareciam chorar sangue. Aquele quadro assustava-me tanto que comecei a ter pesadelos. E embora eu nunca tivesse sabido explicar por que me aterrorizava tanto, a mamã não esperou que algum cliente o comprasse e decidiu oferecê-lo. Mal o quadro saiu pela porta de casa, voltei a sonhar com florestas encantadas cheias de luz, repletas de fadas e simpáticos coelhinhos brancos.

Infelizmente, eu não herdara o lado artístico da mamã, mas pintar as unhas parecia-me relaxante. Implicava concentração para ser bem feito.

Mantinha-me ocupada cerca de vinte minutos — quando decidia incluir desenhos, podia demorar mais de uma hora. — Dependendo do estado de espírito, optava por uma ou outra cor. Naquela ocasião escolhi o roxo, que me transmitia calma e tranquilidade.

As aulas tinham começado havia apenas uma semana e eu tinha estado muito ocupada a preparar-me para o *casting* do Concurso Jovem

Promessa. Redigi mais de uma dúzia de reportagens que descartei, principal

razão pela qual mal saíra do recinto universitário. Era a primeira noite que íamos passar um bom bocado a divertir-nos fora dos muros da residência.

Durante o verão, saímos muitas vezes. Percorremos a cidade, passeámos pelas ruas de Reading e tirámos mil fotografias, como se fôssemos turistas. Conhecemos os bares mais movimentados, visitámos alguns museus e monumentos famosos… Tudo era bastante diferente, pois apenas havia estudantes, com exceção dos que frequentavam o curso para estrangeiros.

Porém, o que mais se destacou foi ter conhecido o Nathan. Era um rapaz norte-americano que vivia perto do Texas e entrara na Universidade de Reading graças a uma bolsa desportiva, por ser uma promessa futebolística. Passava o dia a falar de remates, golos, posições estratégicas…

Era uma pena eu odiar futebol.

Não era um ódio profundo por razões concretas, era antes um ódio do género não-entendo-o-que-fazem-atrás-de-uma-bola.

Por sorte, o Nathan tinha também outras facetas interessantes. Era gracioso — adorava contar anedotas, embora de vez em quando se repetisse —, eu gostava do seu sotaque acentuado e do estilo formal de vestir. Tinha um sorriso inocente e o penteado perfeito.

O único problema era que, ao fim de mais de um mês a sair, ainda não sabia classificar a nossa relação. Entendia que o Nathan seria infantil se me dissesse: «Léane, queres namorar comigo? Estou completamente apaixonado por ti…» Bem, é claro que este tipo de declarações estava fora de contexto, já não tínhamos dez anos. Além do mais, eu fugiria apavorada, provavelmente, se ele pronunciasse tais palavras. No entanto, seria interessante poder responder qualquer coisa mais concreta sempre que alguém me perguntasse que relação tinha com o Nathan. Eu nunca sabia se se tratava de um amigo, de um amigo colorido ou de um namorado. Ele nunca me apresentava às suas novas amizades com um: «Pessoal, é a minha namorada.» Não.

O Nathan limitava-se a comentar: «Ei, pessoal, apresento-vos a Léane.»

A Lissa abriu de repente a porta do quarto. Por causa do susto que apanhei, o pincel saiu do perímetro da unha.

— Merda! Passa-me o removedor de verniz.

— Léane, são nove e vinte! — queixou-se antes de me passar o frasco e um

disco de algodão.

— Eu sei — respondi. — Não me enerves mais, já sinto ansiedade suficiente por ir a essa festa… Sabes que odeio multidões. Preferia um programa mais tranquilo.

— Não te preocupes, vais estar comigo. — Sentou-se na cama, ao meu lado. — E também vão a Rachel, o Nathan, a Zandra, a Sadie…

Franzi a testa enquanto guardava os vernizes no *nécessaire.* Pus as mãos no ar, para não estragar de novo a manicure, e olhei-me ao espelho. Usava um vestido azul-escuro justo que contrastava com o cabelo loiro. Tinha passado grande parte da tarde a experimentar roupa e, no fim, o vestido escolhido não me convencia.

— Estás magnífica! Anda, vamos embora.

Tirei um casaco do armário, apesar de saber que seria das poucas raparigas a usar um. Não queria morrer de hipotermia. Inexplicavelmente, as raparigas inglesas tinham uma temperatura corporal especial e incompreensível, graças à qual podiam dar-se ao luxo de usar vestidos de verão em pleno inverno ou deitarem-se seminuas na relva mal aparecia um raio de sol. Era algo que eu continuava a não entender.

Quando acabei de abotoar o último botão, suspirei resignada e enfiei um pacote de *M&M's* no bolso, antes de sair do quarto. Adorava aqueles chocolates. A vida seria infinitamente mais amarga se não existissem. Era viciada neles.

Saímos do recinto da residência cinco minutos depois e caminhámos rua abaixo apenas acompanhadas pelo som dos saltos dos sapatos, que repicavam sobre a calçada. A Lissa deu-me o braço e sorriu emocionada.

— Ainda mal acredito que és finalista! Vais ver, vamos festejar de forma bombástica.

Conhecia a Lissa Leveque desde que podia lembrar-me. Andávamos juntas desde o colégio bilingue em França e, além disso, os nossos pais eram grandes amigos. Assim que ela soube que me tinham concedido a bolsa universitária, elaborou um plano para que os pais a deixassem estudar na mesma faculdade que eu.

Antes de mais, focou-se em convencê-los da importância de não perder contacto com a língua inglesa, garantindo-lhes que o idioma cairia no

esquecimento com o passar do tempo.

A seguir, alegou que a experiência lhe traria maturidade e que, se a deixassem ir, as suas notas globais seriam excelentes. Também afixou fotografias da Universidade de Reading nas paredes do quarto, garantindo que isso funcionaria como publicidade subliminar.

Por fim, prometeu que iria comportar-se como uma freira num convento, basicamente.

Os pais cederam.

Os pais da Lissa eram encantadores, mas tinham problemas sérios de controlo em relação às duas filhas. Ela sentia-se frequentemente oprimida com a pressão que exerciam. Apesar de já ter feito dezoito anos, tratavam-na como se fosse uma menina de doze. Ligavam-lhe a toda a hora e, de vez em quando, até pediam para falar comigo, a fim de verificarem se as coisas corriam bem. Geralmente, o pai questionava-me sobre os rapazes e suspirava de alívio quando ouvia que a Lissa não estava a sair com ninguém; como se o facto de uma coisa do género poder ocorrer ser pior do que uma catástrofe nuclear.

De modo que ali estávamos nós, em Reading, uma cidade que me agradara mais do que eu imaginava em direção à discoteca Oceans, onde nos esperavam os poucos estudantes com os quais tínhamos estabelecido algum tipo de relação.

À porta, estavam dois seguranças enormes, vestidos de preto da cabeça aos pés, que nos deixaram passar depois de cobrarem a entrada e comprovarem através do cartão de cidadão que éramos maiores de idade.

No interior, luzes de várias cores piscavam de forma intermitente à volta da primeira sala da discoteca; o brilho que saía dos focos misturava-se com as sombras dos estudantes que dançavam sem parar, movimentando o corpo ao som da música. Estava a tocar uma música *tecno* com uma batida constante e repetitiva, capaz de afetar qualquer mente sã. Dentro do espaço fazia calor. Imenso calor. Era uma espécie de sauna enorme.

— Apetece-te beber alguma coisa?

Sem esperar pela resposta, a Lissa pegou na minha mão e fomos juntas até ao bar. Embora a zona onde serviam as bebidas ficasse a apenas alguns metros, demorámos mais de cinco minutos até lá; não foi uma tarefa fácil passar pelo meio de tanta gente.

O bar estava repleto, como se tivesse ocorrido ali um homicídio, com os jovens a cercá-lo em jeito de cordão policial. Na origem do problema estava o facto de os clientes preferirem consumir as bebidas à volta daquele espaço reduzido, impedindo-nos de fazer o nosso pedido.

— Abram alas, por favor — repetia a Lissa vezes sem conta, sem um pingo de vergonha. — Sim, deixas-me passar?

Ficámos numa esquina do bar, onde só havia duas pessoas à nossa frente na fila. Comecei a olhar e perguntei-me onde estaria o Nathan. Saímos com ele essa noite, mas também com a Rachel, nossa colega de quarto, e com a Zandra e a Sadie, duas raparigas que tínhamos conhecido numa aula de documentação e informação.

— Posso passar? — continuou a Lissa a perguntar.

— Não — respondeu um rapaz, antes de olhar para mim e sorrir de uma forma parva. — Que tal a noite, Léane?

Pronunciou mal o meu nome. Arrastou as palavras como se estivesse enjoado, ao ponto de colocar o acento na última vogal.

A Lissa apontou para ele com desprezo.

— Conheces este idiota?

O Blake Lekker olhou para nós imperturbável. Parecia divertir-se com a situação, e continuou a ocupar grande parte do balcão com o braço direito apoiado no tampo de madeira. O rapaz ao lado colocou a mão por cima do seu ombro.

— Vamos lá, Blake, deixa-as passar — disse o jovem.

Tinha o cabelo ligeiramente ruivo e olhos grandes e expressivos. Havia algo nele que transmitia tranquilidade.

O Blake revirou os olhos, mas depois afastou-se, continuando a sorrir. Quando deu um passo atrás, reparei que cambaleava. Inclinei-me para a Lissa a fim de lhe sussurrar.

— É um dos finalistas e…

Parei de falar quando o seu amigo se apresentou, dizendo que se chamava Adam. Enquanto a Lissa conversava com ele animadamente, aproximei-me um pouco mais do meu objetivo e consegui tocar com a ponta dos dedos no tão desejado bar da discoteca. Era quase um milagre.

Definitivamente, Deus amava-me.

Levantei e abanei as mãos, tentando chamar a atenção de alguma empregada.

— O que vai ser? — perguntou uma jovem com o cabelo pintado de rosa-choque.

— Duas cervejas! — gritei, com alegria, antes de lhe entregar os bilhetes da entrada para obter o desconto de quarenta por cento aplicável à primeira bebida.

Quando me apanhei com uma cerveja em cada mão, senti-me orgulhosa, como se tivesse acabado de escalar o monte Evereste. Virei-me, pronta para escapar daquela sala apinhada, mas o Blake Lekker surgiu no meu caminho.

— Sabes que vais perder, não sabes?

— Desculpa?

Mantive a testa franzida perante aquela situação incómoda. Virei a cabeça e notei que a Lissa continuava a conversar com o Adam. Parecia muito animada e gesticulava exageradamente. Tinham-se afastado de nós. *Brilliant*.

— Estou a dizer que vais perder o concurso. É uma pena — respondeu, levantando os cantos dos lábios. Quando voltou a falar, o seu sorriso cativou-me por instantes e o som da sua voz pareceu-me mais rouco do que de costume. — Embora, para ser honesto, não me importe nada de te consolar quando isso acontecer.

Tentei não corar, mas em vão.

— Acho que já bebeste demais.

— Talvez. — Encolheu os ombros e tentou tirar-me uma cerveja das mãos, mas pus a garrafa fora do seu alcance. Noutra situação qualquer, oferecer-lha-ia, mas não depois daquela odisseia e de suportar o seu timbre de voz irritante a dizer frases sem sentido.

— Estou a ver que bebes com entusiasmo — observou o Blake.

— É para não me lembrar das parvoíces que estás a dizer.

Ignorei-o e procurei a Lissa com os olhos para confirmar que se afastava cada vez mais de nós, enquanto conversava animada com o Adam. Quando olhei de novo para o idiota que estava à minha frente, reparei que tinha o rosto voltado para o teto da discoteca, um teto preto e liso; observava-o com atenção, como se lá houvesse uma obra de arte só visível para ele.

A curiosidade venceu a batalha com o bom senso:

— O que é suposto estares a ver?

— O teto, é óbvio — respondeu, como se a resposta fosse lógica e eu a esquisita por me perguntar o que raio estava ele a fazer.

— Devias parar de beber — aconselhei.

— E tu devias deixar de ser tão chata.

Quando passei ao seu lado, contive-me para não lhe dar uma cotovelada. Interrompi a conversa fascinante da Lissa com o Adam e pedi-lhe que fôssemos procurar os nossos amigos.

— Tão cedo? Temos toda a noite pela frente! — protestou.

O Adam fez-me um sorriso enorme, na tentativa de me reter ali. Não, nem pensar.

— Por isso mesmo — respondi. — Têm muitas horas pela frente para se conhecerem melhor, mas agora preciso de encontrar o grupo — expliquei, quase aos gritos por causa do volume da música. Não estava nos meus planos ficar ali plantada, naquela confusão e a ser um empecilho.

O rapaz não parava de sorrir. Eu não percebia o que achava tão engraçado, não conseguia apanhar a piada.

— A tua amiga está certa. — Inclinou a cabeça a fim de olhar para a Lissa. — Podemos ver-nos daqui a pouco. O Blake está no auge e eu sou a sua ama particular. É melhor vigiá-lo de perto.

A Lissa soltou uma gargalhada, como se o Adam fosse a pessoa mais divertida do mundo, à altura de um comediante profissional. Esforcei-me por não deixar escapar nenhum gesto que revelasse o desconforto que começava a sentir. Primeiro, relacionar-me com estranhos não era o meu ponto forte e, muito menos, testemunhar o idílio que se desenhava à minha frente. Pensei em cravar o olhar no teto da discoteca, como fazia o Blake, porque era melhor do que ver o Adam e a Lissa naquele *flirt*.

Por fim, ela pegou no telemóvel e pediu o número dele com toda a naturalidade, sem pingo de vergonha. E, apesar da escuridão do local, apercebi-me de como ele corava. *Quel amour*.

Quando estava quase a dar-me por vencida, eles despediram-se e, sem mais interrupções, conseguimos avançar por entre a multidão e chegar a outra sala,

mais sossegada, onde se ouvia música dos anos oitenta. Suspirei de alívio quando a música *tecno* se tornou praticamente inaudível.

— Lissa, sei que esse tipo parece inofensivo, mas avança com cuidado. Não me inspira confiança o facto de ele ser amigo do Blake.

— Chama-se Adam — sublinhou ela. — E é fixe.

Revirei os olhos, mas quando vi as mãos da Rachel no ar, mudei de atitude. Enquanto nos aproximávamos, procurei o Nathan com o olhar, até que o localizei. Estava a dançar com uma rapariga morena.

Uma-miúda-que-não-era-eu. *Logiquement.*

Respirei fundo. Não queria parecer paranoica, mas era que… Não era chato não saber se aquele rapaz era meu namorado ou, pelo contrário, estava disponível para todas as outras?

— Estávamos a ver que nunca mais chegavam! — gritou a Rachel, enquanto cumprimentávamos a Zandra e a Sadie.

A Rachel começou a dançar como se tivesse ficado louca depois de nos encontrarmos; movendo as ancas ao som da música. Olhei de lado para o Nathan, que se afastara mais do grupo sem se aperceber da nossa chegada, uma vez que continuava a divertir-se com a desconhecida. Voltei a fixar o olhar na Rachel. Não ia ser eu a dizer ao Nathan: «Olá, estou aqui, podes dignar-te cumprimentar-me? *Merci*!»

Bebi um gole de cerveja e decidi fingir que não me importava de ser ignorada. A Rachel pegou na minha mão e puxou-me para elas enquanto dançava ao ritmo da música. Tentei imitar os seus movimentos. Após alguns instantes iniciais de vergonha e timidez, comecei a divertir-me a sério, embora tivesse perdido o Nathan de vista. Tanto a Lissa como a Zandra juntaram-se a nós e formámos um pequeno círculo na pista enquanto a Sadie, um pouco mais afastada, conversava com um rapaz.

Meses antes, quando descobrimos que iríamos partilhar quarto na residência com outra rapariga, entrámos em pânico. Preocupava-nos a possibilidade de não nos entendermos bem com a nova colega e passámos o verão, durante o curso para estrangeiros, a imaginar como seria ela. No entanto, depois de conhecermos a Rachel em outubro, as nossas dúvidas desfizeram-se. Foi uma espécie de amizade à primeira vista.

A Rachel vinha do Norte de Inglaterra, mais concretamente de Leeds. Era encantadora. Acontecesse o que acontecesse, estava sempre a sorrir e passava aos outros essa atitude positiva que a caracterizava.

Dançava constantemente. E também cantava. Por vezes, quando estava no duche, ouvíamos os seus concertos privados desde o quarto. Tinha um fascínio absoluto por David Bowie e alegrava as manhãs quando cantarolava *There's a starman waiting in the sky. He'd like to come and meet us, but he thinks he'd blow our minds. There's a starman waiting in the sky?*

Na pista de dança, começou a tocar uma balada dos Scorpions e um rapaz muito alto e demasiado magro entrou no nosso círculo e dançou aquela música connosco. Estávamos perdidas de riso. Ele fingia que tinha um microfone nas mãos e, depois de cantar a Lissa parte da canção, aproximou-se de mim.

Nesse instante, notei que umas mãos me seguravam a cintura por trás.

— Estava a ver que não vinhas. — Senti o seu hálito quente na nuca e separei-me do grupo de raparigas.

O Nathan olhava para mim a sorrir. Não me surpreendeu que parecesse feliz, pois tinha passado uns momentos muito agradáveis com a outra rapariga. Transpirava e, durante uns instantes, a ideia de o tocar provocou-me repulsa. Puxou a minha mão até que lhe toquei no peito de forma brusca e me beijou.

O beijo tinha um sabor salgado, a suor. Afastei-me do Nathan mal pude.

— Vi-te a dançar com uma rapariga e não quis interromper — disse-lhe num tom neutro, como se estivesse a falar do tempo.

— Léane, querida, podes interromper-me sempre que quiseres.

— Eh, obrigada?

Odiava a palavra «querida». Soava-me falsa, forçada e ridícula. Nunca a usava, embora fingisse que não me incomodava quando alguém me chamava assim.

Continuava a sentir o sabor desagradável do beijo do Nathan, razão pela qual procurei afincadamente no bolso o pacote de *M&M's*. Peguei numa bolinha azul de chocolate com leite e metia-a na boca. Melhor, muito melhor.

— Vamos pedir alguma coisa?

— Já bebi uma cerveja, mas vou contigo — respondi.

O Nathan entrelaçou os seus dedos nos meus antes de começar a caminhar em direção à sala da música *tecno*. Voltar àquele lugar era uma tortura lenta e

dolorosa. A sala dos anos oitenta estava quase vazia, mas, ainda assim, podiam ter-se dignado colocar ali também um serviço de bebidas.

Tentávamos avançar por entre a multidão quando uma rapariga tropeçou à minha frente e atirou para cima de mim a sua *cuba-libre*. Genial. Estava completamente encharcada. Pensei que a noite não podia piorar, mas foi então que vi o Nathan a rir-se enquanto olhava para mim. Sim, podia piorar.

— Achas engraçado?

— Desculpa, querida. — Tapou a boca com a mão para esconder mais uma risada estúpida.

A rapariga da *cubra-libre* tinha desaparecido sem sequer pedir desculpa. Consegui encontrar no bolso um pacote de lenços e sequei o pescoço e a zona do decote o melhor que pude. Quando acabei e voltei a olhar para cima, havia três raparigas à volta do Nathan que tinham surgido do nada, como cogumelos misteriosos, e falavam com ele entre risos.

Ouvi algumas frases parvas à sorte:

«Fizeste um remate espetacular, fiquei louca quando marcaste aquele golo!»

«A tua franja fica melhor assim, penteada para o lado» (enquanto, de passagem, aproveitava para lhe passar a mão pelo cabelo e insistir ainda na sua opinião, caso algum dos presentes não tivesse percebido).

«É óbvio que nunca perdemos um jogo, faça chuva ou faça sol» (seguida de uma gargalhada irritante).

Apreciei aquela cena em silêncio. Ele parecia gostar que aquele grupo de raparigas o cercasse e idolatrasse. Já eu gostava tanto daquilo como de ser engolida por um tubarão-branco, mas o que importava isso? Nem sequer sabia se era sua namorada.

Aguentei mais um minuto, ali de pé como uma pateta, até furar por entre as jovens para chegar junto do Nathan. Fiz um sorriso falso, fingindo que não me importava o facto de me ter convertido num espantalho, sem vida nem coração nem ninguém que me falasse, no meio da discoteca.

— Acho que está na hora de me ir embora — comentei com o Nathan.

— Mas a noite ainda mal começou! — protestou. — Vamos, Léane, vai ser giro…

Uma das raparigas que estavam perto de nós olhou-me com tanto asco que me

perguntei se teria algo de estranho no rosto sem o saber.

— Atiraram-me com uma *cuba-libre* — lembrei-o.

— Não é caso para tanto. — Olhou-me rapidamente de cima a baixo. — Pareces-me muito bem.

Pensei em pedir outra cerveja e atirá-la para cima dele, fazendo-o ver se era de facto pouco importante sentir a roupa quase desesperadamente colada à pele. Respirei fundo.

— Fica tu — disse com desagrado. — Vou ligar à Lissa.

Ele sorriu.

— És demais.

Aproximou-se e beijou-me mais uma vez. Aparentemente, ele ignorava que, naquele momento, eu fantasiava assassiná-lo de modo lento e cruel. Dei meia-volta e, sem me despedir do Nathan, caminhei determinada em direção à saída como se fosse uma luz no fim de um túnel infernal. A jovem da caixa ofereceu-se para me colocar um selo da discoteca, caso eu quisesse voltar. Recusei a oferta sem diminuir a velocidade dos passos. Pedi-lhe o meu casaco que estava no bengaleiro e agradeci a simpatia. Quando saí dali, senti-me profundamente aliviada.

O ar frio da noite acalmou-me. Havia bastante gente na rua porque era proibido fumar no interior da discoteca. Peguei no pacote de *M&M's* e comi uma bolinha verde enquanto ligava à Lissa.

— Onde estás?

— Não te ouço bem — disse. A sua voz era quase inaudível devido ao volume da música. — Quero ir para casa. Fica tu, posso apanhar um táxi.

— Eu vou contigo. Onde estás?

— Cá fora. Fico à tua espera à porta.

Ainda não tinha desligado quando senti uma mão intrusa a tentar tirar-me o pacote de chocolates. Quando percebi quem era o ladrão, revirei os olhos. Era definitivamente uma noite para esquecer.

— Nem sequer consegues comprar uns chocolates?

Guardei os *M&M's* no bolso para que ele não os conseguisse tirar. O Blake olhou para mim a sorrir. Um rapaz loiro, seguramente mais um dos seus amigos, estava encostado à parede e observava-nos a rir enquanto fumava um cigarro,

com nuvens de fumo à volta da cabeça.

— Bebi demais, preciso de um pouco de açúcar — disse.

O Blake Lakker sacudiu o cabelo com naturalidade e algumas madeixas escuras caíram-lhe para a frente. Olhei-o de cima a baixo. Tinha braços bem definidos, era alto e os *jeans* que usava pareciam feitos à medida, mas, para ser honesta, na universidade havia uma infinidade de rapazes dignos de serem vistos, pelo que não entendia a fama que o Blake tinha entre as raparigas… até que levantei o olhar para o seu rosto e descobri duas coisas.

Em primeiro lugar, que os sítios fechados não o favoreciam, porque até àquele momento não me apercebera de que ele tinha umas pestanas compridas e pretas que valorizavam os olhos verdes mais impactantes que eu já vira. E, em segundo lugar, que aqueles olhos impressionantes olhavam fixamente para mim.

— Esse vestido fica-te bem — comentou.

— Como se a tua opinião importasse. E para de olhar para mim.

— Tu também estás a olhar para mim. Aliás, se quiseres material exclusivo, não me importo de to oferecer — disse enquanto levantava a *T-shirt*.

— Não. Obrigada, mas não. — Fi-lo parar rapidamente. — Por hoje, chega.

— Como queiras. — O Blake encolheu os ombros; costumava fazê-lo muitas vezes, como se as situações que os seus atos provocavam nada tivessem que ver com ele e resultassem de alguma coisa aleatória. — Dás-me um chocolate?

Demorei alguns segundos a decidir se estava a gozar com a minha cara ou se o seu comportamento se devia ao excesso de álcool. A imagem do Blake Lakker a caminhar de forma elegante no palco enquanto apresentava a sua reportagem distorcia-se.

Contendo um suspiro, tirei o pacote de chocolates do bolso e ele estendeu automaticamente a palma da mão para mim.

— Prometes que me deixas em paz?

— *Oui* — respondeu, a sorrir, e fiz-lhe um olhar assassino porque não achei nem uma ponta de graça à sua afirmação em francês. Depois, deixei cair na sua mão quatro bolinhas vermelhas. Ele observou-as com atenção. — Porque são todas vermelhas?

— São as únicas de que não gosto.

Meteu uma na boca sem deixar de sorrir.

— Sabem todas ao mesmo, a diferença é o corante.

— Eu sei, obrigada pela informação — esclareci.

Encontrei no interior do pacote mais três bolinhas vermelhas e dei-lhas, ao mesmo tempo que avistava a Lissa a sair da discoteca com ar preocupado que desapareceu assim que me viu. Pegou na minha mão mal chegou perto de mim.

— O que aconteceu, Léane? Não estavas com o Nathan?

— Quem é o Nathan? — perguntou o Blake sem parar de devorar os meus chocolates.

— Não, mas lá dentro sufocava e estou cansada.

— Está tudo bem, vamos para a residência — disse a Lissa.

Voltei-me de costas para o Blake, sem me dar ao trabalho de me despedir, e desatei a andar rua abaixo com a minha amiga. Ela começou a contar-me tudo o que falara com o Adam. E acalmou-me ouvir a sua voz calorosa e familiar.

4

Blake



Enquanto saboreava a última bolinha de chocolate vermelha, notei como a Léane se afastava rua abaixo. Pouco depois, dei meia-volta e tentei chegar perto do Adam e do Ryder, que olhavam para mim divertidos. As luzes dos postes alinhados na calçada distorciam-se. Respirei fundo e dei um passo em frente. Não sei por que razão, repetia mentalmente a frase «este é um pequeno passo para o homem, mas um grande salto para a humanidade». As minhas pernas moviam-se tão devagar que tive a sensação de flutuar na Lua. Voltara a beber demais. O meu fígado gritava: «Blake: temos um problema.»

Reparei na mão do Adam encostada às minhas costas.

— Está na hora de voltar para casa, amigo — disse.

— Querem que tente conduzir? Ultimamente tenho marcado muitos pontos no jogo de corridas da consola…

O Ryder soltou uma gargalhada; também ele bebera demais.

— É melhor ser eu a conduzir — sugeriu o Adam.

— Vamos ficar mais um pouco! — pediu o Ryder.

— É um milagre que consigam manter-se em pé. — O Adam suspirou como um pai resignado. — Vamos embora. O Ryder nem sequer insistiu. Percorremos dois quarteirões até ao lugar onde estacionara o carro horas antes. O Adam pediu-me a chave e, mal ele abriu o carro deixei-me cair no banco do passageiro da frente. O Ryder preferiu deitar-se na parte de trás.

Um quarto de hora mais tarde, chegámos a casa. Tanto o Ryder como eu fomos para a cozinha. Abri a porta do congelador e recebi a luz do frigorífico como se fosse um clarão divino. Comer depois de uma noite de festa era quase

um ritual.

Metemos uma piza no forno e sentámo-nos à mesa, na cozinha. O Adam espreitou à porta vestido com um pijama de cor creme, do qual costumávamos fazer troça, uma vez que parecia aqueles que usam os doentes dos hospitais.

— Vou para a cama. — Bocejou.

— Descansa, mano!

O Ryder passou os olhos pelas mensagens do telemóvel, sem grande interesse. Soltou uma gargalhada pouco depois e deu-me o telemóvel para que eu pudesse ver o que o fizera rir tanto. Enquanto ele tirava a piza do forno, li a mensagem com alguma dificuldade: «Não tenciono voltar a entrar nessa selva enquanto não me pedires desculpa por me expulsares. E também não quero ver os teus amigos. Liga-me JÁ.»

— Comporta-se como se fosse tua namorada. — Pousei o telemóvel sobre a mesa e peguei numa fatia de piza.

— A Kristen está maluca. Disse-lhe no início que não queria nada sério com ela.

— As mulheres são assim. — Fiz uma pausa para dar outra dentada e saboreei o queijo derretido. — Tentam sempre manipular-nos. Tem cuidado, acho que ela quer apanhar-te.

— Sim. — O Ryder franziu a testa. — Não tenciono acabar como o Adam.

No primeiro ano da faculdade, o Adam começou a sair com a Katie Heder e andaram juntos cerca de três meses, até que ela disse algo do género «estou a aborrecer-me, é o meu primeiro ano na universidade e antes de ter uma relação estável quero… experimentar coisas novas sabes, sabes»? O Adam ficou muito afetado com aquela rutura e decidiu que também ele não queria nada sério com nenhuma rapariga, pelo que se limitou a ter alguns casos sem importância.

No entanto, voltou a apaixonar-se no segundo ano — apaixonar-se estava nos genes do Adam, era quase inevitável. Nessa altura, a sortuda foi a Shui Naoko, uma estudante japonesa. Namoraram durante sete meses. A Shui vivia mais ou menos na nossa casa, não havia maneira de a expulsar — experimentámos todas as técnicas possíveis, desde subtis indiretas, passando por pregar-lhe pequenas partidas, até passearmos nus pela sala. Mas nem assim. Apoderou-se da nossa comida, demorava horas no duche e até tentou mudar a decoração da casa

porque detestava as minhas queridas plantas.

Por fim, trocou-o por outro.

— Em que estás a pensar? — perguntou o Ryder, depois de pegar na última fatia de piza.

— Em nada — neguei com a cabeça. — Só espero que o Adam tenha mais cuidado este ano.

Levantei-me da mesa. Sentia-me cansado e tinha sono. Depois de me despedir do Ryder, subi para o meu quarto e caí na cama sem tirar sequer a roupa.

Antes de adormecer, como fazia desde que me lembrava, risquei o dia correspondente no calendário pendurado na parede da cama.

A cruz não saiu perfeita, mas o que importava era o significado: um dia a menos.

Doía-me a garganta. Engoli saliva devagar e tive uma sensação de ardor. Alguns segundos mais tarde, consegui abrir os olhos, mas fechei-os de novo rapidamente ao aperceber-me dos raios de sol que penetravam pela janela do quarto. Virei-me na cama na esperança de dormir mais um pouco.

Jurei que nunca mais voltaria a beber. Costumava prometê-lo muitas vezes, mas agora era a sério. Tinha a boca tão seca que me levantei da cama para ir beber água.

O Adam estava sentado à mesa da cozinha a comer torradas com manteiga de amendoim. A cozinha estava arrumada; ele juntara e lavara a louça que tínhamos deixado na noite anterior. Tirei uma garrafa de água fria do frigorífico e bebi quase metade de uma vez.

— Dói-me a cabeça — queixei-me enquanto esfregava as têmporas com as mãos.

— E isso surpreende-te? — Sorriu com timidez.

Sentei-me à mesa, à sua frente. Tentei tirar-lhe uma torrada, mas antes que pudesse fazê-lo, o Adam deu-me uma palmada na mão.

— Tens manteiga de amendoim no frigorífico — sentenciou com firmeza, como faria a minha mãe. Levantei-me resignado para preparar umas torradas.

— Não tens autocontrolo, Blake, é esse o teu problema — disse o Adam com a boca cheia.

— A que te referes? — Sem parar de espalhar a manteiga de amendoim no

pão, olhei para ele por cima do ombro. Transferi o peso do corpo de uma perna para a outra; cada centímetro do meu ser doía-me como se tivesse corrido uma maratona na noite anterior.

— Na noite passada, nem sequer conseguias conduzir.

— O importante é que nos divertimos. Além disso, cumpri a promessa e não me aproximei de nenhuma gaja. — Sorri com inocência.

— Sim. — Ele levantou-se e deixou o prato no lava-loiça. — Especialmente se ignorarmos o facto de teres estado com uma das finalistas. Não sei o que lhe disseste, mas acho que não deve ter sido nada de bom.

A imagem da Léane veio-me à cabeça. Fragmentos dispersos da noite anterior ficaram mais uniformes. Ela com um vestido azul. Uma aposta de cerveja com colegas do terceiro ano. Bolinhas vermelhas de pequenos chocolates a escorregarem uma a uma na palma da minha mão. Uma superfície preta e lisa, o teto da discoteca. E luzes, muitas luzes de várias tonalidades misturadas na escuridão...

— Porque achas isso? — perguntei. O Adam, que estava prestes a sair da cozinha, apoiou uma mão na moldura da porta.

— Mostraste o teu lado mais simpático — explicou, sarcástico.

Encolhi os ombros. Iria superar aquela questão. Assim, podia ir decidindo contra quem não competir no concurso. Não acreditava que ela fosse uma verdadeira competidora, uma vez que não parecia ser muito esperta, mas por via das dúvidas...

Em silêncio, observei absorto a cerca da casa através da janela da cozinha. Pensei nos chocolates e perguntei-me porque não queria a Léane comer os vermelhos. Que parvoíce. Soprei ligeiramente, embora não houvesse ninguém na cozinha que pudesse ouvir-me.

A Léane era bastante vulgar fisicamente, mas eu gostava do seu rosto infantil, irradiava inocência. Nunca me agradaram as feições marcadas nem as caras demasiado apelativas. Tinha o cabelo comprido de um tom loiro-acinzentado. Não tinha a certeza se os seus olhos eram castanhos.

A primeira vez que a ouvi falar, durante o *casting* do concurso, não gostei do seu sotaque francês. Não porque fosse horrível, mas porque jogava a seu favor. Quando pronunciava as palavras, especialmente se o fazia devagar, soava de

forma sensual.

Era uma vantagem injusta.

Eu era um gajo, caramba, não podia fingir que tinha voz de linha erótica.

De qualquer modo, duvidava que a Léane pudesse suportar a pressão de competir contra estudantes com mais experiência do que ela. Além disso, e como consequência, nós conhecíamos mais pessoas , o que tinha influência nas votações.

Depois de tomar duche, senti-me mais relaxado e com a mente desanuviada, embora ainda cansado. Aconcheguei-me no sofá ao lado do Ryder e do Adam, que estavam a jogar um videojogo de guerra.

— Ei, compraste alguma coisa para a Sarah? — perguntou o Ryder. Merda. Tinha-me esquecido de que era a festa de aniversário dela naquela tarde e íamos festejar com um lanche no *campus*. Abanei a cabeça. Oferecer presentes não era o meu forte, nunca acertava nos pormenores.

A Sarah era a minha única amiga. Não tinha muita confiança nela, para ser sincero, mas achava-a divertida, inteligente e, mais importante do que tudo, não me atraía fisicamente. Mantivemos sempre uma relação cordial desde o primeiro ano, fazíamos parte do mesmo grupo e senti-me um pouco culpado por me ter esquecido do seu aniversário.

— Porque não cortamos algumas das tuas flores e lhe damos um ramo?

— Nem morto. — Levantei um dedo.

— O que fazemos então?

— Não sei, liga aos outros e diz-lhes que vamos participar no presente conjunto.

O Ryder parou de olhar para o ecrã da televisão e sorriu, dando a entender que uma ideia maquiavélica acabara de percorrer a sua mente como uma estrela cadente.

— Já sei! Vou preparar um bolo de aniversário.

— Não, mano, por favor.

— Porque não?

— Isso não seria um presente, mas sim um castigo cruel. — O Adam desligou o videojogo e o ecrã ficou azul.

— Esqueci-me de dizer que não vou à festa de aniversário. — Levou as mãos à barriga. — Não me sinto bem.

Avaliámo-lo ambos em silêncio. Cada fibra do seu corpo, cada gesto do rosto ou, melhor dizendo, a tentativa enorme de conter qualquer expressão, indicavam que o Adam mentia. Optei por não me intrometer nos seus assuntos e não fiz qualquer pergunta, embora morresse de vontade de saber o que raio estava a esconder. Por volta das cinco da tarde, fomos à festa da Sarah.

O Ryder conseguira fazer uma espécie de bolo, depois de pesquisar sobre o assunto na Internet. Eu não tinha qualquer intenção de o experimentar. Por fora, parecia normal, mas por dentro era uma bomba-relógio. Os únicos ingredientes que ele usara eram açúcar, água, farinha e um pacote inteiro de canela. Delicioso.

Eu não quis pegar no carro para ir à residência onde a Sarah morava porque era complicado estacionar naquela zona. Apanhámos o autocarro e caminhámos pelo *campus*. O Ryder tirou o maço de cigarros do bolso das calças e acendeu um cigarro. Ao longe, viam-se vários edifícios de pedra perto de um enorme jardim relvado. Havia muitos estudantes deitados na relva, que aproveitavam a tarde de sábado relaxante e os poucos raios de sol que em breve desapareceriam e dariam lugar ao céu encoberto que, geralmente, se apresentava sobre a cidade.

Na entrada principal, encontrámos vários colegas de turma. O Jack cumprimentou-me com uma palmada forte nas costas e o meu corpo abanou dolorosamente; ainda não tinha recuperado da noite anterior.

Algumas raparigas do grupo, juntamente com a Sarah, chegaram pouco depois. Todas elas traziam pratos cobertos com papel de alumínio e supus que escondiam o lanche que tinham preparado. Instalámo-nos no relvado, apenas a alguns metros da porta principal da residência. Formámos um pequeno círculo e pusemos os pratos no meio para que estivessem ao alcance de todos.

Se havia algo que eu valorizava nas mulheres, era como conseguiam estar atentas aos pormenores. Entre todas, tinham preparado o lanche, um bolo de aniversário decente — ao contrário do do Ryder — e até haviam comprado presentes.

— Adoro! — gritou a Sarah ao desembrulhar um dos presentes. Com os olhos fechados, abraçou um par de sapatos vermelhos de salto alto. — Muito obrigada!

Inclinei a cabeça, com o olhar fixo na superfície brilhante dos sapatos... Por que raio não comia a Léane as bolinhas vermelhas? Provavelmente, por causa de uma parvoíce qualquer, mas a urgência de entender a razão tornava-se mais incontrolável.

Quando a Sarah acabou de desembrulhar os presentes, começámos a comer. Mal provei alguma coisa, uma vez que ainda estava com o estômago revirado. Vários colegas tiveram de cuspir depois de experimentar o bolo do Ryder, e ele ficou tão envergonhado que tive vontade de o consolar.

Aproveitando o facto de estarem todos a conversar de forma animada, aproximei-me da Sarah para lhe sussurrar.

— Sabes se a Léane Bouvier vive na tua residência?

A Sarah franziu a testa, como se não soubesse de quem falava, mas sorriu logo a seguir.

— Referes-te a uma das tuas rivais no concurso? — Cerrei os lábios, divertido, e levantei um dedo em sinal de advertência.

— Ela não é uma rival digna para mim — protestei. — Na verdade, até me sinto mal por concorrer contra ela, o nível está muito desequilibrado; pobre coitada. — A Sarah esforçou-se por não se rir, embora me olhasse com os olhos semicerrados. — Mas sim, estou a falar dela.

— E porque queres saber isso? — Observou-me com atenção, depois de engolir uma batata frita. — Ei, ela parece uma boa miúda, mas não faz o teu género, Blake.

— Muito engraçada — respondi. — Só quero conversar com ela sobre alguns assuntos que dizem respeito ao concurso. — Mostrei-lhe o meu sorriso mais inocente.

— Tudo bem. — Revirou os olhos. — Sim, está na minha residência, acho que no quarto vinte e oito. Ou não, espera, talvez seja o vinte e seis. — Coçou o queixo pensativa, antes de olhar para mim de novo. — Não, não, definitivamente é o vinte e oito, sim.

Levantei-me e sacudi os restos de relva das calças de ganga. O Ryder olhou para mim.

— Já volto — disse. — Tenho de fazer uma coisa.

Atravessei os jardins do *campus* que me separavam da residência e entrei pela

porta principal. Subi as escadas quase a ofegar; ansiava voltar para a cama e descansar, não tinha a intenção de sair naquela noite. Percorri o corredor do terceiro piso e bati com os nós dos dedos na porta do quarto vinte e oito.

Sinceramente, não sabia o que estava a fazer, mas, de repente, senti a necessidade urgente de descobrir mais sobre a Léane e o mistério dos chocolates vermelhos.

Quando ela abriu a porta, olhou para mim confusa. Tinha o cabelo loiro despenteado e preso numa espécie de coque. Vestia um pijama de verão com um estampado colorido; os calções deixavam as suas pernas à mostra e não pude, ou não quis, evitar baixar o olhar.

— O que é suposto fazeres aqui?

— Mostrei-lhe o meu sorriso mais encantador.

— Estava só de passagem. Vais convidar-me a entrar ou deixamos o silêncio prolongar-se até ficar desconfortável?

Com a testa franzida, afastou-se para me deixar entrar e, depois, fechou a porta com o pé enquanto mantinha os braços no ar como se alguém estivesse a apontar-lhe uma arma durante um assalto.

— O que raio tens nas mãos?

— Pintei as unhas e o verniz ainda não secou — respondeu.

O quarto era do mesmo tamanho daquele que eu arrendara no meu primeiro ano, quando vivia na residência. Cada cama tinha uma secretária ao lado e, ao fundo, havia uma porta que levava a uma pequena casa de banho.

Vários peluches estavam pousados em cima de uma das camas. Para quebrar o gelo, decidi fazer um comentário engraçado em relação àquilo, mas percebi que a Léane afastava um urso azul com o cotovelo para se sentar sobre a colcha. A cama ridícula era dela. Tentei não me rir.

Ela esfregou o olho com o cotovelo e inclinou a cabeça.

— E agora o que estás a tentar fazer?

— Entrou qualquer coisa para dentro do meu olho.

— Deixa-me ver. — Ofereci-me com um suspiro, e inclinei-me para ela. Um aroma intenso a baunilha envolveu-me. Estávamos separados apenas por alguns centímetros e consegui ver que, sem dúvida, os seus olhos eram castanhos; um tom doce que me lembrou a cor do caramelo derretido. Afastei-me depois de

perceber qual era o problema. — Tratava-se de uma pestana.

— Um desejo perdido — murmurou com um tom de lamento e, quando a olhei fixamente, a Léane corou de uma forma encantadora que me arrancou um sorriso zombeteiro.

— Envergonhada? Fica sossegada, não vou contar a ninguém.

— Porque ficaria envergonhada? — Arqueou as sobrancelhas.

Divertido, inclinei-me um pouco para ela. Sendo sincero, era bastante engraçada porque tinha um ar inocente que contrastava com o seu lado mais sabichão. Era de certeza a típica presunçosa que punha a mão no ar nas aulas com tanto ímpeto que quase deslocava o ombro.

Inspirei profundamente.

— Cheiras a quê? Baunilha? Talvez coco? Gosto.

— Não é da tua conta. Além disso, ainda não percebi o que vieste aqui fazer.

Ignorei-a e virei-me. Olhei para a sua secretária com desinteresse aparente, como se estivesse a ver uma exposição de arte entediante. Era tudo muito colorido: cadernos desenhados com mensagens parvas como «Sorri, hoje é um bom dia», canetas com brilhantes, notas fluorescentes, pequenos clipes cor-de-rosa que não deviam servir para segurar nada e até, surpreendentemente, uma borboleta de plástico com as asas abertas colada na parede do fundo.

— Importas-te de parar de bisbilhotar? — protestou, seguindo-me pelo quarto. — És bastante insuportável, nunca ninguém te disse isso?

— Talvez já alguém o tenha mencionado — admiti.

Ouvi a Léane a suspirar, impaciente.

— Ouve, tenho coisas importantes para fazer... — Olhei-a por cima do ombro e sorri.

— Como pintar as unhas? — perguntei.

— Sim, por exemplo — respondeu. Desviei o olhar do edredão piroso, antes que tivesse um pico de açúcar, e olhei para a Léane. Parecia indignada, não como se estivesse zangada com alguma coisa importante, mas antes aborrecida por encontrar uma maçã numa taça de laranjas.

— Para ser sincero, vim porque gosto de conhecer os rivais e também queria saber porque não comes os chocolates vermelhos. Pensei nisso e não faz sentido — expliquei de forma séria, como se entender aquilo fosse um direito legítimo.

A Léane franziu a testa e cruzou os braços.

— Porque te interessa isso? Não te vou dizer.

— É algum tipo de trauma de infância? — insisti.

Ela revirou os olhos, foi até à porta e abriu-a, num convite claro para eu sair. Dirigi-me para lá relutante.

— Sai, Blake. Estou ocupada — disse.

— Sim, é melhor dedicares o tempo a ensaiar para o concurso — aconselhei. — É bom que te ponhas ao nível dos outros. Boa sorte com isso.

A Léane fechou a porta com um estrondo que ecoou pelo corredor da residência. Abanei a cabeça sem parar de sorrir. Que mau humor.

Cheguei a tempo de ver a Sarah a apagar as velas e a cantar os parabéns com os outros. Descartei a ideia de comer bolo e voltámos para casa cedo. O Ryder entrou primeiro e, enquanto colocava as chaves na consola da entrada, ouvi-o gritar.

— Que filho da mãe, meu! Mentiste-nos!

Quando fui à sala, vi o Adam sentado à mesa, cheio de apontamentos, ao lado de uma rapariga que me parecia familiar: a amiga da Léane.

Pelos vistos, estavam os dois a estudar.

O Adam escondeu o rosto com as mãos, talvez envergonhado pela nossa interrupção e a reação do Ryder. Ela, por seu lado, sorriu.

— Chamo-me Lissa — disse, enquanto me estendia a mão firmemente. — Espero que a tua imbecilidade de ontem à noite tenha sido temporária.

Pestanejei confuso.

O Adam olhou-me com raiva, como se estivesse a desafiar-me para ver se me atreveria a enfrentá-lo. Cerrei os lábios com força e contive-me. Ele começou a recolher os livros e a colocá-los numa mochila.

— O que achas de continuarmos na biblioteca?

— Claro que sim. — A Lissa fez-lhe um sorriso impróprio para diabéticos. Colocou a alça da mochila sobre o ombro direito, mas o Adam ofereceu-se rapidamente para a levar, como se fosse um burro de carga, e a Lissa aceitou de bom grado. Que cena mais patética.

Mal saíram, o Ryder enfiou dois dedos na boca e fingiu vomitar.

O gesto fez-me rir.

— Mentiu-nos — protestou. — Disse que estava adoentado…

— Achas isso o pior? — Dei-lhe uma palmada nas costas e olhei para ele divertido. — O pior é que há mais de quinze mil estudantes nesta cidade e ele teve de olhar logo para a melhor amiga de uma das minhas adversárias. — Suspirei. — Parabéns, Adam, desta vez superaste-te — concluí com ironia, embora ele não pudesse ouvir-me.

5

Léane 

Sentei-me na berma da calçada, frente à porta principal da universidade, à espera dos outros. Nota mental: não devia ser tão pontual. Era um hábito que já tinha antes de chegar a Reading.

Era sexta-feira, 26 de outubro, o dia escolhido pelos organizadores do concurso para a primeira reportagem ao vivo. Tirei os elásticos da pasta azul que segurava nas mãos e revi pela quarta vez as instruções do comunicado:

«A primeira reportagem ao vivo será no dia 26 de outubro às dezassete horas no centro de Reading. Nesta reportagem, deve dar-se a conhecer a cidade ao público de forma atraente, mas mantendo um tom formal.»

«A equipa da cadeia Princett irá recolher os seis finalistas na porta C da universidade às dezasseis horas.»

O local estava certo, a hora estava certa, o dia estava certo... Estava tudo bem, por isso não tinha de me preocupar. Respirei fundo algumas vezes, enchendo os pulmões de ar e soltando-o lentamente.

A ansiedade manifestava-se na forma de picadas no estômago e não me sentia preparada para fazer uma reportagem ao vivo porque sabia que não estava num dia bom. Na verdade, a semana fora horrível.

Tinha saudades dos meus pais, especialmente à noite. Teria aceitado de bom grado que me aconchegassem na cama, como quando era pequena, e que me fizessem sentir segura. Adorava a sensação de serenidade que a presença deles me proporcionava. Estava convencida de que enquanto eles estivessem por perto nada de mal me aconteceria, como se fossem uma espécie de super-heróis invencíveis. Sabia que, tendo dezoito anos, se tratava de um pensamento tonto e

infantil, mas era o que sentia. Os meus pais emanavam uma energia positiva que me enchia de força. E esse vazio não era suscetível de ser preenchido com telefonemas ou mensagens de texto; não era a mesma coisa.

Além disso, sentia-me só sobretudo desde que a Lissa saía com o Adam. Segundo ela, estavam apenas a conhecer-se, mas encontravam-se quase todos os dias, dizendo que estudavam juntos, e o Adam, por andar no terceiro ano, ajudava-a com a matéria que ela não percebia.

A Lissa disse ter gostado dele no momento em que o conheceu na discoteca, havia algumas semanas. Supostamente, ele sentiu o mesmo.

A sério que as pessoas são atingidas por flechas como quem apanha uma constipação? Era óbvio que Cupido me odiava profundamente, já que a minha relação com o Nathan continuava estagnada.

Na segunda-feira, ele pediu-me que assistisse ao seu treino e tive de me esforçar para não adormecer na bancada. Descobrira que o futebol me causava uma estranha sensação de sonolência.

No dia anterior, encontrámo-nos para beber um sumo num bar conhecido que ficava perto do *campus*. Ele pareceu aborrecer-se quando lhe contei as minhas preocupações relativas ao concurso. Aliás, nem sequer tentou disfarçar o pouco interesse que tinha no assunto. Depois de lhe confessar como me sentia insegura e que não acreditava ser capaz de fazer a reportagem, sabendo que muitos alunos iriam vê-la, esperava que ele dissesse algo como «Não te preocupes, Léane, vais saber fazê-la bem». Mas não disse nada disso. Estava demasiado ocupado a brincar com o misturador do sumo, a fazê-lo girar entre os dedos, enquanto os seus lábios permaneciam selados.

Portanto, de certa forma, só me tinha a mim mesma. E isso era um pouco assustador, considerando que precisava de ganhar o concurso, depois de tanto dinheiro investido na ida para Inglaterra, após tantas horas de estudo, e de tanto... tanto esforço dos meus pais. A pressão envolvia-me e fazia com que tudo se tornasse ainda mais ampliado e complicado.

Resumindo, a única coisa boa das últimas semanas era não me ter cruzado com o Blake. Depois da sua visita perturbadora ao meu quarto, não voltara a vê-lo. Não que fosse uma grande notícia que merecesse o lançamento de confetes coloridos, mas já era alguma coisa.

Tirei um peso de cima quando vi a Marlenne e a Susan a saírem do *campus* universitário e a aproximarem-se. *Okay,* significava que não me tinha enganado e estava no lugar certo.

— Como está tudo, Léane? — A voz doce da Marlenne era de facto inconfundível. Levantei-me, sacudi as calças com as mãos e afastei o cabelo do rosto antes de cumprimentar as duas.

— Vou ter um ataque cardíaco! — A Susan caminhava de um lado para o outro, com uma mão na cabeça, enquanto a Marlenne olhava para ela divertida. — A sério, acho que não vou conseguir fazer isto.

— Todos nós conseguimos — disse eu, na tentativa de a animar.

— Nem todos, Léane, não te enganes — salientou a Nina Clarson, quando apareceu pela rua da direita. Olhou para a Susan. — Se não estás preparada, é melhor desistires agora e não fazeres os produtores da cadeia perderem tempo. Sabes quanto custa uma transmissão ao vivo?

— Deixa-a em paz! — A Marlenne confrontou-a. — Todas estamos nervosas, é natural.

Um táxi parou num lado da rua e o Mark Dabbent saiu do interior. Pousou as mãos sobre os meus ombros e sacudiu-me animado.

— Chegou o dia!

Naquele instante, uma carrinha branca com o logótipo da cadeia Princett gravado de lado estacionou à nossa frente. Contive a respiração. O rapaz que a conduzia não devia ter mais de trinta anos, tinha rastas no cabelo e, depois de abrir a porta da carrinha, deu uma última passa num cigarro antes de o deitar ao chão para o pisar com a sola do sapato.

— Vocês são os finalistas? — perguntou sem muito interesse.

— Sim. — O Mark estendeu a mão para o cumprimentar, mas ele limitou-se a ignorar o gesto e acendeu outro cigarro. Pelo contrário, o jovem no banco do passageiro da frente cumprimentou cada um de nós e apresentou-se como Gael. Explicou que era engenheiro de telecomunicações e seria responsável pela programação da transmissão ao vivo.

— E ele, quem é? — perguntou a Nina, apontando com desprezo para o outro colaborador.

— O operador de câmara que irá filmar as vossas adoráveis reportagens —

respondeu o visado, com um certo sarcasmo, a soprar o fumo do cigarro na nossa direção. — Chamem-me Jaden.

— Não eram seis crianças? — perguntou o Gael.

O Jaden contou-nos, apontando um a um, como se fôssemos crianças de um infantário prestes a fazer uma excursão ao jardim zoológico.

O meu bolso começou a vibrar, tirei o telemóvel e atendi.

— Estou?

— Como está a correr, Léane? — O tom de voz aparvalhado era inconfundível, quase como uma marca registada. — Importas-te de dizer aos colaboradores que vou por minha conta? *Merci*.

O Blake desligou sem me dar tempo de pronunciar uma palavra. Resignada, expliquei ao Jaden e ao Gael o que ele me tinha dito. Não pareceram preocupados com a decisão do Blake. Devia ser o único inglês no mundo inteiro que se atrevia a não ser pontual. Se havia algo que aprendera durante o pouco tempo que vivia em Inglaterra, era que se considerava falta de respeito chegar cinco minutos atrasado.

O Gael abriu-nos a porta de trás da carrinha e indicou-nos que entrássemos enquanto acendia a luz do teto. Havia dois bancos, um de cada lado do veículo. Sentei-me ao lado do Mark. No chão, encontravam-se uma mala que parecia uma capa de computador e um saco preto bem maior. Olhei à volta e questionei-me de imediato se aquilo seria ilegal. Provavelmente, sim. A minha inquietação aumentou quando reparei nos cintos desfiados que pendiam dos dois lados do banco; duvidava que estivessem funcionais, mas apertei o meu por precaução.

O Jaden virou-se para nós, instalado no banco do condutor, e piscou-nos o olho antes de ligar o motor e entrar na estrada. Afundei-me no banco. Ainda não me habituara ao facto de os ingleses conduzirem do lado esquerdo da estrada. Não fazia qualquer sentido, a não ser tentarem parecer diferentes ou especiais em relação ao resto do mundo, como se dissessem: «Ei, olhem para nós, somos incríveis, fazemos as coisas ao contrário, não somos ovelhas.»

— Não sabia que conhecias o Blake — disse-me o Mark, fazendo com que me desviasse das reflexões sobre a condução.

— Não o conheço.

— Então como é que ele tem o teu número de telemóvel?

Boa pergunta.

Deduzi que a Lissa lho teria dado.

O Jaden buzinou a um carro e enfiou a cabeça pela janela a gritar mil impropérios. Quando se acalmou, começou a falar de aranhas. Disse-nos que tinha um terrário em casa, cheio de vários tipos de aranhas, porque era a sua paixão. Explicou-nos como eram as glândulas venenosas que tinham nas quelíceras e de que forma paralisavam as presas. Depois, contou que fora picado várias vezes e descreveu os efeitos que causavam.

— Agora estou inscrito num curso de aracnologia — concluiu, sorridente.

— Parece divertido — respondeu o Mark, hesitante.

— É mesmo. — Tossiu depois de se engasgar com o fumo do cigarro e perguntei-me quantos maços fumaria por dia. — Deviam fazer uma reportagem sobre aranhas. Seria demais.

A Nina torceu o nariz, com uma expressão de repulsa. Ela era quase tão repelente como o Blake. Na verdade, faziam sentido como casal. Não havia muito tráfego em Reading porque a maioria dos habitantes eram estudantes e poucos podiam dar-se ao luxo de ter carro.

Estacionámos na entrada de uma rua pedonal e, quando o Gael abriu a porta de trás, descemos enquanto eles pegavam no equipamento necessário para a gravação.

Olhámos uns para os outros um pouco nervosos e seguimo-los pela rua pedonal até uma pequena praça. O chão era de pedra e estava rodeado de muitos edifícios de tijolo vermelho que pareciam bastante antigos. No meio da praça, havia uma fonte com a figura de uma mulher seminua que segurava um jarro de onde fluía a água. À volta, havia dois cafés, uma cervejaria fechada e uma loja de antiguidades que me chamou a atenção. As poucas pessoas que estavam na rua ocupavam as esplanadas dos cafés.

O Gael abriu uma mesa dobrável e pôs um portátil em cima dela. Enquanto isso, o Jaden tirou diferentes peças da câmara e começou a montá-la sem pressa. Observei absorta como preparavam tudo, até que me desconcentrei quando distingui o Blake, ao longe, a caminhar em direção ao grupo.

Usava roupa formal, o que não era habitual. Envergava calças de ganga e uma

camisa branca impecável. Parecia ter mais de vinte e um anos. Os seus passos exalavam tanta confiança que, por alguns instantes, me senti como uma das aranhas do Jaden: pequenina e insignificante.

— Está quase pronto... — comentou o Gael, sem tirar os olhos do ecrã do computador. — Quem é o corajoso que quer começar?

— Eu quero — respondeu o Blake, voltando-se para o Jaden.

— Finalmente, chegaste, miúdo — disse o Jaden.

— Sim, desculpa o atraso. — Compôs os punhos da camisa. — De qualquer forma, normalmente virei por minha conta.

— Como queiras. — O Jaden manteve o cigarro entre os lábios enquanto terminou de ajustar a câmara no tripé, com os olhos semicerrados devido ao fumo irritante.

Quando o Blake sorriu para mim, evitei o seu olhar fixando os olhos na estátua da fonte, concentrando-me em como a água caía sem parar. Tentei não pensar em nada, deixar a mente vazia, ser alguém que observava tudo ao longe... Queria acreditar que as coisas correriam bem, mas a ideia de pessoas desconhecidas me verem ao vivo deixava-me agoniada. E se eu vomitasse em direto? Certamente que isso não iria dar-me mais pontos.

As reportagens eram feitas às sextas-feiras à tarde, quando as aulas já tinham terminado. Assim, os estudantes podiam vê-las no canal *online* da universidade, através da Internet, ou reunindo-se nas salas comuns das residências. Eu estava ciente de que a maioria ficaria a beber cerveja em algum bar e não estaria muito interessada no concurso, ou talvez nem soubesse da sua existência. Contudo, tenho a certeza de que muitos outros decidiriam assistir, talvez por não terem nada melhor para fazer. A ideia de cometer algum erro e que esse vídeo tonto se espalhasse como pólvora por todo o *campus* deixava-me louca.

Era importante que os estudantes gostassem da reportagem. Afinal, seriam eles a votar na sua favorita na página *web* da universidade.

E nunca fui boa a agradar a multidões.

Antes que alguém mais pudesse fazê-lo, aproximei-me do Gael para lhe dizer que queria ser a próxima. Pensei que assim acabaria com aquela tortura o mais rápido possível. Bem ou mal, livrar-me-ia de um peso.

Começara a ensaiar a reportagem logo na noite em que soubera que fora

selecionada como finalista, cheia de ansiedade e medo de não estar à altura dos meus colegas, que tinham obviamente mais experiência. Não sei quantas vezes assisti aos programas da Linda Carry pela Internet, talvez cerca de mil (sem exagerar), até saber o roteiro de cor. Gostava da abordagem intimista que aquela jornalista mostrava constantemente em relação ao público e aos convidados. Recriava-me em cada coisa: como mexia as mãos, sem as levantar demasiado ou fazer movimentos bruscos; como conseguia manter o rosto imperturbável perante os acontecimentos, embora não fosse fria por causa disso, e aquele sorriso permanente nos lábios, que dominava na perfeição: nem muito amplo nem pequeno ao ponto de deixar dúvidas, simplesmente uma expressão agradável que inspirava confiança.

No entanto, por mais que estudasse os meus apresentadores preferidos, ainda me sentia um pouco estúpida quando apresentava a minha reportagem frente ao espelho, como se não fosse eu mesma, mas sim outra pessoa com uma grande semelhança física que me devolvia um olhar inseguro.

Respirei fundo, convencendo-me de que todas as horas que passara a ensaiar aquela reportagem não podiam ter sido em vão. Observei como o Gael ligava o cabo do microfone ao computador e escrevia com facilidade qualquer coisa que não consegui ler e que talvez fosse uma introdução antes do início das transmissões ao vivo. Em seguida, entregou o microfone ao Blake, que o segurou firmemente na mão direita.

O Jaden indicou-lhe como deveria posicionar-se perante a câmara, mesmo à frente da fonte. Os restantes concorrentes também observavam a cena quase aterrorizados, talvez devido ao pensamento de que em breve seriam eles a ocupar o lugar do Blake. Dava vertigens.

A Susan parecia prestes a ter um ataque de ansiedade e a Marlenne tentava acalmá-la; a Nina limpava uma unha com parcimónia e o Mark mantinha o olhar fixo no Blake, quase desafiante.

— Estás preparado? — perguntou o Jaden, com um olho na câmara.

— Sim, quando quiseres.

O Gael levantou três dedos e baixou-os um a um, para indicar quando devia começar. Cada palavra que saía da sua boca fazia com que o odiasse um pouco mais. Porque parecia tão confiante? Porque não lhe tremiam as mãos? Porque

fazia aquilo tão bem?

Percebi que fora má ideia pedir para ser a segunda, porque inconscientemente toda a gente iria comparar-me com ele, e tinha de admitir que ele estava a criar uma fasquia muito elevada, quase inatingível.

Estava quase a entrar em histeria. Desatei a andar de um lado para o outro, enquanto procurava no saco o pacote de *M&M's*. Precisava urgentemente de um chocolate, precisava-urgentemente-de-um-chocolate-ou-iria-morrer.

O pequeno pacote de plástico estava cheio de bolinhas vermelhas horríveis. Comera todas as outras. Como não previra aquilo? Irritada comigo, sacudi o pacote e várias bolinhas vermelhas caíram no chão. Procurei bem no fundo, na esperança de encontrar alguma de outra cor; continuei a caminhar enquanto vasculhava desesperadamente o pacote de chocolates, como se tivesse acabado de me transformar numa psicopata.

— Desligaste o som! — gritou o Gael.

Oh, meu Deus.

Ouvi o Jaden dizer ao Blake que continuasse a falar como se nada tivesse acontecido, enquanto o Gael tentava desenredar o cabo do meu pé. Quando conseguiu, levantei-me e percebi que tinha a visão turva e que os meus olhos lacrimejavam; estava prestes a chorar em frente de toda a gente. Se as lágrimas começassem a escorrer pelos cantos dos meus olhos, seria como atingir definitivamente o fundo do poço. Naqueles instantes, eu era um monte de nervos, confusão e ansiedade.

O Gael voltou a ligar o cabo do microfone. Tanto o Mark como a Marlenne aproximaram-se, e ela abraçou-me pelos ombros.

— Estás bem? — perguntou o Mark em voz baixa, para não atrapalhar ainda mais a gravação. Eu assenti, mentindo. Apercebia-me de uma queimadura na face direita devido à queda, mas o pior era o facto de me sentir terrivelmente por ter arruinado a reportagem do Blake.

A Marlenne tirou um lenço da mala, mostrou-mo e fez um sorriso doce.

— Vou limpar-te a face, tens um pouco de sangue — disse a ela.

O Blake concluiu a sua reportagem enquanto a Marlenne me limpava a ferida. Eu sentia um ardor terrível. O Mark ofereceu-se para ser o segundo e assim dar-me tempo para me recuperar.

Quando a Susan chamou a amiga pela décima vez consecutiva para lhe dizer como estava nervosa, respirei fundo, acalmei-me (na medida do possível) e aproximei-me do Blake, que se afastara do grupo e se encostara à parede de um prédio que tinha a pintura descascada. Estava com o olhar fixo no céu.

Os meus passos ecoavam sobre a pedra fria da praça.

— Lamento, mesmo muito — disse, e continuei a falar perante o seu silêncio sepulcral. — Foi um acidente, procurava um chocolate e tropecei. — O Blake olhou para mim com tanta raiva que temi pela minha existência. Engoli devagar, ignorando o nó que me apertava a garganta. — Lamento muito — repeti, sem saber bem o que dizer mais.

— Eu também lamento muito por tudo o que te vai acontecer a partir de agora. Não sabes com quem te meteste. — Cada uma das suas palavras parecia transformar-se num punhal afiado. — Atenta aos teus passos, porque o meu único objetivo será vingar-me. Não fazes ideia de como posso ser competitivo.

Pestanejei, incrédula. Quis pensar que, por estar muito zangado, não tinha a menor noção do que dizia. Fora má ideia abordar a questão no calor do momento, o melhor seria esperar que ele se acalmasse para a apresentar de outra perspetiva.

— Foi um acidente e disse-te que lamento muito.

— Fizeste de propósito. — Senti que o verde dos seus olhos se acendia a cada momento. — Sabotaste a minha reportagem. E agora vais pagar.

Afastou-se em direção ao resto do grupo.

Não podia acreditar que ele pensasse que eu tinha feito de propósito. Olhei para cima e vi a Nina ao longe a atirar-me um olhar malévolo que me provocou arrepios.

O Mark terminou a sua reportagem a sorrir para a câmara do Jaden. Eu disse ao Gael que estava pronta para fazer a minha. Por alguma razão misteriosa, depois do confronto com o Blake, deixei para trás os nervos, que deram lugar à raiva.

Coloquei-me diante do Jaden e peguei no microfone que o Gael me entregou.

Alisei o cabelo com a ponta dos dedos e aclarei a garganta para afinar a voz. O Gael ergueu os três dedos e, quando baixou o último, fiz o meu melhor sorriso e comecei a falar com um tom claro e linear. Pronunciei algumas palavras com

emoção e ênfase, mostrando como achava fascinante a cidade em que estava.

—... mas acima de tudo, destaca-se a conhecida Universidade de Reading. Não só é uma das melhores, como as suas salas de aula são um exemplo de diversidade. Milhares de alunos estrangeiros conseguem integrar-se com facilidade, graças aos cursos de verão oferecidos pela universidade, onde se defende que todos devemos ter as mesmas oportunidades.

Sorri de novo para a câmara com naturalidade, dando a entender que também fazia parte desse grupo de alunos estrangeiros que se destacara na universidade. Finalmente, despedi-me com um: «Foi a Léane Bouvier quem vos informou», e mantive uma expressão séria até o Gael parar a gravação. Quando terminei, senti-me aliviada, mais leve, mais segura. Por incrível que parecesse, correra tudo bem. A única complicação tinha sido evitar desviar o olhar para o Blake durante a reportagem. Não era fácil manter-me serena e concentrada, enquanto alguém me olhava de forma quase assustadora. Parecia planear algo de terrível.

6

Blake



Quando entrei no carro, deixei cair a cabeça sobre o volante. Respirei fundo e tentei recuperar a tranquilidade que acabara de perder por causa da Léane. À primeira vista, parecia uma rapariga doce e inocente. Agora sabia que não era assim.

Enquanto fazia a reportagem, pude distinguir ligeiramente os seus movimentos. Ela foi direta ao cabo; praticamente, atirou-se sobre ele para o desconectar.

Tinha sabotado o meu trabalho.

Estava a ajeitar o espelho retrovisor do carro, pronto para sair dali, quando tocou a música dos Rolling Stones que tinha como toque no telemóvel. Atendi a chamada depois de ver o nome da minha irmã a piscar no ecrã.

— Olá, Emma.

— Como correu o concurso?

— Preferia não falar sobre isso neste momento. Digamos que a coisa começou intensa. — Esfreguei os olhos. — Como estás?

Depois de alguns instantes de silêncio, a Emma falou.

— Tirei negativa no primeiro teste de matemática e a mamã está muito zangada.

— Não me admira, devias esforçar-te mais. Ser mais responsável.

— Como podes dizer-me uma coisa dessas? — perguntou, elevando a voz. Ouvi a sua respiração entrecortada e, quando falou novamente, fê-lo de forma mais calma. — A mamã já começou a falar sobre o futuro e sabes o que acontece quando faz isso. Quer contratar uma professora particular para me dar aulas.

— Parece-me bem — comentei, absorto a olhar para a estrada onde vários

transeuntes se cruzavam.

— Quando vens visitar-nos?

— No fim de semana.

— Quem me dera que estivesses aqui, tudo é mais complicado sem ti.

— Eu sei, Emma. — Mordi o lábio inferior, pensativo. — Odeio que tenhas de passar por isso sozinha, mas prometo que tudo voltará ao normal em breve.

— Pois — respondeu, desanimada.

— Tenho de desligar, a minha amiga Sam chegou.

— Está bem. Diverte-te.

Deixei cair o telemóvel no banco do passageiro da frente com desânimo. A Emma tinha apenas dezasseis anos, mas parecia mais velha. Costumava mostrar-se sempre reflexiva e uma aura de negatividade rodeava cada um dos seus pensamentos. Nunca via o copo meio cheio, agarrava-se sempre à pior hipótese. Talvez fosse a melhor forma que encontrava de se sentir protegida. Era a pessoa que eu mais amava neste mundo. A minha fraqueza. Tinha a certeza de que, acontecesse o que acontecesse, nunca lhe viraria as costas.

Tinha-a visto nascer. Não literalmente, mas quase. Antes mesmo de ela chegar ao mundo, já falava com ela, contava-lhe histórias com a cabeça muito perto da barriga enorme da mamã. Quando a Emma nasceu... senti alguns ciúmes: era tão adorável que atraía toda a atenção. No entanto, passado algum tempo, comecei a partilhar os meus brinquedos com ela e, em ocasiões especiais, até a deixava entrar no meu quarto.

A melhor altura de que me lembro com a Emma é de quando ela tinha oito anos. Adorava-me, seguia-me por todo o lado e até imitava a minha forma de falar. Era um grande problema ela ter a mania de dizer «foda-se, que merda» sempre que algo lhe desagradava, segundo os vários relatórios da escola dela. Eu tinha então treze anos e era uma cena fixe dizer palavrões entre amigos, mesmo que não fossem apropriados. Os meus pais tentaram em vão erradicar esse hábito.

Passei muitas horas a jogar videojogos com a Emma — lembro-me de sofrer muito com um jogo de cavalos saltitantes que não valia nada — e até aguentei ver os mesmos filmes da Disney milhões de vezes, apesar de isso ser uma tortura lenta e dolorosa.

Mas um dia tudo acabou. Não sei o que aconteceu ou o que mudou, mas tratou-se de algo relacionado com o divórcio dos meus pais. Foi como se a Emma abrisse os olhos de repente e percebesse que eu não era a pessoa que ela me achava.

Deixou de me idolatrar, começou a tomar as suas decisões, e todas elas contrárias às minhas. Foi uma transformação tão rápida que nem sequer tive oportunidade de tentar impedi-la.

Continuávamos chegados, mas não da mesma forma. Agora, havia um muro que nos separava e, quando eu tentava aproximar-me dela, batia sempre contra ele. Não sabia como derrubá-lo.

Soltei o volante de repente quando percebi que o agarrava com mais força do que a necessária; os nós dos meus dedos estavam brancos. Liguei o rádio, sintonizei uma estação de música atual e aumentei o volume para o máximo antes de entrar na estrada e deixar para trás os pensamentos, ancorados no asfalto.

Ao chegar a casa, entrei na sala e encontrei o Adam e a Lissa sentados no sofá. Revirei os olhos quando percebi que estavam a ver o filme *E Tudo o Vento Levou*. Não pensei que alguém pudesse descer tão baixo por uma rapariga, mas o Adam tinha-o conseguido.

A Lissa virou-se assim que me viu, franzindo a testa e olhando para mim com desdém. Não me dei, sequer, ao trabalho de os cumprimentar e fechei-me no quarto.

Inclinei o pescoço para cada um dos lados, na tentativa de descontrair os ombros. Peguei na garrafa de água que estava em cima da secretária e desatei a regar as plantas. Quando comecei a sentir-me mais calmo, liguei o computador e acedi ao *site* da universidade. Entrei no anúncio do concurso que estava na coluna lateral e abriu-se uma nova janela em que apareciam os seis vídeos em miniatura. Estiquei-me para trás na cadeira enquanto via a repetição da minha apresentação.

No início, parecia seguro de mim mesmo, sorria sem esforço, falava com calma, fazendo pausas entre cada palavra..., mas de repente o som desapareceu e, apesar de mexer os lábios, não se ouvia nada. Deixei de olhar para a câmara — quando vi a Léane no chão — e, num gesto claro de irritação, apertei a

mandíbula. Voltei a olhar para os espetadores e, alguns segundos mais tarde, ouviu-se de novo a minha voz. Acabei a reportagem mais nervoso do que o habitual. Aquele rapaz meio inseguro que a câmara focava não era eu. De forma alguma.

Na hora seguinte, torturei-me a relembrar constantemente as apresentações dos outros finalistas. O Mark continuava a imprimir às suas reportagens um tom cómico que me tirava do sério e a Marlenne também se destacava por parecer simpática frente à câmara. No entanto, a Nina mostrava-se fria e altiva, e notava-se que a Susan não estava à vontade. Mas sem dúvida que a melhor reportagem era a da Léane.

A Léane era doce e inocente — apenas na aparência, é claro — e parecia ter à volta uma aura de... não sei, harmonia? O seu charmoso sotaque francês dava um toque perfeito à reportagem.

Baixei o ecrã do computador quando ouvi baterem à porta. Sem esperar uma resposta, o Adam apareceu e cruzei os dedos na esperança de que a Lissa não estivesse atrás dele, porque depois de ver três vezes seguidas a reportagem da Léane, a minha paciência estava no limite. Felizmente, o Adam estava sozinho. Entrou no quarto sem falar e sentou-se na minha cama.

— Já sei o que aconteceu com o som na reportagem — disse. — A Léane ligou à Lissa.

— Diz-me que não estás aqui porque a tua namorada te obrigou a falar comigo — respondi, defensivamente. — A sério, aceito que sejas fã de *E Tudo o Vento Levou* ou merdas parecidas, mas, por favor, guarda alguma dignidade. Nunca é demais ter algumas reservas.

O Adam franziu a testa, incomodado.

— Não é assim tão mau, a Scarlett O'Hara tem os seus momentos. — Fixou o olhar no chão. Odiava aquele filme, mas não queria admiti-lo. — Na verdade, conversámos sobre os problemas que tu e a Léane têm — começou por dizer, com alguma cautela. — E chegámos à conclusão de que não queremos fazer parte do que quer que seja que existe entre vocês. Ou seja, resolvam isso como quiserem.

— Uma decisão sensata. — Esfreguei as mãos com desconforto. — Importas-te assim tanto com essa tal Lissa? Devias ter mais calma, depois das experiências

que tiveste...

— Sim, estamos a conhecer-nos. — Sorriu mais animado. — Mas ela é incrível, a sério, Blake.

Assenti e evitei suspirar com pesar.

Peguei num marcador, inclinei-me sobre o calendário que estava na parede e risquei mais um dia, desenhando uma cruz sobre o quadrado correspondente.

— Além disso, vem aí o meu aniversário — disse o Adam. — Não estava nos meus planos festejar, mas depois pensei que um jantar tranquilo não seria mau.

— Está bem. — Encolhi os ombros. — Se é o que queres...

— Sim, amanhã à noite seria perfeito. — Tossiu de modo estranho. — A Lissa recomendou-me um restaurante francês que fica na zona sul.

— Isso significa que ela vai ao teu jantar de aniversário? — perguntei, e obriguei-me a contar até dez para me acalmar. Tinha lido sobre aquilo num livro de filosofia *zen* ou qualquer coisa do género.

— Claro. — Ele coçou a nuca devagar e olhou-me de lado. — E, agora que falas nisso, a Léane também vem com ela, é lógico.

Lógico? Era lógico que a Léane fosse à festa de aniversário do meu melhor amigo? Claro que não. Um, dois, três, quatro, cinco, seis... Essa merda de contar não servia para nada. Fixei o olhar no teto do quarto e procurei uma luz vermelha a piscar.

— Isto é uma câmara oculta, não é? Um novo programa da MTV?

— Quero que te comportes bem amanhã à noite. — O Adam levantou-se e continuou a falar com uma calma exasperante. — É importante para mim.

Saiu do quarto devagar, aparentemente sem perceber a minha irritação.

Em outubro, ainda não fazia muito frio, mas escurecia cedo e as árvores que delineavam as ruas de Reading perdiam a cor verde que as caracterizava no verão para dar lugar ao outono. Era a estação do ano de que menos gostava, não só porque fazia com que as plantas perdessem toda a sua vivacidade, mas também porque se me afigurava melancólica.

Ao longo de grande parte do ano, o céu de Reading transformava-se numa cúpula cinzenta, sem vida, sem cor. Chovia constantemente e um grande desfile de guarda-chuvas abria caminho pelas ruas da cidade. Tinha-me habituado ao clima. Na verdade, desconhecia outro.

Em pequeno, questionava o meu pai sobre o sol. Era algo que me obcecava. «Porque é que o sol quase nunca vem a Romford, papá?», perguntava incessantemente. E ele respondia sempre: «Acho que, agora, o sol está em Espanha. Tem paciência, Blake, não tarda chega aqui, o sol não pode estar em todo o lado.»

Mais tarde, percebi que o sol decidira reformar-se em Espanha e que mal aparecia na Grã-Bretanha. Soube, então, que teria de ir procurá-lo. Estava convencido de que, num futuro não muito distante, viveria num lugar quente onde o céu fosse azul. Completamente azul, sem nuvens à vista.

— São sete e vinte. — Levantei o braço e mostrei ao Adam o relógio no meu pulso para que pudesse verificar por si mesmo as horas.

— Tu é que tens a culpa — respondeu. — Pedi-te que fôssemos buscá-las de carro e não achaste boa ideia. Provavelmente, perderam o autocarro.

O Adam tinha proposto ir buscá-las à residência, mas o Ryder deu um rol de desculpas. Elas tinham pernas, podiam caminhar e mover-se um pouco... tudo isso.

Estávamos os três sentados na paragem de autocarro frente ao restaurante onde o Adam queria festejar o aniversário. Ele nem sequer convidara outros amigos do grupo, por querer «um jantar íntimo». Tentara explicar-lhe várias vezes, mas ele resistia a entender que o conceito de intimidade contrastava com o facto de convidar duas desconhecidas que ainda por cima se permitiam chegar atrasadas, como se fossem damas de uma corte real ou alguma coisa do género.

Já eram sete e meia quando um autocarro parou e as portas se abriram com um rangido. Tanto a Lissa como a Léane desceram com uma lentidão espantosa. Levantámo-nos os três. Cumprimentei a Lissa com relutância e depois aproximei-me da Léane e dei-lhe uma pequena cotovelada no braço. Não me importei com o olhar assassino que o Adam me lançou, era demasiado tentador para não o ter feito.

— Ups, desculpa! Tropecei — disse, de forma teatral e irónica. — Foi sem querer. Sabes, são coisas que acontecem.

A Léane franziu-me o sobrolho, mas rapidamente se virou e atravessou a rua para ir ter com a amiga inseparável. A Lissa carregava um embrulho nas mãos e, enquanto caminhavam, os saltos dos sapatos de ambas ressoavam no asfalto.

Odiava o som repetitivo que os saltos faziam, sempre tinha odiado.

A entrada do restaurante era bastante original. Na parte superior, havia uma placa onde letras azuis traçavam o nome do local: Lumières du théâtre.

Quando entrámos, um homem com um boné preto ridículo acompanhou-nos até à nossa mesa. O interior do espaço parecia de facto um teatro, não só por causa dos sofás acolchoados de cor grená, mas também devido à luz ambiente suave e aos cartazes de peças antigas que decoravam as paredes de tijolos.

A Léane sentou-se ao meu lado porque as outras cadeiras estavam ocupadas.

— Ryder, trocas de lugar comigo? – perguntei.

— Claro — concordou, e levantou-se de imediato.

Instalei-me no extremo oposto da mesa e a Léane franziu a testa. Parecia indignada com o meu gesto. Era o tipo de pessoa que não escondia as emoções.

— Não tenho nenhuma doença contagiosa — protestou. Desdobrei o guardanapo com calma e encolhi os ombros.

— Mais vale prevenir, não vão as tuas mãos ficar baralhadas e eu ser golpeado com a faca da manteiga.

— Vamos ler a ementa! — exclamou o Adam, quebrando o momento tenso.

«*Ratatouille*, *quenelle*, crepe salgado, degustação de queijos, *kouglof*, chucrute, degustação de *foie gras*, quiche lorraine, pato confitado...»

— Bolas, não entendo nada — disse o Ryder, enquanto coçava o queixo.

Fechei a ementa com um golpe seco e deixei-a na mesa.

— Qual é a tradução de «hambúrguer com queijo e batatas»? — perguntei.

— Não estamos no McDonald's — respondeu a Léane sem olhar para cima.

— Perguntamos à empregada de mesa se podem fazer um hambúrguer para ti — disse a Lissa, numa tentativa forçada de se mostrar amável.

— Vou pedir a mesma coisa que o Blake — concluiu o Ryder antes de olhar para o telemóvel.

Minutos depois, a empregada concordou em preparar dois hambúrgueres com batatas fritas. O Adam escolheu uma quiche lorraine e elas pediram crepes salgados. Quando a empregada saiu, o Adam interrompeu o silêncio desconfortável que reinava na mesa e perguntou à Léane qual era a sua opinião sobre Reading.

— Gosto bastante, é um lugar tranquilo, mas ainda sinto muito a falta de Paris.

— Olhou para a Lissa com nostalgia. — Têm de visitar a cidade, a Catedral de Nôtre Dame é mesmo impressionante, Montmartre, a Torre Eiffel...

— Estás a falar do amontoado de ferro que abandonaram depois da exposição de mil oitocentos e oitenta e nove?

Se a Léane tivesse poderes especiais estilo raio *laser*, matar-me-ia naquele momento. Cerrei os lábios para não sorrir. O jantar estava a ser mais divertido do que eu esperava. Não sei por que razão, mas provocá-la demonstrava-se uma atividade estimulante. Havia algo na forma como ela me olhava antes de preparar uma resposta à altura que me parecia... faiscante.

— És ignorante. Informa-te melhor antes de fazeres figura de parvo.

— Todas as opiniões são respeitáveis — começou o Adam, levantando as mãos para instaurar a paz. — Essas coisas passam, não discutam.

A Léane parecia indignada com o meu comentário inocente sobre aqueles bocados de ferro que, em teoria, representavam o amor. Mas era verdade. Sempre achei aquele símbolo sobrestimado e um pouco frívolo. Olhei para ela enquanto empurrava a cadeira para trás, fazendo-a ranger sem delicadeza pelo chão do restaurante.

— Se não se importam, preciso de ir à casa de banho.

Vi-a desaparecer ao virar a esquina da sala.

— Também preciso de ir à casa de banho — disse eu.

O Adam dirigiu-me um olhar severo de advertência que decidi ignorar de imediato, por isso, dei-me por vencido e continuei a conversar com a Lissa. Quanto ao Ryder, bem podia não ter ido à festa de aniversário, já que passou a noite absorto no telemóvel. Em geral, ele não era muito intuitivo.

Caminhei determinado em direção à zona das casas de banho. Ignorei o sinal que dizia «Homens» e entrei no que mencionava «Mulheres», após abrir a porta sem pressa. Tal como imaginava, a Léane estava inclinada frente ao espelho, que ocupava toda a parede, a retocar o brilho dos lábios. Sorri devagar, como um gato que se espreguiça depois de uma longa sesta.

— Quem estás a tentar impressionar? O Adam está ocupado, o Ryder ignora-te e, da minha parte, acho que ficou claro que não me interessas — disse eu.

Ela guardou o *gloss* na mala e virou-se calmamente para mim, como se estivesse à espera que a seguisse até à casa de banho.

— Eu arranjo-me para mim mesma, idiota.

— Mmm, continuo a ter as minhas dúvidas.

A Léane revirou os olhos enquanto pressionava com mais força do que o necessário o botão do dispensador de sabonete, quase a bater-lhe. Depois, começou a lavar as mãos e olhou para mim pelo espelho.

— Antes de mais, Blake, ando a sair com alguém. — Pegou num papel e secou as mãos. — E, em segundo lugar, sei que vais ficar surpreendido, mas não gosto de ti e não tento impressionar-te. — Depois de secar as mãos, amassou o papel, lançou-o e acertou no cesto. Pestanejei, surpreendido com a boa mira, e ela olhou para mim satisfeita. — Acena com a cabeça se conseguiste entender tudo o que disse.

Voltei a sorrir, sem deixar de a olhar. Havia algo de fascinante nela, embora eu não soubesse dizer o quê. Gostava que, apesar da sua aparente ingenuidade, ela se impusesse. Parecia lutar arduamente pelo que considerava importante. Mas, naqueles momentos, depois do que acontecera no concurso, isso representava mais um problema do que uma virtude; pelo menos para mim. Afinal de contas, era por isso que estávamos ali, por sermos rivais, e a Léane deixou-o bem claro.

Levantei as mãos e aplaudi pausadamente à sua frente.

— Tens uma imaginação incrível, Léane. Parabéns. Tenho a certeza de que chegarás longe como repórter de fofocas. Nessa área é aceitável inventar histórias e sabotar a concorrência.

— Quantas vezes tenho de te dizer que não o fiz de propósito?

— O importante é que arruinaste a minha reportagem e isso vai ter influência nas votações.

— Duvido. — Cruzou os braços e estalou a língua antes de me olhar com um certo desdém. — Tenho a certeza de que o teu harém irá votar em ti incondicionalmente.

— Sim, talvez tenhas razão. — A minha afirmação incomodou-a. Quase me pareceu que ela tinha um tique no olho esquerdo. — É uma pena que não tenhas um clube de fãs.

— Claro, porque, ao contrário de ti, o que tenho é dignidade e não tento obter votos por outros meios. Possuo talento suficiente.

Franzi a testa e fiz uma careta enquanto me dirigia até ela.

— E com certeza que esses espetadores ansiosos por fofocas e lixo saberão valorizá-lo, estarão desejosos de te dar uma oportunidade. Gostas de *reality shows*?

Vi em câmara lenta como o seu rosto ficava vermelho de raiva.

Abri a torneira, lavei as mãos e sacudi-as à frente da Léane para salpicar o seu rosto com pequenas gotas de água. Sorri satisfeito com o meu impulso.

— Oh, desculpa, foi sem querer! — exclamei, imitando a sua voz aguda.

— Esgotaste a minha paciência! — gritou e, depois, a imitar os meus movimentos, juntou as mãos debaixo da torneira e atirou toda a água que pôde para cima de mim. A partir desse momento, esqueci-me de que tinha vinte e um anos e agi como uma criança de dez. Deixámos os dois para trás qualquer vestígio de civilização enquanto continuávamos a atirar água um ao outro e, mais tarde, bolas de papel molhado que formaram uma pasta escorregadia no chão da casa de banho.

— Agora é que quero mesmo ganhar o concurso custe o que custar! — gritou, depois de tropeçar e se segurar no lavatório para não cair. O que me fez rir. — Juro que te vou sabotar a sério se for preciso. Farei tudo o que estiver ao meu alcance para te ver perder.

Fiz uma bola com um bocado de papel, pu-la debaixo do jato de água da torneira para que inchasse e depois atirei-lha. Acertei em cheio no coque alto que coroava a sua cabeça. Genial, triplo para mim. Levantei os braços a fim de comemorar.

A Léane correu em direção aos compartimentos das sanitas e saiu de lá com um piaçaba. Apontou a arma para mim e eu recuei até as minhas costas baterem na parede. Nesse instante, a porta abriu-se e o homem do boné ridículo ficou a olhar para nós chocado, como se nunca tivesse visto nada parecido.

A sua surpresa era bastante compreensível, acho.

O cabelo da Léane, que apenas algumas horas antes havia sido penteado num elegante coque, estava todo desgrenhado, dando-lhe um ar maluco, e estávamos os dois encharcados. O chão ficara um pouco alagado e cheio de papel molhado, assim como os espelhos salpicados de água. O toque final daquela cena memorável era que ela ainda segurava o piaçaba no ar como se fosse uma varinha de condão.

A Léane gaguejou desajeitadamente na tentativa vã de se explicar, mas, antes

que pudesse dizer uma única palavra coerente, o homem adiantou-se.

— O que se passa aqui? — A sua voz era aguda.

— Já estava assim quando chegámos. — Encolhi os ombros.

7

Léane 

O empregado deixou-nos voltar à nossa mesa, depois de nos repreender, o que levaria algum tempo a esquecer.

Por outro lado, a situação parecia ter divertido o Blake, que não parava de sorrir como um idiota com um eletroencefalograma sem atividade elétrica.

Antes de começarmos a andar pelo corredor do restaurante, torci a camisa com as mãos enquanto via ao longe o olhar atónito da Lissa. Tentei caminhar com dignidade e, quando nos sentámos à mesa, todos (incluindo o Ryder, que até desviou o olhar do telemóvel) nos analisaram com cautela.

O Adam tossiu para aclarar a garganta.

— O que aconteceu? — perguntou.

— Um tubo da casa de banho rebentou — respondeu o Blake. Olhou para mim com cumplicidade e deduzi que, por razões desconhecidas, ele não quisesse contar pormenores do que acontecera. O Adam revirou os olhos, mas não insistiu.

— O que é isso no teu cabelo? — A Lissa inclinou-se na minha direção e tirou-me um bocado de papel molhado enquanto fazia cara de nojo. Removi os vários ganchos que tinha usado para prender o cabelo e deixei-o solto. Comecei a comer o meu crepe salgado em silêncio.

Sentia-me ridícula a jantar num restaurante elegante ao mesmo tempo que me incomodava o peso da roupa no corpo. Pelo contrário, o Blake não parecia preocupado.

Observei indignada como devorava o hambúrguer sem usar talheres. Mastigava de forma enérgica, e surpreendeu-me descobrir que só testemunhar o movimento rítmico da sua mandíbula me irritava. De vez em quando, também

murmurava coisas incompreensíveis com a boca cheia. Muita classe, de facto.

O Blake tinha problemas sérios. Não só porque, ao nível pessoal, era um ser instável, egocêntrico e vingativo, mas também porque algo me dizia que aquela segurança que parecia irradiar não passava de mera fachada para esconder as vulnerabilidades. Ele precisava de ganhar, ter controlo e antecipar-se às situações. Era incapaz de competir como um concorrente são (e aceitar a possibilidade de perder). Eu estava certa de que, mesmo antes de se apresentar para o *casting* de seleção, ele se convencera de que ganharia o concurso. Nunca parecia deixar nada ao acaso. Jamais. Era como uma mosca que não parava de zumbir à minha volta e retirava o pior de mim.

Após o espetáculo que demos na casa de banho do restaurante, desfrutámos de uma espécie de trégua o resto do jantar. O Ryder, o Adam e o Blake contaram-nos como era o Festival de Reading e como se tinham divertido a ver os concertos nos anos anteriores. Durante um curto período, o Blake comportou-se como um ser humano normal. Comeu as batatas fritas (segurando-as com os dedos e evitando tocar nos talheres, como se queimassem), enquanto explicava com entusiasmo que no festival anterior se perdera dos amigos no meio da multidão e, incapaz de os encontrar porque não levara o telemóvel, desfrutara da noite com um grupo de jovens que eram, afinal, polícias infiltrados.

— Disfarçavam bem que estavam de serviço. Um deles bebeu mais de oito cervejas e pediu-me que saíssemos juntos numa próxima oportunidade.

A Lissa sorriu animada quando o Blake acabou de contar a história do festival. Eu não sabia quanto tempo duraria a trégua, mas num certo momento da noite deixei de me preocupar. Desfrutei do meu crepe salgado e relaxei, com as costas apoiadas no encosto da cadeira. Estivera tensa toda a noite; sentia a rigidez do corpo, como se estivesse preparada e alerta para o enfrentar ao mínimo contratempo.

Olhei para o telemóvel quando vibrou sobre a mesa. O meu pai insistia em enviar-me frases filosóficas sem parar. Li a sua última mensagem:

«Ninguém pode fazer o bem numa área da sua vida, enquanto faz o mal noutra. A vida é um todo indivisível», Mahatma Gandhi.

Claro, claro. Era fácil para o Gandhi afirmá-lo, uma vez que não tivera o prazer de conhecer o Blake. Se isso tivesse acontecido, o curso da história talvez

fosse diferente. Todos os meus sentimentos bondosos desapareciam assim que o meu olhar se cruzava com aqueles olhos verdes. O meu pai não estava a ser muito inspirador com as suas frases.

No entanto, e apesar de continuar aborrecida com o que tinha acontecido na casa de banho, a noite prosseguiu sem mais incidentes. Depois de terminarmos o jantar, uma empregada serviu o bolo de aniversário. Era de chocolate, o meu calcanhar de Aquiles. Assim que o colocou na mesa, cantámos «Parabéns a você» e aplaudimos no final, todos menos o Ryder, que aproveitou para assobiar alegremente, chamando a atenção dos outros clientes. Como se inundar a casa de banho não fosse espetáculo apetitoso o suficiente para aquelas pessoas, que agora tinham mais uma coisa.

O Adam soprou as velas e sorriu. Parecia feliz.

Enquanto o Ryder cortava o bolo em fatias, a Lissa entregou ao Adam o seu presente, envolto em papel dourado com um laço vermelho enorme.

Não me agradava a ideia de a Lissa sair com o Adam, considerando que o seu melhor amigo ansiava esmagar os meus sonhos, mas achava-o um bom miúdo, apesar de não entender porque gostava do Blake. De certeza que a resposta certa não tinha lógica. Todavia, não pude deixar de ajudar a Lissa com o presente, já que embrulhar presentes era uma das minhas paixões. Não apenas por me emocionar a ideia de alguém abrir o embrulho com entusiasmo, mas também porque adorava decorá-lo.

Quando percebi que o Adam estava prestes a rasgar o papel sem antes reparar nos pormenores, tirei-lhe o pacote das mãos, perante o olhar de dúvida que a Lissa me dirigia.

— Olha, o papel muda de cor — comentei, enquanto girava o presente em vários ângulos. — Dependendo da luz, parece de um tom ou de outro, notas isso? — O Adam pestanejou, confuso. Devolvi-lhe o presente e ele forçou um sorriso.

— É... fascinante — disse, um pouco perplexo.

A resposta educada não foi suficiente para silenciar as risadas do Blake e do Ryder.

— Isto é uma piada? — perguntou o Ryder sem parar de rir.

O Blake começou a falar antes que eu pudesse responder ao amigo.

— O que há mais nessa caixa? Purpurina, estrelas brilhantes e nuvens de algodão?

— Blake, chega! — exclamou o Adam enquanto rasgava o papel.

— Na verdade — olhei para o Blake e baixei a voz —, um pouco de purpurina não teria sido mau. Encarnada, para combinar com o laço.

Ele olhou para mim com tanta intensidade que me arrepiei e, por um instante, senti que me afundava no verde dos seus olhos. Lembravam-me menta fresca, maçãs suculentas, relva acabada de cortar. Mas também podiam ser perigosamente frios, como se duas pessoas diferentes estivessem escondidas no seu interior.

— Parece que estás a tentar provocar-me — sussurrou.

— Quem sabe? Talvez esteja — respondi.

— Ei, pessoal, vejam só! — O Adam acabou com a discussão quando mostrou um grande urso de peluche azul que deixou os amigos sem palavras. Depois, tirou uma caixa fina e retangular que o Blake rapidamente arrancou das suas mãos e levantou com extremo cuidado e os olhos arregalados. O Ryder levantou-se da cadeira para admirar mais de perto a estúpida da caixa, que continha um videojogo.

— É o novo jogo! — O Ryder levou as mãos à cabeça. — Mas ainda nem sequer foi lançado!

— Como conseguiste esta proeza? — inquiriu o Blake. Direcionaram a sua atenção para a Lissa. Ela sorriu com orgulho antes de falar.

— O meu pai é o diretor da filial francesa de uma distribuidora de videojogos. Pedi-lhe e ele enviou-mo — explicou, cruzando as mãos sobre a mesa.

— Porque não falaste disso antes? Ter-te-ia tratado de outra forma — brincou o Blake, mostrando-lhe um dos seus sorrisos encantadores. — Já te disse que fui eu que encorajei o Adam a sair contigo? Dei-lhe o impulso de que ele tanto precisava.

Rimo-nos todos com o seu comentário. Acabámos de comer o bolo de chocolate enquanto eles falavam sobre o famoso jogo. Eu mal percebia o que diziam, embora distinguisse palavras soltas como «séries de baixas», «modo *zombies*» ou «AK-47». Ou seja, a conversa era tudo menos interessante. Meia hora depois, pagámos a conta (por vergonha, evitei olhar para o empregado que

nos encontrara na casa de banho) e saímos do restaurante.

A Lissa agarrou-me pelo braço quando o semáforo ficou verde.

— O que achas de eu passar a noite em casa do Adam?

— Parece-me bem. Mas isso quer dizer que terei de voltar sozinha de autocarro?

— Claro que não! — garantiu a Lissa. — Com o teu sentido de orientação, não acho boa ideia. O Blake vai levar-te.

— O que disseste? — Parei de andar e cruzei os braços. A Lissa fez uma cara suplicante difícil de ignorar.

— Por favor, Léane. É o aniversário do Adam. Além disso, o jantar não correu assim tão mal, tirando o que quer que tenha acontecido na casa de banho.

Olhei para ela com um ar hesitante e suspirei.

— E o Blake concorda com isso?

— Claro que sim! Ele está encantado.

Perante a falsidade do sorriso da Lissa, virei-me à procura do Blake. Parecia zangado. O Adam apoiava a mão direita no ombro dele enquanto lhe dizia qualquer coisa em voz baixa e ele franzia a testa. Não parecia promissor.

Um minuto depois, junto com os outros, estava sentada no banco de trás do carro dele. Antes de rodar a chave na ignição, o Blake olhou para mim, divertido, pelo espelho retrovisor. Depois, pôs o motor a trabalhar, e o Ryder, sentado no banco do passageiro da frente, ligou o rádio e aumentou tanto o volume que achei que os meus tímpanos iam explodir. Enquanto andávamos pelas ruas de Reading, vi que o Adam pegou na mão da Lissa com ternura e depois inclinou-se para lhe sussurrar qualquer coisa.

Eram um pouco melosos, sim. Conheciam-se há poucas semanas e já pareciam declarar amor eterno um ao outro. Mas fazia sentido, pois estavam a viver aquele momento idílico do início e das primeiras fases do enamoramento.

Ao pensar nisto, percebi que nunca tinha vivido aquela fase com o Nathan. Apesar de estarmos no mesmo ponto da relação, sempre houve uma certa distância entre nós, como se existisse uma barreira. E a comunicação não era o nosso forte. Talvez por isso ainda não soubesse em que consistia a relação. Gostava dele, mas não sentia um nó na garganta quando o via, nem estremecia quando a sua mão tocava na minha ou ansiava pelas suas chamadas...

Absorta nos pensamentos, mal me apercebi do trajeto de carro até que o Blake parou em segunda fila, frente a uma casa de dois andares revestida com os típicos tijolos vermelhos que adornavam grande parte das fachadas da cidade.

— Façam boa viagem! — disse o Adam olhando para o Blake.

— Isso. Boa noite, Léane. — A Lissa deu-me um beijo.

Saíram os três do carro e apercebi-me então de que ficara sozinha com o Blake. Foi como se alguém tivesse estourado com a ponta de um alfinete a bolha na qual me refugiara. Desorientada, permaneci no banco de trás sem me mexer e mantive o silêncio.

O Blake virou-se e olhou para mim por cima do ombro.

— Achas que sou teu motorista ou quê? Senta-te à frente.

Não protestei. Tirei o cinto de segurança e fui para o banco do pendura. O Blake começou a guiar. Percebi que era a primeira vez que estávamos sozinhos desde o incidente durante a reportagem. A tensão era tanta que me pareceu que, se estendesse as mãos, poderia tocá-la. Ele parou quando um semáforo ficou vermelho, virou-se para mim e os nossos olhos cruzaram-se. As batidas do meu coração aceleraram.

— Nervosa? — perguntou.

— Não. Deveria estar?

Os seus lábios curvaram-se devagar, mas não respondeu. Quando o semáforo mudou de vermelho para verde, voltou a olhar para a estrada. Após mais alguns minutos angustiantes de silêncio, em que o mundo pareceu ficar em suspenso, disse com a voz rouca:

— Sabes porque aceitei trazer-te no meu carro?

— Surpreende-me — respondi, fingindo um ar aborrecido.

— Porque quero experimentar o novo jogo que a Lissa acabou de dar ao Adam e ele ameaçou não me deixar jogar se não me tornasse o teu motorista.

Havia um toque de diversão na sua voz que me mantinha alerta. Como se quisesse confirmar as minhas suspeitas, depois de virar na rua seguinte, parou o carro no lado esquerdo da calçada, junto a uma paragem de autocarro. Observei o que havia à volta: não tinha a menor ideia de onde estávamos. Virei o rosto para o idiota ao meu lado.

— É suposto estares a fazer o quê?

— O Adam disse «promete-me que a levas no teu carro», mas não especificou que tivesse de ser até casa. Sendo assim… chegámos! Anda.

— Em que raio de lugar estamos?

— Bem, na verdade, não faço ideia. Mas há uma paragem de autocarro ali.

O Blake recostou-se no assento. Olhei para ele indignada, embora na realidade estivesse com medo. A Lissa tinha razão: o meu sentido de orientação era péssimo.

— Tens noção de que o Adam vai matar-te se descobrir isto?

— E como vai ele descobrir? Vou dizer que discutimos, tiveste um ataque, parei no sinal vermelho, saíste a correr do carro e deixei de te ver — afirmou, enquanto ajustava os retrovisores. — És bastante dramática. Não podes negar que parece credível.

Ao longe, estendia-se uma rua cheia de casas geminadas de tijolos vermelhos, como todas as outras malditas ruas daquela cidade. Eu não tinha a menor ideia de onde estava, só conhecia a zona da universidade e do centro de Reading. Respirei fundo e tentei parecer calma perante o Blake. Não lhe daria a satisfação de me ver nervosa. As minhas mãos tremiam quando abri a porta e o ar frio da noite entrou no carro. Pus uma perna de fora, apoiando o salto firmemente na calçada e, antes de sair, murmurei:

— Boa noite, parvalhão.

Fechei a porta com toda a força que pude, comecei a caminhar rua abaixo e vi o carro do Blake a afastar-se até desaparecer da minha vista. Nesse preciso momento, desmoronei.

8

Blake



Merda, merda, merda.

Por que razão é que quando a Léane entrava na equação tudo parecia sair ao contrário? Uma coisa simples transformara-se numa situação complicada. Não tinha intenção de a deixar na paragem de autocarro, mas sim zangada. Pensei que ela me insultaria, protestaria ou até imploraria, mas, contra todas as previsões, saíra do carro sem olhar para trás de cabeça erguida. Acelerei quando o semáforo no qual estava parado mudou para verde. Dei uma volta ao quarteirão e regressei ao lugar onde a vira pela última vez. Não havia sinal dela. A praguejar, estacionei mal o carro, ao lado da calçada, saí e caminhei em linha reta na esperança de a encontrar. E o que lhe diria se a localizasse? «Vamos lá, entra no carro, eu levo-te» ou «Porque saíste assim, sem sequer discutirmos como sempre fazemos?» De repente, tudo me parecia extremamente absurdo. A Léane estava certa: eu era um parvalhão.

A noite não estava muito fria, mas a humidade entranhava-se nos ossos; o manto que cobria o céu apresentava-se pintado de negro, não havia estrelas nem luar e só os postes alinhados iluminavam as ruas da cidade. Começaria a chover a qualquer momento, conseguia senti-lo no ar.

Caminhei mais rápido, com um nó na garganta. Onde tinha ela ido? Se alguma coisa lhe acontecesse...

Virei na esquina à direita e, como se fosse uma aparição divina, apercebi-me do seu cabelo loiro por entre as sombras da noite. Fui invadido por um alívio intenso. Ela sentara-se no degrau de uma porta, com as pernas juntas e o rosto escondido entre as mãos. Estava a tremer. A tremer? Não, não era isso.

A Léane chorava.

Parei de repente. Vira a minha mãe chorar inúmeras vezes quando os meus pais se divorciaram, presa da raiva e da frustração. E eu ficara frustrado por a encontrar na cozinha com os olhos vermelhos, porque me parecia que lamentar daquela forma não servia de muito, nem resolvia o que acontecera.

Não me lembrava da última vez que tinha chorado, devia ser muito pequeno. Enquanto observava a Léane em silêncio, perguntei-me como seria sentir os olhos húmidos e as lágrimas a escorrer pela pele... Respirei fundo quando ela soluçou mais alto, e tive uma sensação estranha, um solavanco no estômago muito desconfortável. Provavelmente, seria remorso. Angustiava-me pensar que, afinal de contas, chorava por minha culpa.

— Ei, estou aqui — sussurrei. — Vamos, eu levo-te de volta à residência.

— Oh, meu Deus! Vai-te embora! — gritou sem levantar a cabeça. Sentei-me ao seu lado no degrau. A Léane continuou a esconder o rosto entre as mãos, alheia à minha presença. Eu não sabia consolar os outros e ainda menos quando era a causa do problema. Nunca sabia o que fazer. Onde colocar as mãos? O que dizer? Como evitar piorar tudo?

— Não achas que estás a exagerar? Foi só uma brincadeira, eu não me ia mesmo embora.

As minhas palavras pareceram ter algum efeito, mas não o desejado. Ela ergueu a cabeça e olhou para mim cheia de raiva. Uma risca de rímel percorria as suas faces e, embora o cabelo já estivesse seco, estava emaranhado devido à nossa batalha na casa de banho.

— Estou a exagerar? Acabaste de dizer que estou a exagerar? — repetiu, aumentando gradualmente o tom de voz. — És um demónio, Blake! Pensei que te tinhas ido embora. Além disso, esta não é a minha paragem de autocarro! Também não tinha dinheiro para apanhar um táxi! E o meu telemóvel está sem bateria! E o meu sentido de orientação é... é...

— O que se passa com o teu sentido de orientação?

— Não é da tua conta! — gritou, irritada.

— Está bem, vamos esquecer o assunto — disse eu, a olhar para as minhas mãos e a tentar encontrar as palavras certas. — Já te pedi desculpa, o que mais queres?

A Léane olhou para mim intensamente.

— Tu não me pediste desculpa.

— Claro que sim. Voltei para te buscar.

— Isso não é pedir desculpa — salientou.

— Está bem. Queres que diga as palavras? É isso?

— Sim. É precisamente isso, Blake. Gostava muito.

— Desculpa — murmurei baixinho, com a boca na gola da camisola. — Agora vamo-nos embora de uma vez por todas. Está frio e já é tarde.

Estendi-lhe a mão na esperança de que aquele gesto selasse a paz. Depois de alguns segundos de silêncio tenso, ela aceitou a oferta. Quando pegou na minha mão, reparei que a sua pele estava quente e muito suave. Deu-me vontade de não a largar. E, raios, em que pensava eu? Irritado comigo, puxei-a com tanta força para a pôr de pé que ela tropeçou nos saltos altos e bateu no meu peito. Uma madeixa do seu cabelo loiro tocou-me no queixo e apercebi-me do doce aroma da sua colónia de baunilha.

Afastei-me bruscamente e soltei-a.

— Não tens jeito para andar de saltos altos — resmunguei.

Depois, comecei a andar rua abaixo em direção ao carro. A sensação de a ter tão perto de mim tinha sido eletrizante, como se alguém me tivesse dado uma descarga elétrica que não esperava. E as sensações imprevisíveis não estavam, seguramente, no topo da lista das coisas de que gostava.

— Tenho muito desde que ninguém me levante como se fosse um saco de areia — protestou atrás de mim, mas não me virei, limitando-me a avançar um pouco inseguro enquanto me lembrava da suavidade das suas mãos e do efeito de a ter tão perto.

A partir daquele instante, não voltámos a falar e fizemos todo o percurso de carro num silêncio desconfortável, até que estacionei frente à porta da residência e ela murmurou um quase inaudível «adeus» antes de sair e desaparecer.

De volta a casa, abri os vidros do carro apesar de chuviscar. Esperava que o cheiro a baunilha desaparecesse. De preferência, para sempre.

Novembro correu tranquilamente.

Concentrei-me nas aulas, comecei a estudar para os exames e preparei a

reportagem seguinte com esmero, atento aos pormenores. Era importante, pois no direto seriam desqualificados dois concorrentes e, depois do desastre da primeira reportagem, eu não podia deixar nada ao acaso. Talvez pudesse parecer artificial, mas preferia isso a cometer novos erros.

Uma das minhas cadeiras opcionais preferidas era a de jornalismo desportivo. E também o professor, o senhor Takker, que tinha muitos conhecimentos sobre desporto. Numa quarta-feira, ao terminar a aula, e apesar de a minha próxima reportagem não ser na sua disciplina, pedi-lhe que a analisássemos em conjunto porque confiava no seu critério. Estivemos meia hora na sua sala e ele corrigiu-me alguns erros. Portanto, quanto à convocatória seguinte do concurso, eu estava bastante seguro do que preparara e convenci-me de que a reportagem seria perfeita.

A relação do Adam e da Lissa atingiu um ponto de acalmia. Passado o primeiro mês de enamoramento, começaram a agir com mais normalidade. Era como se durante todo aquele tempo tivessem estado numa viagem num mundo paralelo cheio de arco-íris e tivessem acabado de regressar ao planeta Terra depois de terminarem as férias românticas.

O Adam começou a sair connosco de vez em quando, embora a Lissa passasse os fins de semana e algumas tardes em nossa casa. Como ponto positivo a seu favor, eu gostava quando se trancavam no quarto do Adam como num búnquer, o que me livrava de a ver o tempo todo. Outro pormenor a realçar é que a Lissa fazia compras e trazia bastante comida às sextas-feiras, ao contrário das outras namoradas do Adam. O Ryder e eu ficávamos felizes por ela não devorar a nossa comida.

O mês de novembro foi tranquilo não apenas porque estava focado nos estudos e no concurso, mas também porque mal vi a Léane. Pelos comentários que a Lissa deixou escapar, ela saía pouco da biblioteca e passava os dias, incluindo sábados e domingos, a estudar. Ou seja, tinha uma vida monótona.

Cruzei-me com ela três ou quatro vezes nos corredores do edifício de comunicação. Nenhum de nós fez menção de cumprimentar o outro. Uma vez, vi-a no Bar Queen a beber uma cerveja com outras raparigas do primeiro ano. Estava sentada a uma das mesas do fundo, com o cabelo preso num rabo de cavalo, e vestia calças de ganga e uma *hoodie*. Achei-a particularmente bonita,

embora não soubesse porquê. Talvez fosse a sua atitude descontraída ou o facto de se rir abertamente. De qualquer forma, quando passei por ela, fingi não a ver, e ela fez o mesmo. Evitámo-nos o resto da noite.

Durante alguns instantes, pensei que sentia falta dela. Não dela em si, mas da rivalidade que nos unia tanto quanto nos afastava. A Léane não só se tinha tornado numa adversária, mas também num desafio estranho. Além disso, mantinha-me ocupado. Algo de que precisava desesperadamente.

Odiava a sensação de vazio na mente. Não ter nada com que me ocupar fazia-me considerar questões nas quais não queria pensar.

A calma corroía-me, por isso procurava distrações que me desligassem dos demónios. Não ignorava os problemas, apenas os afastava e confiava que se resolveriam. Só devia esperar, ser paciente e manter-me positivo.

Na aula, estiquei as pernas debaixo da secretária até tocar com os pés na colega da frente. A Sarah virou-se com a testa franzida.

— Para de me incomodar, Blake.

— Podes emprestar-me uma caneta?

Encolhi de novo as pernas, enquanto a Sarah me passava uma caneta cor-de-rosa. Tentei fazer apontamentos, embora sempre me tenha sido difícil entender o que o professor dizia enquanto tomava notas. Era como se algo no meu cérebro chocasse e me impedisse de me concentrar.

— Tem brilhantes cor-de-rosa? — Inspecionei a caneta depois de escrever algumas frases que brilhavam no papel. O Ryder inclinou-se sobre os meus apontamentos.

— Sim. — Bocejou. — Que fixe.

Continuei a tirar apontamentos. Quando a aula terminou, fomos beber um café durante a hora livre que tínhamos. O grupo inteiro conseguiu entrar num café perto da universidade que estava sempre cheio. Um balcão de madeira separava-nos dos empregados e estava repleto de pedaços de bolos, *croissants* acabados de fazer e fatias de piza.

— Esta tarde é o concurso, certo? — A Sarah sentou-se ao meu lado.

— Sim. — Apontei para os colegas à minha volta. — Lembrem-se de votar em mim.

— Claro, tenho um alarme no telemóvel com a data de todos os teus diretos.

Sou um amigo incrível — comentou o Ryder enquanto pegava no telemóvel.

— O concurso tem cinco reportagens, a tua mente não memoriza uma coisa tão simples? — A Sarah riu-se muito. Ela não perdia uma oportunidade para atacar o Ryder e, embora ele parecesse indiferente, achava que ela estava interessada nele.

— Prefiro jogar pelo seguro — respondeu.

O Adam cruzou as mãos sobre a mesa.

— Eu vou votar em ti a partir de Londres.

— Já estavas a demorar mais de dez minutos para nos lembrares disso. Começava a preocupar-me, sendo honesto. — Fiz um sorriso e, embora tenha tentado que fosse irónico, saiu-me mais sincero do que pretendia.

O Adam tinha reservado um alojamento em Londres por duas noites, com a intenção de ali passar o fim de semana com a Lissa. Ela ainda não visitara a capital, pelo que ele ofereceu-se para ser o guia turístico. Tudo muito romântico.

— Alguém tem apontamentos de *marketing*? — perguntou a Brooke.

— Não — respondemos quase todos ao mesmo tempo.

— Ótimo. — Bebeu um pouco de café.

Nas horas seguintes, durante as aulas, os relógios pareciam ter parado. Eu estava ansioso por fazer a reportagem e livrar-me daquele peso. Ficaria mais tranquilo quando tudo acabasse. Pressentia que não seria desqualificado, quase podia garantir isso, pelo que, antes de chegar ao lugar onde a transmissão ao vivo se realizaria, tinha já combinado com o Ryder e outros colegas que celebraríamos a vitória num lugar no centro que acabara de abrir naquela semana e tinha bom aspeto.

Durante a tarde, relaxei ao regar as plantas de casa (exceto três, que só precisavam de água uma vez por mês). Não era fácil lembrar-me do tipo de manutenção que cada uma implicava. As plantas eram caprichosas. Demorei bastante tempo a podar um arbusto que tinha comprado duas semanas antes; aos poucos, ele deixara de ter uma forma arredondada e ficara mais alongado, com mais força. Também retirei as flores secas das plantas, para cuidar delas, e arranjei bem os ramos das trepadeiras na esperança de que crescessem na direção certa. Quando terminei, estava quase na hora.

A reportagem realizava-se frente ao Centro Europeu de Meteorologia,

localizado em Reading, e, como era de esperar, o tema era o clima. Fui até lá no meu próprio carro, com dez minutos de antecedência, e esperei até que os outros chegassem.

O Gael, o programador de computador, quase bateu com a carrinha da televisão no meu carro. O Jaden deu uma palmadinha no meu ombro quando saiu da viatura e pediu que o ajudasse a transportar a câmara enquanto os outros também saíam.

A Léane olhou-me de lado, depois começou a andar determinada em direção à porta do centro de meteorologia, enquanto o Mark Dabbent contava algo que a fazia rir. Aquele tipo era meio idiota.

Quando nos posicionámos nos lugares certos, o Gael e o Jaden começaram a montar o equipamento sem pressa, como se o tempo não tivesse importância. Eu só pensava em acabar o mais rápido possível e, especialmente, na comemoração em grande mais tarde. A Marlenne tentava acalmar a amiga, como sempre. Quase dava para ouvir, a vários metros, a Susan Faith a hiperventilar.

Quando o Gael anunciou que tudo estava a postos, avancei e pedi para ser o primeiro. O Mark Dabbent não mostrou gostar do pedido, abriu a boca como se fosse contestar, mas pareceu ter mudado de ideias e desviou-se para deixar-me passar.

Posicionei-me precisamente atrás do Centro Europeu de Meteorologia e segurei o microfone com a mão direita. Percorri com os olhos o cabo que o ligava ao computador e percebi que, desta vez, ninguém poderia desconectá-lo sem chamar a atenção.

Todo o cuidado era pouco. Os outros concorrentes mantiveram-se em silêncio quando o Jaden indicou que eu podia começar.

Em vez de falar do tempo atmosférico em si, tive uma abordagem diferente, explicando o papel do Centro Europeu de Meteorologia, elogiando o trabalho realizado pela instituição e tecendo comentários sobre as suas instalações modernas. Depois de pronunciar as últimas palavras, «Foi Blake Lekker quem vos informou», soube, sem falsas modéstias, que iria ganhar.

Tal como previra, o Mark Dabbent, a Susan Faith e a Nina Clarson fizeram as respetivas reportagens comentando o tempo atmosférico da cidade, o que fez com que se tornassem repetitivos, apesar de o Mark fingir que estava a ser

arrastado pela força descomunal de uma rajada de vento inexistente.

Enquanto a Léane se preparava para o direto, estudei atentamente os seus movimentos. Costumava afastar o cabelo do rosto com frequência, mesmo quando não parecia incomodá-la, quase como um reflexo, e, quando movia as mãos, ouvia-se o tilintiar de várias pulseiras ou qualquer coisa do género. Não deixei de olhar para ela um instante e, de alguma forma, sentia que a Léane estava ciente disso. Quando ganhou coragem para fixar os seus olhos nos meus, pela primeira vez num mês inteiro, notei que ela corou. Parecia incomodada com a minha atenção, por isso continuei a observá-la ainda com mais intensidade.

Aclarou a garganta e o Jaden indicou-lhe, levantando três dedos e baixando-os um a um, que ela poderia dar início à reportagem.

A Léane não só falou sobre o tempo em Reading, como ainda comparou os dados atuais com outros mais antigos e focou-se no tema dos possíveis efeitos das alterações climáticas. Era uma ideia ótima, mas eu não gostava de perder. Pensei em começar a cantar a canção de um desenho animado em que se jogava futebol e que me vinha à mente com frequência, mas descartei a ideia porque seria descarado e não queria ser desqualificado do concurso.

Optei por fingir um ataque de tosse. Prático, simples e eficaz.

Comecei a tossir devagar, levando a mão à boca como se tentasse evitá-lo. Depois, aumentei o ritmo e, em vez de me afastar dali para não prejudicar a reportagem da Léane, aproximei-me tanto quanto pude. O Gael parou de olhar para o ecrã do computador, onde estava a ser transmitida a imagem da Léane, e, agitando a mão para trás, indicou-me que me afastasse. Claro que não o fiz.

Podia perceber como a Léane mudava o peso do corpo de um pé para o outro, cheia de nervosismo e desconcentração. Concluiu a reportagem da melhor forma possível, apesar de, graças a mim, a sua voz se ter misturado com o ataque de tosse. Quando entregou o microfone à Marlenne, aproximei-me dela.

— Não tens uma garrafa de água? — Apontei para a garganta. — Estou mesmo mal.

A Léane fulminou-me com o olhar e cerrou os lábios até formar uma linha reta e fina. Não pude evitar sorrir. Agora sim, estávamos em igualdade de circunstâncias.

9

Léane



Porque não tentas ganhar por mérito próprio? — Fiz um esforço sobre-humano para controlar a raiva que me assaltava e tentei não elevar demasiado a voz para evitar estragar também a reportagem da Marlenne. Ela não tinha culpa de o Blake ser um completo idiota.

— Consideras desligar cabos um mérito próprio?

Levantei as mãos com impotência e, depois, deixei-as cair, consciente de que o Blake era a pessoa mais teimosa que eu já tinha conhecido. Por muito que eu tentasse, ele nunca entenderia que o que acontecera na primeira reportagem fora um acidente. O seu cérebro diminuto era incapaz de o aceitar.

Não se pode ensinar um gato a escrever, nem exigir a um cão que voe usando as orelhas como se fossem asas, tão-pouco esperar que o Blake entenda algo, por mais simples que seja. A sua mente não era uma esponja, mas antes uma parede de aço que se encarregava de não permitir que penetrasse qualquer tipo de informação útil. As coisas eram assim, nada mais havia a fazer.

— Não vou explicar-te de novo. É perder tempo.

O Blake fez um sorriso feliz, como se as minhas palavras não tivessem nada que ver com ele.

— Boa sorte com os resultados desta noite — disse antes de se dirigir para o carro e sair, sem se despedir da equipa e dos outros colegas.

No caminho de volta, sentei-me ao lado do Mark na carrinha. Ele aconselhou-me a falar com os organizadores do concurso sobre o que estava a acontecer com o Blake — aparentemente, toda a gente se apercebera da sua tosse falsa —, e eu disse que iria pensar nisso.

Não queria fazer queixinhas como uma criança à procura de proteção. Esperava que, depois de ele se ter vingado, toda aquela disputa chegasse ao fim. Era um um-a-um, certo? Pela lógica matemática, estávamos quites.

Eu evitara o Blake durante o mês inteiro. Só nos tínhamos encontrado algumas vezes e nem sequer houvera um cumprimento. Sempre que a Lissa me convidava para estudar com ela em casa do Adam ou para ir tomar café, eu recusava a oferta por medo de que ele também estivesse lá. Uma vez, vira-o num bar enquanto bebia uma cerveja: tinha uma camisola cinza e o cabelo despenteado como se não se tivesse preocupado em escová-lo durante vários dias, mas, ainda assim, parecia não ser sem querer. Era atraente, sem dúvida. Mas a forma de ser atraente parecia vazia.

Era melhor não estarmos debaixo do mesmo teto em momento algum; caso contrário, saltavam faíscas. Eu confirmara que havia uma espécie de eletricidade entre nós. Uma eletricidade negativa. O Blake conseguia trazer à tona o pior de mim. Se possuía um fundo escuro, frio e egoísta, ele fazia com que esses sentimentos ocultos explodissem e se mostrassem em toda a sua pujança.

Nada de bom havia nele. Mostrava-se competitivo de uma forma doentia, e o seu nível de sensibilidade era tão inexistente que, provavelmente, não fazia parte do seu vocabulário.

Quando cheguei à residência, várias colegas do primeiro ano que conversavam no *hall* comum felicitaram-me e garantiram-me que a reportagem fora ótima. Tive vontade de revirar os olhos, pois sabia que o Blake arruinara tudo. Por pura educação, mudei de opinião e mostrei um esboço de sorriso antes de subir as escadas apressada, pronta para me esconder do resto do mundo por um bom tempo. Estava a precisar de lamber as feridas sozinha.

A Rachel ficou o resto da tarde comigo no quarto, à espera que os resultados do concurso fossem anunciados na página *web* da universidade algumas horas mais tarde.

Arranjei as unhas enquanto conversávamos sobre vários assuntos. Pensei em ligar o computador para ver mais uma vez a reportagem, mas desisti logo da ideia. Não queria torturar-me além do necessário.

Tentei distrair-me a tomar banho, a arrumar o quarto e a organizar a roupa

por cores no pequeno roupeiro.

— O que estás a fazer? — perguntou a Rachel depois de sair da casa de banho. — Os resultados devem estar prestes a sair, liga o computador! E se continuares classificada, e sei que isso acontecerá, vamos sair para comemorar.

— Não, estou exausta — desculpei-me, enquanto ligava o carregador do meu portátil.

Acedi à página da universidade e descobri, com alguma deceção, que ainda não havia qualquer atualização.

— A Zandra e a Sadie combinaram sair com outras raparigas do primeiro ano e ir a um novo bar. Devíamos ir com elas, quer ganhes ou não.

A última coisa que me apetecia era sair. A simples ideia de me vestir e caminhar depois até ao local, com o frio que fazia, dava-me muita preguiça.

— Só tenho vontade de dormir — disse, deitada na cama e com os olhos colados ao teto do quarto. Não sabia o que havia de especial nos tetos, talvez o facto de se olhar para uma superfície lisa onde nada nos pudesse distrair, mas eu começava a gostar disso. — Se o concurso não correr bem, posso tentar procurar trabalho a tempo parcial. — Suspirei profundamente. — Ou não voltar para casa durante os meses de verão e encontrar alguma coisa nessa altura... — acrescentei a contragosto.

A Rachel brincava com o caçador de sonhos que, semanas antes, pendurara na sua cama, com a justificação de que não conseguia parar de ter pesadelos. Era azul e castanho, e tinha penas delicadas que se movimentavam ao sabor do ar que entrava pela janela.

— Não devias preocupar-te, Léane. Estiveste muito bem nas duas reportagens.

Na meia hora seguinte, atualizei a página *web* cerca de um milhão de vezes, ao ponto de temer bloquear os servidores. Estava quase a desistir quando vi o meu nome em destaque, escrito com letras grandes e maiúsculas.

Continuava classificada. Continuava a competir.

Mal mostrei qualquer emoção, enquanto a Rachel dava pulos de alegria, porque ainda tinha dificuldade em acreditar que o público tivesse votado em mim depois do desastre da segunda reportagem. Para minha grande surpresa, o Blake também estava entre os selecionados, bem como a Marlenne Nipton e o Mark Dabbent.

Tanto a Susan Faith como a Nina Clarson tinham sido desclassificadas.

Procurei no *site* a percentagem das votações, mas não encontrei dados de qualquer tipo. Parecia que não queriam indicar quem estava à frente. Pensei que a pressão para ganhar o concurso diminuiria assim que soubesse que passara à fase seguinte, mas não foi isso que aconteceu. Pelo contrário, tornou-se mais latente porque, de certa forma, a hipótese de ganhar apresentava-se mais real, mais próxima... quase podia tocá-la com a ponta dos dedos. Estava consciente da importância daquela bolsa de estudos, e não estava disposta a permitir que o meu pai trabalhasse horas extras ou que a minha mãe fosse obrigada a deixar a pintura de lado para voltar para um escritório...

O meu telemóvel começou a tocar e a música *Boom*, de Anjulie, fez com que deixasse as preocupações para trás. Ainda só tinham passado alguns minutos desde que os resultados haviam sido tornados públicos, mas parecia que toda a gente já os conhecia. A Lissa felicitou-me, entusiasmada, a partir de Londres. Explicou-me que tinham chegado havia cerca de duas horas e deu-me vários pormenores sobre o longo passeio que tinham dado pelo centro.

O Nathan ligou pouco depois.

— Ei, campeã, parabéns! — exclamou, animado — Queres celebrar?

— Não tinha planeado sair, queres vir aqui? Podemos comprar comida num *take-away*, jantar no quarto e ver um filme.

— Na verdade, combinei com os rapazes, vamos ao novo sítio que abriu na semana passada. Dizem que servem uns *mojitos* incríveis.

— Sim, eu sei, anda nas bocas do mundo.

— Tens a certeza de que não queres vir?

— Tenho. Diverte-te, Nathan.

— Podemos encontrar-nos no domingo, julgo que tenho um tempo disponível à tarde. Um «tempo disponível» soava-me como se estivesse a marcar uma consulta com o meu médico de família ou como se me fizesse um favor encaixando-me na sua agenda.

— Amanhã é sábado — lembrei.

— Sim, mas tenho jogo. Vem ver-me, gosto que me animes.

— Vou pensar nisso — menti.

Ele despediu-se e desligou. Se esperava que eu perdesse outra manhã

esplêndida de sábado para ir ver um jogo, estava muito enganado. Não só odiava sentar-me numa bancada fria durante mais de uma hora, como a própria ideia de o animar era patética. Se continuasse por aquele caminho, acabaria vestida com uma saia de quatro centímetros de comprimento e pompons nas mãos que agitaria ao ritmo dos meus saltos. E isso não fazia parte das minhas expetativas para o futuro.

A Rachel começou a preparar-se para sair. Experimentou três modelos diferentes e desfilou à minha frente, pedindo-me que os avaliasse na escala de um a dez. No final, optei pelo conjunto de calças justas pretas com um corpete *bordeaux* de tirar o fôlego, quase literalmente. Ajudei-a a vesti-lo, puxando com força cada um dos fios que atei à altura da nuca.

— Consegues andar? — perguntei, preocupada.

— Sim — respondeu, caminhando pelo quarto. — Mas duvido que consiga baixar-me. Espero não deixar cair nada no chão, porque terei de dar essa coisa por perdida.

Sorri, mais animada, e ajudei-a a calçar os sapatos de salto alto, visto que ela mal conseguia inclinar-se. Quando ficou pronta, olhou para mim com um sorriso.

— Porque não queres vir? É por causa da Lissa?

— Não, claro que não. — A Rachel acertara na *mouche*.

Apesar de partilharmos quarto havia alguns meses e de estarmos a conhecer-nos melhor, tinha reservas em sair sozinha com ela. Receava que desaparecesse durante a noite no meio da multidão ou alguma coisa do género. Sempre tivera horror à ideia de ficar sozinha numa discoteca, porque não sabia o que fazer, para onde olhar, e irritava-me que desconhecidos se aproximassem para conversar. Era uma situação desconfortável.

— Também não tenho muito contacto com as outras raparigas — disse ela, encolhendo os ombros e sorrindo. — Vá lá, anima-te! Seríamos uma boa dupla.

Não pude evitar sorrir, e, nesse pequeno gesto, a Rachel encontrou uma brecha.

— Não sei, é que... Bem... — hesitei.

— Não vou afastar-me de ti, prometo.

— Está bem. — Suspirei.

A Rachel aplaudiu com ânimo e vesti à pressa um vestido encarnado. Em seguida, peguei no casaco mais quente que tinha, na esperança de combater o frio da noite. Quando saímos para a rua, arrependi-me de não ter também agarrado numas luvas e num cachecol, apesar do ridículo do conjunto.

— Onde fica esse famoso lugar? — perguntei.

— Um pouco longe, temos de apanhar um táxi.

Não queria parar para contar o dinheiro que desperdiçara em táxis. Uma das minhas resoluções de Ano Novo era gravar todos os trajetos de autocarro na memória e começar a localizar-me corretamente em todos os pontos da cidade. Depois do trajeto de táxi, entrámos no lugar da moda e descobri que não era grande coisa. Tratava-se de um espaço pequeno, com um balcão muito comprido numa ponta, iluminado por luzes azuis demasiado intensas. Do teto, pendiam teias de aranha falsas, feitas com cordas, que eram pouco convincentes e pareciam fora de contexto em relação ao resto da decoração minimalista e mais moderna. Toda a gente estava de pé, pois não havia um único banquinho frente ao bar principal.

Para piorar a situação, mal entrámos, reconheci o inconfundível cabelo preto do Blake. Sentia a corrente elétrica que se formava quando ele estava por perto, como se, de alguma forma, a competitividade nos unisse. Olhei para ele. Conversava com uma rapariga e o seu amigo Ryder estava ao seu lado. Parecia descontraído. Digo que parecia porque notara havia já algum tempo a tensão que crescia nos seus ombros, apesar do esforço que ele fazia para a esconder.

Puxei a Rachel pela mão e levei-a para o extremo oposto a fim de evitar encontrá-lo. Naquela noite, eu não estava minimamente interessada em dar início a outra batalha campal.

Infelizmente, vi como o seu amigo Ryder apontou para mim, sem disfarçar, e, pouco depois, o Blake virou-se. Sorriu. Não era um sorriso amável, mas sim do tipo «sou um idiota sem solução». A rapariga que estava com ele sussurrou-lhe qualquer coisa, mas ele ignorou-a sem hesitar e caminhou na minha direção. Ah, o que teria eu feito numa outra vida para merecer a tortura da sua presença?

Não queria discutir com ele, era a última coisa de que precisava. Tentei avançar mais rápido por entre as pessoas, até sentir a sua mão a pressionar o meu ombro, e tive de me virar. Não havia como escapar. Disse a mim mesma

que era assim que um veado inocente devia sentir-se quando corria campo fora e, de repente, aparecia o caçador pronto a transformá-lo na sua presa. Levantei a cabeça, endireitei os ombros e olhei para ele:

— Diz o que queres de uma vez porque estou com pressa.

— Só queria felicitar-te — afirmou, sem parar de sorrir. Olhei-o incrédula. Vestia uma *T-shirt* preta justa que não só era de tirar o fôlego, mas também fazia com que o verde dos seus olhos parecesse mais intenso. Esforcei-me por não olhar de novo para o seu peito, apesar de ser quase uma necessidade vital para qualquer pessoa com dois olhos. Não queria dar-lhe essa satisfação.

— Se te desqualificassem, o concurso teria sido mais aborrecido. E sabes o quanto nos divertimos juntos — acrescentou, deitando por terra qualquer vestígio de felicitação sincera.

Quase ouvia o ranger dos meus dentes. Fechei os olhos e tentei reencontrar a calma que ele conseguia sempre tirar-me. «Controlo emocional», disse a mim mesma. «Controlo emocional». Foi então que ouvi a Rachel soltar um pequeno gemido de surpresa e, quando tentei dar a volta, ela veio ao meu encontro.

— O que se passa? — perguntei, surpreendida.

— Nada! — exclamou com ar nervoso.

Ignorando o Blake e o amigo inseparável, consegui afastar a Rachel e avançar um pouco mais. E vi aquilo, ali, no meio da multidão, a poucos metros, o Nathan a beijar uma rapariga. Não era um beijo tímido ou inseguro, era apaixonado, como se estivessem a devorar-se. Quando ela afastou o cabelo do rosto, reconheci-a. O Nathan estava a beijar a Sadie.

Fiquei petrificada. Reparei que algumas colegas do primeiro ano tinham notado a minha presença e olhavam para mim com pena. Foi o que mais me irritou e magoou.

Quando percebi que as minhas pernas estremeciam, dei a volta, decidida a sair daquele antro infernal o mais rápido possível. Caminhei aos tropeções; sentia-me zonza. como se não soubesse bem onde estava. Reparei que a Rachel me seguia, dei a volta e estendi as mãos entre nós.

— Preciso de estar sozinha — pedi. Fiz um grande esforço para não chorar à sua frente; os meus olhos ardiam e não parava de pestanejar.

— Não faço tenção de te deixar ir sozinha.

— Vou apanhar um táxi para a residência. — Comecei a ver tudo desfocado, como que pintado com aguarelas muito diluídas. Mas não, não ia chorar, recusei-me a alimentar mais o espetáculo que o Nathan tinha provocado.

— Por favor, Léane...

— A sério, neste momento não quero ver ninguém — supliquei.

Temia ter ferido os seus sentimentos, mas não suportava a ideia de ouvir os típicos conselhos do estilo «numa semana esqueces» ou «ele é um idiota, não te merece…», muito menos ser alvo de olhares de pena. Se a Lissa estivesse ali naquela noite, teria sido tudo mais fácil. Ela conhecia-me como ninguém e sabia que não era a primeira vez que uma coisa do género acontecia comigo. Como se o mundo se esforçasse por desfiar a tela de confiança que eu costurara sobre mim mesma e, assim, expor todos os meus medos e inseguranças.

Quase corri em direção à saída; queria escapar daqueles olhares curiosos ou compadecidos. Quando consegui sair, tirei com torpeza os sapatos de salto desconfortáveis e caminhei descalça pela calçada para me afastar da porta principal. Respirei fundo e deixei finalmente escapar as lágrimas.

Começara a chuviscar, mas não me importei.

Um minuto mais tarde, ouvi passos atrás de mim. Sequei as lágrimas com as costas da mão direita e virei-me, suspeitando que a Rachel tinha ignorado a minha vontade, mas estava errada. Era o Blake.

10

Blake



A Léane virou-se lentamente. Tinha os olhos vermelhos, o rímel escorria-lhe pelo rosto devido às lágrimas e à chuva, e mantinha os lábios cerrados. Não saberia explicar por palavras o que aconteceu naquele instante, mas era capaz de jurar que ouvi um leve estalido no coração, como se ele se fechasse... ou se abrisse... Quis dizer algo de estúpido, de ofensivo, alguma coisa carregada de sarcasmo, mas não o fiz. Nem sequer consegui pronunciar uma palavra. Limitei-me a aproximar-me dela e abraçá-la. Ela escondeu o rosto no meu pescoço, sem parar de tremer ou soluçar.

Ali, na escuridão da noite, pensei em mil formas de torturar o Nathan lentamente e rezei para que a minha irmã mais nova nunca se cruzasse com um tipo como aquele. Era um idiota que não merecia as lágrimas da Léane.

Alguns minutos depois, ela parou de tremer. Sentia-me inquieto e inseguro com as mãos apoiadas nas suas costas, que de repente me pareciam estranhas, e o seu corpo contra o meu afigurava-se-me pequeno e deixava-me nervoso de forma também estranha.

Respirei fundo e baixei a cabeça até encontrar a sua orelha.

— Vamos sair daqui — sussurrei. — Vou levar-te à residência.

A Léane colocou as mãos no meu peito e empurrou-me para trás. Foi como se, de repente, o encanto se tivesse quebrado e voltássemos à realidade.

— Não, Blake! — Soluçou sem desviar o olhar. — Porque estás aqui? É para gozares com a minha cara amanhã? Por piedade? Porque queres pregar-me uma partida?

Respirei fundo e esfreguei o queixo com ar de desânimo. Merda. Também

gostava de saber o que raio fazia ali, mas não tinha a mais pequena ideia. Simplesmente estava ali, e isso deveria ser suficiente. Aproximei-me da Léane.

— Sinceramente? Não sei, só quero dormir sossegado esta noite. Ainda tenho alguma consciência. Prometo que não me vou rir do que aconteceu, mas deixa-me levar-te à residência. É como um pequeno parêntesis entre nós.

Ela pareceu hesitar e, durante alguns segundos, desafiámo-nos em silêncio com o olhar, até que ela desviou os olhos dos meus e expirou.

— Está bem. — Limpou o rosto com as mãos.

Esperei enquanto ela calçava de novo os sapatos e, depois, caminhámos em silêncio pelas ruas da cidade até ao lugar onde eu tinha estacionado o carro atrás. Antes de ligar o motor, enviei uma mensagem ao Ryder a avisá-lo, porque não queria voltar ao mesmo lugar depois de deixar a Léane na residência.

Enquanto conduzia, nenhum de nós falou. Ela apoiara a cabeça na janela e o seu rosto não tinha expressão, como se usasse uma máscara para esconder de mim as emoções. Perguntei-me o que estaria a sentir. Queria dizer qualquer coisa que pudesse animá-la, mas achei que ficar calado seria a melhor opção. Lidar com momentos delicados não era o meu forte. Testemunhar a dor, dor real, aterrorizava-me. Cada célula do meu corpo pedia-me que fugisse quando tinha de lidar com as lamentações de outra pessoa. Desde que me lembro, aprendi a evitar qualquer situação mais complicada; fingia que não estava a acontecer ou convencia-me de que era uma coisa passageira. E, depois, esforçava-me por esquecer tudo.

Ao estacionar frente à porta principal da residência, respirei aliviado. Esperei que a Léane saísse do carro, mas ela não se mexeu.

— Já chegámos — disse. — O que se passa?

Ela virou o rosto para mim e vi que chorava de novo. — Espera, acho que tenho lenços de papel por aqui. — Inclinei-me para abrir o porta-luvas e toquei ao de leve no seu joelho com o cotovelo. — Aqui tens.

Ela aceitou e limpou o rosto devagar. Uma parte de mim, a mais forte, só queria ir-se embora de uma vez por todas, deixar a Léane para trás e ignorar a sua dor. Mas a outra... ai, que nervos, a outra queria abraçá-la novamente e consolá-la.

— Toda a gente viu o que aconteceu e vai voltar para a residência assim que a

festa acabar. — Escondeu o rosto com as mãos, como se a ideia de olhar para mim a envergonhasse. — Não quero entrar. Não quero ouvir comentários à minha volta.

— E porque pediste que te trouxesse aqui?

— Tu é que sugeriste. Além disso, não tenho outro lugar para onde ir.

— Vais ter de enfrentar o Nathan em algum momento, sabes isso, certo? Não podes evitá-lo para sempre. E é ele quem devia ter vergonha, não tu.

— Eu sei. — Encolheu os ombros e respirou fundo.

— Posso acompanhar-te até ao teu quarto — propus.

— E não podemos ir para outro lugar? Talvez encontrar algum bar aberto ou um parque sem gente... Qualquer lugar serve.

Pus a cabeça para trás e mordi o lábio enquanto a Léane me olhava de lado. A indecisão durou menos de cinco segundos. Como poderia recusar?

— Está bem — disse. — Vamos fazer um pacto.

— Que tipo de pacto?

— Vamos fingir só esta noite que nos damos bem e amanhã volta tudo ao normal. — Ofereci-lhe outro lenço de papel.

A Léane mostrou-me o primeiro sorriso da noite.

— Combinado.

Voltei a ligar o carro.

— Vamos para minha casa. Podes dormir no quarto do Adam.

Ela acenou com a cabeça e ficou em silêncio o resto do caminho, enquanto mexia com a ponta dos dedos nas pulseiras coloridas do pulso direito. Quando estacionei frente à casa, e antes de sair do carro, pousou a mão no meu braço e sorriu de novo antes de falar.

Um arrepio percorreu a minha pele.

— Obrigada, Blake.

— De nada.

— Estou a falar a sério.

Ao sair do carro, tirou mais uma vez os sapatos de saltos altos.

Olhei para ela por cima do ombro, curioso.

— Porque estás descalça?

— Magoam-me.

— Subiu os degraus até à entrada.

— Então porque os usas?

— São bonitos, acho. — Olhou para os sapatos sem muito interesse, depois fixou os olhos em mim. — Eu sei, não faz sentido. Acho que vou começar a deixá-los na parte de trás do roupeiro e passar a usar mais vezes os ténis.

Acendi a luz quando entrámos em casa e caminhei pelo corredor enquanto a Léane ficava para trás, a olhar para a sala com curiosidade. Ao vê-la a examinar o local, senti-me desconfortável, como se vasculhasse a minha privacidade.

— Tantas plantas! — exclamou. Depois, estendeu a mão e tocou numa trepadeira que subia um pilar até ao teto. As suas unhas cor-de-rosa pastilha elástica contrastavam com as folhas verdes. — São todas bonitas, não imaginava que a tua casa fosse assim.

Observei-a em silêncio, ainda a segurar as chaves, enquanto ela acariciava suavemente as pétalas de uma flor amarela. Depois, inclinou-se para ver mais de perto um cato colorido e olhou de relance para alguns bolbos do ano anterior.

— Gosto desta, é alegre e tem um toque mágico. — Apontou para uma flor púrpura com manchas azuis. — Ou seja, pelo que vejo, gostas de botânica.

— A verdade é que sou o único que gosta.

Não sabia porque lhe confessara, quando normalmente dizia a toda a gente que as plantas eram do Adam. Ela olhou-me fixamente e vi um brilho fugaz nos seus olhos cor de caramelo derretido. Um sorriso formou-se nos seus lábios.

— Isso é ótimo. Acho um passatempo interessante.

— Queres comer alguma coisa? — Mudei de assunto.

— Sim, gostava. Mas posso lavar primeiro a cara, ao menos?

Tentei não me rir quando olhei para ela, mas, sem surpresa, não consegui evitar.

— Podes tomar duche, se quiseres. — Olhei para os seus pés descalços e sujos, depois de ter andado sem sapatos.

— Pareces um guaxinim por causa do rímel e...

— Eu percebo. — Interrompeu-me com um franzir de sobrancelha.

— Deixo-te algumas roupas limpas. A casa de banho é lá em cima, é a primeira porta.

— Está bem. Obrigada — mordeu o lábio inferior — por isto e por tudo o

resto.

De seguida, a Léane desapareceu escadas acima e eu fiquei ali a respirar fundo, como se alguém me tivesse dado um murro no peito. Deixei as chaves na consola e tirei o casaco devagar. Estava a agir de forma estúpida, tinha consciência disso. Não costumava trazer raparigas para passarem a noite sem uma intenção clara, e essa intenção passava pela minha cama, o que não ia acontecer com a Léane. Além disso, havia a cena do concurso, e eu não queria apegar-me a alguém com quem era suposto competir.

Fui até ao meu quarto e encontrei um pijama azul-escuro lavado no roupeiro que era demasiado pequeno para mim. Depois, fui à casa de banho e abri a porta, ainda distraído com a situação. O grito penetrante que ouvi tirou-me daquele transe.

— Sai! — A Léane agarrou a cortina do duche e tentou cobrir-se com ela sem muito sucesso, verdade seja dita. — Sai daqui, Blake!

Pestanejei surpreendido.

— Foda-se! — exclamei.

Fechei a porta. Depois encostei a testa à superfície lisa de madeira e tentei, em vão, não me rir. O meu coração estava acelerado.

— Pode saber-se o que estás a fazer nua?

— Deves tomar banho com a roupa vestida, não?

— Não, mas se alguém me diz que me vai trazer uma muda de roupa limpa, costumo esperar que o façam. Chama-me esquisito.

— Não sei o que me passou pela cabeça! — lamentou, e isso fez-me sorrir mais. — Mas o habitual é bater à porta antes de entrar. Só... promete-me que vais esquecer o que acabaste de ver de alguma forma... mágica ou qualquer coisa do género.

Impossível. Tinha feito cópias de reserva da imagem da Léane nua em todo o meu cérebro, e podia dizer-se que, naquele instante, elas ocupavam quase toda a minha capacidade mental.

Eu não conseguia pensar em mais nada.

— O céu ficar vermelho é mais provável.

Ouvi a Léane gritar outra vez e bater em alguma coisa.

— Está a destruir a casa de banho? — perguntei, preocupado.

— Não, caí! — disse, e abafei outra gargalhada. — Deixa a roupa frente à porta, do lado de fora, e sai, está bem?

— Está bem. A menos que precises de ajuda com esse duche.

— Sai, Blake! — resmungou.

— Tu é que ficas a perder. — Ri-me.

Fui até à cozinha e decidi preparar alguma coisa para comer; estava com fome, apesar de ser uma da manhã. Sacudi a cabeça quando abri o frigorífico, tirei uma piza de quatro queijos e coloquei-a no forno. Sentei-me na cadeira branca da mesa da cozinha enquanto observava a piza a assar através do vidro do forno.

Pensei na dor que a Léane parecia sentir depois de ver o Nathan beijar outra rapariga, pensei nas lágrimas que lhe corriam pelo rosto, pensei na reação incompreensível que tive..., mas, acima de tudo, e com uma grande diferença temporal, pensei na sua nudez deslumbrante. A ideia de que os seus seios caberiam na perfeição nas minhas mãos assaltou-me. Estendi-as à minha frente.

— O que estás a fazer? — A Léane entrou na cozinha e sentou-se à mesa.

Deixei cair as mãos no colo, abruptamente.

«Estava a calcular, com base no volume e na distância de X e Y em condições de pressão atmosférica normal e humidade de setenta por cento, o tamanho do teu peito.»

— Estava a ler as linhas das minhas mãos — garanti-lhe.

— A sério? — Estendeu as mãos por cima da mesa. — O que dizem as minhas?

Abafei um suspiro e peguei, resignado, nas suas mãos. Tracei a linha mais longa com a ponta do meu dedo indicador, o que lhe provocou cócegas e me fez sentir qualquer coisa... qualquer coisa de desconfortável que formou um nó na minha garganta.

— Esta linha prevê que vais viver muitos anos, mas esta diz que não irás sair-te bem profissionalmente, em especial se continuares a participar em concursos.

— Muito engraçado. — Revirou os olhos.

— A sério, estou só a interpretar o que vejo. — Sorri. — A linha do amor mostra que o melhor é focares-te em relações de uma noite.

A Léane retirou as mãos e pousou-as nos joelhos. Depois do duche, tinha puxado o cabelo para trás num rabo de cavalo alto e retorcido, do qual

escapavam madeixas loiras lisas, e não havia vestígios de maquilhagem no rosto. Eu gostava dela ao natural, parecia mais acessível. Como previra, o pijama era demasiado grande para ela. Tornava-se estranho vê-la usar a minha roupa, demasiado... íntimo.

— Blake, porque me ajudaste? A tua reputação é pior do que a do Nathan, tenho a certeza de que também já envergonhaste muitas raparigas.

Levantei-me, desliguei o forno e tirei a piza.

— Isso não é verdade — protestei.

— Toda a gente — respondeu e, quando acabei de cortar a piza, apressou-se a tirar uma fatia. — Ai, queima!

— Não sejas tão impaciente — respondi.

— Porque achas que não és como o Nathan? Eu nem sabia o verdadeiro significado do adjetivo «idiota» até te conhecer há uns meses.

— Devo felicitar-te pela tua inteligência?

Comemos uma fatia de piza em silêncio. De seguida, levantei-me para ir buscar dois copos de água e dei-lhe um. A Léane bebeu e depois olhou para mim com os olhos semicerrados.

— Se não tentas defender-te, é porque te sentes culpado.

— A diferença entre nós é que eu deixo as coisas claras desde o início. Ou ela, se eu não o fizer. O segredo é a comunicação. Se me apetecer ter um caso de uma noite, digo-o. Respeito a pessoa envolvida, somos ambos adultos e partilhamos interesses. Suspeito que o Nathan foi um pouco ambíguo contigo.

— Chamar-lhe «ambíguo» é favor.

— Isso. Foi o que imaginei — respondi.

A Léane acabou de comer a fatia de piza e olhou para mim.

— E se o que quisesses fosse algo mais sério?

— Acho que o diria. — Encolhi os ombros.

— Achas? — Ergueu as sobrancelhas. — Estás a tentar dizer-me que isso ainda não aconteceu?

— Não, ainda não aconteceu.

— Falas a sério? Nunca tiveste uma namorada?

Franzi o sobrolho e tamborilei com os dedos em cima da mesa.

— Na verdade tive uma namorada, mas era muito novo. Foi há muitos anos.

Nem chegámos a dormir juntos, por isso, provavelmente não conta.

A Léane abriu muito os olhos e abanou a cabeça. Parecia indignada, embora eu não soubesse bem que pecado cometera. Tirei a última fatia de piza.

— Estás a brincar? Se não houver sexo, não conta como «relação séria»? É uma regra geral para todos os homens ou és o único espécime que pensa assim?

— Não sei, porque estás tão surpreendida? — A Léane esfregou as mãos uma na outra e evitou o meu olhar com um desconforto nervoso. E, nesse momento, eu soube. — Estás a tentar dizer-me que não dormiste com o Nathan? — Baixei a voz.

— É provável…

A Léane olhou para mim e esperou pela minha reação. Podia ter-lhe dito que não me importava nada com quem dormia ou com quem deixava de dormir ou tornar-me seu aliado e criticar o imbecil do Nathan, mas a situação estava a tornar-se demasiado séria, e eu sentia-me desconfortável por deixar o território seguro da leviandade. Por isso, saí de fininho e quebrei o momento ao dizer:

— A questão é que tu e eu podemos pôr um fim a todo esse stresse que carregas. Agora compreendo porque estás sempre de mau humor.

— Continua a sonhar — respondeu, ruborizada, e depois levantou-se da mesa. — Passar aqui a noite foi uma má ideia. A pior decisão que já tomei na vida.

Levantei-me e aproximei-me dela, ainda a sorrir.

— Uma má ideia porque não gostas da decoração ou porque tens medo do que pode acontecer? Se é a primeira opção, não tenhas problemas em dizê-lo, eu aguento.

— És tão básico, Blake — acusou.

— Gostava de aprofundar este assunto, e eu não diria melhor, mas acho que já tiveste excitação suficiente por hoje. Vamos deixar o assunto da tua virgindade para outra altura — brinquei, depois de colocar os pratos no lava-loiça.

A Léane sacudiu a cabeça e riu-se.

— Não sou virgem, seu idiota!

Aquela afirmação fez-me imaginar mil cenas diferentes, todas elas impróprias para menores de dezoito anos. Penso que aí percebi que, se não fosse o concurso e o facto de ela se ter metido no meu caminho, a nossa relação teria sido muito diferente, porque cada olhar, cada resposta, cada gesto, cada pega, cada sorriso,

cada centímetro da sua pele... chamavam-me.

Sentei-me no sofá e ela instalou-se ao meu lado.

— Não queres ir dormir? — perguntei.

— Acho que não vou dormir muito. Sabes o que é pior? Que a traição do Nathan pouco tenha doído. Não sei bem porque estávamos juntos, uma vez que não tínhamos nada em comum. — Permaneceu em silêncio durante alguns segundos, ausente, a olhar para uma planta. — O que mais me magoou foi a humilhação pública, que toda a gente tenha feito parte dela, como se estivéssemos a atuar numa peça de teatro.

— Não devias importar-te com o que os outros pensam.

— Não sou assim tão forte. — Pegou numa almofada castanha e apertou-a com os braços. — Além disso, também te importas com o que as pessoas pensam.

— Não, não me importo.

— Então porque dizes sempre que as plantas são do Adam?

Pestanejei confuso e virei-me para ela. O meu joelho encostou-se à sua perna. Tinha sido honesto, não havia forma de ela ter adivinhado que eu não costumava sê-lo.

— Como sabes isso?

— A Lissa passa muito tempo aqui, é a minha fonte de informação.

— Tenho o inimigo cá dentro, certo — brinquei.

— Porque me disseste a verdade, Blake?

— Porque não me importa o que pensas de mim.

— Como sempre, uma elegância, senhor Lakker.

— Obrigado. — Encostei-me, descontraído, ao braço do sofá, e inclinei a cabeça de modo a olhar para ela. — De qualquer forma, foi ele quem fez figura de parvo esta noite em frente de metade da universidade, não tu — esclareci, porque, embora o motivo fosse incompreensível para mim, não suportava a ideia de a ver triste.

Ela escondeu o rosto na almofada como uma criança.

— Não quero voltar à residência e não quero ir às aulas — choramingou, e fez um beicinho encantador. — Só quero ir para casa, para perto dos meus pais...

Afundei-me no sofá, nervoso.

Senti-me desconfortável por não saber o que dizer ou fazer para que se sentisse um pouco melhor. Falei mais baixo.

— Sentes falta deles?

A Léane acenou com a cabeça. Dei-lhe umas palmadinhas nas costas como faria com o Adam ou o Ryder se eles estivessem numa situação semelhante. Talvez o tenha feito com excesso de força, porque a Léane balançou ao ritmo das minhas palmadinhas encorajadoras.

— O que estás a fazer? — Olhou para mim, confusa.

— Não sei, caramba. Estou a tentar... animar-te, acho.

Depois, quase como por milagre, a Léane sorriu. E de seguida soltou uma gargalhada doce que pareceu encher a sala. Também me ri.

— Fico contente por não teres decidido estudar psicologia — disse, e riu-se ainda mais. — É óbvio que és melhor em jornalismo.

— Obrigado. Diz-me alguma coisa que eu ainda não saiba.

A Léane tirou um pacote de *M&M's* da mala e enfiou uma bolinha azul na boca. Vi como os seus lábios se moviam devagar.

— Vou fazer isso. — Apontou-me o dedo, divertida. — Por exemplo, posso dizer-te que, quando fazes uma reportagem ao vivo, usas sempre os mesmos gestos, como se os tivesses ensaiado. Pareces um robô. Na minha opinião, os espetadores gostam de ver que somos humanos, falta-te naturalidade.

Excusez-moi, Mademoiselle? O facto de ela ousar dar-me conselhos poderia ter-me irritado, mas, pelo contrário, encantou-me a coragem de me dizer tudo aquilo na cara. Além disso, era um conselho estúpido. Que culpa tinha eu de ser tão perfeito que parecia um robô? Isso era obra da natureza.

— E como sabes que sou humano? Talvez seja um vampiro, um lobisomem, um anjo caído... Tento disfarçar frente à câmara, mas tu reparaste... — A Léane riu-se e inclinou a cabeça para trás. — Agora estamos condenados a viver um amor impossível, vais ser alvo da inveja das tuas amigas!

— Nenhum livro romântico funcionaria se fosses a personagem principal.

— O que estaria mal? — Fiz uma cara feia. — Sou encantador.

— Blake, não quero ofender-te, mas não te encaixarias na leitora prototípica feminina.

— Já estás a abusar — avisei-a. — Uma vez que estamos a dizer a verdade, vou

também dar-te alguns conselhos para as tuas próximas reportagens.

— Diz lá, Blake.

— Para de fingir que és uma mosca morta boa, adorável e doce, os telespetadores não gostam de ser enganados. Não és assim tão inocente. E exagerar no sotaque francês quando estás no ar, é demasiado óbvio.

A Léane abriu a boca e olhou para mim indignada.

— Achas que sim? Não é verdade! Pelo contrário, sempre achei que o meu sotaque é um problema porque pode ser mais difícil para o público identificar-se…

— Como pode não gostar? Parece que atendes chamadas eróticas.

A Léane arqueou as sobrancelhas e olhou para mim alguns instantes com os lábios abertos, como se o seu cérebro fosse incapaz de processar as minhas palavras.

— Disseste o que eu acho que disseste?

— Vá lá, admite-o. É tão óbvio que pensei que fazias isso de propósito. Quando gravamos, alongas sempre os gês, exageras os ésses...

Gostei de o seu rosto ficar ligeiramente rosado. De repente, o meu telefone vibrou dentro do bolso das minhas calças de ganga. Era a minha irmã Emma. Peguei no telemóvel enquanto me levantava e caminhava em direção à cozinha.

— Olá, está tudo bem?

— Sim, não entres em pânico. Só liguei porque não conseguia dormir... e queria falar contigo — sussurrou. — Levantei-me para ver televisão, vi aquele filme estranho do Brad Pitt de que tanto gostas, e lembrei-me de ti.

De regresso à cozinha, abri a janela para deixar o ar frio da noite entrar. Apoiei um cotovelo no parapeito; ouvia-se o chilrear dos grilos, mas num volume mais baixo do que em Romford, o lugar onde cresci. A Lua mal se via atrás das nuvens.

— O *Fight Club*?

— Sim. — Suspirou. — A propósito, o pai telefonou-me esta tarde. Pediu-me que te dissesse que te viu no concurso e que está orgulhoso de ti.

Sim, claro, tenho a certeza de que ele estava orgulhoso de mim... Teria acreditado se não o conhecesse tão bem.

11

Léane 

Fiz um esforço para parar de pensar no meu sotaque supostamente *sexy* e tentava ouvir a conversa do Blake ao telemóvel quando ele regressou à sala. Andava de um lado para o outro, como se não conseguisse ficar quieto, e falava num tom suave, mais quente do que era costume.

— Claro, podemos almoçar juntos no próximo sábado — disse, e a seguir ouvi a pessoa do outro lado do telefone a responder. — Também tenho saudades tuas.

Observei o Blake em silêncio enquanto ele desligava e se instalava no sofá. Ignorou a minha presença, ligou a televisão com o telecomando e fez *zapping*.

— De quem tens saudades? — perguntei.

— O que te interessa isso? — Olhou para mim curioso.

Digamos que morria de curiosidade, mas não ao ponto de o admitir em voz alta. Mordi o lábio, hesitante, antes de arranjar coragem para fazer mais perguntas.

— Não disseste que não procuravas uma relação séria? — questionei, desinteressada, enquanto afastava alguns cabelos das calças. — Sentir saudades de alguém é sério.

O Blake desligou a televisão e deixou o comando na mesa de apoio, virou-se para mim e tocou mais uma vez com o joelho na minha perna. Não sei se o fez de propósito, mas conseguiu pôr-me nervosa porque, sempre que nos tocávamos, o meu estômago virava-se do avesso e eu não sabia bem o que aquilo significava.

O Blake era difícil de descrever, a sua proximidade conseguia sempre deixar-me sem palavras. Tinha olhos verdes felinos, impossíveis de evitar, que me

olhavam de forma intensa, como se eu fosse uma iguaria que pretendia devorar. E, nesses momentos, eu era capaz de compreender a sua popularidade, principalmente porque parecia perigoso, talvez uma espécie de rebelde sem causa, o tipo de pessoa com quem valia a pena divertirmo-nos sem muitas expetativas, antes de procurarmos uma relação séria, que valesse mesmo a pena.

Algumas madeixas de cabelo deslizaram-lhe para a testa quando virou a cabeça para o lado.

— Eu disse que não queria nada sério? — Franziu a testa e fingiu estar confuso, porque os seus olhos pareciam brilhar e ele tinha consciência do que fazia. — Neste caso concreto, eu estava a dizer que nunca quereria nada sério com alguém... parecido contigo. Sabes, com ursos de peluche na cama, embrulhos que mudam de cor e esse tipo de coisas.

— Podes sossegar. Não te tocaria nem com um pau — respondi, mais acutilante do que queria. Ele inclinou-se para mim e, em vez de me afastar a fim de manter uma distância segura entre nós, perdi-me no verde dos seus olhos. Não sabia porquê, mas a minha boca estava seca. Tossi para aclarar a garganta e falar num tom neutro. — Então, tens uma namorada? Admito que estou surpreendida. Não pareces capaz de entender o que significa a palavra «estabilidade». Parabéns, Blake.

Sorriu com ar gozão, parecia divertir-se com a situação. Que situação? Bem, não sei, mas o ambiente tinha mudado, o silêncio à nossa volta parecia mais espesso, o seu olhar estava mais frio, mais calculista, mais intenso... Agarrei na almofada, que era a única coisa que estava entre nós. Eu encontrava-me perto. Muito, muito perto. E, na verdade, tinha quase a certeza de que a minha temperatura corporal acabara de disparar porque de repente sentia muito calor. Ligara o aquecimento sem me aperceber? Perguntava-me se seria demasiado óbvio abanar-me com a pasta que estava sem cima da mesa para me refrescar. O seu sorriso aumentou e tomei uma nota mental da ideia de que aqueles sorrisos de lado deviam ser proibidos por lei, porque faziam o recetor ficar atordoado, o que era injusto.

— Estás com ciúmes? — perguntou.

— Não, claro que não! Não me interessa se gostas de sadomasoquismo ou se te vais casar amanhã com um chimpanzé. Achas que me interessa o que fazes da

tua vida?

— Parece que sim — respondeu, sério.

Ri-me um pouco, mas parei quando notei que o Blake estava a encurtar a distância entre nós, ao ponto de quase sentir o seu hálito quente no meu rosto. E os seus olhos misteriosos estavam tão perto que vi neles um prado interminável de relva acabada de cortar, enquadrado pelas pestanas pretas e espessas. Apertei, pela quarta vez consecutiva, a almofada que tinha nas mãos depois de reparar que o meu coração batia mais depressa. E estremeci com o cheiro a citrinos que o Blake emitia.

Como se ele estivesse consciente das minhas reações, o seu olhar desceu para os meus lábios e, por alguma razão estúpida e sem lógica, a ideia de ele quebrar os centímetros entre a sua boca e a minha afigurou-se-me tentadora.

Mas ele não me beijou. Não.

«Perfeito, Léane, porque era isso que se supunha ter acontecido. Nada de beijo. Nada de aproximação. Nada de tentações. Nada de Blake.»

Cantei vitória demasiado cedo. Deixando-me atabalhoada e omitindo o facto de não poder mexer um único músculo do meu corpo, como se estivesse petrificada, o Blake fez-me outro dos seus sorrisos ilegais, pouco antes de tocar com a mão, sem hesitação, na minha cintura e roçar com os lábios no lóbulo da minha orelha. O toque foi tão suave que me perguntei se era real ou uma invenção da cabeça.

Incapaz de reagir ao amontoar de sensações, que afastava qualquer réstia de senso comum, fechei os olhos enquanto sentia o seu hálito quente no pescoço, à espera também do toque dos seus lábios na pele... A lentidão dos movimentos do Blake era desesperante e inconcebível e e e...

E já não consegui pensar mais na impaciência que me envolvia, porque ouvi o som de uma fechadura a rodar, e depois o som da porta a fechar-se atrás de um par de passos. Abri os olhos para dar com o Blake a olhar para mim como se eu fosse uma espécie em vias de extinção ou um quebra-cabeças. Ele parecia confuso. Desta vez a sensação era real e recíproca. Após alguns segundos incomodativos e que me pareceram uma eternidade, virou-se para o companheiro de casa.

— Eh, olá. — O Ryder franziu a testa ao descobrir a minha presença e olhou

para nós com ar confuso. Depois, como se a sua mente fosse uma lâmpada de baixo consumo no limite, sorriu devagar: — Estou a interromper alguma coisa?

— Não — respondeu o Blake, com determinação, e a seguir afastou-se de mim o mais possível. Esta noite ela dorme aqui.

— Tudo bem. — O Ryder olhou para nós como se estivéssemos loucos. Depois encolheu os ombros e subiu as escadas para se dirigir ao seu quarto.

— É melhor irmos para a cama, já é tarde.

Acenei com a cabeça e corei devido ao duplo significado da frase «irmos para a cama». Depois, reparei que o Blake parecia sério e cauteloso, e que seguramente não tivera qualquer intenção de dizer outra coisa que não fosse dormir.

Sendo assim, o que diabo se passava na minha cabeça?

O meu ex-namorado (ex-amigo, ex-confusão ou simplesmente o imbecil, como preferia chamar-lhe a partir de agora) tinha acabado de me trair, mas não sem antes me pôr um pelo par de chifres na cabeça. E ali estava eu, uma crente, a questionar-me estupidamente sobre se o meu maior inimigo estava a propor-me que dormíssemos juntos.

Eu delirava, definitivamente.

O Blake acompanhou-me até ao quarto do Adam, que, para minha surpresa, parecia saído de uma revista de decoração. Tinha tudo ordenado: livros bem empilhados sobre a secretária, sem roupa na cama, sem pó nas prateleiras.

— Se quiseres lençóis limpos, posso arranjar um conjunto.

— Não é preciso. — Sorri e sentei-me na cama. — Está bem assim.

— *Okay*. Boa noite. — Fechou a porta sem fazer barulho.

Tapei-me com o cobertor até ao queixo e peguei na almofada com as mãos porque era demasiado volumosa para o meu gosto. Mal tinha passado um minuto quando o Blake voltou ao quarto e olhou para mim com os olhos semicerrados e um sorriso, o género de sorriso que era típico nele.

— Acho que sei com o que vou sonhar esta noite.

— Achas que isso me interessa? — resmunguei, e olhei para ele.

— Talvez. — Estalou a língua e encostou a anca ao aro da porta. — Vou sonhar que estou em casa, a ter uma noite chata, e de repente vou à casa de banho e encontro uma rapariga loira nua no duche. Que coisa, não? Tenho uma imaginação transbordante.

— ... e depois a rapariga grita contigo para que saias.

— Não, nem por isso. Acho que no meu sonho a rapariga loira vai sugerir que tomemos duche juntos e porá a esponja cheia de espuma na minha mão.

— A tua namorada deve estar muito orgulhosa de ti.

— Talvez se eu tivesse uma, mas não é esse o caso. — Sorriu e começou a bater com a ponta dos dedos na madeira do aro, o que me fez voltar à realidade. — Seja como for, gostei de ver a tua reação.

— Que reação? — perguntei, mas arrependi-me logo. — Tanto faz. Não respondas. Tanto faz. E agora, se não te importas, quero dormir.

— Sim, é melhor descansares. Lembra-te que a nossa trégua acaba amanhã.

— Estou ansiosa — murmurei, fazendo-o rir, e virei-me para o outro lado.

Quando tive a certeza absoluta de que o Blake já saíra, soltei o ar retido e tentei descontrair, mas era impossível. Porque ficara aliviada ao saber que ele não tinha namorada? Ele era... exasperante a maior parte do tempo. Porque precisava de admitir que o Blake tinha um lado oculto. Naquela noite, comportara-se como uma pessoa normal, até atenciosa. Porque não viera o Nathan procurar-me depois do que fizera e o Blake me seguira?

Não que eu quisesse que o Nathan pedisse desculpa, porque o mal já fora feito, ou melhor, o ridículo era irreversível. Mas teria adorado vê-lo sair por aquela porta, correr na sua direção em lágrimas, como fazem nos filmes românticos, e gritar-lhe diante de toda a gente o quão miserável era, porque, sendo um filme, as pessoas teriam saído daquele lugar para assistir ao desenlace fatal. Assim, eu teria ao menos desabafado e fechado aquele capítulo com estrondo.

Sonhei que estava num baile de máscaras. Os homens seguravam as senhoras pelo cotovelo e pareciam ser de uma época passada. A música de violino tocava ao fundo e as pessoas que assistiam sorriam. Eu tinha um vestido amarelo pálido com folhos, pelo que mal conseguia andar. Peguei na bainha do vestido com a ponta dos dedos, para não tropeçar, e avancei com medo por entre a multidão. Por algum motivo misterioso, as penas, as máscaras e os trajes antigos aterrorizavam-me. Comecei a transpirar. Tive a sensação de que algo horrível iria acontecer. Depois, começaram a ouvir-se pequenos risos, que pareciam abafados e, gradualmente, se transformaram em risos que ecoavam nos meus ouvidos. Vários dedos apontavam para mim com desdém. Estariam a rir-se de

mim? Baixei a cabeça a fim de olhar para as minhas mãos. As unhas estavam pintadas com um verniz preto-brilhante. Quando levantei de novo o rosto, vi um jovem mascarado a beijar uma rapariga no centro da sala. Os risos continuavam a crescer à minha volta e sentia-me como se estivesse no meio de um furacão do qual não conseguia sair. Depois, ele parou o beijo, virou-se e olhou para mim. Tirou a máscara vermelha devagar e reconheci os seus olhos verdes e o sorriso perverso. A rapariga deslizou a língua pelo pescoço do Blake sem que ele desviasse o olhar de mim. Queria correr, mas não conseguia mexer-me, estava paralisada... E depois senti qualquer coisa fresca no rosto.

Não, fresca, não, mas sim... húmida.

Acordei de repente com a cara molhada, e não se devia às lágrimas. A causa estava à frente do meu nariz, o seu nome era Blake e tinha um frasco de água em *spray* na mão direita, que colocou em cima da mesinha de cabeceira. Depois, abriu as janelas do quarto para deixar entrar o ar gelado de inverno de Reading.

— Já não era sem tempo! — exclamou, divertido.

— Estás louco? — gritei, quando voltei a mim.

— Tentei acordar-te devagar duas vezes, mas dificultaste as coisas.

A trégua que tínhamos acabou, não és a Bela Adormecida. Está na hora de te levantares. É tarde, princesa.

Bocejei. Sentei-me na cama devagar, de propósito, com a intenção de o fazer perder a paciência. Voltei a bocejar. Estiquei as costas e levantei os braços. Depois peguei no cobertor e aconcheguei-me de novo debaixo dele.

— O que estás a fazer? — perguntou, irritado.

— Estou com frio, não vou sair da cama. A culpa é tua por teres aberto as janelas.

O Blake fechou as janelas com um golpe seco.

— Agora a Miss Ronquinhos já pode levantar-se.

— Do que estás a falar? — Endireitei-me.

— De ti a ressonar como um camionista de ressaca.

— Isso não é verdade! — gritei, indignada.

O Blake sorriu e tirou o telemóvel do bolso. Tocou no ecrã um par de vezes e mostrou-me um vídeo de mim a dormir e... a ressonar.

— Apaga isso agora mesmo!

— Nem por todo o ouro do mundo. É o meu seguro de vida. Se alguma vez tiveres a mínima hipótese de ganhar o concurso, o que duvido, vou publicá-lo na Net. Os teus fãs vão adorar conhecer-te um pouco melhor.

Saltei da cama para me colocar à sua frente.

— Ontem, disseste que não ias gozar comigo nem fazer jogo sujo...

— Sabes que ontem não é hoje? Ultrapassa isso, a vida continua.

Saiu do quarto, deixando-me consternada. Ele não podia ser a mesma pessoa da noite anterior. Ou isso, ou atuava como profissional. E mais, talvez aquilo tivesse sido uma armadilha desde o início. Talvez ele planeasse usar tudo o que eu lhe dissera... Oh, não, eu chorara à sua frente, ele vira-me nua, e eu dera-lhe pormenores concisos sobre as minhas relações sexuais!

Saí do quarto a correr, como se estivesse num filme de terror em que se revela no final que o Blake é o assassino. Subi as escadas, agarrei na roupa que tirara na noite anterior, e vesti-me apressadamente. Quando desci para a sala, não estava lá ninguém. Abri a porta da rua, pronta para sair, quando as vi sobre a consola do corredor. Eram brilhantes, quase pareciam gritar o meu nome:

«Léane, leva-nos contigo, por favor.»

Sem pensar, agarrei nas chaves do carro do Blake.

Percorri várias ruas com os sapatos de saltos altos desconfortáveis que usara na véspera e o vestido encarnado. Senti-me ridícula. Vários transeuntes olharam para mim como se eu fosse uma jovem no sítio errado. Quando cheguei a uma avenida movimentada, esperei que passasse um táxi e entrei.

— Para a residência de estudantes B — disse.

Enquanto o taxista conduzia em silêncio pelas ruas de Reading, olhei fixamente para as chaves, ainda na minha mão. O Blake ia matar-me depois daquilo. Mas eu não quis saber das consequências, ele merecia ser castigado porque, embora na noite anterior me parecesse que tinha uma ponta de sensibilidade, de manhã voltara a ser o idiota egocêntrico de sempre.

Quando cheguei à residência, tomei duche e vesti o pijama antes de me deitar na cama. Era sábado, estava frio e apetecia-me não fazer nada. Liguei o portátil e comecei a ver os últimos episódios de *Gossip Girl* em francês, porque me tinha habituado às vozes dos atores que dobravam a série. Peguei na mala para tirar

M&M's, que devorei enquanto apreciava as cenas da Blair Waldorf.

Depois de ver três episódios seguidos, estiquei-me para chegar ao telemóvel e pu-lo a carregar pouco antes de o ligar. Surpreendi-me com o número de chamadas perdidas e de mensagens desesperadas que encontrei. Aparentemente, a Rachel tinha saído da discoteca alguns instantes depois, apesar da minha insistência, e quando não me encontrou na residência, meia hora mais tarde, entrou em pânico, pelo que alertara metade da residência para o meu desaparecimento, incluindo a Lissa.

Li a última mensagem que ela me enviara, por volta das cinco: «Estaremos de volta a Reading de manhã, espero que estejas bem, por favor avisa-me se leres isto!»

Telefonei imediatamente à Lissa.

— Léane, és tu? — perguntou, aflita.

— Claro que sim! Estou bem, não te preocupes, acabei de passar a noite fora, isto é um mal-entendido, não venhas antes de domingo!

— Mas a Rachel contou-me o que aconteceu com o Nathan. Posso voltar a Londres noutro fim de semana. Além disso, estávamos prestes a sair do *hostel*.

— Estou bem, a sério! — insisti.

A Lissa ficou em silêncio durante alguns segundos.

— Onde passaste a noite?

— Eu… — aclarei a garganta — conheci um mendigo bastante simpático... Fui para um hotel! Estive com o Blake! Não estive com ele num sentido estranho nem nada do género... Dormi no quarto do Adam, só isso — disse, atabalhoadamente, uma vez que as palavras pareciam atropelar-se.

— É uma piada?

— Não. Explico-te tudo amanhã, não tem importância.

Tive de convencer a Lissa, durante mais cinco minutos, a não cancelar o fim de semana romântico. Quando desliguei, li a mensagem que o meu pai me enviara. Não pude impedir-me de revirar os olhos.

«A razão não me ensinou nada. Tudo o que eu sei foi-me dado pelo coração», Lev Tolstoi.

Estava prestes a ligar-lhe para conversarmos sobre o significado daquela frase. Em primeiro lugar, e sem me alongar, a razão tinha-me ensinado algumas coisas

verdadeiramente valiosas, como, por exemplo, que não voltaria a aproximar-me de um homem. *Je promets.*

Durante o resto da manhã, arrumei a sala, organizei a roupa para a levar mais tarde à lavandaria, e tirei o verniz de unhas cor-de-rosa, porque, se aprendera alguma coisa com a fatídica noite anterior, era definitivamente que a vida não é cor-de-rosa. Muito menos o das pastilhas elásticas. Portanto, escolhi um verniz chato, triste e pessimista para combinar com o meu estado de espírito. Devagar, espalhei o verniz cinzento ao longo de cada uma das unhas. Não era um cinzento com brilho ou um tom prateado, era um cinzento feio e sem vida.

Durante o resto da tarde, dormitei, até que a Rachel entrou no quarto e se atirou a mim com os braços estendidos.

— Onde estiveste, Léane? Estava tão preocupada!

— Fiquei em casa do Blake — respondi, quando ela me largou. — Senti-me tão ridícula, não queria ver ninguém. Desculpa ter-te preocupado, devia ter-te avisado.

— Sim, devias ter feito isso! — Fez uma careta, mas depois descontraiu o rosto. — Com que então em casa do Blake, hã... Não disseste que não querias ver ninguém?

— Na verdade, ele é como ninguém para mim — expliquei.

A Rachel deitou-se na minha cama e olhou para mim por cima do ombro.

— Lamento o que aconteceu com o Nathan, ele é um idiota. E ela também.

— Sim, bem, acho que são coisas que acontecem — disse, na tentativa de parecer indiferente.

— Não faz mal, se não quiseres falar sobre isso, podemos ver um filme.

— Parece-me perfeito.

Quando a Lissa chegou à residência, ao meio-dia de domingo, trazia uma miríade de apontamentos, livros e até um presente. Colocou tudo no chão e abraçou-me como se não nos tivéssemos visto durante meses.

— Senti-me tão culpada este fim de semana — sussurrou. — Desculpa não ter estado aqui quando mais precisaste de mim.

— Para de dizer disparates, a culpa não é tua.

Quando nos instalámos na cama da Lissa, a Rachel sentou-se ao nosso lado,

numa das cadeiras de secretária.

Eu não tinha muita confiança com a Rachel, conhecíamo-nos havia apenas alguns meses, mas a sua presença não me incomodava. Ela parecia sincera, como se se importasse com os meus sentimentos.

— Juro que se me cruzar com o Nathan...! Meu Deus, vou matá-lo — exclamou a Lissa enquanto tirava as luvas azuis de lã, que combinavam com o chapéu que ainda lhe cobria a cabeça.

Porque tínhamos de falar sobre o que acontecera? Eu preferia fingir que nada se passara. Era masoquismo ser lembrada da situação vezes sem conta. Uma das razões pelas quais me sentira confortável com o Blake na sexta-feira à noite era que ele não queria saber do desenlace da minha relação com o Nathan. Mal falámos sobre isso e o Blake nunca mencionou o assunto. No fundo, estava-lhe grata.

— Deixa que o passado fique no passado — respondi, confiante.

A Lissa trocou um olhar incrédulo com a Rachel.

— Não queres queixar-te a ele, ao menos?

— Não. — Fiz um sorriso amarelo e depois estendi as mãos. — Olha para as minhas unhas, o que achas desta treta de verniz cinza?

A Lissa pestanejou, confusa.

— Devo assumir que tentas refletir o teu estado de espírito através das unhas?

— Claro! — respondi com entusiasmo. — E como a minha vida está claramente merdosa neste momento, pensei que seria a cor ideal.

Num primeiro momento, a Lissa franziu a testa, mas depois relaxou-a e fez-me um olhar piedoso capaz de me perturbar.

— Porque olhas para mim dessa maneira? Tenho razões para pensar que o mundo é cinzento. As coisas correm-me sempre mal, sabes isso melhor do que ninguém — lamentei. — Isto é, a vida é injusta, nem sequer querias ter um namorado, disseste que pretendias passar uns anos loucos na universidade, e de repente encontras um rapaz tão perfeito, adorável e bondoso que poderia ser representante das Nações Unidas, e isso não me surpreenderia nem um pouco.

Ainda não terminara de dizer a última palavra quando me apercebi de como estava a ser egoísta. Apeteceu-me bater com a cabeça na parede. Devia ter contado até dez antes de soltar aquela estupidez. Pela primeira vez na vida desde

que nos conhecíamos, perguntei-me se tinha inveja da Lissa. Provavelmente, sim. Era estranho tomar consciência do tipo de desejo que ela despertava em mim. Fazia-me sentir a pior pessoa do mundo. Notei que os meus olhos se humedeciam devagar e tentei pestanejar para não chorar; porém, em vão. Não chorava por causa do idiota do Nathan, mas por causa daquele bocadinho de inveja que crescera dentro de mim.

A Lissa abraçou-me, indiferente às minhas últimas palavras. Aquela rapariga valia o seu peso em ouro.

— Não quero que voltes a ter pensamentos estúpidos como aquele — disse, e vi a Rachel acenar com a cabeça. — É verdade que encontrei o Adam, numa altura em que não procurava ninguém, mas tens muitas coisas que eu gostava de ter um dia. Todos nós nos sentimos incompletos de alguma forma.

— O que queres dizer? — Peguei num lenço e assoei-me. — Não me sinto... incompleta, mas gostava de compreender como funciona o cérebro dos homens para não acabar sempre a julgar-me ridícula. Sabes o que aconteceu com o Benôit, é como se estivesse amaldiçoada. As pessoas queixam-se sempre quando alguém termina uma relação através de uma mensagem de telemóvel ou de um *e-mail*, não é? — Acenaram as duas com a cabeça. — Pois eu teria achado isso ótimo. É perfeito. Ninguém sabe de nada a não ser quem tem de saber. E não há drama nem espetáculo...

— Isso é um disparate, Léane. — A Lissa sacudiu as mãos no ar, como se atirasse todos os meus pensamentos para longe. — Entender os homens é uma coisa sobrevalorizada. Compreendo como te sentes e, acredita, teria adorado estar lá para dar cabo do Nathan, mas o importante são outras coisas, como teres entrado numa competição que pode mudar o teu futuro, e ainda só estás no teu primeiro ano! Sabes o que queres fazer da vida, e eu admiro isso em ti porque não faço a menor ideia do que vou fazer quando me licenciar, o que é um pouco perturbador, às vezes penso que nem sequer me conheço.

— Queres ser escritora — lembrei-a.

— Sim, não, não sei, não tenho a certeza. Além disso, tens uns pais incríveis que confiam em ti cegamente. A minha mãe, sempre que falamos ao telefone, pergunta-me se mudo de roupa interior todos os dias; acha que tenho cinco anos, e é horrível.

Rimo-nos as três às gargalhadas. A Rachel levantou um dedo antes de falar.

— E o mais importante é que dormiste com o Blake, e isso mata-me de inveja.

— Não dormi com o Blake, dormi na casa dele — sublinhei.

A Lissa saltou da cama, com os olhos arregalados.

— Por falar no tipo mais insuportável da universidade! — Correu para a porta, onde deixara as pilhas de papéis quando chegara. — Antes de vir para aqui, passei pela casa dele porque tinha lá os meus apontamentos e o Blake deu-me isto para ti.

A Lissa estendeu-me uma caixa quadrada envolta em papel vermelho. Arqueei uma sobrancelha com ceticismo. Só podia ser engano. Olhei mais de perto para o embrulho misterioso; estava mal-amanhado, com as extremidades amarrotadas e fita-cola suficiente para envolver um armário de dois metros. Estava tão imperfeito que tinha de ser do Blake.

— Do que estás à espera? — perguntou a Rachel, quase a tirar-mo das mãos. — O Blake Lekker enviou-te um presente, é tão fixe, abre-o!

— Isso, abre-o já. — A Lissa apoiou-a. — E depois, se for possível, diz-nos porque passaste a noite com ele. Pensava nisso desde ontem e é como tentar descobrir quem é o assassino logo na primeira página de um romance da Agatha Christie.

Rasguei o papel. No interior havia uma caixa castanha feia. Removi a tampa com cuidado enquanto a Rachel e a Lissa inclinavam a cabeça até conseguirem ver o conteúdo.

— Que raio aconteceu entre os dois? — exigiu saber a Lissa.

— Nada! Não entendo porque me enviou... isto!

Tirei uma flor recém-colhida. Aquela em que eu tocara na sexta-feira, da qual dissera gostar por ser alegre e ter um toque mágico.

No interior da caixa havia um envelope e uma caixa de chocolates.

Por muito que tentasse decifrar o significado daquilo, não encontrei qualquer lógica. Era estranho, porque no sábado de manhã ele voltara ao comportamento habitual com o estúpido pulverizador de água.

Exalei lentamente, com o envelope fechado ainda nas mãos, ao lembrar-me de que trouxera as chaves do seu carro. Senti-me culpada. Pensei que talvez ele não reparasse até ao fim de semana, quando tencionava sair de noite para se divertir.

Era quase impossível ir para a universidade de carro, pois era mais provável ganhar a lotaria do que estacionar perto do centro de manhã.

— O Adam costuma ir para a universidade de autocarro, não é verdade?

— Sim, porque perguntas? — A Lissa analisou-me cautelosamente.

— Por curiosidade. Podem comer chocolates, se quiserem.

Eram todos de chocolate negro, do que menos gostava, por isso tirei um e estendi a caixa à Rachel. Ainda podia resolver a questão das chaves. Tinha cinco dias para arranjar uma desculpa convincente, ir a casa dele e voltar a pô-las na consola. Talvez pudesse passar por lá e fingir que estava perdida ou dizer à Lissa que não entendia qualquer coisa nos apontamentos e pedir que o Adam me explicasse. Melhor ainda, diria à Lissa a verdade sobre o roubo das chaves e solicitar-lhe-ia que as devolvesse ela própria.

A Rachel pegou num chocolate e entregou a caixa à Lissa, que a inspecionou com cuidado.

— Surpreende-me que o Blake seja tão atento aos pormenores — comentou.

— A mim também — concordei, levando um chocolate à boca.

— Não achas um pouco estranho? — A Lissa franziu o sobrolho. Nunca pensei que uma pessoa sem coração conseguisse sentir alguma coisa, mas deves ter-lhe tocado fundo.

Queria responder, mas não consegui. Olhei para a Rachel e percebi que ela se encontrava no mesmo estado que eu. Quase como se pudéssemos comunicar por telepatia, levantámo-nos ao mesmo tempo e corremos para a casa de banho. Cuspi o bombom para o lavatório, um gesto que a Rachel imitou, pus a língua de fora, para tentar sufocar o calor que se espalhava pela garganta. A minha boca parecia arder e, embora tivesse ouvido dizer algures que a água não era a melhor opção para situações daquelas, abri a torneira do lavatório e bebi como se a minha vida dependesse dela. O ardor era tão mau que temi não voltar a falar. E precisava seguramente das minhas aptidões linguísticas para poder gritar ao Blake o idiota que ele era.

A Rachel deu-me um empurrão para me afastar porque também queria beber água. Corri pelo quarto com a língua de fora até chegar à minha mala, enquanto a Lissa olhava para nós estupefacta. Peguei no pacote de *M&M's* e enfiei uma mão-cheia de chocolates na boca depois de ter retirado à pressa as duas bolinhas

vermelhas que tinham passado. Mastiguei e engoli. Senti que a sensação de ardor desaparecia aos poucos.

— Maldito! — gritei, enraivecida.

— O que têm os chocolates?

A Rachel saiu da casa de banho nesse instante, com os olhos marejados devido ao forte ardor. Peguei na caixa e mostrei à Lissa a parte do *slogan* que dizia: «Recheados com um licor de cereja que fará as delícias do seu paladar.»

— Aquele camelo encheu os chocolates de picante. Picante puro.

— Mas como é possível...? — A Lissa pegou num chocolate e inspecionou-o.

O meu coração batia a mil à hora. Prestes a ter um ataque de histeria. Inclinei-me sobre a cama e abri o envelope, rasgando o papel sem qualquer cuidado. A caligrafia do Blake era impecável, um pormenor que me deixou ainda mais zangada, se é que isso era possível, pois sentia tanta raiva que quase pegava fogo por combustão instantânea.

Cara Léane.

Espero que estejas a ter um dia agradável e estimulante a pensar em mim.

Também estou a pensar em ti, como podes ver. Sabes que sou um rapaz sensível. Para que conste, cortar aquela flor foi uma decisão difícil.

Era uma das minhas favoritas, mas depois pensei que conquistar uma mulher como tu exigia uma ação arriscada.

Espero que gostes dos chocolates. Acho que vais gostar. São como tu, doces por fora e explosivos por dentro. Deliciosos. E muito... doces.

P.S. Lamento que o embrulho do presente seja um papel encarnado simples. Pedi na papelaria embrulhos mágicos que mudam de cor e vetaram-me a entrada.

~~Com carinho~~,

Blake

Exalei devagar, uma, duas, três... até quatro vezes, para tentar manter-me calma. Queria gritar, precisava de correr.

Não, não, não. Tinha de ficar sossegada.

E, quase como se fosse um presente do céu, um pensamento tentador envolveu-me, restituindo-me a calma. Esse pensamento tinha muito que ver com umas

chaves brilhantes que repousavam dentro da minha mala.

12

Blake 

A semana seguinte foi muito... interessante.

Não via a Léane desde sábado de manhã, depois de ela ter saído de casa sem sequer se despedir (chama-se a isso ser mal-educada). Procurei as chaves do carro para ir atrás dela e, caso as encontrasse, levá-la até à residência. No entanto, não o fiz porque não descobri as chaves. Sinceramente, não pensei nada sobre aquilo. Perder as chaves era um dom que eu tinha.

Pensei em ir atrás dela a pé, mas havia três desvantagens:

1) Ainda tinha o pijama vestido, estava frio e sentia preguiça de me vestir.
2) Não gosto de caminhar. Muito menos atrás de uma rapariga impertinente.
3) Havia pontos duplos no *Call of Duty* naquele fim de semana e deixar passar a oportunidade de subir de nível era quase uma irresponsabilidade.

Portanto, sim, optei por não ir atrás dela para ficar a jogar. A cena dos pontos duplos era tão tentadora que o Ryder e eu decidimos não sair à noite no sábado e, por isso, acordámos cedo no domingo.

Havia várias semanas que não aproveitava uma manhã de domingo. Tomámos o pequeno-almoço juntos e expliquei ao Ryder o que acontecera com a Léane, embora sem mencionar determinados pormenores. Preferi manter a memória dela nua só para mim. Era egoísta a esse ponto. Quando lhe disse que as nossas tréguas tinham terminado no sábado de manhã e lhe contei que a acordara atirando-lhe com água à cara, o Ryder teve a ideia maravilhosa dos chocolates.

O Ryder deveria ter estudado publicidade. É um tipo muito criativo.

Passámos a manhã de domingo a injetar doses de picante líquido no interior

dos chocolates. Na realidade, foi uma atividade bastante divertida.

Quando terminámos, o Ryder saiu porque tinha um encontro com uma rapariga. Foi então que, sentado no sofá sem nada para fazer, vi a flor. Lembrei-me dos seus dedos a acariciarem-lhe suavemente as pétalas azuis, quase sem tocarem a superfície, como se tivesse medo de a danificar. Aproximei-me da planta e olhei para ela durante mais de cinco minutos, até que decidi cortá-la.

Pus a flor na caixa, junto com os chocolates, e acabei de escrever a carta mal o Adam e a Lissa chegaram do seu fim de semana romântico em Londres. Depois, pedi à sua amiga que lhe entregasse o embrulho e tentei evitar todas as perguntas que ela me fez.

À tarde, pensei bastante nos chocolates. Teria sido um erro da minha parte? Teria ido longe demais? Depois de sexta-feira à noite, sentia-me confuso. Eu tinha estado… bem. Houve mesmo um momento, quando nos encontrávamos os dois no sofá antes de o Ryder chegar, que pensei, pensei que ia... Não sei, não sei o que raio pensei, sendo sincero. Não era bom. Nada apropriado. Se tivesse seguido o meu instinto, tê-la-ia beijado, provavelmente. Porque quando estava perto dela, o cheiro a baunilha que ela tinha parecia envolver tudo à volta e toldar-me os sentidos ao ponto de exterminar os poucos neurónios que me restavam.

Felizmente, o Ryder interrompera aquele momento. Salvara-me de cometer um erro enorme. No entanto, a «baunilha manipuladora» ainda não se dissipara, porque quando lhe disse que iria sonhar com ela, antes de irmos dormir, isso não era uma piada. Pelo menos, não exatamente.

Sonhei com a Léane.

O cenário não era a casa de banho, mas o meu quarto. O enredo, no entanto, era o mesmo e, pelo menos no meu sonho, era incrivelmente perfeito.

O sonho repetiu-se com algumas variações no sábado à noite. Não fazia a mais pequena ideia do porquê. Parecia uma espécie de maldição. Havia milhares de raparigas na universidade, era ridículo que a minha mente se focasse em apenas uma delas. Como vingança pessoal contra as decisões parvas que o meu cérebro estava a tomar (em roda livre), a ideia do Ryder dos chocolates parecia perfeita. Eu queria que tudo voltasse ao normal o mais depressa possível. Provavelmente,

precisava de me encontrar com outra rapariga, estivera tão centrado no concurso nos últimos meses que quase não pensara em mais nada.

E, tal como tinha previsto, as coisas voltaram ao normal.

Na segunda-feira, a Léane enviou-me uma mensagem de texto que dizia:

«São muito brilhantes.»

Não respondi.

Na terça-feira, chegou outra mensagem:

«É tão bom abrir coisas com elas, há alguma coisa que não consigas abrir, Blake?»

Desta vez, também não respondi. Apanhou-me num bar, à tarde, a beber uma cerveja com o Ryder e alguns amigos, e ignorei-a de novo. Devo ter acabado com a sua paciência nesse dia, ou então ela notou que eu não tinha vontade de entrar em jogos, por isso a sua mensagem seguinte, na quinta-feira, foi um pouco mais concisa:

> «Tenho as malditas chaves do teu carro, que, caso não saibas, são brilhantes e abrem coisas. Diz-lhes adeus. E, já agora, da próxima vez, lembra-te de que não gosto de chocolate preto. Prefiro-o sempre com leite. Chocolate com leite. Idiota.»

Li a mensagem três vezes. Podiam ter-me dito que os extraterrestres tinham acabado de conquistar o planeta Terra e eu ficaria menos surpreendido. Não era possível. Ela roubara as chaves do meu carro! Eu dera-lhe toda a minha confiança, deixara-a passar a noite em minha casa, e era assim que mo retribuía. Era uma pequena delinquente.

Eu não era nenhum génio da matemática, mas fiz um cálculo mental e percebi, para meu espanto, que o roubo fora cometido no sábado de manhã. Ou seja, antes de o Ryder se lembrar da partida dos chocolates.

«Bruxa sem coração», foi a frase mais simpática que me ocorreu.

— Algum problema? — perguntou a rapariga com quem flirtava na cafetaria. Precisava de alargar os meus horizontes para deixar de sonhar com a Léane. Chamava-se Shayla, Sheila, Shaina... ou qualquer coisa do género. Disse a mim

mesmo que tinha de descobrir se queria avançar, mas a minha mente estava noutro lugar.

O Ryder, à espera do empregado de mesa, olhou-me com desdém.

— Não, nada. — Sorri com ar inocente.

— De quem era a mensagem? — O Ryder inclinou-se para trás na cadeira e olhou para mim divertido, como se soubesse o que se passava.

— De um amigo. Queria que eu soubesse que há uma maratona solidária este fim de semana. Sabes que estou sempre disposto a contribuir para boas causas — respondi, olhando para a rapariga.

Ela soltou um «ohhh» comovente, mas não o suficiente para me manter ali sequer mais um segundo. Afastei devagar a mão dela, que estava pousada no meu joelho, e tive vontade de me espancar por ser tão idiota. Segundo o código masculino que o Ryder e eu tínhamos criado havia três anos, desperdiçar uma oportunidade daquelas era crime. Mas tinha de sair dali o mais depressa possível porque não conseguia tirar da cabeça a imagem da Léane a segurar as minhas chaves, enquanto as balançava entre os dedos. Na minha imaginação, as chaves eram a única coisa que ela estava a usar. As minhas hormonas não entendiam o facto de eu estar zangado com ela, era como tentar explicar uma questão de física quântica a uma criança.

Quando saí de lá, respirei fundo e liguei à Léane.

— Olá, Blake, que surpresa!

Fiquei surpreendido com o tom indiferente da sua voz. Desde quando é que ela era tão fria? Tinha criado um monstro. Cerrei os lábios, na tentativa de conter o que queria dizer, e optei por fingir que estava a divertir-me com a situação.

— Sim, venho pedir-te desculpa por causa dos chocolates. Da próxima vez envio-te chocolates de leite, embora não saiba se esses também têm recheio de... licor de cereja. Espero que o pormenor da flor tenha compensado o meu pequeno erro.

— Adorei! Era maravilhosa, Blake — respondeu, com alegria. — É pena que já não exista. Queimou-se no cesto dos papéis. A carta quis acompanhá-la na sua viagem para o além.

Fiz um esforço para não me rir. Aquilo era um assunto sério, caramba.

— Vamos fazer um acordo, Léane — propus-lhe. — Deixo-te passar mais uma

noite comigo, em troca das chaves, o que achas? Nada mau, pois não?

Ela deu uma grande gargalhada.

— És muito divertido, Blake.

— Eu sei. Também parecias muito divertida naquela noite. Principalmente alguns segundos antes da chegada do Ryder. Achei-te bastante... Como hei de dizer? Recetiva?

— És um idiota — respondeu com raiva.

Está bem. O jogo tinha acabado.

— O que queres?

— Apetece-me ver-te a implorar.

— Desculpa? — perguntei.

— É isso mesmo, implora, rasteja um pouco. Oh, e, ainda mais importante, pede desculpa por tudo o que me fizeste nos últimos meses. Especialmente pelo facto de o teu cérebro nunca ter entendido que tudo começou com um simples acidente.

E, sem dizer mais nada, desligou.

Encostei-me à montra do café. Soprava um vento gelado que arrastava as folhas à sua passagem e, embora ainda fosse meio da tarde, já estava escuro. Não havia luar.

As opções eram poucas. Combinara encontrar-me com a Emma no sábado, ela era a minha prioridade, e eu não ia faltar. Por outro lado, o meu pai tinha o duplicado das chaves. Decidiu guardá-las depois de me oferecer o carro, o que era de pouca utilidade, tendo em conta que não só não falávamos um com o outro, como nem sequer vivíamos no mesmo continente. A última opção era faltar à escola no dia seguinte, telefonar à companhia de seguros, tratar de toda a papelada... mas eu tinha uma aula prática, à qual não podia faltar, porque contava para o exame.

Naquela noite, nem sequer jantei. Por volta das oito horas, o meu pai telefonou, pontual como sempre, para o seu encontro com o atendedor de chamadas. Desta vez, dei-me ao trabalho de observar atentamente como o seu nome aparecia a piscar no ecrã do telemóvel, até que ele desistiu e o ecrã voltou a ficar escuro. Não pude deixar de pensar durante quanto tempo mais continuaria a telefonar.

Fazia-o há dois anos. E, no entanto, eu já não o atendia há dois anos. Tornara-se uma espécie de ritual.

A fim de afastar os pensamentos sobre o meu pai, olhei para a minha estante cheia de guias de turismo e escolhi Paris. Deitado na cama, com um braço atrás da cabeça e o outro a segurar o livro, senti uma tristeza a espalhar-se lentamente dentro de mim. Não tinha nada que ver com a Léane, ia mais além, mais distante, algo que parecia reclamar-me, mas que eu não podia aceitar. Eu não estava ali. Estava no concurso, nas saídas à noite, nas aulas, nos videojogos, no conhecer pessoas, nas discussões com a Léane... mas não ali. A culpa corroía-me, embora nada fosse mudar, porque nada iria acontecer.

Pus o guia de turismo de lado e peguei no telefone que estava na mesa de cabeceira. Marquei o número da minha mãe e esperei que tocasse várias vezes.

— Olá, querido — respondeu. — Acabámos de jantar, está a ficar tarde. Ia telefonar-te agora.

— O que jantaram?

Deitei-me na cama, embrulhado nos cobertores, e fechei os olhos. Só queria ouvir o timbre da sua voz, era um som doce e reconfortante.

— Fiz puré de batata com cenoura. Sabes que a tua irmã adora.

— Sim.

— Estás bem, querido? Queres falar de alguma coisa?

— Já estamos a falar, mamã.

— Refiro-me a outra coisa...

— Não — respondi de forma seca. — Está tudo bem, não há nada para falar.

— Blake, não quero pressionar-te, mas, querido...

— Estás sempre a fazê-lo — acusei. — Tu é que não compreendes como funcionam as coisas. Vai ser como de costume. Sabes isso. Não é a primeira vez.

— Muito bem, vamos esquecer o assunto. — Suspirou. —Vemo-nos no sábado?

— Sim, almoço com a Emma no restaurante ao fundo da rua. Depois passo o resto da tarde em casa, está bem?

— Claro, querido. Vou comprar as bolachas de que gostas para o lanche.

— Obrigado, mamã. — Deitei-me de costas.

— Vejo-te no sábado, então.

Acenei com a cabeça, como se ela pudesse ver-me. Depois, exalei devagar.

— Sabes que te amo, não sabes? — perguntei.

Eu não tinha bem a certeza de que ela o sabia. Ia a casa todas as semanas vê-las, arranjava sempre uma hora ao domingo ou de tarde durante a semana. Gostava de passar tempo com elas, não o fazia por obrigação. Tentava ser afetuoso, aceitava os abraços intermináveis da mamã, mas nunca lhe dizia as palavras «amo-te». Era difícil pronunciá-las, sentia-me vazio por dentro quando as dizia, como se esses sentimentos me fossem arrancados.

— Claro que sei, Blake. Também te amo, nem imaginas o quanto.

Ouvi o que me pareceu ser um soluço, e ela desligou. Pensei em telefonar-lhe de novo, tinha vontade, mas não consegui. Era mais fácil esconder-me debaixo dos lençóis e fingir que estava tudo bem, maravilhosamente.

Na sexta-feira, só pensava nas chaves do carro. Tal como a Léane dissera, eram brilhantes, abriam coisas e, mais importante que tudo, eram minhas. Passei as aulas a contar os minutos, ansiosamente à espera que terminassem para poder ir à residência da Léane e exigir-lhe, sem jogos nem disparates, que me devolvesse as chaves.

Enquanto percorria o corredor, depois de sair da aula do professor Riddle, vi o Nathan num canto, a rir-se descontraidamente com um colega. Não sei se se tornou demasiado óbvio que eu queria tirar-lhe aquele sorriso estúpido da cara, mas fiquei surpreendido quando o Adam me agarrou pelo cotovelo e falou comigo com a intenção clara de me distrair.

— Vamos ao Queen hoje à noite, apetece-nos uma coisa sossegada — disse ele. — A Léane e a Rachel também vêm, alinhas?

— Não. Não vou — respondi.

Virámos à esquerda e eu perdi o idiota de vista.

Que pena. Dar-lhe um murro teria sabido mesmo bem.

— Estás com algum problema?

— Porque perguntas?

— Estás tenso, mano. — O Adam encolheu os ombros.

Franzi os lábios, aborrecido.

— Estou fixe — respondi.

— Deixámos o *campus* e atravessámos o relvado, evitando os estudantes que se tinham juntado no passeio. Suspirei, cansado, e olhei para o Adam.

— Está bem, vou ao Queen hoje à noite — concordei, depois de ter rejeitado a ideia de ir até à residência. O Adam tinha razão: estava demasiado tenso para fazer uma visita à Léane naquela altura, e não queria piorar as coisas — Tenho um assunto a tratar.

— Vamos apanhar um táxi?

O Adam, sempre tão educado e cortês, não parava de se rir.

— Achas engraçado que a nossa casa tenha sido assaltada?

À medida que o seu riso aumentava, eu apressava o passo, saindo do recinto universitário e deixando o Adam para trás. Não tinha achado a mínima graça.

— Ei, espera. — O Adam pousou a mão no meu ombro. A paragem de autocarro fica no outro lado.

— Apetece-me caminhar.

— Desculpa, meu, não volto a rir-me. Combinei com a Lissa que não iríamos intrometer-nos nos vossos assuntos, e é o que tenciono fazer. Foi um momento de fraqueza.

— Vens comigo ou apanhas o autocarro? — perguntei, já mais tranquilo.

— Vou contigo — decidiu.

Fechei o casaco e enfiei as mãos nos bolsos para me proteger do frio do inverno, antes de começar a caminhar pelas ruas pavimentadas da cidade.

13

Léane

Tinha passado mais de um dia desde a última vez que falara com o Blake e ele ainda não me voltara a ligar para me pedir desculpa ou implorar. Quando a Lissa me disse que ele ia connosco ao Queen, percebi que tinha de esconder as chaves num lugar seguro. E foi o que fiz, com a ajuda da Rachel, antes que a universidade fechasse ao cair da tarde de sexta-feira. Era o lugar perfeito. Aquele idiota do Blake tinha até segunda-feira para pedir desculpa. Caso contrário, alguém iria encontrá-las.

Apetecia-me ter uma noite calma, não sair, tomar simplesmente uma bebida e conversar. Era do que precisava.

Vesti calças de ganga, botas rasas e confortáveis, e uma camisola grossa de lã branca. As minhas unhas estavam pintadas num tom castanho-escuro bastante desagradável.

A Rachel entrou na sala a segurar no correio.

— Toma, isto é para ti. — Estendeu-me uma carta.

A morada do remetente era a morada da minha casa em Paris. Franzi a testa, surpreendida. Os meus pais costumavam ligar-me todos os dias, mas não me enviavam cartas.

Abri o envelope devagar, sem rasgar o papel. No interior, havia um bilhete de avião e uma nota escrita pela minha mãe; reconheci a sua caligrafia irregular. Sustive a respiração.

Surpresa, querida!

O papá disse-te há algumas semanas que seria melhor para ti passares o Natal em Inglaterra a fim de não aumentares as despesas universitárias, mas... decidimos perder a

cabeça e que passes as férias em casa! Sentimos tanto a tua falta que mal podemos esperar para te ver!

Sim, o voo parte do aeroporto de Londres, era bastante mais barato.

Amo-te.

Mamã.

Sentei-me na cadeira da secretária e reli a carta, sem parar de sorrir.

Quando os meus pais me disseram que eu teria de passar o Natal em Reading, fiquei desiludida. Entendi a questão dos problemas financeiros, pois a minha bolsa de estudo cobria apenas sessenta por cento dos gastos com a universidade. O pior não era o custo do bilhete de avião, mas o facto de o serviço de quarto e a alimentação continuarem a ser pagos durante aqueles dias, mesmo não desfrutando deles. E era como atirar dinheiro ao lixo.

Eu falara sobre isso com a Lissa, e até com a Rachel, de passagem, pelo que planeávamos sair da residência no ano seguinte. O problema nem era a despesa do quarto em si, mas o preço excessivo da alimentação. Podíamos poupar muito se arrendássemos um apartamento barato e fizéssemos as nossas compras.

Voltei-me para a Rachel, uma vez que a Lissa ainda não tinha chegado.

— Vou passar o Natal a casa!

— Que bom! Eu também, o meu pai vem buscar-me — disse, a sorrir. — Vou tomar duche.

Quando a Rachel saiu para a casa de banho, peguei no removedor de verniz e tirei a cor escura e horrível das unhas. Depois, comecei a pintá-las de verde-brilhante. Afinal de contas, para mim, já era Natal.

Duas horas mais tarde, estávamos as três na fila do refeitório da universidade, a segurar firmemente os tabuleiros. Se havia uma coisa característica neste país, era que, em qualquer circunstância, todos respeitavam a sua vez, por muitas horas que tivessem de ficar a formar a fila perfeita. Tinha a certeza de que, em caso de guerra nuclear, os britânicos continuariam na fila, inabaláveis e sem se exaltarem.

Quando a Lissa viu o menu do dia, protestou em voz alta porque era a terceira vez naquela semana que serviam puré de batata.

— Por acaso, não sabem fazer mais nada neste país?

Vários estudantes, que aguardavam a sua vez, viraram-se para ela. Ela sacudiu o cabelo para trás com orgulho. Estava prestes a dizer-lhe que deveria cortá-lo um pouco, quando senti alguém passar por mim e dar-me um empurrão intencional, sem dúvida.

— Oh, desculpa, não te vi aí. — A Sadie fez um sorriso amarelo e a Zandra, ao seu lado, olhou fixamente para o chão.

Tentara evitar tanto a Sadie como o Nathan toda a semana. Nas aulas, acompanhada pela Rachel e pela Lissa, escondia-me no fundo da sala, como se tentasse fundir-me com as sombras porque a última coisa que queria era encontrar-me com elas. Já não estava envergonhada com o que se passara, mas a minha paciência tinha limites.

Retribuí o sorriso amarelo da Sadie, enquanto colocava o tabuleiro em cima do balcão e abria a garrafa pequena para beber um pouco de água. Bebi devagar, sem tirar os olhos da Sadie, apesar de ter de inclinar a cabeça para trás a fim de engolir. Senti os olhares hesitantes à volta, como se estivessem à espera da minha reação. A Lissa agarrou-me pelo cotovelo.

— Estás bem, Léane?

— Claro, porque não haveria de estar? — Sorri, animada, e depois virei-me para a minha direita, onde estava a Sadie, fingi tropeçar e entornei meia garrafa de água na sua *sweatshirt*. — Oh, desculpa, foi sem querer.

A Zandra, sua amiga inseparável, não conseguiu evitar rir-se perante o olhar espantado da Sadie. Naquela altura, enquanto alguns dos caloiros apreciavam a cena e olhavam para nós com curiosidade, como se tivessem sido, durante meses, espetadores da nossa telenovela privada e esperassem ansiosamente pelo final, olhei de lado e vi que o idiota conhecido como Nathan no cartão de cidadão se levantou de uma das mesas e caminhou determinado na nossa direção.

Senti-me desconfortável porque a maioria dos estudantes olhava para nós. É certo que alguns ainda conversavam e olhavam para os tabuleiros, mas notei outros a acotovelarem-se ou a sussurrarem e, por um instante, perguntei-me se estariam a dizer uns aos outros qualquer coisa como: «Olha, ali está o trio que deu barracada na sexta-feira passada no novo espaço. A cornuda atirou água à nova miúda do desportista...».

Respirei fundo, a mão quente da Rachel no meu ombro reconfortava-me

bastante. Eu não ia desmaiar. Tive de me manter de pé, a olhar para a Sadie de cabeça erguida. Apertei os punhos de indignação, enquanto o Nathan se colocava à minha frente e punha o braço à volta da cintura da Sadie. Durante alguns segundos, sem saber porquê, desejei que o Blake também estivesse ali, embora isso não fizesse qualquer sentido.

— O que pensas que estás a fazer, Léane? — O Nathan inclinou-se para falar baixinho. — Atiraste água à Sadie no meio do refeitório, estás a armar barraco.

— Desculpa? — perguntei, atordoada.

A Lissa deu um passo em frente com determinação.

— Eu mato-o, Léane.

Mas antes que a Lissa pudesse acabar com o Nathan, desatei a rir-me, sem motivo aparente. A princípio, foi um riso quase inaudível, mas tornou-se gradualmente numa gargalhada tal que tive de segurar o estômago com as mãos. Tanto o Nathan como a Sadie olharam para mim de boca aberta. E eu também estava surpreendida. Não percebia porque reagia daquela forma, só sabia que não conseguia parar, apetecia-me rir e chorar ao mesmo tempo, e não me importava com o que pensavam de mim.

— É melhor irmos agora ao Queen — disse a Rachel, também a rir-se.

O Nathan abanou a cabeça como se sentisse pena de mim. E com aquele simples gesto, conseguiu fazer com que eu parasse de me rir e me sentisse de novo furiosa. Abri outra vez a garrafa de água e atirei o resto para cima dele.

— Como te atreves? — gritou a Sadie. Estás doente.

A Rachel arrastou-me em direção à saída. Eu recomeçara a rir-me. Não conseguia parar. Parecia pedrada, completamente descontrolada. Enquanto o vento da noite fustigava o meu rosto, fechei os olhos, exalei devagar e sorri, ao mesmo tempo que deixava escapar mais uma série de risinhos tontos. Todo aquele tempo, sentira a necessidade de fazer alguma coisa depois do que se passara na discoteca. Sim, talvez não fosse a melhor escolha parecer uma louca no meio do refeitório da residência, mas não me importava.

Não queria continuar a esconder-me ou a tentar evitá-los nos corredores, ou a ouvir os professores com dificuldade, sentada no fundo da sala. Era ridículo. Não me importava que olhassem para mim ou sussurrassem sobre mim. Sentia-me mais livre, mais leve, mais... feliz.

— Foi estranho, mas fantástico — disse a Lissa ao sairmos do *campus*.

— Sim, adorei a expressão do Nathan! — A Rachel tirou o *gloss* da mala e aplicou-o delicadamente. — É mesmo ridículo.

A Rachel estava certa. Depois de tudo o que acontecera, mal me lembrava das qualidades que encontrara no Nathan para gostar dele. Não só não conseguia manter uma conversa com ele durante mais de vinte minutos — e era um feito e peras para o seu pequeno cérebro —, como nem sequer o achava bonito.

Pensei no que me atraíra nele, e as duas partes do meu cérebro, uma focada nas emoções e a outra no raciocínio, pareceram-me envolver-se numa batalha épica. Ganhou o senhor Emoções e, para minha consternação, a imagem do Blake apareceu na minha mente. Lembrei-me dos seus olhos verdes, do cabelo preto ligeiramente despenteado, do queixo quadrado, masculino, do sorriso malicioso... Ele era irremediavelmente *sexy*, e dizer o contrário seria mentir a mim mesma. Abanei a cabeça para evitar que a sua cara tomasse conta dos meus pensamentos.

Começámos a caminhar, a rir e a brincar, lembrando-nos repetidamente do que acabara de acontecer, até chegarmos ao Queen.

Eu já tinha estado ali várias vezes a tomar café com a Lissa e algumas das raparigas do primeiro ano. Gostava da decoração com ar antigo; as poltronas castanhas à volta das mesas, os quadros antigos pendurados nas paredes, a máquina de música ao fundo e a madeira escura que dava destaque ao balcão e à mobília. Sentámo-nos a uma das mesas e pedimos hambúrgueres e batatas fritas para jantar, pois isso era basicamente tudo o que havia na ementa. Meia hora mais tarde, quando começávamos a comer a sobremesa, o Adam e o Blake chegaram.

Quase me sobressaltei ao vê-lo. Depois do que acontecera no refeitório, tinha-me esquecido da questão das chaves. Engoli em seco enquanto o Blake se sentava à minha frente, ao lado da Rachel, com um olhar inquisidor, cruzando as mãos sobre a mesa; eu podia sentir a tensão nos seus ombros, no maxilar, em todos os seus movimentos. Enquanto a Lissa contava ao Adam o que acontecera, apreciei a última colher da musse de chocolate deliciosa que nos tinham servido de sobremesa, e sorri para o Blake de forma inocente.

— Está uma delícia — disse —, devias provar.

O sorriso do Blake desvaneceu-se a meio, sem chegar aos olhos.

— Não abuses da sorte. Tenho muitas ideias perversas sobre chocolate, sabes que é afrodisíaco?

Olhei para baixo depois de reparar que a Rachel, sentada ao lado do Blake, o ouvira. Ela tentou esconder um pequeno sorriso e continuou a conversar com o Adam, fingindo não se ter apercebido de nada.

O Blake virou-se para a Lissa e deu-lhe toda a atenção quando ela começou a explicar a cena em que o Nathan interveio para defender a Sadie.

Se não fossem as constantes demonstrações do Blake sobre como gostava pouco de mim, juraria que a minha discussão com o Nathan o interessava.

Quando a Lissa terminou de contar a cena, o Blake virou-se para mim.

— Estava na altura de espalhares o teu ódio por mais pessoas.

— Mereceste a parte que te tocou! — exclamou a Rachel antes de eu poder responder. — Para que saibas, também provei os chocolates.

O Blake riu-se de forma descontraída e, à minha direita, ouvi um pequeno risinho do Adam, logo abafado na sequência da cotovelada da Lissa.

— Não leves a mal, Rachel. — O Blake olhou para ela. — São danos colaterais.

Ela cruzou os braços, amuada, e ele mostrou uma pitada de remorsos.

— Pensa que ao menos se divertiram a queimar coisas — acrescentou.

Oh, não, não, merda. Tinha de cortar a conversa pela raiz.

— Queimar coisas? Do que falas? — perguntou a minha amiga.

Com a esperança de que a Rachel não arruínasse a minha pequena mentira inocente (dado que a flor era demasiado bonita e, na verdade, eu tinha-a colocado num copo de água em cima da secretária), tentei dar um ligeiro pontapé à minha colega de quarto. O resultado foi mais forte do que o esperado e, sem dúvida, mais ao lado.

— Ai! — gritou o Blake, e espreitou por baixo da mesa antes de me olhar de relance. — Léane, deste-me um pontapé?

Todos os presentes ficaram em silêncio. Por um lado, era uma coisa boa, uma vez que a conversa sobre queimar coisas enviadas pelo Blake parecia ter chegado ao fim. Por outro lado, eu tinha de responder alguma coisa porque me sentia a corar, e optei por parecer despreocupada. Encolhi os ombros, apoiei um

cotovelo na mesa de forma descontraída, estendi a mão e olhei atentamente para as minhas unhas.

— Sim, acho que merecias.

O Blake pestanejou, confuso, e eu vi a sua expressão percorrer uma curta distância que tinha início na «rua Espanto» e terminava na «avenida Raiva». Ele já não parecia estar a gostar da saída à noite. Mais sério do que nunca, levantou-se da mesa, sacudiu a camisola antes de vestir o casaco e apontou-me o dedo.

— Vamo-nos embora — disse sem rodeios.— Preciso das minhas chaves para amanhã.

— Aonde vão? — perguntou a Lissa, indignada, vendo-me levantar. — Mas só chegámos há vinte minutos!

— Sim. — O Adam olhou para o relógio de pulso. — Ainda são oito horas.

— Perfeito. Quanto mais cedo terminarmos, melhor — disse o Blake.

— Deixas-me aqui com os pombinhos? — queixou-se a Rachel.

Sem dizer mais nada, o Blake caminhou em direção à porta. Olhei para os meus amigos, peguei determinada na mala e encolhi os ombros, como que a desculpar-me. Depois, segui-o, e pensei que a forma como ele se movia era hipnótica.

Estava frio lá fora. Tapei os lábios com a gola da camisola de lã e enfiei as mãos nos bolsos do casaco. O Blake ficou parado à beira do passeio e estendia o braço de cada vez que um táxi passava. Olhou-me por cima do ombro quando reparou que eu estava atrás dele.

— As chaves estão no teu quarto?

— Não, mas estão perto — respondi. — Podemos brincar ao «frio e quente», quando te vir a aproximar das chaves, digo «quente, quente».

O Blake levantou de novo o braço enquanto um táxi passava pela avenida, mas já estava ocupado. Depois virou-se para mim.

Tinha as pupilas dilatadas.

— Noutra ocasião, apreciaria que a palavra «quente» fosses dita por ti, mas, caso não tenhas reparado, esta noite não estou com disposição.

— Então vai à merda! — gritei, e ficámos os dois surpreendidos. — Lembra-te que foste tu que «começaste esta rivalidade... estúpida. Agora, aguenta as consequências. Pensavas que eu ia ficar parada e deixar-te humilhar-me?

— Tens problemas de memória? Tu é que começaste quando me sabotaste.

— Não o fiz de propósito, raios! — exclamei com raiva.

Ele olhou para mim irritado, enquanto um táxi parava à nossa frente. O Blake suspirou e entrou primeiro no banco de trás, segui-o sem protestar.

— É para onde? — perguntou o taxista, que devia ter cerca de cinquenta anos e estava sério, enquanto punha o taxímetro a zero.

O Blake apontou para mim, hesitante, e disse:

— Pergunte à menina cleptómana.

Envergonhada, aclarei a garganta antes de falar.

— É para a Residência C, mas pare no primeiro quarteirão da avenida.

— *Okay*. — O taxista ligou o pisca e pouco depois entrou no trânsito, conduzindo com cuidado e a um ritmo mais lento do que o habitual.

Acalmei-me. Recostei-me no banco e olhei pela janela do carro. Escapara por pouco. De certeza que, se o Blake descobrisse que eu colocara a flor na minha secretária, não só usaria essa informação para me provocar, como poderia tirar conclusões erradas. Eu não
tinha queimado a flor simplesmente porque cheirava bem. E era bonita. Gostava de coisas bonitas, sim.

Peguei no pacote de *M&M's* e tirei um chocolate azul no momento em que o táxi virou à direita, fazendo com que o pacote me escorregasse das mãos e caísse perto dos pés do Blake.

Ele olhou para mim com o sobrolho arqueado.

— Estás à espera de que o apanhe?

— Não te preocupes.

Afastei a mala e, depois de tirar o cinto de segurança, inclinei-me até a minha cabeça se perder debaixo do assento. Reparei que o Blake deu um pequeno salto quando a minha mão tocou na sua perna e tentei apalpar o chão do carro com os dedos.

— Léane, querida, espera até chegarmos a casa — disse, em voz alta, a olhar para o taxista. Não precisamos de espetadores para nos divertirmos.

Encontrei o pacote de chocolates e regressei ao meu lugar. Tentei dar um jeito ao cabelo com a ponta dos dedos. O taxista olhou para mim furioso através do espelho retrovisor. Virei-me para o Blake, confusa, e depois entendi o que ele

insinuara, uma vez que o meu rosto tinha estado quase entre as suas pernas.

Respirei fundo para tentar apaziguar o rubor das faces. Pensei em esclarecer o taxista, dizendo-lhe que estava apenas à procura de uns chocolates inocentes, mas decidi não piorar a situação.

Incomodada, dei uma cotovelada ao Blake.

— Não disseste que não estavas disposta a entrar em jogos?

— Deste-me este de bandeja. — Olhou para mim com um ar inocente fingido e depois sorriu. — Ou em perspetiva, daqui de cima, o que preferires.

Respondi-lhe com uma careta.

Quando chegámos ao destino, ou seja, à ala leste da universidade que corria paralela ao dormitório, o Blake pagou o táxi e saímos, depois de nos despedirmos de um taxista ainda mais mal-humorado devido a determinadas insinuações.

Ele cruzou os braços no meio da rua.

— Então, onde estão as chaves?

14

Blake

A Léane engoliu em seco. Estava nervosa, por isso senti que o destino das minhas chaves era mais complicado do que eu pensara inicialmente.

Ela sacudiu, para trás e com a mão direita, num gesto de aparente indiferença, umas madeixas loiras onduladas.

Depois imitou a minha posição e cruzou os braços.

— Não vais pedir-me desculpa?

— É bastante óbvio que não.

— Então o que é suposto eu receber em troca? Pego nas tuas chaves e depois entrego-tas? Assim, sem mais nem menos?

— Exato, resposta certa. Ganhaste uma palmadinha nas costas.

A Léane levou uma mão aos lábios, numa atitude pensativa.

— Proponho uma trégua definitiva. Já estou farta de te confrontar, está a tornar-se repetitivo. E preciso de me concentrar no concurso, não tenho tempo para brincadeiras.

A sua oferta apanhou-me de surpresa. Hesitei por um instante, mas depois um vislumbre de maturidade tomou conta de mim e acenei devagar com a cabeça.

— Combinado. Parece-me justo.

— *Okay*, embora eu não saiba se posso confiar em ti.

Encolhi os ombros e fiz um sorriso inocente.

— Vais ter de arriscar. É o que há.

A Léane curvou os lábios num sorriso sincero e os seus olhos cintilaram de alegria. Depois, pediu-me que a seguisse e caminhou em direção ao pavilhão desportivo da universidade. A curiosidade de saber onde estavam escondidas as

minhas chaves corroía-me. Ela parecia muito feliz, e isso não era bom sinal.

Observei como as suas ancas balanceavam enquanto caminhava e apreciei a curvatura do rabo enfiado naquelas calças de ganga. A minha mente vagueava sem limitações. Pisei a relva com força, irritado pelo facto de me apetecer olhar para ela.

Quando chegámos à porta do pavilhão mais distante do *campus* universitário, que pertencia à Federação de Natação, a Léane rodou o puxador devagar e disse-me que ficasse quieto. Enfiou a cabeça pela abertura da porta.

— O Richard não está aqui. Vamos, entra — acrescentou, e puxou-me pela manga do casaco.

A Léane fechou a porta do pavilhão e o espaço ficou mergulhado numa escuridão quase impenetrável. Estiquei o braço direito, na tentativa de sentir o que havia à minha volta para não tropeçar, até que toquei com os dedos numa superfície macia: a camisola de lã da Léane. Senti o contorno das suas costas e tracei a sua silhueta até baixo com uma mão semiaberta, até sentir o tecido das suas calças de ganga. Nessa altura, reprimi o instinto e mantive a mão imóvel.

Depois daquele toque, o silêncio e a tensão tornaram-se mais palpáveis. Se havia uma coisa que me deixava inquieto, era não saber porque não se afastava a Léane e retirava a minha mão.

Inclinei-me na sua direção e tentei ver o seu rosto na escuridão.

— Quem é o Richard? — perguntei tranquilamente, como se fosse natural acariciar a parte inferior das suas costas com a mão, quase a tocar-lhe no rabo.

Ouvi o seu suspiro antes de ela falar.

— O porteiro que fica de guarda aos fins de semana. É um tipo novo, anda com uma colega de turma de literatura da Rachel, por isso não costuma voltar aqui antes das três da manhã.

— Que profissional.

— Sim. — A Léane começou a caminhar e eu tirei a mão das costas dela. — Acho que já não falta muito para que o apanhem a sair da residência uma noite destas. Os dias dele aqui estão contados.

Tentei seguir as suas pegadas, dado que os meus olhos se tinham habituado à escuridão do espaço. Seguimos por um corredor sem fim, virámos duas vezes à direita e, finalmente, entrámos por outra porta. Cheirava a mofo.

— Chegámos — anunciou ela.

A Léane acendeu a luz. Pestanejei atrapalhado com a claridade que me inundou de repente e, mais precisamente, com a visão que se revelou diante dos meus olhos. A sala era quase toda branco-pérola, com exceção, é claro, da água azul-brilhante da piscina enorme que ocupava a maior parte do pavilhão. Era o maldito centro de natação e eu já tinha percebido onde estavam as minhas chaves.

— Desculpa. — Olhou-me com ar inocente e mordeu o lábio inferior de forma encantadora, como se tentasse evitar as consequências do seu ato. As chaves estão na primeira faixa da piscina, junto ao canto — acrescentou.

Se outra pessoa qualquer me tivesse feito aquilo, a minha raiva seria incontrolável. Mas a Léane puxava sempre pelo meu lado mais travesso. Ao pé dela, sentia-me um pouco criança. Divertia-me tanto quanto me perturbava, tudo ao mesmo tempo.

— Não peças desculpa, Léane. — Tirei o casaco e pousei-o no banco mais próximo. Depois, tirei os ténis e o relógio. — Não faz mal, vai saber-me bem dar um mergulho. No inverno. À noite. Que maravilha.

Ela não pareceu entender a ironia das minhas palavras. Encobri um sorriso ao tirar a *T-shirt* e esconder a cara atrás dela. Quando a deixei cair, vi a Léane a olhar-me de relance. Não me importava nada que ela olhasse para mim. Além disso, também gostaria de poder observá-la. Nua, é claro. Era isso que eu queria dizer. Eu sempre fora de ideias claras. Preto ou branco, quente ou frio, doce ou salgado, nua ou vestida.

— *Okay*. Fico à espera de que as vás buscar, se quiseres.

— Que as vamos buscar, queres dizer — corrigi, a sorrir.

A Léane levantou a cabeça de repente, com os olhos bem abertos. Dei um passo na sua direção e contive o riso enquanto ela estendia as mãos à minha frente, como se quisesse travar-me. Quando a vi correr em direção à porta de saída, apressei-me a apanhá-la e levantei-a por cima do meu ombro. Ela pontapeou, gritou, implorou e até me arranhou as costas. Mas quando percebeu que não havia volta a dar, ao aproximarmo-nos da água, atirou a mala ao chão na tentativa de, ao menos, salvar os seus pertences.

Enquanto segurava a Léane com força, saltei para a piscina.

Tive uma sensação de vazio ao cairmos e depois de frio, muito frio. Aquela piscina não merecia ser considerada aquecida. Enquanto estávamos debaixo de água, rodeei a sua cintura com os meus braços, antes de colocar a cabeça de fora para respirar. A Léane tossiu e pestanejou por causa do cloro antes de cravar os olhos nos meus. A sua expressão prudente e intensa fez-me sentir estranho, como se fosse a primeira vez que ela estava de facto a olhar para mim. De repente, o silêncio à nossa volta ficou espesso e a água da piscina tornou-se uma falsa calma.

De forma inconsciente, parei de respirar durante alguns segundos. A Léane não afastou os olhos de mim enquanto os meus vagueavam pelas suas longas pestanas, cheias de gotículas, que percorriam as bonitas sardas do contorno do seu nariz e desciam até aos lábios molhados e semiabertos, que pareciam pedir a minha atenção.

De repente, pareceu-me boa ideia beijar aqueles lábios. Na verdade, talvez tenha sido a melhor ideia que tive em toda a minha vida.

Já estava quase decidido a fazê-lo quando a Léane tomou a dianteira.

O seu beijo foi primeiro um toque tímido. Depois, colocou as mãos à volta do meu pescoço, encostou-se mais a mim e a sua boca pressionou a minha com força.

A reação da Léane deixou-me tão desorientado que não consegui retribuir o beijo. Fechei os olhos e fiquei imóvel durante segundos, atento às sensações que me envolviam e, perante a falta de resposta, a Léane quebrou o contacto e tentou afastar-se. Nesse breve momento de separação, acordei da letargia. Puxei-a e beijei-a com veemência, como se desejasse aquilo há vários meses, a desejasse.

Deslizei a língua pelo contorno dos seus lábios e a Léane entreabriu a boca, permitindo que as nossas línguas se tocassem. Tirei as mãos da sua cintura e movi-as ligeiramente para baixo, a fim de lhe acariciar o rabo. Ofeguei ao sentir que as suas unhas se cravavam no meu ombro e avancei, até as costas da Léane baterem na parede da piscina. Pressionei o quadril contra o seu e ela soltou um gemido leve ao aperceber-se da minha excitação.

Nunca ninguém tivera um efeito daqueles em mim com um simples beijo, nunca. Segurá-la nos braços era uma explosão de emoções contraditórias que

lutavam dentro de mim, na tentativa de abrirem caminho aos tropeções.

Queria afogar-me nela. Por muitos beijos que lhe desse, não me pareciam suficientes e, apesar de os nossos corpos se pressionarem um contra o outro em desespero, eu precisava de mais. De muito mais. A Léane enrolou as pernas nas minhas ancas e eu abafei um gemido pela quantidade de sensações que começavam a dominar-me. Deslizou as mãos pela minha barriga, percorrendo cada centímetro, sem separar os lábios dos meus. Para tocar de igual modo na sua pele, deslizei os dedos por baixo da sua camisola de lã pesada, acariciei-lhe as costas com a palma da mão e a Léane beijou-me com mais intensidade. Percorri o contorno das suas ancas e forcei-me a abrandar quando a ponta dos meus dedos deslizou alguns centímetros pelo interior da bainha das suas calças de ganga.

Suspendi o beijo na boca e percorri o seu pescoço com os lábios, beijando, lambendo e mordendo-lhe a pele, tudo ao mesmo tempo. Quando ouvi o seu gemido, fiz um esforço enorme para me afastar dela e levantei a cabeça de modo a vê-la.

A Léane perdeu-se no meu olhar. Tinha os lábios vermelhos, mas inclinou-se de novo para me beijar. Desfrutei do toque da sua boca na minha, como se fosse a primeira carícia daquela noite, e depois afastei-me.

— Olha para mim — sussurrei.

A Léane olhou para cima. Desci a minha mão pela sua barriga, acariciando o seu corpo debaixo da roupa e deliciando-me com o toque suave da sua pele. Sem tirar os olhos dos dela, subi devagar até tocar o contorno do seu peito. Hesitei por um instante, ao notar no seu olhar um misto de incerteza e desejo, depois fiz deslizar a mão de novo até à barriga, e beijei-a para me acalmar.

Eu só tinha um pensamento: queria tirar-lhe a roupa, tocar em cada centímetro da sua pele e acabar o que tínhamos começado. Mas estava demasiado consciente do receio e da desconfiança por trás do olhar da Léane. Por isso, respirei fundo e forcei-me a manter a calma. Não sei quanto tempo estivemos submersos na piscina, beijando-nos vezes sem conta. Tive a sensação de que os relógios do mundo estavam suspensos e que só nós existíamos. E gostei desse pensamento, dessa solidão partilhada só com ela.

Quando a Léane começou a tremer, sugeri que saíssemos da água. Com

tremores, ela sentou-se num banco e torci a sua roupa. Enfiei as chaves no bolso das calças e vesti a minha *T-shirt* de manga comprida. Ela suspirou e disse:

— Como vamos sair assim? Está um frio de rachar.

— Tira a camisola, podes vestir o meu casaco.

A Léane agitou-se no banco com desconforto e olhou para mim de lado.

— Espero por ti lá fora — acrescentei depois de lhe entregar o casaco.

Quando a Léane saiu, um minuto mais tarde, contive a vontade de a beijar de novo e fiz um esforço para caminhar pelo corredor do edifício praticamente sem olhar para ela, até estarmos no exterior e, contra todas as probabilidades, abracei-a, tentando em vão protegê-la do frio da noite.

— Não podes apanhar um táxi com as calças encharcadas — disse ela. Deixa-me telefonar à Rachel para ver se ela já voltou à residência.

Caminhámos até à residência enquanto a Léane falava ao telefone, ainda a tremer. O vento soprava as poucas folhas que restavam nas árvores, assobiando através dos edifícios de pedra; examinei o perímetro da universidade, havia poucos estudantes por ali àquela hora da noite. Quando desligou a chamada, sorriu.

— A Rachel diz que estão a ver um filme na tua casa. Vão demorar mais de uma hora a chegar, queres ficar aqui até lá? Temos um aquecedor na casa de banho, podias secar-te... Porque não acho que a roupa de qualquer uma de nós três te sirva, como é lógico... Além disso, também não ias gostar e...

— Sim, está bem. — Tentei não me rir do seu nervosismo.

Enquanto nos dirigíamos para o seu quarto, pensei no quanto me sentia inquieto. Não gostava daquela sensação. Decidi manter a calma, o que havia de tão estranho? Eram coisas que aconteciam. Coisas não ligadas a sentimentos, mas apenas reações químicas. Estímulos, respostas. Tínhamo-nos beijado e... pronto.

Mal entrámos no quarto, a Léane tirou algumas roupas do roupeiro e foi à casa de banho trocar-se. Não me sentei em lado nenhum, para não molhar nada, e entretive-me a olhar para o local onde estava a sua secretária.

As paredes tinham sido pintadas com uma cor creme suave, semelhante ao tom dos móveis de madeira. Na parede maior, frente às três camas, reparei num quadro enorme, retangular, que não estava pendurado da primeira vez em que

entrara ali. Era um dos quadros mais simples que eu já vira, mas dava ao quarto uma sensação de sonho. Tinha um fundo azul-escuro, quase preto, onde se viam pinceladas por entre uma infinidade de estrelas brilhantes. E era tão grande que parecia representar o céu noturno.

Desviei o olhar do quadro para a secretária da Léane, que estava cheia de livros e apontamentos. Embora não parecesse haver espaço para uma única folha de papel a mais, tudo estava bem arrumado, tal como no quarto do Adam e, ao contrário do meu, com as suas canetas brilhantes num cilindro de metal e muitas inutilidades coloridas ordenadas ao longo da mesa. De certeza que a Léane era o tipo de pessoa que encontrava sempre o que procurava e nunca passava horas a vasculhar o quarto à procura de... bem, qualquer coisa. Ao longo da minha existência, eu tinha perdido todo o tipo de objetos insólitos.

Franzi o sobrolho quando descobri que, ao fundo, atrás da enorme pilha de livros, repousava um copo de água com a flor que lhe enviara na semana anterior. Ela não a tinha queimado. Não só era uma pequena delinquente, como também uma pequena mentirosa. Claro que as duas particularidades formavam um mesmo perfil.

Fiz um sorriso estúpido, até perceber que aquele pormenor poderia implicar intenções que eu não tinha, como uma relação séria ou qualquer coisa do género. Sentia-me atraído pela Léane, cada centímetro do seu corpo havia sido criado para me provocar, mas, além de uma mera atração física e de um interesse pelo jornalismo, não sabíamos nada um do outro e não tínhamos nada em comum.

Estava a levar uma vida inteira para me conhecer a mim mesmo, havia vinte e um anos que tentava. A ideia de conhecer outra pessoa parecia-me uma coisa muito distante.

Quando ouvi o som do secador de cabelo, inspecionei as coisas da Léane com mais calma. Olhei para o que estava na sua mesa de cabeceira: vernizes de unhas de cores diferentes, dois chupa-chupas de morango, uma carta e um bálsamo labial. Típico dela: nem um único objeto útil.

A cama estava cheia de ursos de peluche. Pareciam observar-me de forma acusadora, como se me considerassem um intruso. Respirei fundo e senti-me estúpido. Aproximei-me de um urso azul estridente, aquele que me deixava mais

inquieto, e virei-o para a parede, como se estivesse a castigá-lo. A Léane saiu da casa de banho no momento em que eu castigava o urso e, carregada com um aquecedor, franziu o sobrolho.

— O que estás a fazer com o peluche?

— É que… não para de olhar para mim. — Riu-se. — A sério, é assustador, prefiro não ter de encarar aquele olhar tétrico.

Ela ligou o aquecedor depois de o ter colocado à frente da cama. Caminhei e baixei-me, de mãos estendidas, grato pelo calor que começava a sair do aparelho. A Léane sentou-se atrás de mim, no edredão colorido (tudo, absolutamente tudo, era colorido). Pôs os braços à volta do meu pescoço e começou a dar-me pequenos beijos ao longo da linha da mandíbula. Fechei os olhos e concentrei-me nas sensações que os seus lábios provocavam na minha pele.

15

Léane 

Beijei-lhe a linha da mandíbula, devagar, enquanto deslizava as mãos pelo seu cabelo. O Blake inclinou a cabeça para trás, de modo a que eu pudesse chegar melhor aos seus lábios, e senti o aroma cítrico intenso que ele costumava ter. Era aliciador. Perguntei-me se seria uma daquelas fragrâncias exóticas com propriedades afrodisíacas, porque conseguia acabar de vez com o meu bom senso. Ou o pouco que restava dele.

— Devias fazer a barba — sussurrei.

Ele virou-se e tocou na cara com as mãos.

— Arranho? Fiz a barba ontem.

— Um pouco.

Deitei-me na cama e disse-lhe que se aproximasse.

— As minhas calças ainda estão molhadas.

— Não faz mal.

O Blake deitou-se ao meu lado. Com uma gentileza que me surpreendeu, desviou-me uma madeixa de cabelo do rosto e enfiou-ma atrás da orelha. Depois, traçou os contornos da minha cara com o dedo indicador, percorrendo a ponte do nariz, e, por fim, contornando os meus lábios como se estivesse a desenhar na minha pele.

— Devíamos falar... sobre isto — sussurrou.

— Vais pedir-me que não me apaixone por ti? Não te preocupes, não vai acontecer.

Observou-me atentamente. Os seus olhos verdes brilhantes analisaram os meus movimentos, como se tentasse ver para lá do que eu lhe mostrava. Durante

aquele minuto de silêncio, que pareceu uma eternidade, continuou a acariciar-me os lábios com o dedo e, quando conseguiu fazer-me tremer, os cantos dos seus lábios viraram-se para cima.

— Seria assim tão horrível?

Ri-me ao pensar nisso.

— Não diria horrível, mas seria estúpido — respondi, e ele ficou imóvel, ainda a olhar para mim fixamente. — Fica descansado, não és propriamente o meu tipo.

Pareceu duvidar. Eu não iria sentir nada pelo Blake. Nunca. Jamais. Não era aquela pessoa especial que eu procurava havia anos. Tinha a certeza, porque não sabia quando é que o meu príncipe encantado chegaria (e sim, parecia piroso, mas não me importava nem um pouco). Talvez aquele príncipe estivesse preso no trânsito ou tivesse tropeçado em algumas pedras pelo caminho. Quem nunca chegara tarde a um encontro? Estava um pouco atrasado, mas era desculpável. Além do mais, eu não tinha pressa.

Felizmente, ao longo do caminho que a minha vida seguia, por vezes encontrava tipos como o Blake (não propriamente daqueles que me odiavam, isso não era a coisa que mais costumava acontecer, mas ele tinha uma das características fulcrais para fazer parte da minha pequena lista de *flirts*: ser um idiota). Eu não tinha culpa de ele cheirar tão bem ou de ter um tronco que eu não conseguia deixar de querer tocar, ou de ter um sotaque inglês elegante, impecável e irresistível, ou ainda menos de fazer constantemente um sorriso encantador, como se fosse o jóquer do público.

A meu favor, tinha uma defesa irrefutável.

E sim, eu declarava-me inocente nas minhas alegações finais.

Havia também a remota possibilidade de o meu príncipe não estar num engarrafamento, mas ter-se envolvido num terrível acidente. E, se ele chegasse, que mal tinha eu divertir-me um pouco, durante algum tempo, com o Blake? Estava cansada de sofrer. Pela primeira vez, os sentimentos e as emoções não se materializavam como cordas que me prendiam e me balançavam. Estava livre. Completamente livre. Convencida de que não correria riscos com o Blake. Que riscos podem existir quando as expetativas estão reduzidas a zero? Não tínhamos nada em comum, o que significava que era absurdo que chegasse a sentir

qualquer coisa mais profunda por ele. *Meilleur impossible.*

— O que eu sinto é só... atração. Discutir é estimulante, sabes — expliquei-lhe, e sorri com sinceridade. Tinha passado por algumas desilusões e, pela primeira vez, era capaz de controlar a situação sem estar presa a emoções. — Tu e eu somos como água e azeite. Se fôssemos químicos, talvez pudéssemos experimentar juntar os dois elementos. Porém, dado que não somos, podemos divertir-nos a observar como se misturam durante alguns momentos e acabam por se repelir. Porque eu não gosto de ti, Blake. Não gosto mesmo. Vais achar isto inacreditável, mas preciso que compreendas. Quero deixar as coisas claras — fiz uma pausa para recuperar o fôlego; sentia-me exausta depois de ter falado a toda a velocidade. — Então, o que achas?

Antes de me beijar, o Blake sussurrou-me:

— Acho que é... perfeito.

Sem abandonar a sua boca, passei por cima dele e segurei-o contra o colchão pelos pulsos, para o impedir de me tocar. O Blake não tentou soltar-se, limitou-se a fazer um sorriso provocador e permitiu-me controlar a situação. Deslizei a língua ao longo do lóbulo da sua orelha e depois pelo pescoço até que ele soltou um misto de grunhido e suspiro. Levei a mão ao seu peito, por cima do coração, e sorri de satisfação ao notar que batia acelerado. Ri-me e afastei-me dele, caindo ao seu lado.

O Blake falou, ainda com os olhos fechados. A sua voz estava rouca.

— Estás a tentar enlouquecer-me? Devíamos estabelecer algumas regras. A primeira é que é proibido provocares-me assim, se pretendes afastar-te a seguir. Ficou claro?

Quando olhou para mim, e apesar de estar a sorrir divertido, reparei em como o verde dos seus olhos escurecera. Eu tinha gostado de provocar aquilo nele.

— Era disso que eu falava com não me sentir presa a nada. Contigo, posso fazer tudo sem pensar se está certo ou errado. É como se estivesses fora dos meus limites morais.

O Blake enfiou com cuidado os dedos no meu cabelo, enquanto suspirava.

— Vais ficar aqui no Natal? — perguntou.

— Não. Os meus pais têm estado a poupar e arranjaram-me um bilhete de avião.

— Em que dia te vais embora? — quis saber.

— No domingo. Podemos encontrar-nos amanhã, se quiseres.

— Tenho planos. Lembras-te que precisava das chaves do carro?

Apertei a almofada com força. Imaginei o Blake na piscina, mas não comigo, com outra rapariga, e senti um esticão desconfortável no estômago. Ele deixara claro que não tinha namorada, certo? Tentei lembrar-me de vestígios da conversa dele ao telefone na semana anterior, mas depois do que aconteceu naquela noite, estava tudo um pouco confuso.

— Vais estar com quem?

O Blake deu uma gargalhada suave.

— Começas cedo a exigir informações. Espera alguns dias, ao menos.

— Não, idiota. — Contive-me para não lhe atirar a almofada. — Mas vais ter de fazer um horário de visitas com o resto das tuas amigas para eu poder estar contigo.

Ele riu-se e dei-lhe uma cotovelada nas costelas. As suas gargalhadas pararam de repente. Carregou no local onde eu o atingira e franziu o sobrolho.

— Amanhã, vou encontrar-me com a minha irmã, é só isso.

Fiquei em silêncio, sem saber bem o que dizer. Tinha de começar a fixar novas ideias, como não lhe perguntar o que estava a fazer, para onde ia, o que pensava... Não tinha nada que ver com o assunto, nem me importava. Só precisava de descontrair, sorrir e desfrutar do momento sem me preocupar. Adeus a isso de pensar. Observei-o, deitado à minha frente e a olhar para mim orgulhoso. Fingi estar descontraída.

— Tens uma irmã?

— Tal como disse, sim.

— *Okay*, só estava a tentar ser simpática e a fazer conversa.

— Uma vez que te apetece falar e já falaste nisso... — Hesitou, mas depois continuou: — Pretendes conhecer outras pessoas enquanto nós...? Sabes que sou bastante egoísta. Não gosto de partilhar.

— Blake, tenho o tempo livre limitado.

Ele instalou-se na cama e sentou-se.

— És bastante eficiente a geri-lo porque tinhas namorado há uma semana — respondeu, encolhendo os ombros e a sorrir-me.

— Nunca deixas de ser idiota, pois não? — retorqui. — Não gosto do que estás a insinuar. Mesmo que eu estivesse com uma pessoa diferente todas as semanas, tu, logo tu, serias a última pessoa com o direito de julgar uma coisa dessas.

O Blake olhou para as pulseiras penduradas no meu pulso e contemplou-as como se fossem interessantes. Com a ponta do dedo indicador, tocou no pequeno sino de uma delas, provocando um ligeiro tilintar.

Olhou para cima à procura dos meus olhos.

— Na verdade, parece-me ótimo, não estou a julgar. Mas diz-me uma coisa, Léane, estou curioso: com quantos rapazes já estiveste? — perguntou, sem vergonha. Seria quase impossível para mim fazer-lhe uma pergunta daquelas. Mas não para o Blake.

Corei e tentei esconder o nervosismo ao sorrir-lhe. Ele continuou a olhar para mim. Tinha quase a certeza de que os seus olhos podiam ver através de mim, perfurar-me a alma e descobrir toda a verdade sobre a minha vida sexual e amorosa catastrófica. Engoli em seco e tentei recompor-me.

— Porque queres saber?

— Está bem, não respondas.

Abraçou-me pela cintura para me puxar até ele e pressionou a boca na minha. Senti-me aliviada por ele não ter insistido no assunto. Se havia uma coisa que eu sabia sobre o Blake, dos últimos meses, era que a sua teimosia não tinha limites. Havia poucas coisas nas quais ele cedia.

Beijar o Blake era a loucura.

Ele não beijava de forma suave ou insegura, mas de uma maneira intensa que me fazia delirar. Era capaz de me esquecer do resto assim que os seus lábios tocavam nos meus. Parecia flutuar numa bolha onde estávamos apenas os dois. Sempre que tocava com as suas mãos na minha pele, fazia-me tremer. Beijá-lo era quase impulsivo.

— Acho que tenho de ir — sussurrou.

— Tão cedo? — Beijei-o outra vez, e ele sorriu.

— Sei que a ideia de estares sem mim é complicada para ti.

— E, pelo que posso ver, para ti complicado é não seres estúpido.

— Talvez. — Levantou-se da cama, inclinou-se sobre a minha secretária e pegou em qualquer coisa. Segurou na flor que me enviara e fez rodar o caule

entre os dedos. — Sabias que de cada vez que mentes morre um gatinho? Terei de ter cuidado, agora que sei que não só és uma pequena delinquente, mas também uma pequena mentirosa. Que outros segredos tens escondidos, Léane?

Tirei-lhe a flor das mãos e, hesitante, lancei-a ao caixote do lixo. Para variar, o Blake estava a testar a minha paciência. Eu não tinha culpa de as pétalas azuis serem tão bonitas, adorava a cor. E cheirava muito, muito bem.

— Não disseste que te ias embora? Estás a ficar atrasada.

Peguei no pacote de chocolates que se encontrava pousado na mesinha de cabeceira e enfiei uma bolinha amarela na boca. O Blake observou todos os movimentos sem afastar o olhar dos meus lábios. Quando acabei de comer o chocolate, ele inclinou-se e beijou-me. E foi um beijo especial, estranhamente casto, mas, ao mesmo tempo, firme.

— Vemo-nos daqui a duas semanas — disse, antes de sair do quarto.

Cravei o olhar na porta pela qual ele tinha acabado de sair e fixei a superfície de madeira durante quase cinco minutos, meio perdida. Tive dificuldade em dissecar o monte de emoções contraditórias que me inundavam. Ainda estava chocada com a reação que tivera na piscina. Eu beijara-o. Era a primeira vez que fazia alguma coisa do género, esperava sempre que fosse a outra a dar o primeiro passo.

Não refletira naquilo, tratara-se de um impulso.

Quando olhei para os lábios molhados e entreabertos do Blake, a ideia de o beijar atravessou-me o pensamento e tornou-se quase uma necessidade. Havia algo nele que me atraía; do olhar provocador aos gestos indulgentes. Ele fazia-me vibrar. Despertava em mim uma atitude diferente, sentia-me mais forte e confiante quando estava com o Blake, como se me fizesse mostrar toda a personalidade que não era capaz de fazer fluir diante das outras pessoas. Era libertador.

16

Blake 

No sábado, quase à hora do almoço, fui buscar a Emma à porta da casa da sua amiga Sam, onde dormira nessa noite. Entrou para o lugar do pendura e sorriu-me; parecia feliz. Fomos até ao seu restaurante favorito, um lugar junto de uma estrada movimentada onde costumavam comer camionistas e turistas de passagem. Tínhamo-lo descoberto havia dois anos quando, a caminho de casa, depois de um dia de compras em Londres, tivemos de parar porque a Emma precisava de ir à casa de banho. A comida não era especialmente saborosa, mas, por razões inexplicáveis, a minha irmã ficou fascinada.

Instalámo-nos a uma das poucas mesas disponíveis. A Emma tirou o casaco, revelando uma camisola branca cheia de franjas azuis, que provavelmente cosera, as quais abanavam ao ritmo dos seus movimentos. Se havia algo que caracterizava a minha irmã, era o seu fascínio pela moda. Adorava criar os próprios modelos ou fazer alterações nas roupas que comprava.

Tossi para quebrar o silêncio.

— Como vão as aulas, tens estudado?

— Sim, como de costume — respondeu, enquanto deslizava o dedo sobre algumas letras esculpidas em cima da mesa.

— Lembra-te que tens de ter uma média alta para entrares na universidade.

— Eu sei, Blake. — Parou de prestar atenção à mesa e ergueu o olhar para mim. — Confia em mim. As minhas notas não são brilhantes, mas só tive uma negativa e estou a tentar dar o meu melhor, tendo em conta a situação...

Acenei com a cabeça. Depois, suspirei e tentei sorrir.

— Espero que não te distraias com outra coisa qualquer no último período.

A Emma riu-se, e algumas madeixas do seu cabelo preto ondulado esconderam-lhe o rosto, até que as afastou com a mão sem delicadeza, como se a incomodassem.

— Do que estás a rir-te? — perguntei.

— De ti. Blake, já não tenho doze anos.

Movi-me incómodo na cadeira, e, pouco antes de poder responder, a empregada aproximou-se de nós com um bloco de notas na mão.

— O que vão querer? — perguntou, sem grande simpatia.

— O prato do dia — respondeu a Emma, sem hesitar. — E água.

— Perfeito — disse ela, e virou-se para mim. — E o senhor?

— O mesmo que ela — decidi depois de folhear a ementa sem ânimo.

— Muito bem. — Tirou-me a ementa das mãos. — Já trago a água.

Suspirei, mostrando o meu desagrado pela falta de entusiasmo. Cruzei as mãos sobre a mesa enquanto a Emma escrevia uma mensagem de texto no seu telemóvel.

— O que querias dizer, Emma? — perguntei, inclinando-me até acabar por falar aos sussurros. — Fizeste... coisas... com algum rapaz?

— Blake! — exclamou, levantando a voz e tirando o olhar do telemóvel. — Não fiz nada. Mas se o fizesse, não te contava, a sério.

Escondi as mãos debaixo da mesa e arqueei as sobrancelhas.

— Emma, isto não é um jogo. Se fizeres alguma coisa, tens de usar proteção. Sempre.

Consegui chamar a sua atenção. Ela pôs o telemóvel de lado e ficou a olhar-me, desconfiada. Aparentemente, a minha irmã era como uma adorável boneca de porcelana. Mas, quando se zangava, transformava-se num dragão aterrador que lançava fogo pela boca. E queimava quem não saísse a tempo do seu caminho. Felizmente, eu sabia lidar com ela e influenciá-la sem correr demasiados riscos.

— Vamos mesmo ter este tipo de conversa?

— Sim. Usar proteção é uma coisa básica, Emma.

— Eu sei, não sou estúpida — respondeu.

— És estúpida — corrigi-a. — Se fosses inteligente, concentravas-te nos

estudos.

Ela olhou para mim, divertida, sem deixar de brincar com uma madeixa de cabelo que enrolava e desenrolava entre os dedos.

— Consigo fazer as duas coisas ao mesmo tempo.

— O que estou a tentar dizer-te é que outros rapazes da tua idade têm intenções. Intenções que noventa por cento das vezes acabam numa cama. Peço-te apenas que tenhas isso em consideração. E que uses proteção — repeti.

A Emma sorriu com timidez e, depois, corou.

— Não te preocupes, Blake, o rapaz de quem gosto é diferente dos outros.

A frase que eu não queria ouvir. Se a Emma pensava que aquele rapaz era diferente, isso significava o contrário. E ela era demasiado nova para saber o que queria, como podia não ver? Quando olhava para ela, só via uma miúda que lera demasiados livros românticos (culpa da mamã, claro), e que tinha pouca experiência do mundo lá fora.

— Que idade tem ele? Onde vive? Quais são os seus planos a curto e longo prazo? Gostava de o conhecer. Penso que seria muito enriquecedor.

— Estás fora de ti, Blake. Não to vou apresentar.

— Mas seria útil. Poderia dizer-te como é em menos de cinco minutos. A maioria das pessoas que encontramos todos os dias são... falsas. Manipular é fácil. — A empregada interrompeu a nossa conversa enquanto pousava os pratos sem vontade. Voltei-me para ela e mostrei-lhe o meu melhor sorriso. — Obrigado. Bonito pingente, a propósito. — Ela olhou para o próprio pescoço, como se não se conseguisse lembrar do pingente. Depois, olhou para cima e sorriu.

— É mesmo? — Tocou no colar com a ponta dos dedos. — Era da minha trisavó, uma relíquia de família.

— Deve ter um grande valor sentimental.

— Sim, claro. — Sorriu de novo, e os seus olhos deixaram transparecer uma pitada de emoção contida. — O meu trisavô deu-lho antes de ir para a guerra, como sinal do seu amor. Não o venderia por nada deste mundo.

— Claro que não. O dinheiro nunca pode comprar emoções.

— Querem que vos traga um pouco de pão? É por conta da casa.

— Claro, obrigado. — Sorri-lhe e ela foi-se embora. Voltei-me para a Emma,

que começara a cortar o bife em pequenos pedaços. Viste o que fiz? Manipulei-a. Agora mesmo, não só recebemos pão grátis por falarmos de um pendente que não me interessa nada, como, se eu quisesse, teria aquela empregada no papo.

A Emma engasgou-se com o pedaço de carne que acabara de levar à boca. Engoliu-o da melhor forma que conseguiu, tossiu e depois bebeu água.

— Aquela mulher deve estar na casa dos cinquenta!

— Foi só um exemplo, Emma! O que quero é que entendas o conceito.

— Esta conversa é divertida. A sério, mas acho que deves acalmar-te e comeres. Não tens nada com que te preocupar.

Olhei para o meu prato e vi que as batatas fritas tinham sido reaquecidas; pareciam horríveis. A ideia de um rapaz usar a minha irmã ou de a magoar tirara-me o apetite. Quando a empregada se aproximou de novo, com uma bandeja de pão fatiado, fê-lo com um sorriso. Aproveitei para lhe pedir uma caneta.

— Pode ficar com ela — disse, ao entregar-me uma de tinta azul.

Sorri para lhe agradecer e, quando ela saiu, peguei em vários guardanapos que coloquei à minha frente, afastando o prato de comida. A Emma olhou para mim com o sobrolho erguido, hesitante, mas ainda a comer.

— Quero dar-te alguns conselhos finais. Prometo que, depois disto, não voltamos a falar sobre o assunto. Sei que tens de aprender a caminhar sozinha.

Comecei a escrever no guardanapo, sem parar para pensar. Quando terminei, reli as minhas notas.

1. Ir ao cinema num primeiro encontro é seguramente uma armadilha.

2. Se for um valentão tipo bad boy, *não penses que podes mudá-lo. É só um idiota.*

3. Se ele falar contigo com prepotência ou tentar pressionar-te, dá-lhe para trás. O rapaz ideal tem de te adorar acima de tudo. És única. Acredita nisso.

4. Não precisas de ninguém para seres feliz. Lembra-te disso.

5. Usa proteção. Sempre.

6. E se alguma vez precisares de falar com alguém sobre o que quer que seja, liga-me. Não importa a hora.

Dei o guardanapo à Emma, e, quando ela acabou de o ler, levantou-se, contornou a mesa e abraçou-me. Depois, começou a chorar.

— Então? O que se passa, Emma? — Esfreguei-lhe as costas devagar.

— Quem me dera que estivesses sempre presente quando precisamos de ti e que enfrentasses tudo desta maneira.

— Que conversa é esta? Estou sempre presente, podes contar comigo para tudo.

— Mas com a mamã... — Soluçou mais alto, e senti, de repente, a garganta a arder, como se qualquer coisa que estava escondida dentro de mim quisesse sair. Engoli em seco para tentar acalmar aquela sensação e manter as emoções algures bem lá no fundo. Não ia deixá-las escapar. Se as enclausurasse, elas não existiam.

— Confias em mim? — perguntei sem a soltar, e ela assentiu por cima do meu ombro. Então não tens de te preocupar com nada. Vai correr tudo bem, tenho a certeza.

A Emma afastou-se e olhou para mim com os olhos muito abertos, humedecidos pelas lágrimas, sem dar crédito às minhas palavras.

Porque não acreditava em mim? Era verdade.

Recompôs-se pouco depois. Abanou a cabeça, negando qualquer coisa a si própria, e voltou a sentar-se na cadeira.

— Emma — disse eu, quase num sussurro —, quando se acredita plenamente em alguma coisa, ela torna-se realidade. É por isso que sei o que vai acontecer. Estou convencido disso.

— Não fazes a mais pequena ideia, Blake! — Olhou para mim com pena. — Não se trata de um jogo, nem de confiar ou deixar de confiar, mas de aceitar a realidade. És incapaz de admitir que certas coisas escapam ao teu controlo. E isto está fora do teu alcance, por isso te afastas cada vez mais. Achas que por ignorares o problema ele desaparece?

— Não entendo o que esperas de mim. — Olhei para ela como que a questioná-la, e mexi-me na cadeira. — Queres que deite a toalha ao chão, não dá para seres um pouco, nem que seja só um pouco, positiva? Foda-se, fazes sempre a mesma coisa! Escolhes sempre pensar na pior opção.

— Não interessa, Blake. — A Emma passou a mão por cima da minha e olhei para os nossos dedos entrelaçados na mesa de madeira. — Sei que não fazes de propósito. E ela também o sabe.

Franzi o sobrolho. Porque pensava ela tudo aquilo? Porque preferia ver o copo meio vazio em vez de meio cheio? Senti o mesmo calor subir-me pela garganta. Era uma sensação sufocante. Obriguei-me a pensar noutra coisa.

— O que queres que o Pai Natal te traga? — perguntei-lhe.

— Roupa. — Ela sorriu, embora sem parecer muito feliz.

— E vários tecidos que escolhi de um catálogo. Ah, e lantejoulas para um novo projeto.

— Que projeto?

— O meu vestido para o baile de finalistas. Nem sequer vais comer as batatas? — perguntou-me, apontando para o meu prato, no qual ainda não tocara.

— São todas para ti. — Fiz deslizar o prato para o seu lado da mesa. — Sabes que falta um ano e meio para a tua graduação, certo?

— Sim. — Engoliu uma batata e depois falou com a boca cheia. — Mas o modelo desse vestido é muito elaborado e quero começar a fazê-lo o mais rápido possível.

— Como é?

A Emma pegou num guardanapo e esboçou o modelo que concebera. Eu não percebia nada de vestidos, mas pareceu-me espantoso; tinha a certeza de que aquele projeto só podia vir da cabecinha da minha irmã.

Passámos o resto da refeição a falar de vários assuntos e, quando terminámos, fomos para casa. Caminhei pelo jardim, um pouco indiferente, com ervas daninhas a brotar incontrolavelmente e a misturar-se com a relva quase seca.

Há uns tempos, aquele jardim era o melhor do bairro. A mamã era decoradora de jardins e ensinara-me tudo o que sabia sobre botânica. Não só tinha um incrível bom gosto, como fazia o seu trabalho com amor.

Ela costumava dizer que o segredo de uma planta florescer melhor do que outra era o amor que lhe era dedicado. Acreditava que, como qualquer ser vivo, precisava de ser cuidada com esmero.

Ver o jardim naquele estado mexia com as minhas entranhas. Era como ver um cemitério de plantas que, havia muito tempo, tinham sido abandonadas à sorte. Afastei o olhar do arbusto de rosas morto e seco que ainda resistia de pé e entrei em casa sem olhar para trás.

A mamã estava sentada no sofá, a ler um livro com os óculos postos. Os seus

olhos brilharam. Os cantos dos seus lábios tremeram ao sorrir e quando, sem uma única palavra, me estendeu os braços, sentei-me ao seu lado e deixei-a abraçar-me.

— Blake, estás com bom aspeto! — Pôs as mãos frias nas minhas faces.

— Tu é que estás ótima. — Sorri-lhe. Fez uma careta, engoliu em seco e apontei para o livro que ela tinha no colo. — O que estás a ler?

Olhou fixamente para a capa do romance e sorriu com vontade.

— É uma bela história de amor, Blake. Devias lê-la.

— Talvez um dia o leia — menti. Era incapaz de ler sobre uma coisa em que não acreditava.

Tirei o casaco e pousei-o no braço do sofá. Nesse instante, ela começou a retirar pequenas bolas de borboto que tinham aparecido na minha camisola de lã, depois de várias lavagens, enquanto com a outra mão tentava esticar a peça de roupa.

— Continuas a não engomar a roupa? — perguntou-me.

— Estou a tentar, mamã, mas quase não tenho tempo — menti outra vez. — Entre os estudos, o concurso...

Ela olhou-me fixamente e cerrou os lábios como só as mães conseguem, com determinação.

— Há sempre tempo, Blake.

— Eu sei, mamã.

— Digo-te isto desde sempre. Tens de ser mais organizado.

— Prometo que vou tentar engomar mais vezes.

A Emma apareceu na sala com um prato cheio de bolachas de chocolate e menta, as minhas preferidas. Tirou os chinelos e sentou-se no sofá. Não sei como conseguia engolir todo o tipo de lixo sem parar e não ganhar um grama de peso.

— Dá bolachas ao teu irmão, Emma.

Ela virou a cabeça e olhou para mim por cima do ombro.

— Queres...?

— Não, não tenho fome.

Naquele instante, o telefone da minha irmã tocou, com uma canção da Rihanna e, quando saiu da sala para atender a chamada, deixou os biscoitos na mesa.

A mamã tirou-me a última bolinha de borboto da camisola e ficou a olhar-me com desconfiança.

— Não queres bolachas? O que se passa contigo?

— Acabámos de comer, mamã — respondi antes de suspirar. Além disso, a Emma começou a falar-me de rapazes... — A mamã acariciou-me o cabelo com carinho.

— Ela já é uma menina crescida. Tens de a deixar aprender com os próprios erros, deixá-la experimentar e viver.

Engoli em seco, aquela última palavra, «viver», ficou na minha mente mais tempo do que devia. Abanei a cabeça.

— Ela é só uma menina — contrapus.

A mamã olhou para mim fixamente. Tinha os olhos avermelhados e o lábio superior a tremer. Olhei para o lado, incapaz de a fixar de volta por mais tempo.

— Também és só um menino, Blake — disse num sussurro pouco audível. E depois abraçou-me com força.

— Vai ficar tudo bem, mamã.

Fechei os olhos, correspondendo ao seu abraço, e senti o seu cheiro. A mamã cheirava sempre a terra húmida, como várias flores…, mas, naquele momento, não cheirava a nada.

17

Léane 

(Paris, França)

A música do meu telemóvel começou a tocar. Quase sem abrir os olhos, apalpei a superfície da mesa de cabeceira para o encontrar. Percebi que não estava na residência, mas sim em casa dos meus pais, e que a mesa de cabeceira ficava no lado direito em vez de no esquerdo. Consegui ver o nome do Blake no ecrã do telemóvel e atendi a chamada.

— Não consigo dormir — disse ele, devagar. — Acredita que tentei, mas continuo a pensar na coisa dos chocolates encarnados...

Virei-me na cama, acendi a luz do despertador que estava na mesa de cabeceira e descobri que eram três da manhã.

— Sabes que horas são? — perguntei, quase num sussurro, por não querer acordar os meus pais.

— Eu sei que é tarde, mas continuo a pensar nisso. Por que raio não comes os chocolates vermelhos? Se me deres a resposta, acho que vou conseguir dormir.

— Que bom para ti, Blake. Eu duvido que consiga voltar a dormir.

Ficámos em silêncio durante um longo minuto. Consegui ouvir a sua respiração calma; senti um ligeiro formigueiro ao lembrar-me da sua respiração quente na pele e mexi-me com desconforto debaixo dos cobertores.

— Vais contar-me o segredo dos chocolates?

— Não, é pessoal — respondi-lhe. — Além disso, é uma coisa parva.

— Adoro coisas parvas. Sabes, os pormenores que passam sempre ao lado. Acho que escondem a verdadeira essência de uma pessoa.

Pensei nas suas palavras durante alguns instantes, antes de me sentar devagar

na cama e me inclinar para acender o candeeiro da mesa de cabeceira. O meu quarto ficou iluminado por uma luz laranja fraca. Uma miríade de animais de peluche e bonecos de diferentes tamanhos olhava para mim, na estante à minha frente, por baixo de um dos meus quadros preferidos da mamã. Via-se o contorno de uma cidade pela qual o espetador passava a toda a velocidade, razão por que havia apenas vestígios dispersos de luzes e edifícios ligeiramente distorcidos pela sensação de movimento.

— Porque gostas de plantas? — perguntei-lhe de repente. Nem sequer estava consciente do motivo do meu interesse em saber.

— É uma forma pouco subtil de desviar o tema da conversa.

— Sim, mas é uma forma de te mostrar que também não gostas que se intrometam nos teus assuntos.

Ouvi-o suspirar, resignado.

— Há algum tempo, a minha mãe era decoradora de jardins. Cresci no meio das plantas, ela ensinou-me a cuidar delas — respondeu, a falar mais depressa do que o habitual. — É relaxante. Gosto da ideia de uma coisa a nascer e depois a viver graças a mim.

Eu nunca tinha pensado em botânica desse modo. Presumira que, para o Blake, simbolizava uma forma de controlar alguma coisa em particular, que dependeria apenas dele.

No passado, tivéramos plantas em casa, mas elas morriam sempre. Regávamo-las nos primeiros dias, mas a seguir ficavam esquecidas; só sobrevivera uma aloé vera, cujo extrato a mamã usava como máscara facial, e era um milagre devido ao facto de quase não precisar de água.

Queria dizer ao Blake que apreciava o sentido de responsabilidade que ele demonstrava para com as plantas, mas depressa esqueci a ideia.

— E o que faz o teu pai?

A pergunta pareceu-me formal, como quando se está dentro de um elevador e o vizinho do quarto piso fala do tempo sem grande interesse.

— É advogado. Trabalha em Nova Iorque.

— Deve ser difícil viverem tão afastados...

— Não penses isso. Na verdade, é um alívio — respondeu, com ar desconfortável, antes de falar de novo, agora com clareza. — A quantas

perguntas pessoais tenho de responder antes de me revelares o segredo dos chocolates?

Tapei a boca com a mão para abafar o som do meu riso.

Era engraçado descobrir que o Blake tinha um ponto fraco. Não saber a resposta a certas perguntas parecia enervá-lo.

— Deixa-me fazer-te mais algumas perguntas — pedi-lhe, e antes que ele pudesse responder, comecei a fazê-las. — Porque é um alívio que o teu pai viva em Nova Iorque?

Virei-me na cama e fixei o olhar no teto do quarto. Olhei, sem grande interesse, para as pequenas estrelas fluorescentes que ali resistiam havia vários anos, desde pequena, e que com o passar do tempo se tinham tornado menos brilhantes. Ao notar que o Blake parecia pensar na resposta mais do que seria de esperar, comecei a contá-las em silêncio.

— Há três anos, os meus pais divorciaram-se — disse, por fim. — Ele traía-a.

— Oh, lamento, não sabia que os teus pais estavam divorciados.

— Não lamentes, é melhor assim.

O tom frio da sua voz deixou-me desconfortável.

Por um lado, não queria intrometer-me mais nos seus assuntos; sentia-me como uma intrusa indesejada. Mas, por outro lado, borbulhava uma curiosidade dentro de mim. O Blake sempre me parecera distante e demasiado... superficial. Saber mais sobre ele era como mergulhar num oceano por explorar. E talvez essas águas nem sequer existissem, talvez ele não passasse de uma concha vazia.

Por alguma razão, receava que o Blake fosse apenas uns olhos verdes e um sorriso sedutor, com um grande domínio do sarcasmo e um ego descontrolado.

— Como é a tua família? — perguntou depois do meu silêncio. Tens irmãos?

— A minha família é bastante normal. O meu pai é professor de literatura e a minha mãe trabalha em casa, pinta quadros — respondi. — E sim, sou filha única, embora sempre tivesse querido uma irmã.

Gostaria de lhe dizer que os meus pais eram absolutamente incríveis, mas não quis ferir os seus sentimentos, considerando que ele acabara de me confessar que os dele estavam divorciados.

— Há pouco tempo, li um guia de viagem sobre Paris — disse ele. — Referia que os apartamentos são minúsculos e as ruas da cidade cheiram mal. Em que

zona vives?

Hum. Era difícil contradizê-lo.

Os apartamentos eram minúsculos porque se tornava caro viver numa cidade tão cheia de magia, amor, turistas e... sujidade. Tínhamos um sistema de limpeza baseado no arrasto por água que não funcionava bem.

A área onde eu vivia era bastante antiga. Não havia elevadores, mas escadas infindáveis e altas, e a coisa mais característica do meu bairro eram as mudanças de casa.

Quando um vizinho se mudava, era um espetáculo e tanto. Os móveis e a maioria dos objetos volumosos tinham de ser retirados pelas janelas do apartamento. A rua colapsava, os moradores queixavam-se... Enfim, o habitual.

— Não vivo longe do centro — respondi, sem me alongar. — E tu?

— Vivo em Romford, a cerca de cento e vinte quilómetros de Reading.

— Tens sorte por estares tão perto da família — respondi, e senti-me nostálgica, apesar de estar em casa.

— Sim. — Suspirou. — Um dia, vais confessar-me aquilo dos chocolates?

Rodei na cama, deitei-me de lado e estiquei o meu braço livre debaixo da almofada.

— Odeio a cor encarnada e tudo o que ela representa — respondi, por fim, fazendo uma pausa para bocejar. — Simboliza a violência, a morte, o sangue... É horrível. Passa-me más vibrações.

O Blake ficou em silêncio durante alguns momentos, como se estivesse à espera que eu acrescentasse qualquer coisa. Quando percebeu que a minha explicação estava concluída, emitiu um bufido de indignação.

— É só isso?

— Basicamente, sim.

— Falei-te de uma parte das minhas memórias em troca desse disparate?

— Avisei-te que não tinha interesse — lembrei-o. — Insististe em saber e até disseste que a essência das pessoas está nos pormenores.

E, a propósito, não sei de onde tiraste essa frase, mas é um bocado pirosa.

— Sabes que um dos pré-requisitos mais importantes para se ser um bom jornalista é a objetividade? O encarnado não simboliza apenas a violência e afins — realçou —, representa também amor, paixão, atração... — disse ainda,

sublinhando a última palavra de forma provocadora. — Talvez o facto de odiares essa cor tenha um significado.

Parecia divertir-se com a situação, como se tentasse provocar-me.

Na verdade, eu sempre tinha visto o amor com cor verde.

Estranho, mas verdadeiro. O verde simbolizava a esperança, a harmonia, a vida, a estabilidade, a tranquilidade... Tudo isto refletia o meu ideal de relação.

Não queria ação ou paixão transbordantes, o que procurava numa relação era calma, confiança, ser eu mesma e sentir-me em paz.

— Não tenho nada contra o romanticismo — argumentei —, mas não gosto de me apressar, o encarnado é como um estrondo, aparece do nada.

O Blake riu-se com vontade.

Parecia-me estranho ter uma conversa descontraída com ele. Quando parou de rir, ficou em silêncio durante alguns instantes, antes de voltar a falar.

— O encarnado simboliza o que sinto quando te vejo — disse ele, baixinho, com voz rouca. — E quando te toco, te beijo ou te lambo...

Engoli em seco, senti que a minha garganta ficava apertada por momentos, e a minha respiração tornou-se mais audível. As suas palavras provocaram-me uma reação que nunca experimentara, um desejo intenso. Era surpreendente que ele conseguisse fazer-me sentir daquela forma, mesmo estando noutro país, a milhares de quilómetros, e apesar de, supostamente, eu nem sequer gostar dele.

Ao mesmo tempo, sentia-me segura, calma, certa de que sabia o que fazia e de que controlava de alguma forma a vida sem que nada nem ninguém se atravessasse no caminho das minhas decisões.

— Tiveste um ataque cardíaco ou uma coisa do género? — perguntou depois do meu silêncio, com algum gozo na voz.

— Deixei cair o telemóvel — menti, e depois tossi, para aclarar a garganta com nervosismo. — É melhor tentarmos dormir um pouco, amanhã tenho de me levantar cedo para ir ver os meus tios…

— Tens razão. Não vão faltar oportunidades para descobrir mais coisas sobre a cor encarnada.

Porque tinha ele aquela maldita-voz-tão-incrivelmente-sedutora?

— Boa noite — disse. — E, Blake, Feliz Natal.

Quando desliguei, afastei o telemóvel do ouvido e percebi que conversáramos

mais de meia hora. Tinham ocorrido dois fenómenos. Por um lado, o tempo voara. Por outro, mas não menos importante, não tínhamos discutido uma única vez. Era quase como um milagre natalício.

Os quatro dias seguintes foram esgotantes. Não me lembrava de que estar em casa era tão stressante. Os dias esfumavam-se, uma vez que tinha de visitar os meus tios de ambos os lados da família, a minha querida avó — que vivia na periferia, a quase duas horas de carro, na casa enorme da minha tia Agnès — e duas primas que tinham ido morar sozinhas aquele ano.

Quando terminei a árdua tarefa de «cumprir o horário de visitas» que a minha família alargada implicava, descobri que a minha mãe combinara um jantar em casa com os pais da Lissa. Os compromissos pareciam não ter fim.

Tinha imaginado um Natal tranquilo, a passear pela cidade, a comprar presentes com a minha mãe ou a preparar o jantar com o meu pai, que era, sem dúvida, o melhor cozinheiro do mundo. Ao contrário do que previra, mal tivera um momento livre. Sentia-me como um executivo cheio de afazeres, que tinha de assistir a numerosas reuniões; parecia que estava numa viagem de negócios e não numa viagem de lazer.

As únicas horas de calma eram à noite, quando falava ao telefone com o Blake. No primeiro dia tinha-me surpreendido. E no segundo também. Nos três dias seguintes, no entanto, colocara o telemóvel debaixo da almofada, na esperança de que ele não se fizesse rogado e me ligasse rapidamente. Além disso, no penúltimo dia de férias, telefonei-lhe a meio da tarde sem nenhum motivo particular.

— Algum problema? — perguntou assim que atendeu.

Franzi o sobrolho. Era uma grande sorte que não pudesse ver-me.

— Não, porquê?

— Não sei, são seis da tarde. E estás a ligar-me.

— Não percebo, Blake. — Saí da cama e olhei-me ao espelho, no meu quarto, a fim de analisar a roupa que escolhera para jantar nessa noite com os pais da Lissa. — Estás a tentar dizer-me que podes ligar-me quando quiseres, mas que não posso fazer a mesma coisa?

— Porque não admites que não conseguiste esperar até hoje à noite para

ouvires a minha voz?

— És um idiota.

E, antes de desligar, ouvi-o a rir-se.

Ligou-me de volta várias vezes, mas não atendi.

Convenci-me de que não estava irritada. Porque haveria de me irritar por causa de alguém de quem pouco ou nada gostava?

A Lissa chegou a minha casa duas horas antes dos pais. Como nos velhos tempos, trazia um enorme saco de doces que comprara na Barthélemy, uma loja de guloseimas localmente famosa, e deitámo-nos na minha cama. Enquanto eu tentava apanhar com os dedos um ursinho de framboesa, ela inspecionou o verniz de unhas que me tinham dado no Natal.

Passara as férias a pensar se devia contar-lhe acerca do Blake, não sabia bem por onde começar, era difícil explicar-lhe que há algumas semanas queria matá-lo, mas agora preferia beijá-lo... porque descobrira que ele era mais excitante do que pensava.

— O que te deram mais? — perguntou antes de se levantar da cama e abrir o meu roupeiro à procura de novas peças de roupa.

— Este anel — respondi, e estendi a mão para que ela o visse. Era muito bonito, prateado, com uma pequena borboleta esculpida na ponta. — E também uns ténis e uma camisola, mas usei-a mal abri o presente e agora está na máquina de lavar.

A Lissa não fez mais comentários. Deve ter percebido que o meu verdadeiro presente de Natal fora vir a casa nas férias. Acomodou-se de novo ao meu lado e ficou a admirar o anel com um sorriso.

— E a ti, o que te deram?

— O habitual, roupa e mais roupa, sabes que os meus pais são pessoas cheias de originalidade — disse, com ironia. — Oh, e isto — acrescentou, afastando o cabelo dos ombros e revelando um pendente em forma de coração. — Foi o Adam que mo enviou.

— É perfeito. — Toquei com a ponta dos dedos no coração e li a inscrição dos seus nomes gravada no pingente. — Têm sorte de se terem encontrado um ao outro.

— Eu sei. — Sorriu e pegou-me na mão. — O teu momento também vai

chegar, verás. E acontecerá quando menos esperares. Tenho esse pressentimento.

Afastei o olhar da Lissa.

— Por falar em momentos… — Entrelacei os dedos com nervosismo. — No outro dia tive um desses momentos em que pensei: «Ei, que diabo se passa na minha cabeça», mas depois ponderei melhor e disse a mim mesma: «Bem, também não é assim tão mau. Além disso, se me deixar guiar apenas pelo sentido da visão, do tato e do olfato, está muito bem.»

Sorri com inocência quando acabei de falar.

A Lissa inclinou a cabeça para um lado, semicerrou os olhos, e observou-me atentamente, como se um extraterrestre me tivesse raptado durante a ceia de Natal.

— Pode saber-se de que raio estás a falar?

— Estou a falar de atração, de paixão, da cor encarnada...

— Estás bem, Léane?

— Sim. Ou talvez não, porque no outro dia eu e o Blake andámos a beijar-nos — confessei finalmente, com o sentimento de que, se guardasse para mim essa informação durante mais algum tempo, explodiria em mil pedaços.

No início, a Lissa riu-se, começando com um som fraco que se tornou mais alto, para se desvanecer segundos mais tarde, quando percebeu que o que eu dissera não era uma piada.

— Sei que estou doente. — Desculpei-me, antes que ela pudesse gritar mil impropérios. — Obviamente, há algo de muito errado com o meu cérebro, é a única explicação lógica.

— Vocês namoram? — A Lissa encostou os dedos indicadores, como representação da nossa possível união.

— Não, nada disso — respondi, apressadamente. — Já falámos sobre isso. É uma coisa puramente física. Como aquela cena que tiveste no ano passado com o Gautier.

A Lissa ficou a pensar naquilo durante um longo minuto que me pareceu terrivelmente desconfortável. Senti-me como se tivesse cinco anos e a minha mãe estivesse a ponderar se devia castigar-me, não me deixando sair, ou se devia antes esquecer o incidente, considerando-o uma coisa sem importância.

Quando ela sorriu, senti-me mais calma.

— Desde que não sintas nada de especial por ele... — Pôs um dedo no queixo. — E quanto ao concurso?

— Continuo a querer ganhar. Acho que vou ter de o esmagar. — Rimo-nos as duas. — A propósito, estou quase a acabar de preparar a última reportagem, embora ainda não saiba bem se devo deixar o final como está. — Apanhei um dos muitos papéis que estavam em cima da secretária. — Acho que é demasiado sério e não quero parecer distante.

— Muito bem, começa, adoro ser a tua espetadora número um! — Apontou com a mão para o centro do quarto, convidando-me a apresentar a reportagem.

Enquanto me levantava com a folha de papel na mão, pois não memorizara o texto, a Lissa instalou-se na cama, de costas para a parede. Passámos a hora e meia seguinte a comer gomas, a rever a reportagem e a pensar em cerca de quinhentos finais. Não ficámos suficientemente convencidas com nenhum.

Ainda não tínhamos encontrado um consenso sobre o final quando os pais e a irmã mais nova da Lissa chegaram a minha casa. Durante o jantar, contámos-lhes tudo o que tínhamos vivido em Inglaterra; tínhamos a sensação de repetir histórias vezes sem conta, mas nem os meus pais nem os da Lissa pareciam importar-se. Qualquer informação era sempre insuficiente para eles.

O nome do pobre Adam foi proferido umas vinte vezes. Os pais da Lissa, basicamente, fizeram-me perguntas sobre ele e com tal intensidade que até a polícia consideraria os seus métodos antiéticos. Queriam saber o que comia, onde vivia, que notas tivera no último semestre, a profissão dos pais e até o tamanho das suas calças. Eu gostava dos senhores Leveque, mas se me pedissem para os definir numa palavra, escolheria sufocantes.

O jantar tornou-se mais tenso quando o senhor Leveque descobriu que o meu voo de regresso não coincidia com o da Lissa e que, para piorar a situação, aterraria no aeroporto de Londres. Insistiu em reservar-me um bilhete logo pela manhã para que pudéssemos voar juntas, custasse o que custasse.

Os meus pais não pareceram gostar da ideia. Porém, e apesar de a terem discutido durante grande parte da noite, cederam. Compreendi que o senhor Leveque tivera a melhor das intenções, mas também compreendi que para a minha família era uma espécie de desconsideração pelo trabalho que tinham tido

para comprarem um bilhete de avião que nunca seria usado.

Quando o jantar acabou e os nossos convidados saíram, a minha mãe passou o resto da noite a criticar o facto de terem insistido em oferecer-me o bilhete. Disse também que aquele jantar a inspirara e que pretendia pintar um quadro macabro que refletiria as diferenças sociais de forma abstrata. Não fiquei preocupada, sabia que ela gostava do casal Leveque e que a ira desapareceria antes do amanhecer.

No sábado à tarde, disse adeus aos meus pais no aeroporto. Houve lágrimas, abraços intermináveis e muitos soluços descontrolados. Senti logo saudades deles, incluindo antes de entrar no avião.

A viagem tornou-se interminável, graças à Lissa.

Embora ela ainda tivesse algumas dúvidas sobre o Blake, não parecia desaprovar o que acontecera entre nós. Aliás, passou horas a falar do que tinha ficado a saber sobre ele na casa do Adam, o que me levou ao desespero.

Fiquei a saber muitas coisas e, é claro, não me importava, como o facto de ele basicamente só comer piza, gostar de gatos (que função informativa tinha este dado irrelevante?), ter zero capacidades de organização ou estar viciado na série *Breaking Bad* (e era por isso que havia discussões quando o Adam e a Lissa queriam ver televisão).

Depois de sairmos do avião, apanhámos um táxi para a residência. Senti uma terrível dor de cabeça, principalmente nas têmporas. A Lissa foi ao quarto apenas para deixar as malas, pois combinara encontrar-se com o Adam num café próximo e estava ansiosa por o rever. Melhor para mim, porque precisava de descansar e deixar de ouvir o nome do Blake.

Vesti o pijama — depois do longo dia entre aeroportos, não tinha intenção de sair, nem sequer para jantar no refeitório da residência —, peguei num romance que estava a meio e comecei a devorá-lo deitada na cama. Não havia nada mais relaxante no mundo do que ler sozinha e, sobretudo, em silêncio.

18

Blake



Encostei-me à parede do corredor e esperei pacientemente que a porta da frente se abrisse, o que deveria acontecer a qualquer momento. Olhei para o relógio e reparei que já tinham passado cinco minutos da hora prevista.

Eu sabia, graças à informação que o Adam me tinha dado, que a aula de documentação da Léane terminava ao meio-dia.

Não via a Léane desde o início das férias de Natal.

Quando a porta da sala se abriu, inúmeros estudantes saíram descontraídos com os livros na mão e as mochilas penduradas ao ombro. A Léane não se apercebeu da minha presença quando começou a caminhar pelo corredor. Segui-a e obriguei-a a abrandar quando abracei a sua cintura. Rocei os lábios no lóbulo da sua orelha.

— Sentiste a minha falta? Não precisas de responder, eu sei que sim.

A Léane virou-se, enfrentando-me.

— Mal me lembrava da tua existência. Chamas-te Blane ou qualquer coisa do género, certo?

Sorri e agarrei-a pela mão.

— Vem — pedi, e comecei a caminhar.

— Aonde vamos?

Ignorei a pergunta e segui em frente até chegarmos à sala onde tivera a última aula. Sabia que não haveria ali ninguém até às quatro horas, quando as aulas recomeçariam.

Fechei a porta mal entrámos.

— O que fazemos aqui?

Em vez de lhe responder, beijei-a.

Pressionei o meu corpo contra o dela quase de forma grosseira. Senti a tensão da Léane nos seus ombros rígidos e nos movimentos pouco naturais... Porém, pouco tempo depois, ela começou a descontrair. Pôs as mãos à volta do meu pescoço e abriu os lábios, permitindo que as nossas línguas se enrolassem.

Tomei-a nos braços, levantei-a e sentei-a numa das mesas. Afastei-lhe as pernas com o joelho e encostei-me mais a ela.

A escuridão que impregnava a sala tornava cada carícia mais íntima. Eu podia ouvir a nossa respiração, tremida e intercalada, como se não tivéssemos ar suficiente.

Sentada na mesa, a Léane pôs as pernas à volta da minha cintura. Interrompi o beijo a fim de olhar para ela e afastei-lhe o cabelo do rosto.

— Senti a tua falta — assegurei.

Era verdade. Durante as férias, pensara nela mais do que devia. Mas, perante o seu silêncio impenetrável, lamentei as palavras que disse.

— O que vais fazer de tarde? — perguntei.

— Tenho de estudar. — Ela mordeu o lábio. — Queres vir até à biblioteca?

— Parece tentador — respondi com ironia —, mas acho que não.

Quando tentou descer da mesa, segurei-a pelas ancas. Encostei a testa à dela, num gesto que se revelou demasiado íntimo.

— E na sexta-feira?

— Temos uma reportagem — lembrou.

— Depois da reportagem. Vai ser mais interessante assim.

— Mais interessante porque vou ter de te consolar? — Afastou-me e saltou da mesa, depois apontou-me o dedo. — Espero que não tenhas preparado nenhum truque.

— Claro que não. Que ganhe o melhor — assegurei. — Ou seja, eu.

A Léane não se riu. Fez-me um olhar malicioso e saiu da sala com uma passada determinada. Quando deixei de a ver, sentei-me numa cadeira e fiquei ali durante muito tempo, para tentar acalmar as emoções que ela tinha despertado em mim.

Na sexta-feira, acordei estranhamente alegre. Preparara com todo o cuidado a

reportagem daquela tarde. O facto de querer vencer a Léane motivava-me como poucas coisas. Além disso, tinha sido uma novidade, durante o período de Natal, a Emma ter-me ajudado na fase de investigação, até porque antes de saber o tema da reportagem eu não fazia a menor ideia da história que escondiam os Jardins de Forbury.

A Emma também não era um prodígio no que dizia respeito à investigação, mas tinha-me lido muita papelada, eliminando a informação irrelevante, e tornado as coisas mais simples. Seja como for, havíamo-nos divertido muito porque, curiosamente, sempre que eu apresentava uma reportagem, a Emma fartava-se de rir.

Fui o primeiro a chegar aos Jardins de Forbury, o lugar onde faríamos o próximo direto. Os jardins eram um dos locais mais turísticos da cidade, o parque dava para a parte exterior da Abadia de Reading. Caminhei por um dos muitos trilhos, até à zona central, onde se encontrava a estátua do Leão de Maiwand, do escultor George Blackall Simonds. Sentei-me num dos bancos de madeira, estiquei um braço por cima do encosto e absorvi as cores brilhantes que inundavam tudo. Sempre gostara daquele lugar, uma vez que os jardins transmitiam paz e irradiavam harmonia.

Não demorou até que os outros chegassem. Ao longe, a Léane sorriu-me. Fixei o olhar nela e vi-a caminhar sob o ténue sol de inverno.

— Vamos lá acabar com isto — resmungou o Jaden, de mau humor, enquanto colocava o equipamento no chão.

— Sim. — Fixei o olhar na Léane. — Tenho coisas importantes para fazer.

Naquele momento, o Mark Dabbent adiantou-se e pediu para ser o primeiro. Durante a reportagem, ignorou o seu lado mais humorístico e não se saiu mal. Havia poucas piadas para fazermos sobre aquele tema. Quando chegou a minha vez, procurei a Léane com os olhos. Tinha a certeza de que, depois do que acontecera entre nós, a competição seria honesta. Encontrei-a sentada num banco de madeira à minha frente, com as mãos no colo e a observar-me atentamente; assim que percebeu que eu olhava para ela, sorriu com timidez.

O seu sorriso tranquilizou-me de forma estranha.

Aproximei o microfone dos lábios e comecei quando o Gael me indicou que podia fazê-lo.

— Caros amigos, hoje gostaria de vos apresentar uma amiga muito especial — comecei por dizer, intrigando os outros concorrentes. — O seu nome é Reading, e sim, provavelmente, muitos já a conhecem, porque é a cidade onde vivem. No entanto, é possível que nunca tenham parado para a percorrer em profundidade, para a estudar. — Depois de ter captado a atenção do público, dei início à minha pequena lição de história. — Estou nos Jardins de Forbury, como podem ver atrás de mim. — Estendi a mão para o lado, a título indicativo. — Alguns reconhecerão a estátua do Leão de Maiwand, um dos símbolos mais icónicos da cidade. — O leão de pedra erguia-se à minha direita e era enorme. Aproximei-me e coloquei uma mão sobre a superfície retangular que sustentava o leão. — A estátua foi erigida em 1886 para assinalar a perda de mais de trezentos oficiais e soldados do Regimento Real Berkshire, na batalha de Maiwand. — Baixei ligeiramente o volume da minha voz, na tentativa de mostrar empatia. — Desde a reabertura dos jardins, em maio de 2005, inúmeros turistas passaram por aqui para visitar a obra de George Blackall Simonds, conhecido localmente como o Leão de Forbury.

Expliquei vários pormenores sobre o parque, como o coreto ou a zona do lago. Estava descontraído. Enquanto falava, o meu corpo sentia-se leve. E eu gostava dessa sensação.

— Reading devia ser conhecida por ser mais do que um centro de negócios ou uma cidade universitária porque, por entre as suas ruas, há grandes momentos da história que merecem ser contados — sublinhei. — O estabelecimento de comunidades em Reading remonta ao século dezoito e foi muito importante nos tempos medievais, graças à abadia que se localizava aqui mesmo e da qual hoje, depois de ter sido bombardeada durante a Segunda Guerra Mundial, restam apenas ruínas — esclareci. — Por isso, encorajo-vos a saírem e explorarem a cidade, e não me refiro apenas a visitar uma infinidade de bares e locais de lazer até ao amanhecer. — Ignorei os risos e continuei a falar como se nada fosse —, mas a darem-lhe uma verdadeira oportunidade. Recomendo uma visita aos Jardins de Forbury, assim como ao rio Tamisa, um dos locais mais tranquilos da cidade, ou a Thames Path. E se caminhar não for o vosso forte, podem sempre explorar o Museu de Reading ou desfrutar de uma sessão de cinema independente no Reading Film Theatre — concluí. — Informou-vos Blake

Lekker.

Quando terminei, passei o microfone à Léane e toquei de propósito com os meus dedos nos dela.

— Supera isto — sussurrei-lhe.

— Feito. — Ela mostrou um sorriso encantador. — Vai ser fácil.

Focou a sua apresentação nas bases históricas do jardim. Era interessante, mas também aborrecido. Não iria superar-me. O público não queria saber da vida do rei Henrique I, eu tinha a certeza. E ela repetia-se muito, era uma espécie de disco riscado que não parava de expor dados e mais dados... e, por fim, mais dados ainda.

Franzi o sobrolho. Tinha a certeza de que ela poderia ter feito melhor. A sua reportagem não só era monótona, como ela também bloqueara duas vezes, repetindo a última palavra para a ligar à frase seguinte.

Quando terminou, caminhou sem segurança, sem uma passada firme, e aproximou-se de nós todos, que estávamos de pé. O Mark deu-lhe uma palmadinha (desnecessária) nas costas e ela sorriu-lhe. Inclinei-me para lhe sussurrar.

— O que te aconteceu?

Ela olhou para mim desconfiada, embora não tivesse motivos para tal. Eu já lhe assegurara que a competição seria honesta.

— Porque perguntas?

— Não foi propriamente a tua melhor prestação... — referi, baixando ainda mais a voz, uma vez que a Marlenne tinha acabado de pegar no microfone.

A Léane cerrou os lábios. Parecia incomodá-la abordar o concurso.

— Nem a tua — mentiu. — E não quero falar sobre isso contigo.

Não respondi. Fiquei calado, atento à reportagem da Marlenne e, assim que ela acabou e o Gael e o Jaden começaram a arrumar o equipamento, sugeri à Léane que saíssemos dali. Ela parecia nervosa ao entrar no carro.

— Vamos para a tua casa? — perguntou, com cautela.

— Não. — Rodei as chaves na ignição e liguei o carro. — Estou com fome.

— Não têm lá comida?

— Só piza, basicamente — expliquei. — Apetece-me comer uma coisa diferente.

Japonês. Havia várias semanas que me apetecia comida japonesa. Agora a vontade tinha-se tornado mais forte. Perguntava-me se a Léane apreciava esse tipo de cozinha.

Deixámos o centro da cidade e dirigimo-nos para Berkshire, passando por uma estrada movimentada.

— Vais demasiado depressa — protestou a Léane pela quarta vez consecutiva. Virei ligeiramente a cabeça a fim de olhar para ela. — Concentra-te na estrada! — reclamou.

Respirei fundo. Também pela quarta vez. Ela estava a enervar-me. Segurei no volante com mais força do que era preciso.

— Porque não dormes até chegarmos lá? — propus. — Acho que a viagem seria mais agradável para os dois.

— Não tenho culpa de não saberes conduzir.

— E tu, sabes? Nem sequer tens carta!

A Léane suspirou de forma exagerada. Ignorei as suas queixas e inclinei-me por cima dela para tirar um CD de música do porta-luvas.

Coloquei-o e começou a tocar *Blue Suede Shoes*, do Elvis Presley.

— Elvis? — A Léane olhou para mim. — Surpreendes-me todos os dias.

— Eu sei.

Instalou-se no banco, esticou as pernas e pareceu descontrair-se.

— Não consigo imaginar-te a cantar isto no duche — disse.

— Imaginas-me muitas vezes no duche?

Desviei o olhar da estrada a fim de a observar e reparei que o seu rosto corava ligeiramente. Mas não como das outras vezes. Parecia menos envergonhada, mais confiante.

— Foi uma maneira de falar. — Olhou pela janela.

Estacionei perto do restaurante. Eu só ali estivera duas vezes no ano anterior. O Ryder tinha-o descoberto num dos seus passeios. Quando ia a um restaurante japonês, eu exigia poder ver um japonês a preparar a minha comida. Era perfeito.

A Léane leu o cartaz à entrada.

— Shintori Teppanyaki? — Formaram-se-lhe algumas rugas na ponta do nariz — Não. Não como comida crua.

Fiquei aborrecido com a sua reação. Não era que aquilo pudesse ser considerado um encontro romântico, mas percorrera muitos quilómetros até Berkshire e imaginara uma resposta diferente. Alguma excitação não teria calhado mal.

Tentando não me mostrar dececionado, encolhi os ombros de forma descontraída.

— Então não comas — respondi. — Podes sentar-te ali até eu acabar de jantar.

Quando me dirigia à entrada, a Léane agarrou-me pelo braço. Olhei para a sua mão pequena no tecido da minha *sweatshirt*; as suas unhas estavam pintadas de amarelo-limão, o que me fez lembrar o verão, algo de muito vívido.

— Nunca provei comida japonesa — admitiu. — Não sei se vou gostar ou ficar enjoada. E não vou saber enquanto não experimentar. — Sorriu e pressionou ligeiramente o meu braço com os dedos. — Vamos entrar. Estou com fome.

A decoração do restaurante era em tons cinza com uns toques de vermelho aqui e ali, entre móveis de estilo minimalista que tinham formas simples e geométricas. Instalámo-nos numa espécie de balcão bastante grande, de frente para um dos cozinheiros que limpava a chapa em silêncio. Ele olhou para cima mal nos sentámos.

A Léane observou cuidadosamente cada movimento do cozinheiro. Puxei a minha cadeira para mais perto da dela, até as nossas pernas se tocarem.

— Não é como se fosses provar picante... outra vez. — Fiz um sorriso provocador. — Isto é melhor, garanto-te. Além disso, não há apenas peixe, podes encomendar *sushi* de vegetais.

Ela bateu com o joelho contra o meu, em sinal de advertência, mas não respondeu. Afastou o olhar para a espátula que o cozinheiro
japonês arrastava pela chapa. Quando ele terminou, semicerrou os olhos e sorriu para nós.

— O que vai ser? — perguntou com um sotaque estrangeiro muito marcado.

Abri a boca, prestes a responder, mas a Léane adiantou-se.

— Congelam o peixe todo? — Inclinou-se ligeiramente sobre o balcão.

Revirei os olhos por causa da sua preocupação com o *anisakis*.

— Sim, menina.

— *Okay*… — Ela continuou a olhar com desconfiança para o cozinheiro. —

Vou experimentar um pouco de *sushi*. Não sei qual, deixo isso ao teu critério.

— Dê-nos *maki*, *nigiri* e *inari* — pedi. — Também um *chirashi-sushi*.

O cozinheiro começou a trabalhar. Cortou o peixe com uma precisão surpreendente e, depois, enrolou-o com arroz numa folha de algas *nori* e deu-nos o *maki* antes de preparar o resto do jantar.

A Léane pegou no *maki* entre os dedos com uma careta e olhou para ele durante um longo minuto. Com a paciência nos mínimos, tirei-lhe o *maki* da mão e levei-o à sua boca.

— Trinca — pedi-lhe.

A Léane deu uma pequena dentada e depois mastigou bem devagar. Gostei de ver o movimento lento dos seus lábios e fiquei preocupado com o desejo enorme que tive de a beijar.

— Não é mau — comentou, ainda a olhar para o rolo de algas marinhas. — Quase não sabe a peixe.

Satisfeito com a sua reação, comecei a jantar. Estava tudo delicioso, principalmente o *chirashi-sushi*, uma tigela com arroz, pedaços de peixe e outros ingredientes que eu desconhecia. A Léane não comeu muito, mas experimentou todas as variedades de *sushi* e opinou sobre cada uma delas como se fosse uma crítica gastronómica.

Uma mulher japonesa, vestida com uma saia travada sóbria, aproximou-se do nosso cozinheiro em silêncio e indicou-lhe que havia outros clientes à espera. Ele foi para a chapa seguinte e ouviu o pedido de um casal apaixonado. Observei a perna dela a balançar por cima da dele. Quando o cozinheiro se virou para preparar a comida, começaram a beijar-se entre sorrisos cúmplices. A Léane virou a cabeça a fim de tentar perceber para onde é que eu olhava e, quando viu o casal, os cantos dos seus lábios subiram devagar até formarem um sorriso.

— Porque estás a sorrir? — perguntei.

Ela fez um olhar confuso e encolheu os ombros.

— Não sei, é uma cena bonita.

— São ridículos. Não me digas que acreditas no amor.

— Claro que sim! — A Léane pegou nos pauzinhos japoneses, que não tínhamos usado durante o jantar, e começou a brincar com eles de forma distraída.

— Então o que fazes aqui comigo? — Inclinei-me para mais perto dela.

Ela mordeu o lábio inferior. E, naquele momento, pareceu-me frágil, e odiei-me por ter provocado aquela reação na Léane.

— Acredito no amor, mas ainda não o encontrei. — Fixou os olhos nos meus. — Sei que vai chegar a qualquer momento. Entretanto, e tal como me aconselhaste, estou contente por me divertir e apreciar o presente.

— Como consegues acreditar numa coisa tão irreal?

— Por causa dos meus pais — respondeu. — Eles amam-se tanto como no primeiro dia.

Movi-me, incomodado, na cadeira.

— Isso é impossível — afirmei, com mais certeza do que a que tinha de facto. — Há quanto tempo estão casados, vinte anos, trinta?

— Qualquer coisa desse género.

— Achas mesmo que ainda não estão cansados um do outro?

A Léane franziu os lábios, aborrecida.

— Eu não acho, eu sei — disse, mas senti uma ligeira pitada de dúvida na sua voz.

Pensei nas suas palavras em silêncio. Vinte anos... era muito tempo. Demasiado. Idealmente, os casamentos deveriam ter um prazo de validade, como tudo o resto na vida. As palavras «para sempre» estavam sobrevalorizadas.

Vinte anos com alguém representavam cerca de 7300 dias a levantar-se com a mesma pessoa. Em horas, atingia-se as 175 200. Era assustador. Assustador como o raio. Engoli em seco e tentei recompor-me.

Pousei uma mão na sua perna e pressionei um pouco, subindo pelo joelho até à zona das coxas. A Léane estremeceu. Não foi preciso mais nada para que o meu coração começasse a bater.

— Vamos para minha casa?

Ela acenou com a cabeça e o seu rosto iluminou-se.

Paguei a conta do restaurante antes de sairmos. No regresso, nenhum de nós falou. Não tive vontade de ligar o rádio; estava a gostar do silêncio entre nós. Um silêncio «prévio»; os dois sabíamos o que estava prestes a acontecer.

Peguei-lhe na mão quando chegámos a casa e subimos sem pressa as escadas até ao meu quarto. Fechei a porta mal entrámos. Os olhos da Léane

percorreram avidamente cada recanto; primeiro fixou o olhar na cama, depois olhou para cima e vislumbrou as plantas, a secretária e as estantes.

Ainda a analisar cada movimento dela, tirei o casaco e coloquei-o na parte de trás da cadeira. A Léane virou-se e olhou para mim de forma estranha.

— Talvez tenhas razão — disse em voz baixa. — Não sei se o amor existe. Talvez os meus pais só estejam juntos por minha causa, ou por simples conveniência... Muitos casamentos são assim.

A sua voz quebrou.

Queria dizer-lhe que não era verdade, mesmo sem acreditar nisso. Sete mil e trezentos dias era muito tempo, podia significar alguma coisa.

Tinha de significar.

Mas não fui capaz de decidir o que quer que seja. Limitei-me a beijá-la.

19

Léane



Entreabri os lábios e as nossas línguas enrolaram-se. Respondi ao seu beijo com tanta intensidade que pareceu surpreendido. Precisava dele agora. Só dele. Só daquilo.

O toque da sua pele, o aroma cítrico masculino, a respiração quente, as mãos a explorarem o meu corpo... Precisava de sentir tudo aquilo. Deixei a mente em branco, e os meus movimentos tornaram-se impulsivos. Acariciei-lhe a barriga e, depois, puxei devagar a parte de baixo da sua camisa. Ele esticou os braços, ainda a olhar para mim, e deixou que lhe tirasse a roupa. Beijei-o de novo e agarrei nos seus ombros.

O Blake pressionou o seu corpo contra o meu, com mais força, até as minhas costas baterem na prateleira e ela balançar. E, durante alguns instantes, senti-me pequena diante dele, da intensidade do seu olhar, do seu corpo, da atração que parecia tomar conta de nós…

Os olhos verdes do Blake fixaram-se nos meus, e o desejo que emanava do seu olhar deixou-me mais forte. Levantei-me e ele tirou-me a camisola e desabotoou o meu sutiã com uma facilidade que me surpreendeu. Estremeci quando a sua mão acariciou os meus seios e, ainda mais, quando a sua língua também o fez. Fechei os olhos e cravei os dedos no seu cabelo preto.

Não queria que ele parasse. E precisava de mais.

Desabotoei o botão das suas calças de ganga.

A reação do Blake foi morder-me o lábio inferior e, depois, deslizar a língua ao longo do seu contorno, fazendo-me tremer.

Desci para acariciar a sua excitação e ele grunhiu com o contacto.

Parecia que a temperatura do quarto tinha subido mais de vinte graus. Um calor sufocante tomava conta do meu corpo e deixava-me sem fôlego. Quase em desespero, como se não pudesse esperar nem mais um segundo, o Blake tirou-me o resto da roupa. Acariciou a curva das minhas costas antes de me levantar com facilidade entre os seus braços e permitir que eu pusesse as pernas à volta da sua cintura.

Caímos em cima da cama. E, nessa altura, tudo se transformou numa competição de desejo para ver quem tocava mais, quem gemia mais, quem beijava mais... Eu só conseguia ouvir o som da nossa respiração ofegante.

O Blake parou de me beijar para abrir a gaveta da mesa de cabeceira e tirar de lá um preservativo. Abafei um gemido de antecipação. Quando ele abriu o invólucro, entregou-mo, e os cantos dos seus lábios levantaram-se ligeiramente, até formarem um sorriso irresistível.

— Sou todo teu. — Inclinou-se para me sussurrar.

Enquanto eu o colocava, ele continuava a olhar para mim, fazendo-me estremecer.

Pensei que o momento tinha chegado. Eu queria aquele momento. Mas o Blake abrandou. As suas mãos subiram lentamente pelas minhas pernas até pararem entre as coxas, e começaram a acariciar-me em pequenos movimentos circulares. Senti um prazer intenso que se apoderava de todos os «sentidos, cravei as unhas nas suas costas, na tentativa de me agarrar a alguma coisa, e ele sorriu. Respirar tornou-se uma tarefa difícil. Gemi e, pouco depois, todo o meu corpo vibrou.

Assim que terminei, e sem me dar tempo de recuperar o fôlego, o Blake penetrou-me. E foi uma sensação indescritível. Tudo recomeçou, como se o calor que me sufocava não se extinguisse nunca mais. No início, moveu-se devagar e depois com mais rapidez, mais intensidade, mais profundidade. Alguns minutos mais tarde, senti o seu corpo tenso e ele arfou antes de cair em cima de mim e enterrar o rosto no meu pescoço.

O silêncio tomou conta do quarto. Fechei os olhos com força e abri-os de novo quando senti o Blake a afastar com a mão o cabelo transpirado do meu rosto. Olhou para mim com ar sério e eu perdi-me no fundo dos seus olhos.

— Ganhaste. Tens razão, o amor existe — sussurrou. — Existe para os que

querem encontrá-lo. Podes agarrar-te a ele ou virar-lhe as costas.

Engoliu em seco, enquanto percorria os meus lábios com os dedos, ao de leve. Por algum motivo, não consegui tirar os olhos dele.

— Se é isso que queres... vais encontrá-lo mais cedo ou mais tarde — concluiu.

A minha reação às suas palavras apanhou-me de surpresa. Abracei-o com força, com muita força, e ele deixou-me fazê-lo.

Gostava de ouvir o seu coração a bater. Fiquei quieta, com a cabeça apoiada no seu peito. Passou tanto tempo que pensei que ele tinha adormecido, mas quando levantei o rosto a fim de olhar para ele, percebi que ainda estava acordado, a observar o teto branco do quarto. Sorriu-me.

— Em que pensas?

O seu sorriso tornou-se mais aberto.

— Essa pergunta devia ser proibida — respondeu.

Apoiei um cotovelo no colchão e afastei-me dele. O Blake aproximou-se, eliminando a distância que acabara de criar entre nós.

— Pensei que ias passar aqui a noite — disse ele, por fim.

— Achas uma boa ideia?

— É só uma ideia. E não quero pensar se é boa ou má.

Respondi-lhe com um sorriso.

O Blake levantou-se da cama, abriu o roupeiro e estendeu-me um pijama azul; o mesmo que eu usara na noite em que dormira no quarto do Adam.

Ele começou a vestir-se.

— Vou à cozinha procurar alguma coisa para comer — disse.

— Ainda tens fome? — Arqueei uma sobrancelha.

— Sim. — Sorriu, provocador, e eu não percebi se a sua fome tinha mais do que um significado.

Quando ele saiu, olhei para o calendário pendurado ao lado da cama. Todos os dias passados estavam marcados com uma cruz e perguntei-me porque fazia ele aquilo. Caminhei pelo quarto e olhei à volta. Sentia-me estranha e até desconfortável ao mexericar nas suas coisas, mas a curiosidade era tão forte que dominava tudo o que eu pudesse sentir.

Fixei o olhar na sua estante e fiquei surpreendida ao descobrir que não tinha romances. A maioria dos livros eram guias de viagem de diferentes coleções;

havia mesmo alguns de cidades repetidas. Os que não pertenciam àquela categoria eram manuais ou tomos informativos sobre botânica e astrologia.

O Blake entrou no quarto e olhou para mim com uma certa relutância durante alguns instantes, mas depois desviou o olhar e colocou um pacote de bolachas em cima da mesa de cabeceira.

— Só lês guias? — perguntei enquanto me sentava ao seu lado.

— Sim.

Abriu o pacote de bolachas, que eram de chocolate e menta. Estendeu-me uma, mas recusei a oferta com a mão.

— Porquê?

— Gosto de viajar mentalmente para outros lugares. Acho útil conhecer antecipadamente os locais que pretendo visitar um dia.

Olhei para a pequena mesa sobre a qual descansava um dos guias. O título era gigantesco e ocupava quase toda a capa: Paris.

Ele seguiu o meu olhar e franziu o sobrolho.

— Sei que não os visitarei a todos — disse de uma forma algo desconfortável. — Alguns li apenas por curiosidade.

Acenei com a cabeça.

— Já viajaste muito?

— Sim. — Deu uma dentada noutra bolacha, mastigou e engoliu. — Antes de os meus pais se divorciarem, viajávamos muito.

Levantei os pés do chão frio e cruzei-os em cima da cama, para ficar mais confortável. Tive a sensação de que ele observava cada movimento meu.

— Não vês o teu pai há muito tempo?

O Blake virou a cabeça de forma brusca. Não gostei do que vi nos seus olhos. Parecia diferente. Reparei como ficou com os dedos tensos e começou a apertar a bolacha.

— Porque perguntas isso?

— Disseste-me que ele vivia em Nova Iorque — respondi, a sussurrar.

Pôs o pacote de biscoitos de lado, levantou-se da cama e abriu a janela. Um ar frio soprou para dentro do quarto e fez-me estremecer. Ele evitou olhar para mim quando se sentou de novo.

— Não tenho uma relação com ele há dois anos — disse, antes de soltar um

suspiro. — Caso não tenhas reparado, não gosto de falar sobre isso.

— Compreendo.

O Blake sorriu aliviado e puxou-me até ele. Cobriu-nos com as mantas e inclinou-se para apagar a luz. Abraçou-me e eu quis que ele não se afastasse; era bom sentir o seu corpo ao lado do meu. Tudo estava calmo. Tive uma sensação de cansaço mas, ao mesmo tempo, de calma. Senti as pálpebras relaxarem até quase se fecharem... e depois o Blake disse, num sussurro quase inaudível.

— Achas que é mau? — perguntou.

— Como assim?

A resposta demorou.

— Que eu não fale com o meu pai. Achas que isso faz de mim uma pessoa pior?

Tentei encontrar o seu olhar na escuridão, mas não consegui. Percorri o seu rosto com os dedos e, sem saber porquê, senti que isso era mais íntimo do que qualquer outra coisa.

— Não sei, Blake — respondi, baixinho. — Não sei o que aconteceu entre os dois. Mas não és uma pessoa má, podes ter a certeza disso.

O aperto dos seus braços tornou-se mais forte. À medida que o sono o invadia, relaxava. Só quando ouvi a sua respiração rítmica e pausada é que consegui, também eu, adormecer.

Nas semanas seguintes, os encontros com o Blake tornaram-se frequentes. Foi uma necessidade lenta. No início, não sentia qualquer mal-estar quando não sabia o que ele andava a fazer, e se não nos víssemos durante alguns dias; mas, aos poucos, dei por mim à procura dele em todos os corredores da universidade, a lembrar-me dos tempos que tínhamos passado juntos, atenta aos planos que a Lissa tinha com o Adam para tentar descobrir o que ele faria. Queria pensar que alguma coisa parecida estava a acontecer com o Blake, porque tínhamos chegado ao ponto inquietante de nos vermos quase todos os dias.

A Lissa começara a preocupar-se mais do que era necessário.

— Se continuares assim, vais queimar-te — avisou, enquanto arrumávamos o quarto. Atirou um par de calças para o cesto da roupa suja com relutância. — O Blake não é o que procuras.

— Eu sei — suspirei e guardei os vernizes de unhas que deixara espalhados pela secretária. — A questão é que não procuro nada neste momento. É tão simples como isso.

A Lissa fixou o olhar em mim, deixando-me desconfortável.

— E se a tua cara-metade anda por aí, mas não a encontras porque estás demasiado ocupada com um limão? — perguntou, antes de as calças aterrarem no cesto da roupa suja.

Ri-me da comparação do Blake com um limão, mas parei de o fazer quando vi que a Lissa falava a sério. Não sei porque estava tão preocupada.

— Não sei — hesitei. — Tenho demasiado em que pensar neste momento para me preocupar com uma laranja perdida. O concurso... está a tornar-se cada vez mais complicado. Ontem passei cerca de duas horas a fazer trabalho de pesquisa para a próxima reportagem, e sabes o que consegui? Nada, apenas uma página em branco. Estou bloqueada.

A Lissa olhou para mim por cima do ombro, enquanto colocava um dos seus vestidos preferidos num cabide de madeira.

— Sabes que posso dar-te uma ajuda, basta pedires — ofereceu-se. — Mas isso não tem nada que ver com o que estávamos a falar. Bem, agora que penso nisso, até tem. Se não te encontrasses com o Blake quase todos os dias, talvez tivesses mais tempo para preparar as reportagens — deixou escapar.

— Ei, que golpe baixo! — protestei, antes de me levantar e parar o que estava a fazer.

Ela fechou a porta do armário, virou-se e encolheu os ombros.

— Só disse a verdade.

— Pois, obrigada pela tua sinceridade — respondi, irritada. — Mas sabes que o concurso… é tudo para mim, o meu futuro depende em grande medida dessa bolsa — lembrei. — E se estou com o Blake é… não sei, porque me sinto bem, ele é divertido, consegue fazer-me esquecer tudo o resto, embora seja apenas por alguns momentos.

— Ouve, desculpa, não quis dizer o que disse. — Aproximou-se e abraçou-me. Respirei fundo e senti a colónia de amora que a Lissa usava desde os seus catorze anos. — Preocupa-me que a tua relação com o Blake te atrapalhe os planos. Imagino que deva ser complicado competir com alguém de quem se gosta cada

vez mais.

— Não estou a gostar cada vez mais dele — menti.

A Lissa riu-se e, mal me largou, continuámos a arrumar o quarto. Quando terminámos, olhei para o relógio pousado na mesa de cabeceira. Eram já oito horas. Peguei no telemóvel e li a mensagem que o meu pai me enviara:

«Aprendi que não se pode voltar atrás, que a essência da vida é seguir em frente. A vida, na realidade, é uma rua de sentido único», Agatha Christie.

Reli-a quatro vezes. Não sabia como é que ele fazia, mas o meu pai enviava-me sempre a frase certa no momento em que mais precisava dela. Ou talvez aquilo fosse como os horóscopos, que nos fazem identificarmo-nos com eles por serem tão ambíguos.

De qualquer forma, após pensar um pouco, enviei uma mensagem ao Blake e perguntei-lhe o que estava a fazer. Demorou pouco mais de meio minuto a responder que se encontravam no Soho, um bar no centro da cidade, e perguntou se planeávamos sair.

«Sim», respondi.

Precisava da minha dose de Blake. Era como um vício sem riscos. Sabia que, se me esforçasse, poderia desprender-me. Acabou-se o Blake. Acabaram-se os momentos explosivos. Acabaram-se os momentos engraçados. A questão era que eu não queria ainda desistir. Vesti-me confortavelmente, com calças de ganga e ténis.

Outra coisa boa da minha relação questionável com o Blake era que não me preocupava com o que vestir quando estava com ele. Isso não importava. Não tinha de tentar impressioná-lo a toda a hora ou passar-lhe uma imagem particular de mim, bastava ser a Léane, calma e transparente, sem complexos ou problemas.

Decidimos caminhar até ao Soho, pois não ficava longe da residência. A Lissa não fez mais comentários sobre a minha relação com o Blake, e senti-me grata por isso. Falou do senhor Burdock, o professor de literatura, uma vez que tivera um seis no exame e suspeitava que a nota tinha muito que ver com a antipatia que ele nutria por ela desde o início do ano.

— É impossível, passei semanas a estudar para o exame — contestou.

— Foste à correção?

— Passou-me, esqueci-me do dia em que era — disse. — Pedi-lhe que me deixasse ver o exame, mas ele recusou categoricamente.

Ao entrarmos no Soho, ela avançou com determinação para encontrar o Adam. Ele estava encostado à parede, parecia aborrecido, mas os seus olhos iluminaram-se quando a viu e mostrou-lhe um sorriso enorme. Presumia que, embora a minha relação fosse bastante confortável, devia ser mais gratificante ter aquele alguém especial sempre à nossa espera de braços abertos. Descartei logo a ideia e procurei o Blake com o olhar, tentando identificar o seu rosto entre as pessoas que dançavam e saltavam ao som de uma música eletrónica da qual eu não gostava.

Vi-o ao fundo, perto do Ryder, a dançar de forma animada. Uma rapariga morena e atraente ria-se ao seu lado e o seu rosto pareceu-me familiar; tinha a certeza de que já a vira na residência, mas não conseguia identificar as suas feições àquela distância. Pensei em sair; quem era eu para interromper a sua noite de diversão? Já dera um passo atrás quando reparei que o Blake pousara as mãos na sua cintura e ela movia o corpo com mais força, seguindo os acordes da música, colando-se o mais possível ao Blake.

Senti qualquer coisa encolher-se dentro de mim. Não gostava da sensação, mas ela estava lá. Como um pequeno puxão de desconforto que começava no meu estômago e subia devagar pela garganta.

O Ryder viu-me e acenou-me com a mão para me cumprimentar. Caminhei até ele. Nas minhas visitas — quase diárias — à casa do Blake, conversara com o seu amigo em várias ocasiões. Ele tinha a mentalidade de um rapaz de dez anos e, por mais surpreendente que isso possa parecer, como passava todas as noites com uma rapariga diferente, vislumbrei nele um toque de inocência que os outros não tinham. Era como um menino grande. Muito grande, na realidade. O Ryder era um pouco mais alto do que os dois companheiros de casa e, para ter um vislumbre do seu cabelo louro e dos seus olhos de um azul profundo, tive de levantar a cabeça vários centímetros.

Mal o Blake percebeu que eu chegara, afastou-se da outra rapariga, sorriu-me e puxou-me. Aquilo também me irritou, embora não soubesse porquê; tinha a certeza de que tudo o que o Blake fizesse naquela altura iria irritar-me.

— Estás muito bonita — disse. — Queres dançar?

Olhei para mim mesma e observei atentamente os meus ténis e a *sweatshirt* vermelha que envergava. A minha raiva aumentava a cada minuto que passava.

— Isso é ironia? — perguntei secamente.

O Blake olhou para mim confuso e inclinou a cabeça para falar por cima do volume alto da música.

— Não, falava a sério. Gosto de ti quando te vestes de forma casual. E ainda mais quando não tens nada vestido — sorriu de modo encantador e eu afastei-me dele.

Senti que estava a ser injusta para com o Blake.

Tínhamo-nos zangado várias vezes nas últimas semanas, mas era sempre por qualquer coisa relacionada com o concurso ou por questões de pouca importância. «Não são zangas, são só discussões faiscantes», dizia ele. Mas agora estava mesmo irritada, quase mais comigo, por ter sentido aquela ponta de ciúme, do que com o Blake.

Até àquele momento, ele cumprira tudo o que havíamos acordado. Tinha prática naquele tipo de relação. Nada mudava no Blake. Era honesto, cumpria as promessas.

— Passa-se alguma coisa contigo? — perguntou.

— Está calor aqui dentro — queixei-me.

O Blake olhou-me para mim de forma estranha, demasiado intensa. A ideia de que ele podia ler a minha mente atormentava-me muitas vezes. Eu sabia que era impossível, mas, ainda assim, intimidava-me quando ele olhava para mim como se pudesse ver além do que eu queria mostrar-lhe.

— Vamos embora? — perguntou.

Antes que eu pudesse responder, o Blake agarrou-me pela mão com firmeza e começou a caminhar em direção à porta de saída.

— Aonde?

— Não sei, qualquer lugar.

Não respondi. A sugestão de estar sozinha com ele era demasiado tentadora. Não me importava quando saíamos com mais amigos — embora isso tivesse sucedido poucas vezes —, mas sentia que não era a mesma coisa. Ele não era o mesmo. Perante as outras pessoas, comportava-se de forma diferente.

O Blake conduziu devagar por uma estrada onde havia poucos carros. Não me

lembrava de ter estado ali antes. À medida que subíamos, afastávamo-nos mais da cidade e as luzes que iluminavam Reading tornavam-se minúsculas, como pequenos pirilampos que deixávamos para trás.

Quando chegámos a qualquer lugar, ele desligou o motor do carro.

Qualquer lugar era a colina onde estávamos. Não havia nada à volta e o silêncio da noite só era interrompido pelo ténue chilrear dos grilos. Ao sairmos do carro, reparei que a temperatura estava mais baixa do que na cidade. O frio era intenso, quase lancinante.

— Onde estamos?

— Não sei. — Olhou à volta. — Não me lembro de como é que se chama este lugar.

Observei-o no escuro e ouvi a sua respiração pesada.

— Vim aqui outras vezes, por ela. — Abriu a bagageira do carro e ligou uma lanterna.

— Ela?

Cãibras, cãibras e mais cãibras. Quase náuseas. De quem estaria o Blake a falar? Eu era uma pessoa terrível, incapaz de lidar com as minhas próprias emoções.

— Vem, quero mostrar-te. — Pegou de novo na minha mão e começou a andar, esmagando as lâminas geladas de relva enquanto caminhava.

— Desculpa?

O Blake voltou a ligar a lanterna e apontou a luz para o chão. Tive um vislumbre de uma infinidade de pequenas plantas verde-escuras; eram minúsculas, mas eram tantas!... Baixei-me para as ver mais de perto.

— São trevos! — exclamei.

O Blake tocou com os dedos nas pequenas folhas.

— Sim. E esta planta resiste-me, não consigo fazê-la viver.

— O que queres dizer?

— Venho aqui às vezes. Já levei várias e tentei transplantá-las, mas morrem sempre. E quem não gostaria de ter um trevo da sorte em casa? — O Blake suspirou e continuou a observá-las com atenção, como se não compreendesse o enigma que escondiam. — Já tentei de mil maneiras.

— Já pensaste que talvez seja uma planta que precisa de viver na natureza?

Não percebo muito disso, mas nunca vi trevos à venda. Talvez seja por isso que é uma planta tão especial. O que tem o seu encanto, não achas?

Ficou em silêncio durante alguns instantes, a refletir sobre as minhas palavras. Tocou de novo nas folhas com a ponta dos dedos. Fazia-o com uma doçura surpreendente nele.

— Quase todos os que há aqui são de quatro folhas, o trevo tem de herdar duas versões do gene recessivo para que isto aconteça. Por isso é raro encontrar um espécime deste tipo. Existem dez mil trevos-de-três-folhas para cada trevo-de-quatro-folhas.

— Então, acho que devia levar um. — Arranquei-o do chão com cuidado. — Talvez seja verdade que dá sorte.

O Blake e eu sentámo-nos ao mesmo tempo e ele olhou fixamente para o trevo-de-quatro-folhas que tinha na mão. Depois levantou o olhar para se encontrar com o meu.

— Sabes o que significa?

Abanei a cabeça, ainda a olhar para ele.

— Segundo a lenda, cada folha representa uma coisa. A primeira é a esperança; a segunda, a fé; a terceira, o amor; e a quarta, a sorte.

Sorri como uma tonta, ou talvez como alguém que ainda acredita em magia, magia e amor. Depois, pus-me em bicos de pés e beijei-o.

20

Blake 

Imitei o seu sorriso. Apreciei o facto de ela gostar daquele lugar, não sabia por que razão, mas era importante para mim. Eu tinha ido ali várias vezes para arrancar trevos e tentar plantá-los, mas continuava a não ter sucesso.

Queria ter controlo. Precisava que eles vivessem.

Mas a Léane tinha razão, talvez eles quisessem crescer em liberdade e não houvesse nada que eu pudesse fazer.

Pressionei os lábios contra os dela e enfiei a mão debaixo da sua *sweatshirt* para lhe acariciar as costas. Senti a sua pele arrepiada e abracei-a com mais força. Pensei em fazê-lo ali mesmo, na capota do carro, sem ninguém à volta e debaixo de um manto de estrelas, mas retive-me. Estava demasiado frio.

— Vamos para dentro — disse.

Entrámos para o banco de trás do carro e ela ficou sentada num dos lados. Eu sorri, levantei-a com os braços e abracei-a, antes de lhe beijar o pescoço, devagar. Afastei-me quase de imediato.

— O que se passa contigo?

Vi como a Léane hesitava e mordia o lábio inferior.

Perceber aquilo assustou-me. Assustou-me compreender que começava a conhecê-la cada vez um pouco mais. A distinguir os seus gestos de raiva, os sinais de que qualquer coisa a incomodava, a forma como movia as mãos quando estava nervosa. E não apenas isso, mas também a forma como agia em geral.

Via como a cor das suas unhas variava consoante o seu estado de espírito e tentava perceber que raio poderia significar a cor verde que as cobria naquele momento. Tinha na mente a imagem dela a afastar o cabelo do rosto o tempo

todo, do seu corpo nu, da forma como sorria com timidez, do aroma a baunilha que impregnava a sua pele…

Era mau sinal eu reparar nos pormenores, porque isso significava que tínhamos passado demasiado tempo juntos. E o problema era que demasiado nunca parecia ser suficiente.

— Quando te vi no Soho, estavas a dançar com uma rapariga... — começou por dizer, mas deixou a frase a meio.

Pisávamos terreno pantanoso. Parei de a apertar tanto com o meu abraço.

— Incomodou-te? — perguntei, sério.

— Não sei... foi estranho. — Ela afastou-me os braços e sentou-se ao meu lado. Depois, ficou a olhar pela janela do carro com um ar ausente.

Toquei-lhe nos dedos devagar, antes de pegar na sua mão. Uma parte de mim queria sorrir. Outra, mais obscura e oculta, só queria fugir.

— A Sarah é uma amiga. Não tens nada com que te preocupar.

— Como sei que posso confiar em ti?

— Não podes saber, mas devias. — Olhámos um para o outro. — Temos um acordo. Estamos bem, não estamos? Tu. Eu. Aqui. Agora. Não preciso de mais nada.

Os dedos da Léane percorreram a minha mão, subiram até aos nós dos dedos e delinearam a pele devagar. Estremeci. Estremeci e isso provocou-me medo.

— O que aconteceria se eu precisasse de algo mais? — perguntou ela, e baixou a cabeça.

«Mais». «Algo mais». O meu estômago ficou apertado. A ideia de a perder, se ela alguma vez quisesse procurar algo diferente que implicasse o tal «mais», atingia-me como se me afundasse num vazio infinito. Habituara-me à sua presença. Com a Léane, tudo era simples. Discutir era divertido, sorrir era quase um impulso e desejá-la era obrigatório.

— Não sei, mas não devíamos pensar nessas coisas agora — consegui dizer com um nó na garganta. E depois, por impulso, acrescentei: — Talvez mais tarde...

Parei de falar quando o meu telemóvel começou a tocar e senti-me grato por aquela interrupção, porque o que eu estava prestes a dizer... era estúpido e não podia sequer ser considerado uma opção. Era evidente que o «mais» que ela

pudesse precisar não me incluía. A Léane encontrava-se a anos-luz. Provavelmente, eu estava a interpretar mal as coisas. O meu coração batia acelerado.

— Blake, podes vir buscar-me?

Ouvi a Emma a soluçar e todos os músculos do meu corpo ficaram tensos.

— Onde estás, o que se passa?

Saí do carro e indiquei à Léane que se sentasse na parte da frente.

— Estou no Centro Comercial Water. Estou bem, mas preciso que venhas.

Liguei o motor do carro antes de desligar o telemóvel.

— Estou aí daqui a meia hora — garanti.

Comecei a descer a colina, a conduzir depressa. No centro comercial! Que raio fazia ela ali àquela hora? A mamã não a deixava sair até tão tarde. Praguejei para mim próprio, incapaz de encontrar uma explicação aceitável.

— Tenho de ir buscar a minha irmã — disse à Léane. Preciso que venhas comigo. Demoraria mais tempo se te deixasse primeiro na residência.

— Tudo bem.

Ela ficou em silêncio durante o resto do trajeto. A viagem demorou uma eternidade, como se o carro não fosse suficientemente rápido. Eu mal podia esperar para chegar.

A Emma nunca precisara de mim; pelo menos no sentido mais estrito. Tentava sempre afastar-me e defender-se sozinha, como se isso demonstrasse a sua força e independência.

Abrandei quando chegámos ao centro comercial e parei perto da porta. Mal saí do carro, vi-a sentada no terceiro degrau da escadaria da entrada principal. Na altura, não reparei que a Léane seguia os meus passos.

— O que aconteceu? — perguntei.

— Desculpa, Blake. — Ela levantou-se e tapou o rosto com as mãos. Encontrei-me com um rapaz... mas não correu bem.

Quis dar-lhe um abraço reconfortante, mas não consegui mexer-me. Estava ancorado ao chão, na tentativa de conter a raiva que se apoderou de mim; os meus músculos estavam rígidos de tensão. Quando olhava para ela, via apenas uma rapariga muito jovem. Não queria que ela crescesse e tivesse interesses diferentes e decidisse explorar coisas novas... Queria que ela fosse apenas a

minha irmã mais nova, para sempre. Era terrivelmente egoísta, mas foi então que percebi que as palavras «para sempre» não estavam sobrevalorizadas, ao contrário do que eu pensava há muito tempo. Eram importantes.

Quis mergulhar na segurança que transmitiam.

— A mamã deixou-te sair a esta hora?

— Não. — A Emma tirou as mãos do rosto a fim de olhar para mim. — Menti-lhe. Disse-lhe que estava em casa da Sam. Por favor, Blake, não lhe contes nada. Não a quero desapontar. Não agora.

Fiquei imóvel. Não sabia o que dizer ou fazer, e ter consciência disso deixava-me ainda mais frustrado. A Léane tocou ao de leve no meu braço enquanto passava por mim, aproximou-se da minha irmã com confiança e abraçou-a. Sem qualquer palavra, virei-me, entrei de novo no carro e fechei a porta.

Em silêncio, fiquei a observar a cena. A Léane enxugava as lágrimas da Emma, passando a ponta dos dedos pelo seu rosto, e ela sorria com gratidão, como se fossem velhas conhecidas. Eu sentia-me impotente e incapaz de lidar com determinadas situações mais complicadas da forma certa. Também queria abraçá-la e enxugar as suas lágrimas, mas não conseguia. Porra, que merda. Deixei cair a cabeça contra o encosto e fechei os olhos.

Ao fim de dez longos minutos de conversa, entraram as duas no carro. A Emma ocupou o banco de trás, vi-a pelo retrovisor, mas não levantou a cabeça.

— Explica-me o que aconteceu com o tal rapaz — pedi.

— Era suposto irmos ao cinema — respondeu baixinho. — Mas no cinema... ele foi demasiado rápido e pediu-me que fizesse coisas que eu não queria fazer, por isso saí.

— Que tipo de coisas? — Reparei que me falhava a voz.

A Emma demorou a responder. Moveu-se no banco, enquanto mexia no cinto de segurança.

— Estávamos a dar beijos, como de costume — explicou —, mas depois a coisa aqueceu e ele queria que fôssemos à casa de banho para... tu sabes... Foi por isso que saí e te liguei. Pensava que ele era diferente...

Sem dizer uma palavra, voltei a sair do carro. Precisava de ar. Massajei as têmporas para descontrair. Durante um breve instante, enquanto a Emma relatava aquela história, deixara de ser eu próprio. Tinha abandonado o meu

corpo, como um espectro, e entrara num corpo muito mais obscuro, cruel e irascível. Tive dificuldade em controlar-me. A razão por que reagia daquela forma era um mistério.

Tinha consciência de que a Emma era mais importante para mim do que qualquer outra coisa no mundo. Também sabia que ela era uma das poucas pessoas que me restavam, e tinha pavor de a perder.

— Estás bem? — A Léane inclinou-se ao meu lado junto ao capô do carro.

— Não posso com... isto. Olha para ela! — Virei-me para ver a minha irmã, sentada no banco a observar-nos com cautela. — É tão nova!

— Acho que devias falar com ela noutra altura. — Apertou-me a mão, e aquele gesto reconfortou-me. — Demasiadas emoções num só dia, a tua irmã já teve que chegue.

Acenei com a cabeça.

— Fico feliz por estares aqui — consegui dizer.

Regressámos ao carro a fim de irmos para casa, no bairro de Romford. A Léane começou a conversar sobre moda com a minha irmã. Fez-lhe perguntas sobre as suas calças. Umas calças de ganga cheias de frases positivas que ela escrevera com um marcador preto. Era bom que estivessem a falar uma com a outra, porque eu precisava de tempo para me acalmar.

Faltava pouco para chegarmos, quando a Emma se inclinou no banco para se aproximar de mim.

— Porque não me disseste que conhecias uma das finalistas? — perguntou num tom de reprovação.

A Léane ficou em silêncio, com um ar desconfortável. Eu também.

— Não era importante. — Reparei que a Léane se virou para me lançar um olhar mordaz. Tossi de modo a aclarar a garganta; elas estavam a dificultar-me muito as coisas. — Quer dizer, pensava falar-te disso mais tarde.

Merda. Que complicado.

Pareceram as duas mais ou menos satisfeitas com a resposta. Respirei fundo.

Relaxei ao entrar na zona habitacional; tive uma sensação agradável e familiar. As casas eram todas semelhantes e estavam dispostas em duas filas perfeitas. Gostava muito mais daquele lugar do que de Reading. Passara bons momentos naquelas ruas. Reading não sabia nada sobre mim, eu era um fantasma para

aquela cidade. Romford vira-me crescer, conhecia todos os meus segredos.

Assim que estacionei frente à casa, a Emma saiu do carro.

A Léane olhou para mim hesitante.

— Espera aqui por mim — pedi. — Já volto.

Um cheiro familiar tomou conta de mim quando entrei em casa. Um cheiro doce e nostálgico. A mamã estava sentada no sofá e desviou o olhar da televisão quando nos viu chegar.

— Não ias dormir em casa da Sam? — perguntou à Emma.

Com um nó na garganta, dei um passo em frente. Detestava mentir-lhe, embora o fizesse amiúde, mesmo que apenas relativamente a coisas sem importância. Sentia-me culpado. Ela tinha ouvido demasiadas mentiras do meu pai.

— Tive vontade de ver a Emma, por isso fui buscá-la a casa da Sam há algumas horas e fomos jantar — disse, e a frieza da minha voz perturbou-me. — Eu era um bom mentiroso.

— Sim. — A Emma esfregou as mãos. — Ele está aqui com uma amiga, a rapariga francesa do concurso.

A mamã virou a cabeça e olhou para a porta, como se esperasse vê-la ali.

— Ela está lá fora, no carro — respondi, e abanei as chaves, num sinal de que tinha de me ir embora.

— Não a convidaste a entrar? — A minha mãe pôs-se em pé com alguma dificuldade. — Que modos são esses, Blake?

Revirei os olhos.

— Mamã, a sério, tenho de ir.

— Não sejas rude. — Ajeitou as almofadas vermelhas do sofá. — Diz-lhe que entre. Vou fazer um chá.

Lancei um olhar assassino à Emma por ter trazido o assunto à tona, e ela encolheu os ombros de uma forma semelhante à que eu costumava fazer. Maldita. A última coisa que eu queria era que a Léane entrasse ainda mais na minha vida. E entrar na minha casa, a minha casa verdadeira, era uma intromissão completamente forçada.

— Vou chamá-la — sugeriu a Emma, esgotando a minha paciência.

21

Léane



Tinha começado a chover. Pequenas gotas batiam energicamente contra o limpa-para-brisas, fazendo com que a visão da rua se tornasse turva. Eu ainda não estava habituada ao clima da cidade, era demasiado cinzento. No entanto, gostava de ver as gotas deslizarem sobre o vidro, deixando um rasto brilhante e, acima de tudo, sentia-me grata pelo cheiro que a chuva deixava atrás de si.

Embora o vidro estivesse embaciado por causa da água e da respiração, vi a Emma caminhar em direção ao carro num passo determinado. Ela tinha um andar delicado, como se dançasse *ballet*. Era fisicamente parecida com o Blake, mas ainda mais bonita; os seus olhos verdes pareciam mais vivos do que os do irmão e tinha um longo cabelo, preto e ondulado, até à cintura. Fez-me sinal para que abrisse o vidro, encostou as mãos à porta e sorriu.

— O Blake pede que entres.

— O Blake pediu isso? — questionei. Ela abanou a cabeça.

— São ordens da minha mãe, mas dá no mesmo. — Os seus lábios curvaram-se ligeiramente. — O Blake faz sempre tudo o que a mamã lhe pede.

Os nervos tomaram conta de mim. Não estava certa de querer entrar. Tinha curiosidade... mas não me sentia preparada. A Emma insistiu e eu desapertei o cinto de segurança, enquanto soltava um suspiro resignado.

Ao passar pela porta da frente, com as mãos na cabeça, tentando em vão não me molhar, reparei que o jardim estava negligenciado e perguntei-me porque é que ninguém cuidava dele, já que a mãe do Blake era decoradora de jardins e ele adorava plantas.

Quando entrámos na sala, ouvi o som da televisão. Caminhei insegura e segui a Emma até à sala de jantar. O Blake encontrava-se sentado no sofá, a olhar para o ecrã com os braços cruzados. Apercebi-me de que não estava entusiasmado por partilhar uma noite em família.

A sala era acolhedora. Decorada com cores quentes; castanhos, vermelhos, laranjas, ocres... Olhei para a estante e tentei ver as fotografias pousadas no móvel, mas estava demasiado longe para o conseguir.

— Léane, querida — ouvi uma voz suave dizer. Voltei-me a fim de olhar para a mãe do Blake e, de início, a minha boca abriu-se de surpresa. Olhei para a cabeça dela; estava calva. Havia algum cabelo, mas era ténue e quase impercetível. Embora fosse magra, todo o seu corpo parecia inchado. — Desculpa não te termos convidado a entrar, o Blake não costuma trazer visitas. — Sorriu e pousou as mãos nos meus ombros. — Gostas de chá?

Acenei com a cabeça e depois consegui responder com normalidade.

— Sim, muito — disse. — Muito gosto em conhecê-la.

— Chama-me Claire — respondeu.

Para minha surpresa, caminhou propositadamente até ao Blake, arrancou o comando da sua mão e desligou a televisão. Ele franziu a testa, mas levantou-se do sofá *ipso facto*, sem protestar. Fixou os olhos nos meus e eu estremeci.

— Podes dar uma olhada ao lavatório da casa de banho? Entupiu esta manhã — pediu a Claire.

— Está bem. — O Blake subiu as escadas a arrastar os pés, até desaparecer no piso de cima. A mãe dele olhou para mim com um sorriso.

— Este meu filho... — Suspirou. — Espero que não seja sempre tão mal-educado. Agora que está fora, não consigo repreendê-lo o suficiente.

— Não é — disse com demasiado ímpeto.

A Claire fez um sorriso de lado, com satisfação, e pediu-me que a seguisse até à cozinha. A Emma disse que ia mudar de roupa e quando percebi que ia ficar sozinha com a mãe do Blake, comecei a transpirar. Em pleno inverno, sim.

Quando me apercebi de que olhava para ela sem qualquer recato, fixei o chão. Perguntei-me porque é que o Blake nunca me falara sobre a mãe. E, mais concretamente, sobre o cancro de que sofria.

De repente, o Blake parecia distante, como se estivéssemos separados por

quilómetros e mares. Como podia ele confiar tão pouco em mim, depois de todo o tempo que tínhamos passado juntos? Eu queria entrar na sua mente. Queria ser cúmplice do que sentia, do que lhe doía, do que pensava, do que nunca dizia... Ansiava que ele me deixasse entrar no seu mundo, mas ele nunca o permitiria.

A Claire pegou num lenço pendurado na porta da cozinha e pô-lo à volta da cabeça de uma forma elegante. Era castanho e tinha um bonito bordado dourado que parecia feito à mão. Apercebi-me, mais uma vez, de que olhava para ela com demasiada atenção e baixei a cabeça, envergonhada.

— Assim está melhor — disse, antes de sorrir. — O Blake não te tinha falado de mim ou da doença, pois não? — Incapaz de murmurar uma única palavra, abanei a cabeça. — Não te preocupes, na verdade, ele não fala sobre isto com ninguém. Nem sequer comigo.

Suspirou com alguma desolação e pegou numa chaleira, que encheu de água fria. Depois, aqueceu-a em lume alto.

— Como pode ele não falar consigo? — perguntei, incapaz de conter a frustração.

A Claire encostou-se ao balcão da cozinha, antes de olhar para mim.

— Ele acha que tudo vai correr bem. Mas estou a morrer. O Blake não aceita isso. — Bateu com os dedos na bancada e olhou rapidamente para a chaleira. — Não me interpretes mal, amo o meu filho tal como é, mas ele precisa de lidar com as situações difíceis da vida e pensar nos outros antes de pensar nele próprio.

Desviei o olhar e vi a água a ferver. Sentia-me assim por dentro.
A ferver em lume alto. Por um lado, não achava que fosse possível estar a ter aquela conversa com a mãe do Blake, na sua cozinha, enquanto ela fazia um típico chá inglês. Por outro lado, assustava-me saber que ele podia ser tão egoísta.

— Quando sabemos que vamos morrer, precisamos de fazer determinadas coisas — continuou a mãe do Blake, implacável —, desde a resolução de questões bancárias até falar com os nossos familiares sobre a direção que as suas vidas tomarão quando partirmos.

Fiquei surpreendida com a forma como ela abordava a morte. Nunca refletira

com calma sobre o que a «morte» implicava, mas algo em mim associava-a à palavra «vazio». Nunca tinha parado para pensar no que aconteceria se os meus pais morressem, talvez porque a ideia me parecesse quase absurda, como se eles tivessem de estar sempre ao meu lado, por obrigação. Não podia concebê-lo de outra forma.

A Claire não temia a morte, eu tinha a certeza disso. Mas parecia ter medo de não poder desaparecer em paz, e eu perguntava-me porque não lhe concedia o Blake esse último desejo.

— Entendo — disse eu, num sussurro.

Olhou para mim com gratidão, antes de se virar e deitar colheradas de chá na chaleira. Observei-a atentamente enquanto ela servia o chá em quatro chávenas pequenas.

— Gostas dele fraco? — perguntou, e eu acenei com a cabeça. — Então deixa-o repousar apenas três ou quatro minutos — comentou tranquilamente, como se a conversa anterior não tivesse passado de uma miragem. Tentei pegar numa das chávenas, mas ela recusou. — Vou levá-las para a sala de jantar. Sobe e diz ao Blake que o chá está pronto.

Desviei o olhar até o fixar na porta da cozinha.

— Subir?...

— Sim, despacha-te ou o chá ficará demasiado forte. — A Claire deu-me um pequeno empurrão. — A casa de banho fica na primeira porta à direita — acrescentou, antes de sair da divisão a carregar um tabuleiro com as quatro chávenas.

Segui-a e observei as escadas em silêncio. Subir até ao primeiro piso era um passo demasiado à frente. E eu não tinha a certeza de querer dá-lo.

Respirei fundo antes de subir as escadas. O piso de cima estava escuro, exceto a fenda iluminada que vinha da porta da casa de banho. Avancei e raspei com os nós dos dedos na superfície de madeira.

— Entra! — gritou o Blake.

Quando abri a porta, encontrei-o deitado debaixo do lavatório, virado para cima, a usar uma chave de fendas. Levantou ligeiramente a cabeça a fim de olhar para mim e pensei que ele estava a reprimir uma careta de tédio.

— Não sabia que eras tu — disse. Havia um tom ligeiro de repreensão na sua

voz. — Podes ajudar-me? Preciso que segures nesta peça — pediu, antes de apontar para um semicilindro que se ligava à parte inferior.

— Claro.

Ajoelhei-me ao seu lado e segurei na peça. O Blake apertou os quatro parafusos que a mantinham no lugar. Quando terminou, atirou a chave de fendas para a caixa de ferramentas e levantou-se. Aproximei-me dele, mas com uma distância de segurança entre nós.

— Percebo que estejas irritado. Eu também não tinha planeado esta visita.

Ele abriu a torneira e inclinou-se para verificar se tudo funcionava corretamente. A seguir, olhou para mim e a sua expressão suavizou-se.

— Está tudo bem. A culpa não é tua.

Abriu a porta da casa de banho e esperou que eu saísse. Descemos as escadas em silêncio e voltámos para a sala de jantar. Tanto a Emma como a mãe já tinham terminado o chá. Pensei que a Claire faria algum comentário sobre o nosso atraso, mas não disse nada. Sentei-me no lugar vazio, ao lado do Blake.

— Vimos as tuas reportagens, Léane — disse a mãe do Blake. — Estás a ir muito bem, gostámos especialmente daquela sobre as alterações climáticas, não foi, Emma?

— Sim. — Ela sorriu com entusiasmo. — Também mereces ganhar!

O Blake tossiu depois de engolir um pouco de chá e pousar a chávena na mesa.

— Obrigado, pela parte que me toca.

— Nós queremos que ganhes — explicou a sua mãe devagar, como se o Blake tivesse oito anos —, mas isso não significa que não possamos gostar do que faz outro concorrente. Seria ótimo se pudesse haver dois vencedores.

— E porque não seis vencedores? Isso tornaria o concurso ainda mais interessante — disse o Blake.

A Claire desviou o olhar do filho e franziu os lábios.

— Em casa, sempre te ensinámos que o importante é participar. Ganhar é secundário — lembrou.

— Obviamente, mãe — concordou o Blake, e notei que os seus dedos estavam pousados na minha cintura e a pressionar levemente. — A Léane sente a mesma coisa, não sentes? — Virou-se a fim de olhar para mim e vi um brilho de diversão nos seus olhos.

— Sim, é claro. — Sorri com um ar inocente.

Bebi o resto do chá de uma só vez e, mal terminei, a Claire levantou-se e começou a recolher as chávenas e a pô-las no tabuleiro de metal.

— Quer ajuda? — perguntei enquanto me levantava.

— Não — respondeu de forma taxativa.

Desviei o olhar para o móvel da sala de jantar e fixei-me na fotografia que estava mais próxima. O Blake parecia ter cerca de dez anos e segurava a irmã nos braços. Pouco mudara; um sorriso malicioso, que me era familiar, atravessava-lhe o rosto.

— O Blake era muito bonito em pequeno. — A Claire voltou a colocar a bandeja na mesa e inclinou-se para pegar na fotografia. Fiquei envergonhada por ela ter descoberto para onde olhava.

— Agora já não sou?

A mãe ignorou-o e entregou-me a fotografia para que eu pudesse vê-la com mais atenção.

— Ele e a Emma estavam sempre juntos — continuou a falar e pareceu afundar-se nas suas próprias memórias.

O Blake fixou os olhos na fotografia e uma expressão estranha atravessou-lhe o rosto. Quando a mãe voltou a pôr a foto no móvel, pousei a mão no seu joelho e pressionei-a levemente; como se um simples aperto pudesse acalmar os pensamentos que pareciam invadi-lo. O Blake observou atentamente a minha mão durante alguns instantes, antes de abanar a cabeça.

— Está a ficar tarde. — Olhou para o relógio pelo canto do olho. — Devíamos ir.

— Ainda é cedo. — A Emma abanou os pés no braço do sofá e sorriu para o irmão.

— Sim — opinou a Claire, depois de voltar para a sala de jantar. — Mostraste-lhe o teu quarto, Blake?

— Não. Talvez noutra altura.

Levantei-me ao mesmo tempo que o Blake.

— Não deixes passar esta oportunidade. — A mãe ergueu um dedo. — Digo sempre que se deve pensar no momento presente porque não se sabe se haverá outro...

— Não continues, mamã. — Reparei que estava a suster a respiração enquanto interrompia as palavras da Claire. Depois, olhou para mim fixamente: — Gostavas de ver a minha sala de jogos? Bem. Vamos lá para cima.

Pôs as mãos atrás das minhas costas e empurrou-me suavemente em direção às escadas. Não falei enquanto percorremos o corredor do piso superior e fiquei imóvel quando ele abriu uma das portas e me convidou a entrar no seu quarto.

Apesar do incómodo do momento, olhei em volta com curiosidade. Era um quarto espaçoso, sem muitos móveis e arrumado (provavelmente porque ele não vivia lá para o poder transformar num caos). Acima da cama havia várias prateleiras com livros, brinquedos e lembranças que não consegui identificar. Inclinado para a janela, como se tentasse fugir dali, estava um telescópio de tamanho considerável. E para lá do vidro, a chuva caía implacável.

Observámo-nos em silêncio durante alguns instantes, até que o meu olhar se deslocou para a colcha de retalhos engraçada que cobria a cama. O Homem-Aranha parecia sorrir e os seus olhos ligeiramente desfocados cobriam a almofada.

— Com que então... o Homem-Aranha, hã?

— Não gostas? — O Blake relaxou os ombros, sentou-se no edredão espesso e olhou fixamente para o padrão que o cobria.

— Eu era mais do tipo Batman.

— A sério? — Fez uma cara feia, como se falássemos de algo realmente importante. — O Batman nem sequer é um super-herói. Não tem quaisquer poderes.

— Pode voar.

— Diz quem?

Os seus olhos verdes tomaram um brilho infantil e, de repente, senti-me calma. Cheguei a esquecer-me de que estávamos no seu quarto, o verdadeiro, e o seu sorriso contagiou-me.

— É apenas rico. Não consegue voar, a capa que usa não passa de adorno — disse.

— O Homem-Aranha também não consegue voar.

O Blake olhou para mim com um ar incrédulo. Parei de rir e atravessei o quarto até ao telescópio, pousado num tripé.

Deslizei os dedos pela superfície de ferro.

— Não há comparação possível entre os dois — resmungou, levantando-se da cama. — O que importa que o Homem-Aranha não consiga voar? O seu corpo cria teias de aranha, Léane, pode pedir-se mais?

— Se pudesses pedir um desejo, seria isso, criares teias de aranha?

— É possível. — Tentou não se rir enquanto se sentava na cadeira atrás do telescópio. As suas mãos contornaram a minha cintura e sentou-me ao colo.

— O que estás a fazer?

Olhei para ele por cima do ombro e estremeci quando senti o seu hálito quente na parte de trás do meu pescoço.

— Queres ver as estrelas? — sussurrou-me e, sem esperar pela minha resposta, levantou a mira do telescópio e inclinou-se para a objetiva. Esperei com paciência enquanto ele ajustava a lente. — Vem. Olha agora.

Com cuidado para não mover o telescópio, aproximei-me e fechei um olho de forma a ver melhor. O céu estava negro, completamente negro, e no centro um ponto brilhava com intensidade, a luminosidade palpitava como se fosse o bater de um coração, desvanecendo-se ligeiramente para depois voltar a brilhar.

— O que achas? — Pousou o queixo no meu ombro.

— Não é mau — reconheci, ainda a olhar para a estrela palpitante —, embora não seja muito diferente do que se vê sem telescópio.

— É verdade. Mas sabes porque é mais interessante do que ver qualquer outra coisa?

— Diz-me porquê. — Virei a cabeça até encontrar um reflexo dos seus olhos.

— Porque poderias estar a ver o passado. Sabes que algumas das estrelas que vês no céu deixaram de existir há anos? São as que estão mais afastadas. A distância é medida em anos-luz e essa luz leva anos, séculos, a chegar à Terra. É por isso que é possível ver luz emitida por estrelas que já não existem.

Fiquei a observar em silêncio aquela janela para o passado. Senti os dedos do Blake a percorrerem o meu pescoço e a deslizarem lentamente até ao ombro. Era uma carícia tão delicada que pensei se tinha acontecido ou se não passava de um produto da minha imaginação.

— Ensina-me mais coisas.

— Vamos procurar Júpiter? — Olhei para o seu cabelo preto quando ele se

inclinou. — De certeza que está aqui perto.

Júpiter era incrível. Rodeado de três luas perfeitas, parecia um desenho no alto do céu, colorido com um tom pálido que tinha matizes e traços a atravessarem a sua superfície. Senti-me minúscula na vastidão do universo, sentada sobre as pernas do Blake, com os seus braços à volta da minha cintura, num silêncio comovente.

Não sei quanto tempo ficámos ali sentados, sem dizer uma palavra, mas era reconfortante ver o cintilar das estrelas enquanto sentia a sua respiração pausada no meu pescoço. Estava a chover. Sem parar. Se olhasse para a luz dos postes de iluminação da rua, podia ver as gotas que caíam na diagonal, arrastadas pelo vento, e depois se precipitavam no chão de forma brusca.

Sentia-me tão descontraída que me assustei quando a porta do quarto se abriu. Saltei rapidamente do colo do Blake e levantei-me.

— Queria apenas despedir-me. — A Emma olhou-nos com malícia e notei que estava a conter um sorriso. — Vou deitar-me. Tenho tanto sono. Foi um dia de loucos.

O Blake levantou-se com a testa franzida.

— Um dia de loucos? — repetiu. — Não acaba aqui, Emma. Ainda vamos ter uma conversa, não te vais escapar.

A irmã revirou os olhos.

— Foi só um pequeno erro, aprendi a lição — queixou-se. — Mas se quiseres continuar a falar de preservativos na próxima semana, tudo bem, podemos fazer isso.

A Emma desapareceu pelo corredor, arrastando os pés e deixando o irmão de boca aberta. Tinha uns ténis cor-de-rosa adoráveis, pomposos e enormes. Fomos até à sala de jantar para nos despedirmos da Claire, que, desta vez, não fez qualquer tentativa para nos impedir de sair.

— Espero que voltem em breve — disse. — Se me avisarem com alguma antecedência, farei umas bolachas de manteiga deliciosas.

— Claro, com todo o prazer.

O Blake deu um pequeno beijo na testa da Claire e, antes que ele pudesse escapar, ela deteve-o com os braços sem deixar de sorrir.

— Engoma a roupa, Blake. Promete-mo. E estuda muito.

Ele soltou um suspiro de tédio.

— Prometo, mamã.

— Bem. Vão com cuidado. — Abriu a porta e saímos. — Não andes depressa com o carro! — gritou, quando estávamos quase a entrar no automóvel.

A chuva que batia contra os vidros ecoava no interior do carro. Apertei o cinto de segurança quando ele ligou o motor e, após apenas cinco minutos de trajeto, deixámos para trás as acolhedoras ruas do bairro residencial e a paisagem mudou drasticamente. No meio de uma escuridão quebrada apenas pelas luzes dos faróis do carro, estendia-se uma estrada reta, monótona. A toda a volta, só havia campos vastos em estado de abandono.

— O que achaste da noite? — O Blake não olhou para mim, e percebi que lhe custava muito fazer aquela pergunta.

— Bem. Perfeita. — Esforcei-me por sorrir. — O que pensavas?

Silêncio, seguido de mais silêncio.

— Se perguntas isso pela tua mãe... — Engoli em seco antes de prosseguir. — Admito que fiquei surpreendida, não estava à espera, mas não me importo que ela me fale dele.

— Que ela te fale do quê, exatamente?

Apertou com força o volante, mas não tirou os olhos da estrada.

— Tu sabes, Blake. — Olhei para ele de lado e suspirei. — Porque nunca me disseste que ela estava... doente?

Um riso amargo escapou-lhe dos lábios e, pela primeira vez durante toda a viagem, os seus olhos encontraram os meus.

— Porque te diria, Léane? Isso interessa-te? Penso que ambos sabemos que a resposta é não.

— Como podes pensar isso? — protestei, irritada. — Por outro lado, contaste-me que não falas com o teu pai, não foi?

— O que tem isso que ver? Onde queres chegar?

— Eu ouvi-te. E se te ouvi, foi porque me interessa. — Levantei as mãos em sinal de frustração e baixei-as pouco depois. — Sabes, não importa que não mo tenhas dito, isso é irrelevante. Só... acho que estás a ser um pouco egoísta... com a tua família. Talvez devesses repensar as coisas e tentar olhar para a situação de uma perspetiva diferente.

Apoiei o cotovelo na janela do carro e pus uma mão na boca, como se isso fosse capaz de me calar. Não queria falar mais, não queria intrometer-me em assuntos que não me diziam respeito, mas era quase inevitável falar daquilo. Além disso, incomodava-me perceber o quanto me preocupava com o Blake.

O carro saiu da estrada e desviou-se para a berma, embrenhando-se num dos campos. Travou com um golpe seco e o cinto de segurança pareceu-me bloquear enquanto me projetei para a frente. O ruído do motor extinguiu-se.

— Estás a julgar-me? — exclamou, aumentando o tom de voz. — Quem pensas que és? Passas cinco minutos com a minha família e achas que sabes muito sobre a minha vida, até para me dizeres como raio devo comportar-me?

— Só tentei ajudar — defendi-me. — Pensei que talvez pudesses aproveitar algum apoio ou um empurrãozinho para enfrentares os teus problemas.

— Do que estás a falar?

— A tua mãe, Blake. — Entrelacei as mãos com um certo nervosismo. — Ela está a morrer e eu não enten…

— Não voltes a dizer isso, porra! — gritou, fora de si. — Agarrou-me pelo pulso e segurou-me com força, como se tivesse medo de que eu fugisse. — É a minha mãe, Léane! Não entendes isso?

— Desculpa — sussurrei. — Mas ela disse-mo... — insisti, sem conseguir evitá-lo.

— A minha mãe não está a morrer! — A frieza dos seus olhos assustou-me, e encolhi-me no banco. — Não sabes de nada. Esta é a terceira recaída dela, já passámos por isto muitas vezes. Não mudou nada.

O silêncio invadiu-nos durante alguns segundos tensos e, depois, o Blake abriu a porta do carro para sair. Tentei agarrá-lo pelo casaco.

— Espera, aonde vais? Está a chover!

A porta do carro bateu com um golpe seco. Respirei fundo. Uma, duas, três, quatro... até cinco vezes. Era uma desbocada e intrometera-me demasiado. Lamentei não manter a boca fechada, o que achava eu que ia ganhar com aquilo? Era óbvio que, se a mãe não fora capaz de falar com ele, não seria eu a consegui-lo.

Finalmente, enquanto exalava um longo suspiro, saí também.

Estremeci quando as primeiras gotas me salpicaram. Encontrei o Blake atrás do

carro, de costas contra a bagageira, braços cruzados e olhos fixos no céu. Chovia tanto que, quando consegui chegar perto dele e entrelaçar os seus dedos nos meus, estava completamente empapada.

22

Blake



Baixei os olhos até encontrar as nossas mãos entrelaçadas e tentei entender, por entre a escuridão, como os nossos dedos pareciam encaixar perfeitamente uns nos outros e se acoplavam nas curvas, pele a pele.

— Desculpa ter gritado contigo. — Estendi-lhe a mão e puxei-a para mim, até que o seu corpo chocou suavemente com o meu. — Não voltaremos a falar sobre este assunto.

— Combinado.

A sua voz mal chegava a ser um sussurro, silenciada pelo som da chuva. Inclinei a cabeça para a beijar; tinha os lábios molhados e entreabertos. Na verdade, ela tinha uns lábios perfeitos. Sempre. Mas senti que aquele beijo foi distante e frio, apesar do calor da sua boca na minha.

Quando voltámos a entrar no carro, liguei o aquecimento e fizemos todo o trajeto em silêncio. Não pus nenhuma música a tocar, uma vez que não queria interromper o som da chuva. Era uma queda de água constante, que batia contra o vidro... semelhante ao barulho que invadia a minha mente, repetitivo e insistente até que acabava por inundar tudo à sua passagem.

Não voltei a olhar para ela até chegarmos a Reading.

— Ficas para dormir?

A Léane pareceu hesitar e manteve os olhos fixos no cinto de segurança enquanto o torcia entre os dedos.

— Amanhã quero levantar-me cedo e ir estudar para a biblioteca.

Parei num sinal vermelho.

— Posso levar-te lá de manhã.

Ela mordeu o lábio inferior, a olhar pela janela, antes de se virar e encontrar o meu olhar.

— *Okay*.

Saiu do carro mal estacionei, a alguns metros da porta da frente. Observei-a em silêncio a abrir o portão com familiaridade e a subir os dois degraus antes de ficar defronte para a porta.

Enquanto a observava, no meio do silêncio da noite, continuava a ouvir a sua voz penetrante e insistente a ressoar na minha cabeça, à procura de um vazio para ficar.

«Ela está a morrer…»

A Léane voltou-se naquele momento e sorriu. Um sorriso tímido, mas sincero. Respirei fundo, antes de me dirigir até ela e abrir a porta da casa.

Eu não sabia como é que aquilo acontecia nem porquê, mas quando estávamos juntos, o tempo parecia andar mais depressa. Os ponteiros do relógio pousado na mesa de cabeceira decidiam quebrar a barreira do tempo e correr à sua vontade.

— A que horas queres ir amanhã à biblioteca? — perguntei, enquanto ela se instalava na cama depois de vestir o pijama. O seu próprio pijama, o que era preocupante como a porra. Ela tinha passado tantas noites naquele quarto, durante o último mês, que propôs deixar uma muda de roupa. O alarmante é que, quando me perguntou o que eu achava, pareceu-me boa ideia.

O pijama era bastante estival. Calções brancos com um estampado com corações cor-de-rosa pirosos e um *top* a condizer. Quis pensar que a única razão pela qual concordara que aquele pijama fizesse parte do meu roupeiro era porque gostava de a ver pouco vestida.

A Léane enfiou o cabelo num rabo de cavalo alto e, depois, puxou o edredão até ao queixo. Perguntei-me porque usava ela um pijama de verão se tinha sempre frio. Costumava tirar-me o cobertor a meio da noite e enrolar-se nele como uma lagarta. Talvez o usasse para me provocar, talvez fosse uma estratégia bem pensada. Estava a funcionar.

— Que guia estás a ler agora? — Inclinou-se para pegar no livro que estava

pousado em cima da mesa de cabeceira. — *Roma de perto.* — Leu o título e franziu o sobrolho.

— Não gostas?

Ela encolheu os ombros. Deitei-me ao seu lado e ela percorreu a linha da minha mandíbula lentamente com a mão, até descer e tocar-me nos lábios.

— Adorava ir à Islândia — disse, a olhar para a estante onde estavam os outros guias.

— Islândia? Não está mal.

Na verdade, estava mais do que bem. Era um dos meus lugares preferidos. Tinha-o visitado com apenas treze anos. O meu pai organizara a viagem no verão, fazendo-nos uma surpresa, e ainda me lembrava da cara de felicidade da minha mãe quando ele, utilizando-nos como cúmplices, a vendara até ao aeroporto. Continuava a ser um mistério para mim porque a traíra se parecia amá-la tanto. Presumi que o amor era por vezes relativo ou que, embora não conseguisse compreendê-lo, existiam diferentes formas de amor. O que não diminuía o facto de ele ter destruído tudo.

Parei de pensar no meu pai quando a Léane pousou a cabeça no fosso da minha clavícula e senti o seu hálito quente no pescoço.

— Sabes como são os cemitérios na Islândia?

— Cemitérios? — Ela riu-se. — Bem... não.

A sua mão perdeu-se debaixo da minha *T-shirt* e os seus dedos traçaram círculos suaves na minha pele. Quando ela fazia aquilo, eu conseguia descontrair-me.

— É como se fosse Natal. As sepulturas estão decoradas com muitas luzes coloridas... e em cada lápide costumam inscrever a profissão do defunto. Os cemitérios não parecem lugares solitários e tristes, mas sim de reunião, luminosos e alegres.

— Soa bem, embora seja estranho. — Levantou ligeiramente a cabeça a fim de olhar para mim. — Gostava de ver uma aurora boreal.

Os seus dedos deslizaram devagar até passarem a bainha das minhas calças e estremeci. Segurei a sua cintura com força e puxei o seu corpo para mais perto do meu.

— Também podíamos tomar banho na lagoa Azul — acrescentei, com a voz

mais rouca do que de costume.

A Léane pôs uma perna entre as minhas.

— Podíamos? — repetiu, enfatizando o plural da palavra.

— Se estivéssemos agora na Islândia — expliquei, na tentativa de corrigir o erro.

Ela sorriu e moveu-se de forma a ficar deitada em cima de mim.

— E íamos observar as baleias. — Mordiscou-me o queixo antes de me beijar. Fechei os olhos com força.

— … em Húsavík. É o melhor lugar para observar baleias — acrescentei, e tirei-lhe o *top* com à vontade, antes de percorrer as suas costas com as mãos. Obriguei-me a não ficar desesperado por a possuir naquele instante e desfrutar do toque da sua pele.

— Também gostava de caminhar pelas ruas, ver as típicas casas coloridas — disse ainda.

Esfregou-se contra mim de forma provocadora e grunhi com impaciência. Movi-me para um lado, virei-me e consegui pôr-me em cima dela. Falei, enquanto acabava de a despir.

— Sabes, adorava continuar a imaginar o que faríamos se estivéssemos na Islândia. — Atirei os calções do seu pijama para o lado, comecei a despir-me, e a Léane sorriu. — Talvez noutra altura possamos retomar esta conversa, porque daqui a um minuto vamos estar demasiado ocupados para falar.

Quase não teve tempo de dizer o que quer que fosse. Depois de colocar um preservativo, penetrei-a com força; sem preliminares, sem jogos. Continuei a beijá-la; gostava de sentir o seu hálito quente nos meus lábios enquanto ela gemia e ofegava. Notei que a fazia minha com uma certa possessividade e procurei os seus olhos doces antes de terminar e sentir a explosão de prazer que se apoderou de nós.

Ficámos parados durante alguns instantes. Por fim, desviei-me para o lado e enrolei um braço na sua cintura.

Observei a curva das suas ancas com atenção e tracei com os dedos o arco que elas marcavam, enquanto sentia como a pele da Léane se arrepiava com aquela carícia. Uma estranha inquietação, que já se manifestara antes, começou a invadir-me.

Refleti, refleti mil vezes e cheguei à conclusão clara de que tinha de manter a boca fechada. Mas a curiosidade imperava. Precisava de saber, sobretudo desde o momento em que provara os seus lábios. Não era a primeira vez que queria perguntar-lhe aquilo. Aliás, já o fizera.

— Léane?

— Sim? — Deu uma volta na cama e olhou para mim. O seu rosto estava ligeiramente rosado e tive vontade de lhe tocar para sentir o calor que dele irradiava.

— É possível que me mandes à merda, mas... com quantos rapazes já estiveste?

No início, pestanejou, confusa. Depois, quando processou a pergunta, fez-me um olhar furioso e sentou-se. Olhou à volta da cama à procura da sua roupa interior e começou a vestir-se.

— O que tens que ver com isso?

— Disseste o mesmo quando te perguntei pela primeira vez — respondi, antes de começar, também eu, a vestir a *T-shirt*.

— Não percebo a que propósito vem isso! Sobretudo depois de termos acabado de... tu sabes!

— É o momento perfeito porque é quando me pergunto quem mais te tocou — respondi, levantando a voz, incapaz de controlar a frustração.

Ela acabou de se vestir e sentou-se na beira da cama, a balançar ligeiramente os pés suspensos, sem tocar no chão. Olhou para mim de lado.

— E tu?...

— E eu o quê? — Levantei o sobrolho, sem entender.

— Quantas relações já tiveste? — perguntou quase num sussurro, como se tivesse vergonha de o dizer em voz alta.

— Bastantes.

A Léane franziu o sobrolho.

— «Bastantes» não é um número.

— Eu sei. — Fixei o olhar nela e tentei, em vão, manter-me de boca fechada. — Mas não pago a nenhum contabilista para me fazer as contas.

Quando ela olhou para mim, abriu muito os olhos, mas depois recompôs-se, e o seu rosto tornou-se impassível. Eu sabia que fora um idiota, mas irritava-me que ela não quisesse falar sobre aquilo, que diabo tentava esconder?

— Sabes? Acontece-me o mesmo. — Estalou a língua. — Acho que a minha resposta também é «bastantes». — Fez um sorriso amarelo. — Talvez devêssemos contratar um contabilista juntos. Seria o melhor. Reconheço que é difícil acompanhar quando lidamos com números tão grandes.

Esforcei-me por relaxar o maxilar e os punhos apertados, ao ponto de os nós dos meus dedos ficarem esbranquiçados. Não gostava dos pensamentos que começavam a invadir-me; imagens difusas passavam-me pela mente e, para minha surpresa, sentia-me desconcertado.

Quando reparei que os olhos da Léane estavam brilhantes, como se fosse chorar a qualquer momento, tentei acalmar a raiva e o desconforto que tomavam conta do meu bom senso. Desloquei-me até ela, coloquei um braço à volta dos seus ombros e puxei-a para mim, até a cabeça dela pousar no meu peito.

— Sou um idiota. Não era o que eu queria dizer. — Suspirei. — Não precisaria de um contabilista para me lembrar com quantas raparigas estive, era só uma piada.

— Uma piada um pouco denigrativa — acrescentou, e, pelo tom da voz, percebi que estava bastante irritada. E embora «bastante» não fosse, de facto, um número, quase jurava que, na escala de um a dez, a sua irritação era de pelo menos oito e meio.

— Sim, apesar de teres continuado com a piada — censurei.

Ela acenou, com a cabeça ainda no meu peito.

— Então... — Mordi o lábio inferior, pensativo. — Vamos ficar nos... «bastantes» e não tornamos a falar disso. Não quero voltar a pensar nisso. — Enfiei uma mão no seu cabelo e, depois, enrolei uma madeixa loura nos meus dedos. — Queres que te traga alguma coisa para comer? Estás com sono?

— Apetece-me comer chocolates. — Levantou-se e pegou na sua mala para tirar de lá o pacote de *M&M's* que costumava ter sempre — Queres?

Acenei com a cabeça e, sem precisar que ela me dissesse nada, comecei a comer todas as bolinhas encarnadas que encontrava. A Léane sorriu, satisfeita, agradecendo-me o gesto em silêncio.

— Embora participando na causa de exterminar todos os chocolates encarnados, repito-te que têm o sabor dos outros. Estás a desperdiçar dinheiro e,

além disso, achas mesmo esta cor assim tão horrível?

Peguei numa das bolinhas encarnadas com os dedos. A Léane observou os chocolates durante alguns instantes e depois fixou o seu olhar em mim. Um olhar penetrante e intenso que eu não sabia o que significava.

Abriu a boca para falar, fechou-a, e voltou a abri-la.

— Menti-te — disse, por fim. — Não estive com «bastantes». E de certeza que não preciso de um contabilista para fazer as contas. — Deixou de olhar para mim, como se tivesse vergonha. — Na verdade, só estive com uma pessoa. És o número dois. É fácil lembrar-me do número, não achas?

As suas palavras tiveram o efeito de uma espécie de soco.

— O segundo? — Quando voltei a falar, fi-lo ainda com alguma incredulidade. — Não percebo. O primeiro foi... o Nathan, aquele idiota?

Porra, a minha cabeça parecia fora de controlo. As minhas emoções borbulhavam dentro de mim, a tentar romper, apesar de eu não querer deixá-las sair. Que merda, alguma coisa falhava naquela complicada equação. Não era eu mesmo, era alguém muito diferente a tomar conta do meu ser.

— Sabes que não. E preferia não falar sobre esse primeiro rapaz que esteve na minha vida.

— Porquê?

— É óbvio. Ele magoou-me... mesmo que não tivesse essa intenção. — Olhou fixamente para o chão. — Não queria dizer-te, não gosto de falar sobre este assunto. Continua a provocar-me uma certa... insegurança.

Tirei-lhe o pacote de chocolates das mãos e coloquei-o sobre a mesa de cabeceira.

— Insegurança em que sentido?

— Em mim toda. — Suspirou profundamente. — Está bem, eu conto-te, mas promete-me que não vais rir-te ou achar graça. Porque não foi nada engraçado para mim, embora na altura o parecesse para muita gente na escola.

Entrelacei os meus dedos nos dela e apertei-lhe a mão.

— Juro-te. — A Léane olhou para mim hesitante. — A sério. Juro que não vou rir-me.

23

Léane



Debati-me interiormente. Não tinha a certeza de querer contar-lhe o que acontecera com o Benôit, ou melhor, porque decidira ele acabar a nossa relação. Não o culpava, mas a provocação que se seguiu na escola afetou-me mais do que esperava.

O Blake inclinou-se e deu-me um beijo doce e suave nos lábios.

— Confia em mim.

Observei o seu olhar sincero debaixo das pestanas negras que acentuavam o verde dos seus olhos.

— Está bem. — Afastei algumas madeixas de cabelo que tinham escapado do meu rabo de cavalo, espalhando-se pelo meu rosto. — O Benôit foi sempre o meu melhor amigo, íamos juntos para todo o lado desde miúdos. Quando fiz dezasseis anos, comecei a vê-lo como algo mais.

— Benôit? — O Blake interrompeu-me e franziu o sobrolho. — Que tipo de nome é esse?

— Também não é assim tão horrível. — Sorri, um pouco mais calma graças ao tom descontraído da conversa. — O problema foi que, como dizia, comecei a gostar dele. E, supostamente, aconteceu-lhe a mesma coisa em relação a mim. Passámos a namorar e estivemos juntos durante nove meses e onze dias.

O Blake pestanejou surpreendido.

— Nove meses e onze dias, estavas a contabilizar?

— Sim. — Mordi o lábio inferior, entre pensativa e envergonhada. — Era o meu primeiro namorado e todos os dias que passava com ele eram importantes para mim.

O Blake manteve o olhar tenso em mim, mas não fez qualquer comentário, pelo que continuei a falar.

— Sempre quis um namorado que fosse também um bom amigo. Tudo parecia correr bem, mas um dia ele disse-me que tínhamos de falar. — Esfreguei as mãos com nervosismo. — Disse-me que eu era uma rapariga fantástica e que seria sempre o meu melhor amigo, mas que estava apaixonado por outra pessoa.

— A sério? — O Blake mostrou-se surpreendido, e eu senti-me grata por ele me ouvir com interesse.

— Sim, mas isso não foi o pior — continuei. — A pessoa por quem ele estava apaixonado não era... não era... uma mulher — acabei por dizer. — O Benôit era *gay*.

Um silêncio esmagador tomou conta do quarto no minuto seguinte. Por fim, o Blake quebrou-o quando soltou uma gargalhada, e eu escondi a cara entre as mãos, arrependida de lhe ter contado aquele facto do meu passado.

— Odeio-te, Blake, a sério! — Empurrei-o para o lado. — Eu sabia que não ias entender; a insensibilidade é um dos efeitos secundários de se ser um idiota.

Ao sair da cama, o Blake agarrou-me pelo pulso e, puxando-me o braço, obrigou-me a sentar-me no seu colo. Respirei fundo, irritada.

— Ei, não te zangues, pequena. — Olhei para ele, confusa com o tom terno da sua voz, apesar de ele continuar a sorrir. — Não me ri por causa do que te aconteceu.

— E o que teve assim tanta graça, posso saber?

— Ri-me da tua insegurança. — Franziu as sobrancelhas. — É parvo que o que aconteceu com esse tipo possa fazer com que tenhas dúvidas sobre ti mesma.

Abanei a cabeça, rejeitando as suas palavras.

— A sério, sabes o que é teres um suposto ex-namorado a aparecer semanas mais tarde na escola de mãos dadas com um rapaz? Tive vontade de morrer, Blake! — exclamei. — As pessoas riram-se. Aliás, algumas raparigas disseram que, graças à minha falta de sensualidade, eu o fizera mudar de lado. Como se a culpa de uma coisa daquelas fosse minha!

O Blake deitou-me na cama e pousou o seu rosto na mão de modo a olhar para mim desde cima. Tocou-me com a outra mão na face e parou de sorrir. Foi o suficiente para eu continuar a falar. Sem parar, como se quisesse livrar-me de

tudo aquilo havia anos.

— O Benôit não teve culpa. Ainda somos amigos, ou melhor, somos como velhos conhecidos que dizem olá quando se cruzam na rua. — Respirei fundo. — E depois, como se aquilo não fosse suficiente, aconteceu o que aconteceu com o Nathan. Porque é que, em todas as minhas relações, as pessoas descobrem o que se passou como se se tratasse de um espetáculo? É uma humilhação pública. Só peço... um pouco de privacidade, nada mais.

O Blake permaneceu em silêncio até eu terminar de falar. Deslizou os dedos pelo meu rosto, começando pela testa e acabando a acariciar os meus lábios com a ponta dos dedos.

— És mesmo bonita — sussurrou, e eu estremeci com as suas palavras. — A sério, Léane, não gosto de dizer estas coisas, mas és.

— Porque não gostas de dizer estas coisas? — perguntei num sussurro.

— Porque prefiro guardar esses pensamentos para mim. — Sorriu com timidez, e isso surpreendeu-me.

— Egoísta como sempre, Blake. — Envolvi as mãos à volta do seu pescoço.

— Sim. — Roçou os lábios nos meus. — Mas, a sério, não fiques insegura. És melhor do que qualquer outra rapariga. Mais esperta, mais bonita, mais doce e mais maluca. Garanto-te.

— Obrigada, Blake.

Deitámo-nos na cama e ele tapou-nos com o cobertor. Apagou a luz do quarto, antes de ligar o candeeiro da mesa de cabeceira, e pegou no telemóvel.

— A que horas queres ir para a biblioteca?

— Não sei, cedo. Escolhe tu a hora.

— Bem, então não será assim tão cedo — disse enquanto acionava o alarme.

Como estava muito cansada, aceitei a sua decisão. Bocejei e enfiei-me mais fundo nos cobertores. Um minuto depois, o Blake pousou o telemóvel na mesa de cabeceira e olhou para mim.

— Por curiosidade, há quanto tempo estamos juntos? Em meses e dias.

— Não sei. — Olhei para ele com um ar de dúvida.

— Não contaste?

— Não.

— Porque não?

— Porque, até agora, não sabia que estávamos juntos — respondi, num tom mais agudo do que o esperado. Na verdade, estava nervosa; senti as batidas do meu coração a bombear com força, de forma desenfreada. Por um momento, desejei que fosse verdade, que estivéssemos realmente juntos, que o Blake dissesse de repente: «Ah, sim, é verdade, esqueci-me de te dizer que quero que sejas minha namorada.»

— Certo. — O Blake acenou com a cabeça devagar, sem parar de olhar para mim atentamente, fazendo-me estremecer. — E nós não estamos, pois não? — O seu olhar tornou-se frio e cerrou os lábios. — Fazes bem em não contar os dias. É uma estupidez.

Reencontrar o lado mais idiota do Blake não foi a melhor forma de terminar o dia avassalador que ambos tínhamos passado, mas não havia mais nada que eu pudesse fazer. Ele apagou a luz do candeeiro da mesa de cabeceira e instalou-se na cama sem sequer me tocar. Ao fim de alguns minutos de silêncio na escuridão, rompi a distância rara que o Blake criara entre nós e pousei a cabeça no seu ombro. Ouvi-o suspirar e, embora ele não tenha abraçado a minha cintura nem puxado para ele como costumava fazer, também não me afastou.

Na manhã seguinte, bocejei e aninhei-me ao lado do Blake antes de abrir os olhos. Não precisei de olhar pela janela para ver que ainda chovia. A fúria da tempestade tinha diminuído e dado lugar a chuva mais ténue. Podia ouvir o som da água a cair, enquanto continuava envolta nos cobertores quentes. O Blake fez um grunhido rouco perante os meus movimentos e puxou-me com mais força contra o seu corpo, impedindo-me de me levantar. Respirei fundo, deleitando-me com o aroma cítrico excitante que ele emitia.

Gostaria de ter ficado na cama o dia todo, presa nos seus braços possessivos, mas tinha a intenção clara de estudar naquele fim de semana. Já adiara várias tarefas semanas a fio devido à viciante e irrecusável necessidade de passar mais tempo com o Blake.

— Tenho de me levantar.

— Não.

— Lamento, mas... prometeste-me que me levarias à biblioteca. — Levantei a cabeça para ver as horas no relógio. Não consegui. — Adormecemos. Tenho a

certeza de que é tarde.

— Não — repetiu, taxativo.

Movi-me com mais ímpeto, tentando desembaraçar-me dos seus braços. Notei como os lábios do Blake esboçavam um sorriso divertido na minha têmpora, e isso incomodou-me ainda mais. Empurrei-o com todas as forças, mas os seus dedos pareciam colados à minha cintura.

— Não vais fugir — sussurrou, numa voz rouca, antes de tomar um impulso, virando-nos ao mesmo tempo e posicionando-se em cima de mim.

Sorriu, os seus olhos estreitaram-se e deslizou a língua pelo meu pescoço até que mordiscou suavemente o lóbulo da minha orelha, fazendo-me estremecer. Senti que a minha respiração acelerava, mas, apesar da oferta matinal tentadora do Blake, tomei de novo consciência de como deveria ser tarde. Ocorreu-me uma ideia pouco provável e aproveitei o momento de fraqueza para a levar a efeito. Acariciei as suas costas com as mãos e desci até perto da sua cintura. Fiz-lhe cócegas.

E funcionou. Enquanto movia os dedos pela sua pele, o Blake começou a tremer de riso e desviou-se. Sentei-me na cama, e ele, deitado com um braço atrás da cabeça, sorriu e acariciou o meu cabelo com a ponta dos dedos, ainda a olhar para mim.

— *Okay*, ganhaste. — Os seus olhos verdes tinham um brilho brincalhão. — Tu é que ficas a perder. Podias passar o melhor dia da tua vida aqui comigo, mas se preferes ir à biblioteca…

Olhei para ele de lado enquanto bocejava, ainda sentada na cama. Estava com um pouco de sono e tentava reorganizar os pensamentos.

— Eu sei que não é o melhor plano, mas preciso de estudar — expliquei. — Tenho de manter a bolsa deste ano, pelo menos. E as últimas semanas foram pouco produtivas.

— Tens uma bolsa de estudo?

— Claro! Como achas que consigo estudar aqui? A universidade não é algo que se dê de borla por aí.

Levantei-me, peguei nas calças de ganga que deixara dobradas na cadeira na noite anterior e, antes de tirar os calções do pijama, virei as costas ao Blake. Ele ainda estava deitado, descontraído, sem deixar de olhar para mim, como se

tivesse acabado de descobrir que eu existia e não conseguisse tirar os olhos de mim.

— Podes deixar de olhar para mim? — pedi, envergonhada. Saltei ao pé-coxinho para tentar enfiar um pé na perna das calças.

Ouvi-o a suspirar.

— Ainda não entendi o que me disseste ontem à noite...

— O quê? — Apertei o botão das calças com alguma dificuldade e, depois de ter tirado o *top*, ainda de costas para ele, virei a cabeça a fim de o ver por cima do ombro. — Não te vais vestir, pois não?

— Que não és *sexy*. — Virou os cantos da boca e fez-me um sorriso que me tirou o fôlego. — E sim, gostava de me vestir, mas estou demasiado ocupado a olhar para ti. Nunca recuso um espetáculo de borla.

— Céus, Blake! — Revirei os olhos. — Não precisas de tentar... elogiar-me! É uma coisa interior, sabes? Um dia vou resolvê-la sozinha.

— Não entendes. — O Blake abanou a cabeça, levantou-se e abriu o roupeiro. — Eu sei que só tu podes superar as tuas inseguranças. Se te digo que és *sexy,* é porque acredito nisso e porque me apetece dizer-te. — Sorriu timidamente. — Vês, não sou sempre assim tão egoísta, por vezes partilho coisas.

Atirei-lhe uma almofada, mas não pude evitar sorrir.

Quando tirei o telemóvel da mala, descobri que eram quase nove e meia, mais tarde do que eu planeara. Tomámos o pequeno-almoço à pressa (especialmente eu, já que o Blake demorou quase dez minutos a barrar uma torrada) e saímos finalmente para a residência (depois de o ter arrastado de casa). Quando chegámos, o Blake não estacionou o carro em segunda fila, mas continuou a conduzir pelas redondezas.

— Para onde vamos? — perguntei, hesitante.

— Estou a tentar estacionar.

— Não é preciso. — Franzi a testa, por achar estranho. — Deixa-me à porta, como de costume.

Reparei que a mandíbula do Blake estava tensa.

— Também tenho de estudar.

Pestanejei e olhei fixamente para ele, incrédula. Quando encontrou um lugar livre, estacionou o carro paralelamente a outros, a olhar para trás, sem recorrer

aos espelhos retrovisores. Desligou o motor e ficámos num silêncio constrangedor.

— Vens comigo para a biblioteca? — perguntei.

— Sim. — Sorriu de forma inocente. — Porque estás tão surpreendida?

Respirei fundo e senti o aroma doce a framboesa que vinha do ambientador do carro. Os seus olhos tinham um brilho estranho que me mantinha alerta. Pela primeira vez, senti-o a olhar para mim com suavidade, quase com um toque de doçura.

— Perguntei-te várias vezes se me acompanhavas até à biblioteca e respondeste sempre «pff, passo». — Imitei a sua voz e a forma como arrastava as palavras. Olhei-o de cima a baixo. — Além disso, nem sequer trouxeste livros.

Ele sorriu ao sair do carro, e eu segui-o. Caminhámos em direção ao *campus* universitário.

— Nem tu.

— Pensava ir buscá-los à residência. — Fiquei em silêncio durante um longo minuto e, depois de comprovar que ele não dizia nada, acrescentei: — Como planeias estudar sem livros?

— As bibliotecas são aqueles lugares que cheiram a mofo e estão cheios de estantes. E essas estantes servem para guardar livros, certo? — Com prepotência, ergueu uma sobrancelha, sem parar de andar. No balancear ao andar, a sua mão tocou na minha, ao de leve. Recuei, e uma parte de mim, uma parte muito muito escondida, ansiou que entrássemos de mãos dadas no *campus*.

Claro que isso não aconteceu.

— Adoro quando me deleitas com a tua inteligência — respondi, irritada.

Depois de irmos buscar os livros à residência e de eu convencer o Blake de que não podíamos ficar lá (felizmente, a Rachel estava a dormir, o que foi uma grande ajuda para o dissuadir), entrámos na biblioteca. Mostrámos o cartão de estudante universitário na receção e subimos ao segundo piso, uma vez que, àquela hora, o primeiro piso estava normalmente ocupado. Fomos até uma zona ao fundo e instalámo-nos numa mesa grande com quatro cadeiras.

Esperava que o Blake se sentasse à minha frente, mas decidiu instalar-se ao meu lado. E, para piorar a situação, fez a cadeira ranger enquanto a arrastava para mais perto. Coloquei um dedo à frente dos meus lábios e lancei-lhe um

olhar reprovador.

— Não faças barulho.

— Desculpa. — Percebi que estava a conter a vontade de se rir.

Tirei os livros da mochila, bem como vários cadernos, e espalhei-os em cima da mesa. Depois, comecei a organizar a confusão de apontamentos por tema. Suspirei depois de reparar que o Blake estava parado a olhar silenciosamente para mim. Ele movera a cadeira para tão perto da minha que, se eu pousasse as mãos na mesa, como costumava fazer, o meu cotovelo esbarraria no dele. Não era a posição mais confortável para se estudar.

24
Blake

Quando se concentrava, a Léane franzia a testa.

Na verdade, costumava fazê-lo a toda a hora.

Lembrei-me de como aquela expressão me tinha irritado há alguns meses. Mas agora parecia-me ser a sua imagem de marca pessoal. Não se mostrava zangada, mas sim pensativa, relaxada, ausente no seu próprio mundo...

Reclinei-me na cadeira e apoiei-me no encosto desconfortável enquanto abafava um suspiro de resignação. Não sabia muito bem que raio fazia ali, a desperdiçar um dia de fim de semana no interior de uma biblioteca. Mas a ideia de passar o sábado em casa, sozinho (ou, por outras palavras, sem a Léane), fora um estímulo suficiente para me levar a pôr os pés naquele lugar.

Olhei à volta com algum desconforto. Era um espaço claustrofóbico. Quase não havia luz a entrar pelas poucas janelas dispostas à volta da sala e, por causa disso, as luzes estavam acesas, apesar de serem dez da manhã. Por toda a parte, havia filas enormes de estantes, feitas de madeira escura, num labirinto de livros e pó. Franzi o nariz com um certo desagrado e ignorei os alunos que estudavam de cabeça baixa, concentrados nos livros, e foquei-me na Léane.

Ela sacudia folhas de apontamentos aqui e ali, como se tentasse encontrar qualquer coisa específica. Revirava os livros de cabeça para baixo e pequenos pedaços de papel com rabiscos caíam deles a balançar, até aterrarem na mesa.

Inclinei-me para chegar perto do seu ouvido, tentando não fazer barulho.

— O que procuras?

— Faltam-me apontamentos. — Mordeu o lábio inferior com ar pensativo, antes de olhar para mim. — Sou o tipo de tonta que passou o ano a emprestar apontamentos a metade da turma. Algumas pessoas devolvem-nos depois de os fotocopiarem, mas outras...

— Talvez possa dar-te uma ajuda. Não tenho uma grande memória, mas ainda

me lembro de coisas do primeiro ano — olhei para o livro no qual se lia *Princípios de Economia* —, embora tenha escolhido outras cadeiras opcionais menos... soporíferas.

A Léane fez uma careta.

— Sem ofensa, mas surpreendo-me por estares no terceiro ano.

Cocei o queixo, pensativo.

— Acredites ou não, eu estudo. Só porque não o faço numa biblioteca, não significa que não o faça em casa. Além disso, também não falto a muitas aulas e fixo tudo rapidamente. Sou mesmo inteligente e incrível. — Fiz um sorriso deslumbrante, e ela riu-se suavemente.

— Não acabaste de dizer que tens má memória?

— Sim, retenho a informação apenas durante o tempo que é preciso. — Tirei-lhe o livro mais próximo e coloquei-o entre os dois, para que ambos pudéssemos vê-lo. — Vamos lê-lo e, se não perceberes alguma coisa, podemos discuti-la em conjunto.

— Que grande solução — revirou os olhos.

— Eu sei que gostas de discutir. Não o negues.

A Léane começou a ler o texto e eu também tentei fazê-lo.

«Fornece o conteúdo ético e a forma de agir. Procede do estado do pai e, principalmente, do pai protetor ou que nutre...» Bocejei e tentei arduamente não adormecer sentado. Imaginei como estaria feliz se tivesse ficado na cama, aconchegado nos cobertores, com o sábado inteiro pela frente e a Léane ao meu lado... Hum... pareceu-me tentador. «Nele atua o padrão ou programa, que fornece a instrução, o modo de ação, e procede a partir da ativação do estado de pai.»

Olhei para o longo cabelo louro que lhe cobria as costas, até quase tocar na sua cintura. Era brilhante e macio, muito macio. Talvez pudesse passar despercebido, porque não era um louro-platinado vistoso, mas uma tonalidade mais escura.

Levei uma mão à cabeça com consternação e perguntei-me o que fazia ali, a olhar para o cabelo da Léane como se não houvesse nada de mais interessante no mundo.

«... é o elemento que luta contra todos os outros materiais do guião e que

rompe principalmente com os comandos do guião. Provém da ativação do estado de criança.» Para dizer a verdade, não me lembrava de alguma vez ter lido aquele texto; os planetas deviam ter-se alinhado dois anos antes para que eu conseguisse passar no exame.

Incapaz de aguentar mais tempo mergulhado naquele tédio, deslizei uma mão por baixo da mesa, apalpei a extremidade da cadeira da Léane e subi devagar para tocar levemente no seu joelho. Notei como ela se sobressaltou, se pôs tensa, com as costas direitas. Continuei a ler o livro, impassível, e ignorei o olhar assassino que ela me fez.

«... introduz surpresa na vida e na origem da história da notícia de jornal». Subi lentamente; acariciei-lhe a perna por cima das calças de ganga e gostei de a sentir estremecer com aquela carícia subtil. Quando os meus dedos avançavam para o interior das suas coxas, ele moveu-se na cadeira e inclinou-se para mim.

— O que estás a fazer? — disse, furiosa. No entanto, e apesar da sua irritação aparente, pude ver o desejo nos seus olhos. Além disso, a minha mão continuava no mesmo lugar porque ela não tentara afastá-la.

— Qual é o teu problema? — Sorri com inocência, como se não soubesse do que estava a falar. Apontei com a cabeça para o livro: — Concentra-te ou vais chumbar.

— Blake, a sério, para!

— É mesmo isso que queres? — sussurrei-lhe ao ouvido.

— Sim, claro. — Olhou à volta, envergonhada.

— Não acredito em ti. — Deslizei os dedos habilmente até à cintura das suas calças de ganga, e a Léane pareceu sufocar, as suas faces ruborizaram-se e a sua respiração deixou de ser pausada. — Ninguém nos vê. Não te preocupes.

— Não — exclamou ela mais alto do que seria apropriado. — Estamos numa biblioteca!

— Claro, por isso é que é mais divertido.

Deu-me uma cotovelada, empurrando-me para o lado. Ri-me. Ela também. Aproveitei para enfiar uma mão debaixo da sua camisola e acariciar-lhe a pele suave das costas, até que me lembrei da vingança matinal e pressionei os dedos na sua cintura, fazendo-lhe cócegas. A Léane levou uma mão à boca para não gritar, enquanto se contorcia nos meus braços.

— Por favor, para! — Fechou os olhos, ainda a rir-se. — Peço-te, Blake!

Tentou afastar as minhas mãos e, quando percebeu que não tinha força suficiente para o fazer, pegou no livro chato que estava em cima da mesa e, quando me viere, deixou cair o pesado volume sobre a minha mão, em cima do dedo mindinho, que eu mantinha curvado, e depois deslizou até ao chão.

Pude ouvir o som do dedo a rachar ao dobrar-se.

Ela também o ouviu porque, depois do impacto, ficou imóvel, com os olhos muito abertos, a olhar para a minha mão.

Respirei fundo, sem tirar os olhos do meu dedo, que ficou vermelho e curvado para o lado direito, de uma forma nada natural.

Olhei para a Léane.

— Acabaste de... me partir um dedo?

Tentei ignorar a dor que tomava conta de mim. Uma dor seca, aguda.

— Meu Deus, Blake! Foi sem querer! — Lançou-se para o meu colo e abraçou-me, o que me surpreendeu. — Vem, levanta-te! Vamos para o hospital... Não consigo dizer-te o quanto lamento!

Franzi o queixo, tentando convencer-me de que a dor era apenas mental. Se eu conseguisse dominar o cérebro, a sensação intensa de ardência desapareceria. De certeza.

Fiquei a ver como a Léane pegava nos livros e depois os colocava na mochila cor-de-rosa. Olhei de novo para o meu dedo mindinho, e o que se via tornava-se cada vez mais desagradável e grotesco; a cor vermelha acentuava-se e o dedo continuava a ter uma posição estranha. Queria movê-lo, mas não tinha a certeza do que aconteceria se o fizesse e as palavras da Léane interromperam as minhas intenções.

— Não te atrevas a movê-lo! — exclamou. Depois de ter colocado a mochila sobre o ombro, inclinou-se para mim e embalou-me o rosto nas mãos, deixando-me desnorteado. Não devido ao gesto em si, mas por causa do seu olhar caloroso e preocupado. Sacudi a cabeça, quebrando aquele momento estranho, e levantei-me.

— Fica aqui a estudar. — Respirei fundo e apalpei um bolso das minhas calças, certificando-me de que tinha as chaves do carro. — Não é nada de grave, vou agora ao hospital e, se quiseres, venho buscar-te quando voltar.

— Estás doido? Eu vou contigo!

Agarrou-me pelo braço com determinação e caminhou em direção às escadas para descer até ao primeiro piso. O meu dedo começara a doer-me o suficiente para eu nem sequer tentar impedi-la. Ao entrar no carro, olhei mais de perto e vi o inchaço que tornara o meu mindinho quase no dobro do tamanho.

O Adam telefonou-nos mesmo antes de eu tentar ligar o motor. Tanto ele como a Lissa tinham acabado de se levantar e queriam saber se gostaríamos de tomar o pequeno-almoço no Mandey, um café conhecido no centro da cidade, especializado em todos os sabores de refrigerantes imagináveis. Recusei a oferta, depois de ter explicado o que acontecera. De qualquer forma, era uma chatice estarem sempre a tentar fazer planos connosco como se fôssemos um casal; já insistiam havia várias semanas e tínhamos recusado todo o tipo de propostas.

— Achas que consegues conduzir? — perguntou a Léane, hesitante, quando desliguei.

— Há alternativa?

— Sim. Talvez um táxi.

— Para Romford? — Abanei a cabeça e virei a chave com cuidado, para evitar roçar com o dedo em qualquer coisa. O meu hospital é privado e é lá. Não é uma emergência suficientemente grave para ir a outro.

Durante a viagem, a Léane permaneceu imóvel, soltando suspiros de desespero de vez em quando, olhando-me de lado com preocupação e pedindo-me constantemente que avaliasse o nível de dor numa escala de um a dez.

E que raio, era um dez, embora eu preferisse dizer «cinco» à Léane.

O hospital de Romford ficava numa ponta da cidade, a cerca de vinte minutos da zona habitacional onde vivia a minha família. Umas escadas brancas levavam ao edifício enorme. Assim que entrámos, senti aquele cheiro. Um cheiro típico, que lembrava ausência, doença e miséria. Se havia uma coisa que odiava neste mundo com todas as forças, era estar no interior de um hospital.

Não gostava dos quartos brancos, nada personalizados, sem força. O cheiro a desinfetante, os rostos imperturbáveis dos funcionários que ansiavam pelo fim do dia de trabalho para voltarem às suas casas quentes, as horas intermináveis nas salas de espera desconcertantes...

Com a Léane a pisar-me os calcanhares, e enquanto tentava não olhar muito à

minha volta, aproximei-me da receção principal e, depois de uma rapariga ter anotado os meus dados, foi-me pedido que aguardasse numa sala próxima que o médico me chamasse.

Soltei um longo suspiro antes de me deixar cair na cadeira. A Léane instalou-se ao meu lado e colocou uma das suas pequenas mãos na minha perna; as suas unhas estavam pintadas de um laranja-vivo.

— Estás bem?

— Sim — respondi de forma seca.

À nossa frente, uma mulher torcia um pedaço de papel com as mãos, via-se a léguas o nervosismo que se apoderara dela. A três lugares de distância, um casal de idosos esperava pacientemente pela sua vez.

O homem tinha uma bengala elegante que tremia debaixo do seu pulso descontrolado. À nossa direita, um bebé chorava desconsolado, embora a mãe o embalasse com carinho, enquanto sussurrava palavras de encorajamento. Outras pessoas olhavam à volta da sala ou ficavam paradas com os olhos fixos no chão. Se alguma coisa se ouvia na sala, eram, sem dúvida, suspiros. Suspiros de preocupação, de nervosismo, de impaciência, de tristeza…

— Está zangado por te ter... partido o dedo? — Desviei o olhar de todas aquelas pessoas anónimas e olhei para ela; tinha culpa no olhar. — Foi um acidente, não o fizeste de propósito.

Tentei sorrir, apesar da ansiedade. Lembrar-me de quantas vezes já tinha estado naquele hospital, naquela sala de espera... sentia o estômago a virar-se do avesso. Era insuportável.

— Não vivi isto antes? Penso que não é a primeira vez que pedes desculpa por me teres atacado sem intenção. É possível que, de forma inconsciente, queiras matar-me.

A Léane deu uma doce risada e pegou na minha mão ilesa, entrelaçando os seus dedos nos meus. Tentei descontrair-me. Imaginei que estávamos noutro lugar, rodeados de centenas, milhares de trevos perfeitos. Teria sido um plano fantástico para o fim de semana e, melhor ainda, para um dia quente. Era um lugar idílico para nos deitarmos no chão e ficarmos envoltos no cheiro a terra húmida, a erva coberta de orvalho, a vida.

— Não estás zangado comigo — sussurrou a Léane, antes de dizer uma coisa

que teve como efeito abalar-me: — Estás zangado porque nos encontramos num hospital e odeias este lugar.

Abri os olhos de repente. O prado cheio de trevos desapareceu num ápice e fui de novo confrontado com a realidade.

Rezei para que ela não voltasse a falar naquele assunto, tal como tínhamos combinado na noite anterior, mas quando olhei para ela e vi a sua expressão sincera e terna, senti um aperto no coração. A Léane acabara de atravessar uma porta importante dentro de mim, uma porta que marcava um antes e um depois, e eu não estava certo de querer afastá-la e continuar sozinho o resto do caminho.

— Sim. — Fiquei surpreendido com a minha própria resposta. — Vejo que é aqui que vem a tua mãe...

— Sim — repeti, devagar, e respirei fundo.

Os seus dedos pressionaram os meus com mais força.

— Não precisas de fingir que não te importas.

— É isso que tu achas? — Olhei para ela, ofendido. — Importo-me. Não imaginas o quanto. Ela e a minha irmã são as coisas mais valiosas que tenho. As únicas coisas que tenho, aliás.

— Disseste-lhes? — perguntou.

A Léane usava um tom suave e doce e, apesar de a conversa ser desconfortável, a sua aparente preocupação por mim e pela minha família, de forma desinteressada, suavizava o desconforto que sentia naquele momento.

— Não, mas elas sabem-no. Não preciso de o dizer.

— Por vezes, isso não é suficiente. Só porque amas alguém não significa que essa pessoa não goste de ouvir todos os dias, manhã após manhã, o quanto a amas. — Respirou fundo e olhou para o chão frio do hospital. — Dizer «amo-te» implica pronunciar apenas duas palavras, não custa nada e pode significar imenso para quem as ouve.

Registou-se um momento tenso de silêncio e, durante alguns segundos, não quis acrescentar mais nada. Mas, por fim, depois de procurar os seus olhos ansiosos, decidi quebrá-lo.

— Estás enganada. Dizer «amo-te» não significa apenas dizer duas palavras. Implica muito mais. Envolve perda e insegurança.

— Mas também encontros e segurança — respondeu, sem desviar os olhos de

mim.

25

Léane 

Ficámos com o olhar fixo um no outro durante um minuto eterno que parecia não chegar ao fim. Quando ouvimos uma voz feminina a pedir ao Blake que passasse para o consultório, a tensão dissipou-se, levantámo-nos e dirigimo-nos ao lugar que a enfermeira nos indicara, embora o Blake parecesse conhecer bem as instalações.

— Podes esperar aqui por mim — pediu, alguns segundos antes de rodar a maçaneta da porta do gabinete médico.

— Não. Eu vou contigo.

Ignorei o seu olhar irritado e entrei atrás dele. O médico levantou-se da secretária e cumprimentou o Blake afavelmente, fazendo-lhe sinal para que se sentasse na maca. Tinha o cabelo castanho com risco ao lado e vestia uma longa bata branca que lhe cobria a roupa. Inspecionou com cuidado o dedo do Blake, de vários ângulos, antes de lhe perguntar:

— Como fizeste isto?

Reparei no prazer que o Blake sentiu com aquela pergunta e como os cantos dos seus lábios se curvavam num sorriso divertido. Fiquei aliviada por ele ter voltado a ser como era sempre.

— Deixou cair um livro em cima da minha mão que pesava vários quilos. — Apontou para mim com a mão ilesa. — E já são vários assaltos, doutor.

O homem olhou-me de relance e, apercebendo-se da careta que eu estava a fazer ao Blake, sorriu também.

— Todos os casais discutem, mas não é aconselhável atirar livros — advertiu-me num tom de brincadeira.

Revirei os olhos.

— Não estávamos a discutir. Ele estava a fazer-me... ele estava a fazer-me... — Abanei a cabeça, incapaz de continuar. O que haveria de dizer que ele estava a fazer-me… cócegas? Não parecia suficientemente ameaçador, não ao ponto de se partir o dedo a alguém. — Foi um acidente, doutor.

Tive vontade de acrescentar: «E não somos um casal», mas não achei apropriado dar-lhe explicações sobre a nossa relação sentimental. Ou sexual. Ou lá o raio que aquilo era.

— Bem... — Inclinou a cabeça para um lado depois de lhe tocar na zona do tendão e de ter causado uma dor que era palpável no rosto do Blake. Apeteceu-me gritar-lhe para que parasse de o magoar e senti-me estúpida por isso. — Vamos colocar-te uma tala e terás de ficar com o dedo imobilizado durante algum tempo.

— Fantástico — murmurou o Blake com ironia. — Isso significa que não poderei escrever durante algumas semanas? Ou fazer exames? Pode dar-me uma justificação para a universidade a dizer que estou a convalescer?

O médico riu-se alto quando começou a tirar ligaduras e outros artefactos de uma das gavetas.

— Tem calma, rapaz. Podes escrever. A caligrafia não será perfeita, mas tenho a certeza de que consegues torná-la legível.

O Blake lançou-lhe um olhar irritado, mas não disse mais nada.

Entre as caretas de sofrimento que ele tentava esconder bastante mal, o médico colocou-lhe a tala e imobilizou o seu dedo mindinho, antes de ajustar tudo com a ligadura. Quando terminou, e depois de lhe ter pedido mais algumas informações, disse-lhe que voltasse dentro de duas semanas para uma consulta.

Suspirei de alívio quando tudo acabou e saímos do consultório. Quando nos aproximávamos da saída, a um ritmo acelerado, o Blake inclinou-se para me sussurrar:

— Não sei se vou ser capaz de tomar banho com isto posto. Posso precisar da tua ajuda.

— És mesmo safado — respondi com um sorriso de orelha a orelha.

Enfiámo-nos pela porta giratória do hospital e, mal saímos, um vento frio bateu-me no rosto e despenteou-me. Naquele instante, ao desviar algumas

madeixas de cabelo para trás, dei com o olhar alarmado da Claire.

Não estava sozinha. Um homem alto e robusto, com olhos verdes penetrantes, acompanhava-a. Podia ser qualquer pessoa, mas a semelhança era tal que soube sem margem para dúvidas que se tratava do pai do Blake.

Um silêncio sepulcral tomou conta da cena. À nossa volta, várias pessoas entravam e saíam do hospital, e andavam por ali, mas eu mal tinha consciência delas. A tensão e a raiva do Blake pareciam inundar tudo no seu caminho. Notei um brilho excessivo nos olhos da Claire, como se fosse chorar, e uma expressão de desespero surgiu no seu rosto quando o pai do Blake falou, com voz rouca e forte, semelhante à do filho.

— Blake, deixa-me explicar...

— Cala-te. — Nem sequer levantou a voz quando o interrompeu, falou apenas num sussurro, mas as suas palavras mordazes tinham tanta determinação que o pai não tentou falar de novo. Depois, como se ele nem sequer estivesse ali, virou-se para a mãe: — Que raio estás a fazer com ele, há quanto tempo é que ele está aqui, em Inglaterra?

A Claire pôs uma mão no peito; no início parecia angustiada, mas o seu rosto enfureceu-se rapidamente, quase mais do que o do Blake.

— O teu pai e eu somos adultos, conhecemo-nos desde crianças e, por mais difícil que seja para ti aceitar, somos amigos. — Fiquei impressionada com o tom definido da sua voz. — Ele mudou-se para Inglaterra há meses. Se tivesses concordado em falar comigo, enfrentado os problemas, saberias tudo o que se passa.

O pai do Blake, que impunha um profundo respeito vestido com um fato elegante a combinar com o seu olhar refinado, apoiou uma mão no ombro da Claire e esfregou-lhe o braço com afeto.

— Relaxa, não fiques irritada, o rapaz precisa de algum tempo...

— Robert, ele teve muito tempo — repreendeu a Claire. Depois, como se a sua raiva se dissipasse de repente, olhou para o dedo do Blake e levou uma mão ao peito. — O que te aconteceu?

Reparei que o Blake respirava com dificuldade e, embora quisesse com toda a minha alma fundir-me nas sombras e desaparecer dali, dei um passo em frente para me aproximar dele, na esperança de que pudesse não se sentir tão só.

— Nada — respondeu de forma seca. — A Emma sabe?

A Claire aproximou-se dele, com os olhos ainda fixos na mão do filho, mas o Blake deu um passo atrás, rejeitando a atenção.

— Sabe que ele está aqui? — repetiu, agindo de novo como se o pai, que parecia verdadeiramente magoado com o seu desprezo, não estivesse ali.

— Claro que sim, Blake.

Ele cerrou os lábios, formando uma linha fina, antes de descer os degraus até à entrada principal do hospital e sair sem sequer dizer adeus à família. Fiquei parada, sem saber o que fazer, embora, no fundo, eu não quisesse mais nada a não ser segui-lo. Mesmo que ele estivesse errado. Ou a cometer o pior erro da sua vida.

O olhar da Claire suavizou-se quando os seus olhos encontraram os meus.

— Robert, esta é a Léane, a miúda do Blake. — Apresentou-me.

Ele avançou na minha direção e apertou-me a mão com firmeza, o que me provocou um calafrio. Se fosse meu pai, não ousaria confrontá-lo. Parecia tão seguro de si mesmo que me sentia diminuta ao pé dele. Abstive-me de corrigir a Claire, esclarecendo que não era a «miúda» do filho dela.

— Muito gosto em conhecer-te. — Sorriu, mostrando-me uma fileira de dentes brancos. — Espero que possamos encontrar-nos noutra altura. Talvez numa situação mais agradável, se o meu filho o permitir, o que te parece?

Sorri, um pouco mais tranquila. Ao que parecia, o Blake e o pai também partilhavam um sentido de humor peculiar que nem toda a gente entendia logo.

— Adoraria. — Esfreguei as mãos nas minhas calças de ganga; estava a transpirar. — Acho que tenho de ir, o Blake deve estar a perguntar-se onde estou...

— Deixa-me dizer-te que, infelizmente para ele, o Blake sabe bem onde estás agora. — O seu sorriso aumentou ainda mais e a ex-mulher repreendeu-o, dando-lhe um empurrão subtil. — Mas sim, vai ter com ele, é o melhor.

Fiz que sim com a cabeça, ainda embaraçada, e despedi-me antes de descer os degraus até à calçada. A mãe virou-se no último instante e olhou para mim com ar suplicante.

— Faz com que ele caia na razão, Léane. — O seu lábio estremeceu. — E cuida dele, por favor.

Caminhei furiosa, com passos largos e sonoros, até ao local onde o Blake estacionara o carro horas antes. Esperava que ele não me tivesse deixado ali. Ele não seria capaz de fazer uma coisa dessas, ou seria? Apressei-me, com medo de que me tivesse abandonado no meio de Romford. Não que não confiasse nele, mas não me tranquilizava nem um pouco saber que ele era a pessoa mais imprevisível que eu já tivera o prazer de conhecer.

Não estava irritada apenas com o Blake. E estava. E muito zangada. Mas além da sua atitude repreensível para com o pai, fiquei incomodada com as últimas palavras da Claire. «Faz com que ele caia na razão, Léane. E cuida dele, por favor.» Como se isso estivesse na minha mão, como se fosse meu dever, como se eu pudesse fazer o que quer que fosse! O Blake era totalmente hermético e, embora eu não tivesse gostado disso no início, habituara-me, contra todas as probabilidades, aprendera a valorizá-lo tal como era. Gostava que ele não partilhasse o seu interior por dá cá aquela palha, que se abrisse pouco a pouco, que os seus olhares adquirissem gradualmente um tom diferente... Compreendia o sofrimento que ele estava a causar à família, mas, ainda que cometesse alguns erros, quem era eu para interferir nos seus assuntos?

Infelizmente, não era ninguém. E «ninguém» era uma palavra horrível.

Dobrei a última rua e vi que o carro continuava onde o tínhamos deixado. Ao aproximar-me, descobri que o Blake não estava no interior. Suspirei de forma dramática e, cobrindo o rosto com as mãos, encostei-me à parte lateral do carro.

Nem um minuto depois, ouvi uma voz rouca atrás de mim.

— Pedi-te um de chocolate. — Estendeu-me um batido gigante. — Chocolate com leite — disse, fazendo um vislumbre de sorriso.

Acalmei-me automaticamente e aceitei o batido.

— Vejo que a tua memória não é assim tão má.

— Só para certas coisas. — Deu-me um beijo fugaz no rosto, o que me deixou intrigada, antes de abrir a porta do lugar do passageiro da frente e a segurar enquanto eu entrava. Eu tinha uma dificuldade imensa em compreender como funcionava o seu cérebro, o que o fazia zangar-se ou ficar feliz, porque tinha ele aquelas mudanças de humor tão repentinas.

Não falámos no caminho de regresso. Apreciei o silêncio. Não era um silêncio desconfortável. Apenas silêncio, só isso. Saboreei o batido enquanto olhava

distraída para a paisagem através da janela do carro.

— Acreditas nisto...? — Virei-me sobressaltada quando ouvi a sua voz. O Blake abanou a cabeça, sacudindo-a, sem tirar os olhos da estrada. — O meu pai está em Inglaterra há meses e tanto a minha mãe como a minha irmã sabiam. — Estalou a língua. — Não pode ser verdade. Tem de ser a porra de uma piada.

Eu não disse nada e, após alguns segundos de silêncio, ele continuou a falar.

— E porque está ele aqui, que merda faz em Romford? — Bateu no volante com a palma da mão e depois olhou-me de lado. — O que achas, Léane?

Entreabri os lábios, sem saber como responder; estava demasiado surpreendida com a sua reação, com o facto de pedir a minha opinião em relação àquela situação. Hesitei, mas disse-lhe o que realmente pensava.

— É óbvio que ele está aqui por causa da tua mãe. Acho que se preocupa na verdade com ela. Talvez não como um casal, mas... têm filhos em conjunto, conhecem-se há muitos anos e a Claire precisa de apoio. — Soltei todo o ar que estava a conter. — Porque recusas ouvir o que o teu pai tem a dizer? Não tens nada a perder.

— Perco o meu orgulho — sibilou entre dentes.

— O orgulho está sobrevalorizado. Há outras coisas muito mais importantes.

O Blake acenou com a cabeça sem olhar para mim e não disse uma única palavra durante o resto da viagem. Meia hora mais tarde, estacionou perto da porta da minha residência, uma vez que eu o avisara de que precisava de pôr algum trabalho em dia depois da manhã de estudo falhada, e, antes que eu pudesse abrir a porta, voltou a falar, com o carro ainda a trabalhar.

— O que aconteceria se perdesses a tua bolsa de estudo? — perguntou a despropósito.

— Não sei, mas tenho a certeza de que isso não vai acontecer — assegurei. — De qualquer forma, cobre apenas sessenta por cento das despesas e é por isso que participo num concurso, lembras-te? — Obriguei-me a sorrir. Ultimamente, sentia-me desconfortável quando o assunto do concurso surgia com o Blake à minha frente. Era como se fosse uma contagem decrescente, eu sabia que em determinado momento um dos dois seria desqualificado e, de certa forma, receava que esse facto nos afastasse... agora que nos aproximávamos cada vez mais. Habituara-me a que ele fizesse parte da minha vida.

O Blake observou-me, pensativo. Encontrei a maçaneta da porta, a apalpar com os dedos na parte lateral, mas antes de poder tentar sair de novo, a sua voz ecoou dentro do carro e misturou-se com a vibração do motor, ainda ligado.

— É por isso que concorres, pelo dinheiro?

Olhámo-nos em silêncio durante alguns instantes.

— Não é só por isso. A ideia de passar um mês a fazer um estágio naquela cadeia é maravilhosa, sei que não é algo que se consiga todos os dias — respondi, pouco confortável. — Mas de que serviria se eu nem sequer pudesse pagar os anos seguintes da universidade?

Ficou em silêncio. Evitei enfrentá-lo durante alguns instantes. Era fácil para ele. Não parecia ter quaisquer preocupações a nível financeiro. Possuía carro e dinheiro para arrendar uma casa. E não era uma casa qualquer, como os pequenos apartamentos de estudantes que se anunciavam com cartazes pregados nos quadros de cortiça da universidade, mas sim uma com dois pisos, muitas divisões e um pequeno jardim.

— Não importa, não ias entender — concluí.

Abri a porta, mas o Blake agarrou-me pela mão antes de eu poder sair.

— Eu entendo — respondeu com firmeza.

Perdi-me no verde dos seus olhos no que pareceu ser uma eternidade e, por fim, saí. Quando consegui pôr os pés na calçada, virei-me e vi o seu carro desaparecer estrada fora, até que virou à direita e deslizou para fora do meu campo de visão.

Quando subi para o quarto, encontrei a Lissa e a Rachel a pintar as unhas. Soltei um suspiro de cansaço, mudei de roupa para ficar à vontade e deixei-me cair na cama da Lissa, a seu lado. Olhei para cima a fim de ver a Rachel a pintar-lhe as unhas, tinha um pulso invejável.

— O que foi isso de teres partido o dedo ao Blake? — perguntou a Lissa, franzindo o sobrolho enquanto trincava uma barra de chocolate de avelã. — Será uma desculpa para nunca saíres connosco?

— Claro que não! É verdade, mas foi sem querer. — Sorri, desenrosquei a tampa de um verniz castanho que não era usado há séculos, e cheirei o aroma horrível que ele emanava. — Ufa, que desastre. — Voltei a colocar a tampa e atirei-o para o caixote do lixo.

— Ei, eu gostava dessa cor.

A Rachel olhou com pena para o caixote do lixo, perguntando-se se deveria voltar a pegar no verniz.

— Estava quase seco. Mas esta semana vou comprar mais, vem comigo, se quiseres, a melhor loja é a do centro. — Apertei a almofada com força e sorri. — Filas intermináveis de vernizes de todas as cores. O paraíso.

A Lissa revolveu a imensa quantidade de frascos que guardava no seu *nécessaire*, pegou num tubo de creme hidratante e espremeu-o até que a palma da sua mão ficou cheia daquela substância cremosa e esbranquiçada. Sem nos perguntar, espalhou creme tanto pelo rosto da Rachel como pelo meu.

— Têm a pele seca — explicou, e encolheu os ombros enquanto massajava o creme no próprio rosto. — A propósito, Léane, esta manhã a minha mãe sugeriu que o Adam vá lá para casa no verão, durante uma semana.

— Para casa... França? — gaguejei surpreendida.

— Sim. — Soltou um longo suspiro. — O papá quer ter a certeza de que não é um potencial assassino em série. Disse, textualmente: «Nunca se sabe quando se está a dormir com o inimigo.» Então, claro, respondi-lhe que nunca dormi com o Adam.

Rimo-nos as três em uníssono.

— Claro, estão sempre demasiado ocupados a fazer outras coisas — acrescentou a Rachel.

— Exato, mas prefiro não lhe dizer isso. O meu pai tem cinquenta e três anos e eu não gostava que ele tivesse um ataque cardíaco. Faço-o para o seu bem. Um dia, ele vai agradecer-me.

Acabei de espalhar o creme pelo rosto, sem parar de rir. Imaginar o senhor Leveque a saber que a filha dormia — entre muitas outras coisas — com um rapaz era tão preocupante como um meteorito ameaçar destruir a Terra naquela noite.

— E já disseste ao Adam? — perguntou a Rachel.

— Sim. — Sorriu com satisfação. — Ele aceitou. Além disso, está ansioso por ir.

— Fantástico! — exclamei, entusiasmada com o facto de a sua relação parecer correr tão bem.

Peguei no pacote de chocolates e descalcei os ténis para me deitar totalmente na cama. Quando procurei uma bolinha de chocolate e reparei que não havia mais nenhuma encarnada, sorri como uma tonta, ao lembrar-me do Blake.

— Por falar nisso! — A Lissa deu-me uma pequena palmada no braço. — Porque não convidas o Blake? Seria mesmo bom se ele pudesse vir também no verão. E os teus pais adorariam. Iriam ser atenciosos e carinhosos com ele, ao contrário dos meus, que provavelmente vão tentar matar o Adam enquanto dorme ou envenená-lo com comida.

Revirei os olhos.

— Porque não é meu namorado. Não somos nada um ao outro. Tu sabes isso — insisti, cansada de repetir o mesmo assunto.

A Rachel observou-me com um olhar duvidoso.

— Agem como qualquer outro casal há mais de um mês. — Tirou um elástico do pulso e começou a apanhar o seu longo cabelo castanho. — Além disso, estão juntos todos os dias, são até enjoativos.

— Sim, a Rachel está certa! — A Lissa cruzou os braços. — Eu sei que inicialmente pensávamos que o Blake era um idiota, mas acho que ele gosta mesmo de ti, Léane.

Enruguei o nariz, irritada.

Não que eu não gostasse do que diziam. De facto, muitas vezes dera por mim a fantasiar que éramos qualquer coisa mais, mas o Blake era imprevisível e eu não estava pronta para criar falsas expetativas.

Tinha começado aquela espécie de relação com ele convicta de que podia finalmente ser eu própria, sem preocupações, sem pensar a cada momento o que dizer ou o que omitir, sem sentir que tinha de passar uma certa imagem. Simplesmente a Léane, sem floreados.

Mas também tinha conhecido o «apenas Blake», e o pior era que, contra todas as probabilidades, gostava dele.

Ríamo-nos juntos sem parar, divertíamo-nos o tempo todo. Adorava falar com ele sobre tudo, fosse o que fosse. O som rouco da sua voz relaxava-me e, felizmente, tínhamos sempre qualquer coisa para dizer um ao outro. E ele era também impulsivo de uma forma agradável, surpreendia-me a toda a hora, fazendo-me sentir confiante perto dele, e a ideia de que a nossa relação pudesse

chegar ao fim fazia-me tremer o coração.

Não, nem sequer queria pensar nisso. Era melhor viver e desfrutar do presente.

— Pelo que posso ver, estás a tornar-te tão idiota como ele. Agora sim, estão feitos um para o outro — murmurou a Lissa antes de estalar os dedos à minha frente. — Léane, acorda! Em que estás a pensar?

— Provavelmente, no Blake montado num cavalo branco, sem camisa, a dizer: «Léane, casa-te comigo. Vamos ter oito filhos. Faz de mim o homem mais feliz do mundo» — brincou a Rachel.

Tanto ela como a Lissa desataram a rir-se, especialmente quando franzi o sobrolho e soltei um suspiro exasperado. Enquanto elas continuavam a divertir-se à minha custa, deitadas na cama, levantei-me e peguei numa toalha do roupeiro.

— Bem, riam-se o quanto quiserem, mas não tem graça — afirmei. — Vou tomar duche. Podem continuar com os vossos disparates; tenho muitas coisas para fazer, como estudar e acabar a minha reportagem para sexta-feira.

Caminhei em direção ao duche com passos largos para que elas notassem como estava irritada. No entanto, ao fechar a porta da casa de banho e depois de a trancar, deixei que um pequeno sorriso se apropriasse dos meus lábios.

Peguei no telemóvel para pôr música e descobri que tinha acabado de receber mais uma mensagem do meu pai.

«Aprendemos a amar, não quando encontramos a pessoa perfeita, mas quando vemos de forma perfeita uma pessoa imperfeita», Sam Keen.

Parei de respirar por alguns instantes. Sentei-me no chão, com o telemóvel ainda nas mãos, e, por fim, marquei o número de casa.

— Olá, querida — respondeu a minha mãe. — Como correu o teu dia?

— Muito bem. — Fechei os olhos com força. — Só queria dizer-te que vos amo. Aos dois. Amo-vos muito.

— Nós também te amamos, Léane — disse com voz doce. — Mas, querida, passa-se alguma coisa? Seja o que for, sabes que podes contar-me.

Curvei os lábios num pequeno sorriso.

— Não, mamã. Está tudo bem. — Respirei fundo. — Só... acho que não te digo isto vezes suficientes. E se um dia, não sei, algo vos acontecesse, ou a mim... gostava que soubessem o quanto vos amo.

— Não imaginas como estou feliz por ouvir isso, mas, querida, estás a assustar-me.

Ri-me, mas fiquei mais calma.

— Não te preocupes, estou só a ter um dia nostálgico. Sinto a vossa falta.

Houve um silêncio na linha e, depois, ouvi um soluço.

— Estás a chorar, mãe?

— Sim, hoje foi um dia inspirador e, sabes, as emoções estão à flor da pele. — Riu-se com algum nervosismo. — Também sentimos a tua falta, Léane. E amamos-te mais do que tudo no mundo.

26

Blake



O Ryder conseguiu cair nas graças de uma senhora idosa, depois de lhe ter garantido que o seu penteado a fazia parecer-se com a Sharon Stone, e ela deixou-nos passar na fila do supermercado, apesar de termos pizas, *donuts* de chocolate e uma quantidade de refrigerantes capaz de nos fazer sofrer uma *overdose* de açúcar.

Bocejei, enquanto continuava a ouvir o Ryder atrás de mim a elogiar aquela senhora amável e bem-intencionada que, é claro, não tinha qualquer semelhança com a Sharon Stone, exceto o facto de ser humana e, portanto, fazer parte da mesma espécie.

O homem que estava à minha frente deixou cair no chão uma das barras energéticas que carregava. Baixou-se para a apanhar e, quando se levantou de novo, sorriu-me.

O Owen Gabsen não podia passar despercebido nem mesmo no supermercado. Vestia um *blazer* amarelo berrante capaz de cegar qualquer um que se atravessasse no seu caminho.

— Olá, amigo — cumprimentou-me, sem parar de sorrir. Ele sabia fazer render o branqueamento dos dentes, isso era certo. — Como vai tudo?

— Bem. Aqui, nas compras. — Enfatizei o óbvio, levantando a mão para lhe mostrar a piza. Virei a cabeça, olhei para a empregada da caixa e perguntei-me por que raio era ela tão lenta. De certeza que não lhe pagavam à comissão.

Não tinha qualquer razão de peso para odiar o Owen Gabsen, só não ia com a cara dele, não gostava dos métodos nem da forma como dirigia o programa que apresentava. Era como se todo ele fosse demasiado superficial.

— Caramba! — O Ryder afastou-me para o lado e apertou a mão ao Owen. — Que fixe, meu! É um prazer conhecer-te. És como na televisão.

— Olha para isto, que coisa tão estranha — murmurei, e felizmente nenhum dos dois me prestou atenção.

O Owen estava demasiado ocupado a cuidar do seu novo fã, e o Ryder... bem, era o Ryder, simplesmente o Ryder. Demos mais um passo na fila.

— O que achas do meu amigo? — Pousou uma mão no meu ombro. — É o concorrente perfeito, não é?

O famoso apresentador riu-se da falta de subtileza do Ryder e, depois, surpreendendo-me, acenou com a cabeça.

— Concordo contigo. Seria o vencedor ideal. — Olhou para mim. Foi um olhar estranho, como se tentasse encontrar qualquer coisa concreta. — Na verdade, Blake, lembras-me muito de mim na tua idade — acrescentou.

Movi-me com desconforto; desviei o peso corporal de um pé para o outro e voltei a olhar para a empregada da caixa, a pensar se deveria pedir o livro de reclamações após pagar, para protestar contra aquela terrível lentidão.

Depois, sentindo-me estranhamente encurralado sem saber bem porquê, confrontei o Owen Gabsen.

— Os jurados não deveriam ser um pouco mais... imparciais? — perguntei, irritado.

Ele deu uma risada estúpida, e o Ryder, irritando-me ainda mais, imitou-o. Eu, por outro lado, fiquei sério, a olhar para os dois.

— Cada um tem as suas preferências. — O Owen piscou-me o olho. Devias ter orgulho em parecer-te comigo. Isso significa que vais sair-te bem, acredita em mim. Sei como funciona o mundo da televisão.

Olhámos fixamente um para o outro durante alguns instantes, até que, felizmente, chegou a sua vez na caixa e ele deu meia-volta.

Fiquei em silêncio, vendo-o a namoriscar com a empregada, momentos antes de ela lhe entregar o recibo. Não me parecia nada com ele. Mesmo nada.

De mau humor, deixei cair as pizas que segurava no tapete rolante da caixa e aguardei impacientemente que o Owen parasse de namoriscar. Mal podia esperar para sair dali e fugir... para qualquer lado. Respirei fundo e lembrei-me do momento em que a Léane e eu tínhamos estado perante milhares de trevos

da sorte, na escuridão e no silêncio da noite, alheios ao resto do mundo.

— Bem, menino, desejo-te muita sorte. — O Owen despediu-se finalmente e, pela segunda vez consecutiva, piscou-me o olho — Embora não precises!

Fiz que sim com a cabeça e concentrei-me no som do apito que o leitor de códigos de barras fazia quando um produto passava pela caixa.

— És um craque! — gritou o Ryder, quando o apresentador já se tinha afastado vários metros e se dirigia para a saída.

Paguei a conta, enfiei as compras num saco de papel e, quando já estava quase rendido à ideia de passar o resto da vida naquele supermercado, conseguimos sair dali.

Caminhámos em silêncio, num passo mais rápido do que o habitual, até eu inclinar a cabeça a fim de olhar para o Ryder. Não parava de pensar nas palavras que aquele idiota dissera.

— Por que raio disseste aquilo? — perguntei-lhe, irritado. Não somos nada parecidos... tenho um ar tão estúpido como o dele?

O Ryder franziu o sobrolho, como se não me entendesse e, antes de falar, deu uma passa no cigarro que tinha entre os dedos.

— Mas do que estás a falar? O Owen é fenomenal! São os dois divertidos e independentes, e gostam de situações-limite. E viste a facilidade com que ele se atirou à empregada da caixa? — Riu-se e, depois, deu-me uma palmadinha nas costas. — Olha, sei que neste momento tens uma cena qualquer com a Léane, mas, acredita em mim, vai passar.

E quando isso acontecer e ficares famoso, será incrível.

Parei de andar e fixei os olhos no passeio.

— E se eu não quiser que passe?

— Neste momento, não te sigo, amigo.

— Não sei... Talvez esteja bem assim. — Fiz uma pausa. — Com ela.

Inicialmente, o Ryder abriu os olhos com surpresa, mas, alguns segundos decorridos, o seu rosto tornou-se mais suave e, antes de continuar a caminhar casa em silêncio, fez que sim levemente com a cabeça, perdido nos próprios pensamentos.

Uma semana mais tarde, eu estava na cozinha, a olhar para o relógio pendurado

na parede branca, ao lado da janela.

Eram seis horas.

Precisamente a hora em que as reportagens em direto começavam.

A única nota discordante, numa situação aparentemente normal, era que eu não estava no centro da cidade com os outros três participantes, mas na cozinha de casa. E embora tivesse o computador à frente, pousado na mesa, não conseguia abri-lo. Também não precisava de ver a reportagem da Léane para saber que ela se qualificaria para as finais. Qualquer pessoa com dois dedos de testa era capaz de prever algo do género.

Suspirei, com o olhar fixo na janela da cozinha e na cortina cinzenta e fina a oscilar ao vento; tinha um movimento hipnótico.

Não sabia muito bem por que razão, logo na manhã de segunda-feira, contactara a organização do concurso para lhes explicar, tranquilamente, que já não estava interessado em participar.

Feito. Tinha-me retirado.

E, ao contrário do que seria de prever, estava-me nas tintas.

Nas últimas semanas, mil pensamentos haviam inundado a minha mente, mas nenhum deles tinha qualquer relação com o concurso. Pensara na Emma, na Léane... e até no meu pai. Mas, acima de tudo, refletira sobre a minha mãe e na obscuridade que pairava à sua volta e que eu não ajudava a dissipar.

Fora doloroso perceber que nem ela nem a Emma confiavam em mim. Saber que o meu pai vivia em Inglaterra há meses e que nenhuma delas quis contar-me… fazia-me pensar na imagem horrível que tinham de mim.

Assustei-me quando a Lissa entrou na cozinha, a cantarolar, distraída. Quando ela se apercebeu da minha presença, olhou para mim com os olhos muito abertos. Vestia calças de fato de treino demasiado grandes, a condizer com uma *T-shirt* do Adam.

— O que estás... a fazer aqui? — Franziu o sobrolho, confusa. — O concurso... Acabam de terminar as reportagens. Tu, tu não...

— Cruzei as mãos sobre a mesa e respondi com um encolher de ombros. A Lissa sentou-se à minha frente e olhou para mim.

— Desististe do concurso? Fizeste-o pela Léane?

— Merda, claro que não! Achas que sou uma freirinha caridosa ou algo do género?

Levantei-me irritado e peguei num refrigerante do frigorífico. Encostei a anca ao mármore da cozinha, incapaz de me sentar à frente da Lissa. Não confiava nela o suficiente para ter de responder às suas perguntas, nem o facto de ela ser a melhor amiga da Léane lhe dava o direito de as fazer. Depois de suspirar, bebi um pouco do refrigerante.

— Fizeste-o em parte por ela, sim. — Virou o tronco para mim, sem se levantar da cadeira. — Gostas dela. E gostas dela a sério, não apenas para passar o tempo.

— Não estava interessado no concurso, era só um passatempo para matar as horas de tédio. — Menti. — E não quero saber do dinheiro da bolsa de estudo. Além disso, não quero ganhar e ter de aguentar um mês num estúdio de televisão a servir cafés. Conheço formas melhores de passar o verão.

Surpreendendo-me, a Lissa soltou uma gargalhada abrupta.

Revirei os olhos. O Adam escolhia sempre o melhor do *campus*.

— O que tem tanta graça? — perguntei, irritado.

— A tua atitude. — Fingiu enxugar uma lágrima inexistente resultante da sua risada. — És muito bom a fingir que és um tipo superficial que não se importa com nada nem ninguém. É divertido ver-te tentar sê-lo... embora fracasses, claro.

Cerrei os lábios com força. A Lissa conseguia sempre enervar-me.

— Porque não dás meia-volta para a cama com o Adam? — perguntei, furioso. — Talvez ele possa aliviar as tuas frustrações. Tenho de lhe ensinar uns truques para que ele se esforce mais, não pareces satisfeita.

A Lissa levantou-se como um furacão e deixou cair a cadeira da cozinha, fazendo-me um sorriso amarelo. Foi um pouco assustador.

— Bem. Se é isso que queres, continua a ser um idiota. — Encolheu os ombros. — Mas presumo que saibas que a Léane não vai esperar a vida toda. Além disso, ultimamente há um monte de rapazes
interessantes à volta dela. Parecem moscas. O concurso trouxe-lhe uma certa popularidade.

A Lissa quase cuspiu as últimas palavras. À medida que eu processava o que ela

dissera, fui sentindo o meu coração a bater mais rápido. Antes de ela sair da cozinha, consegui falar de novo, embora as palavras saíssem roucas e tensas da minha garganta.

— Ei, espera!

— Sim? — Ergueu uma sobrancelha, com os braços ainda cruzados e as costas arqueadas, encostada ao aro da porta.

Fiquei em silêncio durante alguns instantes, sem saber bem como formular a pergunta que tinha na ponta da língua sem soar demasiado óbvio. Por fim, mandei a discrição à merda.

— A Léane encontra-se com outras pessoas?

A Lissa sorriu.

— Ainda não — disse. — E eu senti um alívio estranho. — Mas acho que não vai demorar a fazê-lo. Estás enganado se pensas que ela vai esperar eternamente.

Deixei cair os braços, frustrado.

— E porque iria querer esperar qualquer coisa de mim? Como podes ter tanta certeza de que ela sente qualquer coisa... qualquer coisa?...

Olhei para a parede, com a boca entreaberta, incapaz de concluir a frase.

— … sente qualquer coisa por ti? — concluiu a Lissa. Infelizmente para mim, ela parecia divertir-se com a situação. — Conheço-a. Sou a sua melhor amiga. E, ao contrário de ti, não estou cega.

Respirei fundo. A ideia de ter qualquer coisa séria com a Léane... era tentadora.

Mas também me assustava terrivelmente.

— Há mais alguma coisa que tenhas de saber para deixares de olhar para o teu umbigo o resto da vida? Decerto, tinhas razão, o Adam está à minha espera na cama para eu fazer coisas muito mais interessantes do que perder tempo a falar contigo.

Olhei-a em silêncio e senti-me estúpido. Mil pensamentos desarticulados zumbiam na minha mente. O meu cérebro estava dormente, quase como se passasse por uma ressaca. Senti-me deslocado, como se uma nave espacial alienígena tivesse acabado de me deixar na face da Terra e não fosse claro para mim o que fazer ou para onde ir. Qual era a direção certa? Quer dizer, precisava do raio de um mapa.

— Sabes engomar? — perguntei por fim.

A Lissa olhou para mim confusa, enquanto arranhava a face direita.

— Importas-te de repetir a pergunta?

— Vá lá, tu ouviste! — Não consegui terminar o refrigerante e voltei a colocá-lo no frigorífico. — Tenho de engomar. Talvez possas dar-me uma mão.

— Estás a pedir a minha ajuda?

— Pelos vistos, sim.

A Lissa olhou-me de cima a baixo, como se fosse uma agente da polícia, a avaliar se eu estava limpo. Por fim, depois de um exame completo, sorriu. Pela primeira vez desde que nos conhecíamos, o seu sorriso era sincero e estranhamente caloroso.

— Espera aqui. Vou avisar o Adam.

E, sem perder mais tempo, apressou-se a sair da cozinha.

Pousei os braços no parapeito da janela e tive um vislumbre do exterior, do relvado um pouco seco e da parede que marcava o fim da propriedade. O céu estava coberto de nuvens de uma cor negra ameaçadora, com laivos de roxo. Não augurava uma tarde tranquila.

Aceitei que a Léane conseguira encontrar um lugar na minha vida. Não sabia como ou quando é que tinha acontecido, mas era um facto inegável e estava a materializar-se como a tempestade que, dali a poucas horas, faria tremer o céu.

— Porque queres engomar?

A voz do Adam tirou-me dos pensamentos.

— É cá comigo — respondi. — Mas quero fazê-lo — insisti.

Planeava ir a casa conversar com a Emma e a mamã e, pela primeira vez, estava empenhado em não ouvir a última a ralhar comigo por eu não engomar e a tentar em vão alisar os vincos da minha roupa. Fá-lo-ia na perfeição. Era essa a ideia que me perseguira na última semana, após o encontro no hospital. «Tinha de fazer as coisas bem feitas.» Além disso, não queria ter nada, absolutamente nada, em comum com o Owen Gabsen. A ideia de ser um pouco parecido com ele revirava-me o estômago. Eu não podia ser tão... tão vazio.

— *Okay*. Vou buscar o ferro.

— Nem sequer sei onde está — admiti, a sorrir.

— Acho que o guardámos no quarto da tralha — disse o Adam. Depois,

bocejou e foi procurá-lo.

Engomar era muito difícil.

Agora eu sabia porque nunca o fizera. Era um processo lento, sufocante e inútil. Estava, sem dúvida, sobrevalorizado.

Para ser honesto, nem a Lissa nem o Adam sabiam exatamente como fazê-lo. Estávamos a engomar havia quase meia hora, a ler o manual ininteligível que tínhamos encontrado na caixa do ferro e a executar vários testes, com resultados duvidosos.

Ouvi o som abrupto da porta a fechar-se quando o Ryder chegou a casa. Entrou na cozinha, lançou o casaco sobre a mesa sem qualquer cuidado e olhou para os três, fazendo uma careta.

— Que porra estão a fazer, meus?

— Não me considero propriamente um meu — queixou-se a Lissa.

O Ryder ignorou-a e avançou na nossa direção. Deu um pequeno empurrão ao Adam e arrancou-me o ferro das mãos.

— Não fazem a mais pequena ideia. — Carregou em alguns botões do aparelho, abriu uma tampa e dirigiu-se à torneira para encher um compartimento com água. Depois, apontou para a tábua de engomar, na qual estava a minha *T-shirt*. Para começar, a roupa tem de estar esticada.

Com mãos ágeis, estendeu bem a *T-shirt* na superfície macia.

— Em segundo lugar, se a roupa estiver cheia de vincos, como está, é preciso usar o vapor. Facilita o trabalho — acrescentou. Carregou num botão e uma nuvem quente de fumo e água saiu do ferro. — E, em terceiro lugar, não se deixa o ferro no mesmo sítio durante demasiado tempo ou a roupa arde. As costuras, golas e bordas são engomadas à parte e com cuidado.

Rapidamente, engomou a *T-shirt* até ficar impecável. Depois de pôr o ferro de lado, na vertical, dobrou-a com a mestria própria de um vendedor de roupa que fizesse aquilo oito horas por dia.

Ficámos os três sem palavras.

Tinha a certeza de que nenhum de nós apostaria um cêntimo em como o doido do Ryder sabia fazer alguma coisa daquelas.

— Quem te ensinou...? — Comecei por perguntar.

O Ryder sentou-se sobre a mesa da cozinha e acendeu um cigarro.

— A minha avó — respondeu. — E caramba, Blake, devias ver como ela o faz! É a rainha das lides domésticas.

Levantou as mãos e, com o cigarro firmemente preso entre os lábios, esticou-se, fazendo com que a sua coluna estalasse.

— E porque nunca fazes nada disso? — perguntou a Lissa, ainda incrédula. — És desarrumado e nunca te vi vestir nada engomado.

— Saber fazer não significa querer fazer. — Sorriu com um ar gozão. — A propósito, o Jack festeja o seu aniversário esta noite, vai ser espetacular, quem alinha?

— Nem sequer sei quem é o Jack — disse a Lissa. — E vai dar o *Pretty Woman* na televisão.

— E quem quer ver uma prostituta a dormir com um velho rico? Vá lá, venham, não sejam chatos!

Ouviu-se alguém a bater à porta e o Adam foi abri-la.

Até eu ficava impressionado com a linguagem do Ryder. Sem dúvida que ele dizia sempre a primeira coisa que lhe vinha à cabeça. Havia um lado bom nisso, pois eu não conhecia ninguém mais frontal do que ele. Dei-lhe uma palmadinha nas costas com carinho.

— Provavelmente, vou jantar a casa com a minha família e volto tarde.

— Tanto faz, vem quando estiveres despachado!

— Talvez noutro dia — suspirei.

O Ryder levantou-se com ar irritado.

— Foda-se, ensinei-vos a engomar! Devem-me uma — queixou-se. — Porque é que já ninguém quer sair e divertir-se um pouco?

— Eu quero — respondeu uma voz doce atrás de mim.

Virei-me e os olhos da Léane fixaram-se nos meus. Tinha os ombros tensos, mas continuava a sorrir, e era difícil perceber à primeira vista como estava zangada. Eu já conhecia tão bem cada um dos seus gestos que conseguia aperceber-me da sua ira a quilómetros. Ela estava prestes a explodir. Era como uma bomba atómica nas mãos de uma criança de dois anos.

O Ryder sorriu-lhe.

— *Okay*, muito bem, então. — Olhou para mim. — A que horas achas que o jantar acaba e podem vir?

Frustrado, estava prestes a aceitar o convite, quando a Léane me interrompeu sem que eu pudesse pronunciar uma palavra.

— Eu não disse que ia com ele. E, pelo que ouvi ao entrar, ele não planeia ir. Então, Ryder, onde é a festa e a que horas começa?

A tensão na cozinha começava a ser palpável. A Lissa olhou com hesitação para a sua amiga e arrastou o Adam dali. Ficámos os três a olhar uns para os outros, enquanto o Ryder parecia preso na confusão.

— Podemos falar a sós alguns minutos? — perguntei à Léane.

— Sim, embora eu não tenha muito tempo — respondeu, antes de caminhar em direção à sala de jantar e limpar uma unha sem grande interesse.

Quando ficámos sozinhos, agarrei-lhe no braço, mas ela afastou-se.

— O que estás a fazer? — perguntei baixinho.

— Não, essa não é a pergunta certa. A pergunta certa é: porque fui a última pessoa a saber que tinhas desistido do concurso? O Gael disse-me que os organizadores lhe transmitiram isso na segunda-feira, então como é possível que nos tenhamos encontrado todos os dias desta semana e não tenhas tido uma oportunidade de me dizer o que fizeste?

Levei uma mão à cabeça e sacudi o cabelo.

— Não sei, não achei que fosse importante — respondi, e depois senti-me irritado ao pensar na conversa que tivera com a Lissa na cozinha. — E quando ias contar-me que planeavas sair com outros rapazes? Temos um acordo, acho que devo saber quando ele chega ao fim.

— Do que estás a falar?

— Merda. Sei que não planeias esperar toda a vida para passares ao seguinte ou lá o que é. O que achas disso? Pensavas dizer-me?

A Léane abanou a cabeça em negação, com a boca entreaberta, a fingir que estava surpreendida. Era desprezível como distorcia a conversa que tivera com a Lissa, mas incomodava-me que nos tivesse posto um prazo de validade quando, pela minha parte, nem sequer me passara pela cabeça. Fechei os olhos por um momento. Era como um ultimato. E não, não gostava da ideia de alguém a pressionar-me.

— Repito que não sei do que estás a falar ou o que terás fumado esta tarde — respondeu, quase a gritar e com a respiração entrecortada. — Mas incomoda-

me que não confies em mim. Nunca me dizes nada, nem aquilo que um simples amigo diria. É pedir muito? Não te importas nada comigo? És tão hermético... tão... fechado...

Olhámos um para o outro, em silêncio, durante um minuto eterno.

— Estás a planear ir festejar esta noite com o Ryder?

A Léane fulminou-me com o olhar, apesar de os seus olhos estarem brilhantes, como se estivesse prestes a chorar. Levantou a cabeça e encolheu os ombros.

— Sim, apetece-me divertir. Talvez até encontre alguém que se importe verdadeiramente — respondeu, e todas as suas palavras cravaram-se no meu peito como estilhaços.

— Perfeito. Por mim, está tudo bem se nunca mais voltares.

Com o coração a bater, virei-me e saí de casa batendo a porta com estrondo. E, sem saber porquê, comecei a correr. A toda a velocidade pelas ruas de Reading, sem parar, sem olhar para trás. A cada passo, afastava todos os problemas que pareciam perseguir-me. Não me importei com o suor que me escorria pela testa, nem com a sensação de asfixia, nem com o ardor na garganta, nem com o facto de a cidade se ter transformado num borrão confuso e distorcido. Eu só queria correr. Não conseguia ver nada nem ninguém. Era como se um véu cobrisse os meus olhos, só me concentrava no impacto firme dos meus passos no chão, um após o outro, firmes apesar do avançar errático.

Não sei quanto tempo corri, mas quando percebi que não podia escapar dos meus problemas, parei subitamente. Não podia libertar-me. Era impossível. Porque de repente percebi, como numa espécie de revelação, que era eu o problema que tentava deixar para trás. E por mais rápido que fosse, seria difícil escapar de mim mesmo.

Inclinei-me, pondo as mãos sobre os joelhos, e tentei respirar com normalidade. O meu coração estava acelerado, como se fosse sair-me do peito a qualquer momento. Limpei o suor da testa com a manga da *T-shirt* e fiquei imóvel, de olhos fechados, até me acalmar.

Era eu o maldito problema.

De tudo. De absolutamente tudo.

O último comentário da Léane afetara-me tanto que ainda me perguntava como é que palavras tão simples podiam magoar daquela maneira. Depois, em

pânico, agira como o idiota que era. E, mais uma vez, fugir fora a minha escolha número um. Fugir e pagar-lhe na mesma moeda, como se magoá-la fosse reparar o meu próprio erro.

Aquela frase ficou a palpitar à minha volta.

«Por mim, está tudo bem se nunca mais voltares.»

Suspirei, consciente de que, se ela não voltasse, teria de ir buscá-la. Estar sem a Léane deixara de ser uma possibilidade. Eu já não queria correr na direção contrária. Queria correr com ela ao meu lado, ao ritmo dos seus passos. E não me importava quantos desvios fizéssemos ou quantas pedras encontrássemos pelo caminho, desde que o fizéssemos juntos.

Quando voltei para casa, a Léane já se tinha ido embora. Subi as escadas aos tropeções e irrompi pelo quarto do Ryder adentro. Ele parou de remexer no roupeiro e deu meia-volta. Levantou as mãos e olhou para mim atrapalhado.

— Não descarregues em cima de mim, Blake.

Era o que eu queria fazer: desabafar com ele. Contive-me e respirei fundo antes de falar. Não sei que finalidade tinham os livros de filosofia *zen* que, de vez em quando, folheava. O que eu sabia com clareza era que comigo não funcionavam.

— Sempre vão, afinal?

— Sim. A festa é na Oceans — disse ele, e lembrei-me da primeira noite que a vi naquele lugar, depois do *casting* para o concurso. — Fiquei de a apanhar na residência, achei que não irias querer que ela fosse sozinha de autocarro.

— De moto? — Cerrei os lábios.

— E de que outra maneira é que eu havia de ir?

Tirei as chaves do bolso das calças de ganga e atirei-lhas.

— Leva-a de carro. Dá-me as tuas chaves, eu vou de moto até casa — pedi-lhe, antes de lhe estender a mão. — E conduz com cuidado. Muito cuidado.

— Está bem, não te preocupes, só vamos sair um pouco por aí.

— Já sabes como são o Jack e esses imbecis — adverti-o. — Vou lá ter quando acabar de jantar.

27

Léane



Contive-me para não chorar à frente de toda a gente enquanto regressava à residência de autocarro. O ruído vibrante do veículo gigante silenciava os meus pensamentos. Esfreguei os olhos, na tentativa de manter a compostura.

Estava tudo acabado. Tudo.

Nunca tinha visto o verde dos seus olhos tornar-se tão intenso como quando me disse que não voltasse. E apesar de o ter provocado antes de chegar àquele fim fatídico, eu continuava irritada porque tinha boas razões para isso.

Sentira-me ridícula no centro quando, depois de ver que o Blake não chegava, perguntara ao Gael o que se passava. Ele tinha cancelado a sua participação no concurso na segunda-feira. Havia quatro dias. Em dois desses dias, eu dormira na cama dele, ao lado dele. E não mo dissera.

Eu nem sequer queria que fôssemos um casal normal, como os outros. Ter-me-ia contentado se me tivesse tratado como uma simples amiga. Mas nem a isso chegava. Tudo o que eu descobrira sobre o Blake fora por puro acaso, nunca porque ele o quisesse partilhar comigo.

Eu sabia que devia ter posto um fim àquela situação mais cedo.

Antes de o seu rosto me perseguir vinte e quatro horas por dia. Antes de me importar tanto. Antes de as suas palavras começarem a preencher-me por dentro. Antes de a sua presença me parecer insubstituível. Antes de tudo isso.

Quando cheguei à residência, a Rachel estava deitada na cama, a olhar para o portátil.

— Os resultados ainda não saíram — disse, mas estiveste maravilhosa.

— Obrigada. Imagino que vai demorar um pouco até anunciarem os finalistas.

Tirei o casaco vermelho e guardei-o com cuidado no roupeiro. A Rachel parecia estar a avaliar todos os meus movimentos. Mordeu o lábio inferior antes de falar.

— Não me disseste que o Blake tinha desistido do concurso.

— Porque não sabia — respondi abruptamente.

— Estás bem, Léane?

— Sim. — Suspirei, não queria ir-me abaixo. — Queres ver um filme?

A Rachel afastou-se na cama para me dar espaço. Tirei os ténis antes de me sentar ao seu lado. Sem dizer uma palavra, ela colocou *O Diário da Nossa Paixão* no leitor e assistimos com alguma inveja ao maravilhoso romance que se desenrolava diante dos nossos olhos. Considerando o meu estado emocional, teria sido muito mais inteligente ver alguma coisa do género do *Massacre no Texas* ou *O Último Destino*.

Estávamos a mais de metade do filme quando peguei no pacote de bolinhas de chocolate. Olhei atentamente para o interior, cheio de chocolates verdes, azuis, amarelos, cor-de-laranja e castanhos. Não havia bolas vermelhas. Nem uma.

Lembrei-me que o Blake as comera todas na noite anterior e, por alguma razão estúpida, desatei a chorar. Sabia que desta vez não conseguiria parar a angústia que começava na base do estômago e se espalhava pelo meu corpo todo, porque já não havia bolinhas vermelhas; todas elas tinham desaparecido.

A Rachel abraçou-me em silêncio e senti-me grata pelo toque do seu corpo. Saber que não estava sozinha era reconfortante.

— Tem calma, Léane. — Acariciou o meu cabelo com ternura.

— Seja o que for, vai ficar tudo bem.

— Já não tenho bolinhas vermelhas — gemi.

Duas horas mais tarde, depois de um banho, acalmei-me. Mais ou menos. Tinha deixado a água correr sobre mim durante mais de meia hora, até ficar com a pele enrugada. Era relaxante. As batidas da água acalmavam as emoções.

Quando saí do duche, tomei o meu tempo a desembaraçar o cabelo, penteando-o com cuidado e tentando reconhecer o rosto que me olhava de volta através do espelho. Parecia abatida. E não gostava de me ver de novo naquele

estado. Acabava sempre por me queimar; por muito que tentasse evitar situações dolorosas, caía nelas.

A Rachel abriu a porta da casa de banho e entrou.

— Foste qualificada, Léane, os resultados acabam de sair!

Aceitei o seu grande abraço, e a sua alegria contagiou-me o suficiente para me fazer sorrir. Era importante. A competição era importante, tinha de continuar a lembrar-me disso. Precisava daquela bolsa de estudo.

— Quem é o outro finalista?

— O Mark. Mas não te preocupes, tenho a certeza de que vais ser a justa vencedora na próxima semana. Que bom! Não estás feliz?

— Sim, claro!

Acenei com a cabeça e escorri o cabelo molhado no lavatório.

— Estou tão feliz que até vou sair hoje à noite. Alinhas?

A Rachel fez um pequeno sorriso e a sua expressão tornou-se misteriosa.

— Adorava, mas não posso. Tenho um encontro.

— E quem é o felizardo?

— O Alec. — Suspirou, sorridente.

— O rapaz de literatura que usa auscultadores vermelhos?

— Sim, esse. — Os seus olhos brilhavam.

Apesar de só ter vontade de lhe dizer: «Afasta-te dele e de todos os homens do planeta», mordi a língua e sorri. Não era justo passar a frustração à Rachel; nem todas tinham tanto azar. A Lissa era um ótimo exemplo.

— É fantástico! — exclamei, tentando não parecer que era forçado. — Vamos escolher qualquer coisa do teu roupeiro. Vais ficar maravilhosa. Quero que ele esqueça o próprio nome quando te vir — disse, e a Rachel riu-se como uma criancinha.

Passar a tarde a vê-la experimentar várias roupas e desfilar pelo quarto fez desaparecer o que eu sentia. Ela estava verdadeiramente deslumbrante e não parava de cantarolar as canções do David Bowie.

A Lissa enviou-me uma mensagem a pedir-me que fosse jantar com ela e o Adam numa hamburgueria conhecida, mas recusei.

No início, quando o Ryder perguntara se alguém queria ir festejar com ele, eu só aceitara o pedido para irritar o Blake, visto que ele não pensava fazê-lo, e eu

não tinha a intenção de passar mais uma única noite com ele, abrigada no seu quarto, pois não havia nenhum vínculo de confiança ou união entre nós, tal como ele insistia constantemente em demonstrar-me.

No final da reportagem, eu apanhara o autocarro até à sua casa, pronta para lhe pedir explicações. Tinha consciência de que seria inútil. É impossível abrir um cofre-forte se ninguém nos dá a chave, a menos que o façamos à força. O Blake era um cofre com uma segurança invejável. E não, eu não tinha a chave. Ele não queria dar-ma.

Quando a Rachel saiu para o seu encontro, desci até ao refeitório da residência e jantei em silêncio, sozinha, sentada a uma mesa isolada e tentando esquecer as bolinhas de chocolate vermelhas que já não tinha e a imagem do Blake. Estranhamente, o puré de batata insípido soube-me ainda pior do que noutras alturas. Como nota pessoal, a comida inglesa era dececionante.

À minha volta, os estudantes riam-se e falavam quase aos gritos, mas eu estava tão perdida nos pensamentos que mal tinha consciência de que o mundo continuava a sua marcha firme, indiferente aos acontecimentos que me faziam retroceder de novo. Eu era apenas mais uma pequena formiga num planeta enorme.

Parecia mover-me por pura inércia quando subi de novo ao quarto e vesti um vestido azul com apenas uma alça e pregas na cintura. Como as noites ainda estavam frias, protegi-me com um casaco branco de comprimento médio.

Senti-me nervosa enquanto esperava na esquina mais próxima da porta principal da universidade, mas fiquei descontraída quando vi o Ryder no passeio à minha frente, com uma mão levantada. Viera no carro do Blake. Um desejo intenso de o ver de novo apoderou-se de mim e, enquanto atravessava a rua, examinei o interior do carro, mas só tinha vindo o Ryder.

Sorriu-me enquanto eu subia para o banco do passageiro. O seu cabelo louro estava despenteado e os seus olhos azuis eram tão claros que era possível ver-lhes a cor apesar da escuridão. Um estranho silêncio invadiu-nos quando ele arrancou para a estrada.

— Porque te deixou o Blake o carro? — perguntei, virando-me para apertar o cinto de segurança.

O Ryder manteve os olhos fixos na estrada enquanto respondia.

— Não queria que eu te levasse de moto. É mais perigoso, suponho.

— Agora finge que se preocupa comigo?

Não consegui acabar de estalar os dedos porque o carro travou de repente e agarrei-me ao puxador da porta. O Ryder abriu a janela e acenou com uma mão, olhando para o outro condutor que tinha quase passado um sinal de *stop*.

— Ei, palerma! Estás cego, seu imbecil de merda!

Quando retomámos o caminho, ri-me.

— Não sabia que conseguias proferir tantos insultos numa só frase.

— É um dom. — O Ryder sorriu, animado. — Mas quanto ao que estávamos a falar antes, sim, o Blake preocupa-se contigo. Sempre se preocupou.

Resmunguei e abanei a cabeça.

— Ryder, só quero passar um bom bocado. Talvez dançar ou ouvir umas piadas parvas. Não precisas de tentar convencer-me de como o Blake é fantástico. Entendo que ele é teu amigo e presumo que gostam um do outro.

— Estou só a dizer a verdade. É o que penso. Apanhaste-o — brincou. — Mas tens razão, é altura de passarmos um bom bocado. Esquece tudo o que sabes sobre essas tristes reuniões a que tu e os teus amigos chamam «festas», hoje vais aprender com o mestre.

E, dito isto, ligou o rádio e pôs o volume no máximo.

28

Blake



Não sabes como me alegra que tenhas caído em ti — sussurrou-me ao ouvido a minha mãe, sem parar de me abraçar com força. — Preciso de ti, Blake. Preciso que estejas ao meu lado.

— Eu sei, e lamento, mãe. — Reparei, pela primeira vez em muito tempo, que me ardiam os olhos. — Lamento muito.

Formou-se um nó na minha garganta ao mesmo tempo que o meu estômago se embrulhava. Era assustador. Não me lembrava de alguma vez ter uma sensação daquelas no peito. O meu coração pulsava aos tropeções e tudo parecia tão intenso... como se o mundo fosse extinguir-se naquele instante.

Havia algum tempo, perguntara-me o que se sentia ao chorar. Agora podia dizer que era estranho, muito estranho, como se as emoções saíssem de mim, me transbordassem, me esvaziassem.

Antes de poder derramar uma única lágrima, a minha mãe estendeu os dedos pelas comissuras dos meus olhos, e agradeci-lhe aquele gesto em silêncio.

— Não devia ser assim. — Levantei a mão, desajeitado e inseguro, e acariciei a sua cabeça, apreciando o toque suave do cabelo que lhe restava. — Não quero que te vás embora. Tu, não.

— Blake, todos nós partimos um dia, mais cedo ou mais tarde. — Fez um sorriso doce. — Tive uma vida perfeita que não trocaria por nada deste mundo. Tenho dois filhos incríveis. O teu pai fez-me feliz durante muitos anos, apesar dos seus erros. As minhas amigas, as poucas que o são de verdade, têm-me apoiado em todos os momentos. E criei um futuro para mim numa coisa que me apaixonava; todos os dias ia trabalhar com um sorriso enorme. O que mais

poderia ter desejado?

— Viver — respondi, ainda zangado com o mundo.

— Já vivi, Blake. — Pegou na minha mão. — Algumas pessoas morrem aos noventa anos sem terem tido metade das coisas que Deus me deu.

Disse a mim mesmo que, se Deus existisse realmente, ela não estaria a contar os dias que lhe restavam. Segundo me explicara, assim como noutras recaídas, os médicos tinham visto possibilidades, naquela ocasião até haviam interrompido o tratamento. Há algumas semanas que só lhe davam analgésicos.

— Na próxima semana faremos os preparativos necessários — murmurei, e desviei o olhar, incapaz de a encarar por mais tempo.

— Obrigada, Blake. — Deu-me um beijo na face. — Mas não falemos mais deste assunto. Quero saber tudo de ti. Conta-me, como está a Léane? Virá aqui em breve? Na terça-feira comprei farinha para fazer as bolachas de manteiga que lhe prometi.

— Mamã. — O meu olhar suplicante, a pedir-lhe que deixasse de lado aquela conversa, fez com que levasse uma mão ao peito e franzisse a testa.

— O que fizeste agora filho?

— Nada. — Levei os dedos à ponte do nariz, fechei os olhos e apertei com força. — Não fiz absolutamente nada, a sério.

A minha mãe inclinou a cabeça para um lado e olhou para mim incrédula.

— Está bem! Dissemos algumas coisas desagradáveis um ao outro. Não importa.

— E teve alguma coisa que ver com o facto de teres desistido do concurso?

— Não, aconteceu depois — esclareci, apesar de ter sido o principal gatilho da discussão.

— Desististe por ela?

— Fi-lo por ti, mãe. É estúpido perder o meu tempo com uma coisa daquelas, quando precisas de mim. Tenho sido um idiota todo este tempo.

— Não és idiota, Blake. Não voltes a dizer isso — exigiu, levantando um dedo. — Mas por muito que digas que não, sei que também o fizeste por aquela rapariga. Só me falta saber porquê, embora ache que consigo imaginá-lo.

Cruzei os braços, irritado, e encostei-me para trás no sofá, esticando as pernas até quase tocarem na mesa de apoio. Demorei algum tempo até voltar a falar.

— Ela precisa daquela bolsa, já percebi — disse. — Acho que é a primeira vez que faço uma coisa por razões altruístas e só consegui foder tudo.

— Blake, não digas palavrões — repreendeu-me, como se eu fosse uma criança. — Conta-me tudo. Quero saber o que se passa contigo, não gosto de te ver mal. Talvez possa ajudar-te.

Hesitei um instante, mas quando abri a boca, não parei de falar.

E era estranho estar a conversar com a minha mãe como fazia havia anos, abrindo-me, deixando-a entrar na minha vida sem manter um sem fim de portas fechadas.

Contei-lhe o problema que a Léane tinha com os chocolates vermelhos, como era eletrizante discutir com ela no início, a luta de papel e água que travámos na casa de banho do restaurante francês (pormenor pelo qual recebi uma pequena repreensão da minha mãe), a noite em que ela ficou em minha casa depois da traição do Nathan, como foi frustrante quando roubou as minhas chaves, a sensação de calma que sentia quando a Léane estava ao meu lado, como adorava a Islândia, que fora ela a partir-me o dedo, o quanto ela gostava de usar mil cores diferentes nas unhas… tudo. Absolutamente tudo.

E quando não houve mais nada a dizer, senti-me muito melhor.

— E então? — Olhei para ela, nervoso. — Diz qualquer coisa, mamã. O que for.

Ela sorriu, calma.

— Estás apaixonado.

— Se disseres qualquer coisa que não seja uma treta, melhor.

— Falo a sério, Blake. Vai lá, vai procurá-la.

Quando nos levantámos do sofá, ela aproximou-se e empurrou-me delicadamente, dando-me pequenos toques nas costas. Era reconfortante sentir o seu apoio.

— Devia despedir-me da Emma — disse, com os olhos fixos nas escadas, uma vez que a minha irmã tinha ido para o seu quarto de modo a deixar-nos falar a sós.

— Não te preocupes, despedes-te outro dia. — Abriu a porta e, com firmeza, convidou-me a sair. Na verdade, estava quase a expulsar-me de casa.

— Volto amanhã — assegurei-lhe.

— Querido, não é preciso. — Acenou com uma mão.

— Quero fazê-lo — garanti-lhe e, ao cruzar a soleira da porta, olhei à volta antes de levantar a cabeça de novo. — Tenho coisas para resolver aqui.

— Coisas? Que coisas? — perguntou.

— Coisas — repeti, e sorri. — É surpresa.

Abraçou-me com força e deu-me um beijo na face.

— Boa sorte, Blake — disse antes de me olhar de cima a baixo. — E obrigada por teres engomado essa *T-shirt*, querido. Está impecável. Eu própria não faria melhor.

Sorri nostálgico quando ela fechou a porta, mas a incerteza regressou ao lembrar-me de onde se encontrava a Léane. Se eu tivesse apenas uma réstia de segurança, não estaria tão nervoso. Mas sem dúvida que esmagara naquela mesma tarde a pouca «estabilidade» que havia entre nós ao pedir-lhe que não voltasse.

Senti-me grato por ter deixado o carro com o Ryder, porque o vento frio da noite limpou-me a cabeça, embora o caminho tenha demorado uma eternidade, sobretudo porque não segurava bem a manete devido à tala que ainda usava no dedo mindinho.

Deixei a moto à porta da discoteca e tirei o capacete, enquanto caminhava pela rua. Depois de pagar a entrada, fiquei imerso num mar de gente, com luzes dispersas e um estranho cheiro a mofo que parecia tomar conta de tudo.

Embora aquele lugar não fosse espaçoso, tive dificuldade em encontrar a Léane. Não havia sinais dela. Vi o cabelo loiro do Ryder ao longe, uma vez que a sua altura o fazia sobressair no meio da multidão, e dirigi-me até ele aos tropeções, a abrir caminho. Agarrei-o pelos ombros quando o alcancei.

— Onde está a Léane? — perguntei, indo direto ao assunto.

— Ei, Blake, é bom ver-te, mano! — gritou.

Estreitei os olhos, enchendo-me de paciência.

— Vou perguntar mais uma vez: onde está a Léane?

O Ryder olhou à volta, apalermado, como se tivesse perdido umas chaves ou qualquer coisa de pouco valor. Bateu no ombro do Jack para chamar a sua atenção.

— Viste a Léane? — perguntou, quase a gaguejar. — O sorriso do Jack

perturbou-me mais do que eu esperava.

— A miúda do vestido azul? — Bebeu um pouco da sua bebida, apesar de parecer ainda mais desligado do que o Ryder. — Se ela estivesse por perto, eu já estava colado a ela. Não a vejo há bastante tempo.

Atirei-me a ele, incapaz de controlar a vontade de o esganar, mas o Ryder atravessou-se e recuperei um vislumbre de lucidez. Imobilizou-me pelos ombros e puxou-me para trás de forma brusca. O Jack foi suficientemente esperto para sair dali e esconder-se entre a multidão.

— Ei, tem calma. Ele esteve a beber, não lhe ligues — conseguiu dizer. — Tenho a certeza de que a Léane está por aqui algures. Vamos procurá-la.

Cerrei os lábios, e o Ryder estremeceu quando o seu olhar encontrou o meu.

— Pedi-te que tomasses conta dela. E nem sequer sabes cuidar de ti.

Dei meia-volta, ignorando como o Ryder parecia magoado, e tentei encontrar a Léane. Varri a pista. Havia montes de raparigas loiras, montes de raparigas da altura dela, montes de raparigas com malditos vestidos azuis; mas nenhuma era ela.

Estava quase a ir à residência procurá-la quando a vi no bar, com os braços apoiados na superfície de madeira e a cabeça inclinada para trás a rir-se das palavras que um tipo lhe sussurrava.

Agarrei-lhe no braço e virei-a para mim.

Pareceu surpreendida.

— Temos de falar.

Ficou em silêncio durante alguns instantes, a analisar-me, antes de desatar a rir-se. Empurrei o rapaz que estava ao pé dela e fiquei no seu lugar. A minha paciência reduzira-se a zero. A Léane estava bêbeda. Eu ia matar o Ryder. Peguei no copo que ela segurava com os dedos e, amarrando-a firmemente pelo pulso, arrastei-a ao meu lado.

— O que estás... O que estás a fazer? — protestou.

Quando voltei a encontrar o Ryder, pedi-lhe as chaves do carro e ele cambaleou enquanto as colocava atabalhoadamente na palma da minha mão. Guardei-as no bolso.

— Dá-me as da moto — exigiu.

— Não podes raptar-me — balbuciou a Léane nas minhas costas.

— Estás louco? Não vais conduzir, apanha um táxi — disse eu ao Ryder, e ignorei os protestos disparatados da Léane. — Tens dinheiro contigo?

Não esperei pela resposta. Tirei algumas notas do bolso das calças e dei-lhas, sem soltar a Léane, que me seguiu de forma autómata.

Felizmente, encontrei o carro três ruas à frente, uma vez que ela não se lembrava onde tinham estacionado. Conseguimos entrar no automóvel e relaxei quando, a meio caminho, me apercebi de que ela adormecera. Perto da residência, estacionei numa rua calma, desliguei o motor e, em silêncio, fiquei alguns instantes a observá-la. Era incrível, em todos os sentidos. Percorri o seu rosto com a ponta dos dedos, acariciei-lhe a pele, e ela nem sequer se mexeu. Estava totalmente mergulhada num sono inquebrável.

Fiz um esforço sobre-humano e carreguei-a em braços até à residência. De vez em quando, ela abria os olhos e tentava murmurar qualquer coisa incompreensível e, depois, fechava-os de novo. Quando cruzei a soleira da entrada e me lembrei que o seu quarto ficava no segundo piso, percebi que carregá-la até lá acima seria impossível. O meu dedo mindinho doía-me imenso. Abanei a sua cara com delicadeza.

— Léane, acorda — sussurrei. — Ela entreabriu os olhos, mas não parecia focar o olhar. — Vá lá, estamos quase a chegar. — Pousei-a no chão e ela vacilou, mas consegui apanhá-la antes que caísse. — Apoia-te em mim, assim.

Segurei-a nos braços enquanto subíamos as escadas, como se fosse uma boneca de trapos. Cada degrau parecia do tamanho do mundo, demorámos uma eternidade.

— Porque estás aqui? — perguntou. — Não preciso de ti.

— Preferias que te tivesse deixado na discoteca com aquele desconhecido?

— Talvez ele se tivesse importado. — Queixou-se, com a cabeça encostada à parede enquanto eu tentava abrir a porta do quarto.

— Não voltes a dizer isso. Não há ninguém que se preocupe mais contigo do que eu.

Ajudei-a a entrar e, depois, deitei-a na cama, devagar. Os olhos avermelhados da Léane, devido ao álcool, ficaram aquosos. Sem tirar o olhar de mim, começou a soluçar. Cobriu o rosto com as mãos e tentei impedi-la porque não queria que ela se escondesse de mim. Queria que ela fosse capaz de se mostrar

sem máscaras.

— Não chores, por favor — implorei, com a voz a arrastar-se.

Tentei acalmar a ansiedade que me afetava. Quando percebi que isso seria impossível enquanto a Léane continuasse a soluçar, inclinei-me e abracei-a em silêncio. Tal como começara a chorar de repente, parou. Pôs as mãos à volta do meu pescoço com firmeza. Concentrei-me no som da sua respiração, que se tornou gradualmente mais rítmica e lenta, ao bater suave do seu coração.

— Estou com sono — sussurrou.

— Eu sei. Vais descansar agora.

Dirigi-me ao roupeiro e procurei até encontrar um pijama. Quando me inclinei de novo na sua direção, para encontrar o fecho do vestido, ela afastou-se.

— Não, não vais despir-me.

— Porque não? Vais dormir mais confortável.

A Léane dobrou as mãos sobre o peito num gesto de proteção.

— Não quero que me vejas sem roupa — gemeu, embora estivesse exausta.

— Não digas parvoíces — respondi, enquanto lhe abria o fecho do vestido e ela se ria por causa das cócegas que isso lhe fazia na zona da cintura. — Já te vi sem roupa mil vezes.

Com cuidado, acabei de lhe vestir o pijama e tapei-a com o edredão espesso. Respirei fundo enquanto colocava a cadeira da secretária à frente da sua cama e me sentava. Pousei os cotovelos sobre os joelhos e olhei para ela.

— Estás zangado? — perguntou, enrolada nos cobertores.

— Não. — Acariciei-lhe a testa. — Mas não gosto de te ver assim.

— Não estou a sentir-me bem. Está tudo... turvo.

— Eu sei, Léane. Amanhã vais sentir-te melhor, prometo.

29

Léane 

O coelho branco perseguia-me para onde quer que fosse. Por mais que eu corresse, apanhava-me e repetia: «Vamos, Léane, salta para a toca de uma vez por todas!» Corri com todas as forças, atravessando o continente inteiro, mas não havia fuga possível. Por fim, exausta, caí de joelhos no chão. Estava no meio de um deserto, tinha a garganta seca e uma sensação desconfortável a subir pela boca do estômago...

Abri os olhos de repente e tentei perceber o que havia à minha volta, mas tive de os fechar de novo. A minha cabeça andava às voltas e doía-me terrivelmente do lado esquerdo.

— Estás bem, Léane?

Quando ouvi a voz do Blake na escuridão, estendi um braço para o apalpar e ele tocou nos meus dedos com os dele.

Abanei a cabeça em resposta.

— O que se passa contigo? — insistiu, preocupado.

— Eu... acho que... vou vomitar.

Ouvi-o respirar fundo e, depois, o meu corpo moveu-se quando ele me levantou. Entreabri os olhos ao chegarmos à casa de banho, apesar de a luz intensa dos focos me incomodar; era ofuscante, quase nociva. Senti o chão debaixo dos meus joelhos quando o Blake me colocou junto à sanita. Noutra altura qualquer, o facto de ele me ver naquela situação horrorizar-me-ia, mas estava tão mal que nem parei para pensar no assunto antes de começar a vomitar.

— Está tudo bem. — Segurou-me pela cintura enquanto me afastava o cabelo

da testa com a outra mão. — Já está. Já passou.

Depois de me dar uma escova de dentes com um pouco de pasta, esperou que eu os lavasse e me enxaguasse. A seguir, levou-me até à cama e ajeitou os lençóis. Agradecida, fiz-lhe um sorriso que acabou por ser uma careta.

— Sempre pensei que o amor era... — Tentei encontrar as palavras que queria dizer, mas custava-me pensar. — Julgava que era verde.

O Blake olhou para mim em silêncio, atento, imóvel.

O seu rosto pareceu-me tão perfeito que, se não fosse o facto de não conseguir mexer-me sem que o quarto começasse a girar, ter-me-ia chegado a ele para o abraçar e nunca mais o largar.

— E a ti sempre te vi vermelho, Blake. Mas agora não sei... Não sei...

Inclinou-se para mim quando parei de falar, incapaz de dizer o que quer que fosse. Tocou na minha face com a mão, delicadamente, e deliciei-me na sensação do toque um pouco áspero da sua pele na minha, embora estivesse quente, maravilhosamente quente.

— O que não sabes? — A sua voz parecia rouca.

— Não sei nada — admiti, prestes a chorar.

O Blake afastou-se de mim e inclinou-se para trás na cadeira.

— Devíamos falar quando estiveres melhor — disse.

— Não sei se vou ficar melhor algum dia. Tudo gira à minha volta — gemi.

— Por experiência própria, posso garantir-te que sim. Vinte e quatro horas e ficas como nova.

Os cantos dos seus lábios esboçaram um sorriso. Encostei a cabeça à almofada macia, tentando aliviar a dor. Não queria adormecer. Queria ficar acordada a fim de continuar a olhar para ele.

Ele também não tirava os olhos de mim, e isso reconfortava-me. Contra a minha vontade, as minhas pálpebras fecharam-se lentamente, à medida que Morfeu me abraçava de novo.

Embora houvesse pouca luz a entrar pela janela, era desagradável. Movi-me desconfortável na cama e, quando me sentei, senti dores musculares que desconhecia. Todas as células do meu corpo pareciam ressentir-se dos acontecimentos da noite anterior, mas, felizmente, o quarto tinha parado de

andar às voltas. E eu estava sozinha.

Perguntei-me se o Blake me tinha trazido na noite anterior ou se era tudo imaginação e delírio da minha parte.

Enfiei-me no duche a toda a velocidade e lembrei-me das últimas horas. O Ryder enlouquecera mal entráramos naquele lugar. Apresentara-me a tantas pessoas que só conseguia lembrar-me de um desfile de gente sem rosto e de um monte de copos de cores diferentes que alguém ia pondo na minha mão. Mais nada. Depois, era transportada de forma mágica para as escadas da residência, onde o Blake, cheio de paciência, me ajudara a subir degrau a degrau.

Era real. Muito real. E eu tinha de falar com ele o mais depressa possível.

Precisava de lhe explicar o que sentia. Não importava se ele me rejeitasse ou se admitisse que já não sentia o mesmo por mim. Era indiferente. Queria dar-lhe a chave do meu cofre-forte; se ele decidia guardá-la como o seu bem mais precioso ou deitá-la fora, era com ele, mas estava disposta a correr o risco. Era tudo ou nada.

— Léane, trouxemos-te o pequeno-almoço! — gritou a Lissa atrás da porta da casa de banho.

— Obrigada! Vou já sair. — Vesti-me confortavelmente com umas *leggings* e um casaco de fato de treino que não usava havia séculos, e sorri ao abrir a porta e dar de caras com as minhas duas companheiras de quarto, que olhavam para mim com expetativa.

— Então...? — A Lissa franziu o sobrolho de forma cómica. — O que se passa? — perguntei, contrariada.

A Rachel riu-se. Olhei para elas enquanto abria um dos tradicionais pacotes de bolachas plastificados que nos davam como acompanhamento do pequeno-almoço no refeitório.

— Eu sei que o Blake esteve aqui ontem à noite — disse a minha melhor amiga. — Conta-me tudo.

— Que nojo! Como podem ser tão más? — Deixei de lado a bolacha intragável.

— De facto, são mesmo. — A Rachel olhou sem grande entusiasmo para a sua ração e, depois, levantou a cabeça e sorriu. — E se fôssemos à creperia no centro da cidade? Adoro os crepes de chocolate com framboesa. Mataria por um desses.

— Sim. — Aplaudi, emocionada com a proposta.

— Só se nos contares tudo o que aconteceu ontem! — exigiu a Lissa.

— Combinado. Também não tenho muito a dizer. — Encolhi os ombros.

— Posso confirmar. Estava com uma piela quando cheguei — assegurou a Rachel.

Apesar de ficar a meia hora de distância, decidimos caminhar até ao centro da cidade. O céu continuava nublado, mas vislumbres de luz do Sol tentavam abrir caminho através da cúpula enevoada de Reading. Infelizmente, sabia que só o conseguiriam em pleno verão.

No entanto, e apesar do frio que continuava intenso, era agradável decifrar os indícios da primavera. A cidade estava coberta de jardins, cuja vegetação ganhava vida, em contraste com as ruas cinzentas e os edifícios de tijolos vermelhos.

Quase toda a zona do centro era pedonal e tornava-se agradável passear livremente pelas ruas. Ainda faltavam alguns metros até à creperia mais famosa da cidade quando senti o cheiro delicioso da massa acabada de fazer. Sentámo-nos a uma acolhedora mesa de madeira. O lugar era tão fantástico como as iguarias que serviam. As paredes estavam pintadas em diferentes tons de rosa, do fúcsia ao rosa-pálido. Os guardanapos tinham um bonito desenho às riscas com cores pastel a condizer com os talheres e, em cima do balcão, no lado direito, havia um carrossel enorme e bonito que girava sem parar.

Sorri enquanto pendurava a mala nas costas da cadeira. Pedimos um crepe cada uma.

— Já falaram um com o outro? — perguntou a Lissa. Tamborilou com os dedos na mesa, impaciente, deixando-me nervosa.

— Não, quase não dissemos nada. — Atirei-me ao crepe assim que o empregado serviu o prato. — Porquê essa curiosidade? Estás muito estranha.

Não parecia ela. Com alguma inquietude, começou a dobrar o bonito guardanapo sobre si e formou um quadrado depois do outro.

A seguir, com um suspiro, olhou para mim e vi um ar de dúvida nos seus olhos.

— Eu falei com ele. E disse-lhe, resumindo, que devia apressar-se. Avisei-o que tinha concorrência, e isso é verdade! Há muitos rapazes interessantes com quem

poderias sair se ele continuar a não te dar o devido valor.

Sentindo-me estúpida, fiquei com a boca aberta enquanto tentava processar as suas palavras. Pousei o crepe no prato e limpei os resíduos de açúcar dos dedos.

Finalmente, entendia o que o Blake quisera dizer quando discutíramos. Para mais, eu enfatizara a mentira da Lissa ao gritar-lhe que tencionava encontrar alguém que se importasse o suficiente.

— És capaz de avaliar a tua raiva, de um a dez? — perguntou a Lissa, numa referência ao «método de medição» que usávamos quando éramos mais novas.

— Dez! Porque haverias de lhe dizer uma coisa desse género?

— Podia ser verdade! — Defendeu-se.

— Mas não é! Mesmo que as coisas entre nós não acabassem bem, eu não iria procurar outra pessoa. Porque faria isso? Não preciso de um homem na minha vida para me fazer feliz. Em todo o caso, só ele. — Baixei o tom de voz. — Fizeste-o pensar que eu andava à procura de opções para o substituir? És horrível. Ainda para mais, disse-lhe uma coisa parecida ontem à noite... mas não quis dizer! Estava zangada. E, quando fico zangada, turva-se-me a mente e, não sei porquê, senti necessidade de o magoar de alguma forma...

— Desculpa! — A Lissa olhou para mim. — Só tentei dar-lhe um empurrãozinho. És minha amiga, sei que gostas dele, conhecemo-nos desde que usávamos fraldas.

— Não me meto na tua relação! — respondi. — Lá porque és a minha melhor amiga, isso não te dá o direito de te intrometeres. Não devias ter passado essa linha.

Antes que a Lissa pudesse responder, a Rachel colocou os braços em cima da mesa.

— Já chega, parem de discutir! É uma parvoíce. A Lissa cometeu um erro, mas fê-lo com boas intenções — disse antes de olhar para mim cautelosa. — E agora que sabes, podes falar com o Blake e encontrar facilmente uma solução.

A expressão triste da minha melhor amiga fez-me acenar com a cabeça sem pensar. A Lissa estendeu a mão para tocar na minha e eu apertei-lhe os dedos com força.

— Desculpa ter gritado contigo. É por causa da ressaca, que ainda dura.

Ela riu-se e os seus olhos, redondos e azuis, brilharam de novo.

— Desculpa ter-me tornado uma alcoviteira.

A Rachel olhou-nos satisfeita, deu uma dentada no crepe e falou com a boca cheia de massa e framboesa a pingar.

— E agora, se não se importam, vou relatar-vos ponto por ponto o meu encontro desastroso com o Alec — murmurou, sem perder o seu sorriso habitual.

30

Blake



Enterrei a pá na terra seca com um forte golpe e comecei a removê-la com determinação, na tentativa de romper os grumos enormes que se tinham formado por causa da falta de água. Quando terminei de agitar a terra do canteiro que cobria toda uma zona do jardim, abri o saco enorme de composto que comprara e comecei a espalhá-lo por cima, na esperança de que fosse suficiente para trazer de volta a vida àquele monte de terra seca.

Enquanto amanhecia e o céu tomava uma agradável cor alaranjada, arranquei todas as ervas daninhas que encontrei, bem como as plantas secas que ainda se mantinham de pé, embora já sem vida.

O sol estava quase no topo do céu quando ouvi passos.

A minha mãe e a Emma olharam para mim com surpresa.

— Pensámos que era algum animal a escavar o jardim — disse a mamã. Senti a emoção que tomava conta da sua voz. — O que estás a fazer, Blake?

— O que estás a ver. — Apontei com a pá à minha volta. — A arranjar o jardim. Está um caos. Alguém tem de o fazer, certo?

A Emma passou ao meu lado, dando pequenos saltos de alegria, e avaliou o meu progresso, que ainda não era percetível.

— Que bem! É uma ótima ideia! — Abraçou-me por trás.

Fiquei muito quieto, incapaz de respirar. Não me lembrava da última vez que tinha ouvido aquela pitada de orgulho na voz da minha irmã. Fechei os olhos.

— A que horas chegaste a casa? — perguntou a mamã. — Já tomaste o pequeno-almoço?

Abanei a cabeça. Nem sequer dormira. Quando a Rachel entrou no quarto e

me prometeu que cuidaria da Léane, saí com a ideia clara de vir arranjar aquele jardim caótico.

— Deixo-vos a sós. — A minha mãe olhou para nós com ternura. — Vou preparar o pequeno-almoço.

A Emma abraçou-me de novo, desta vez com mais força.

— Estou tão contente por teres caído em ti, Blake! Senti-me tão sozinha todos estes meses. Não voltes a ir-te embora assim, por favor.

— Lamento. Do fundo do coração. — Apertei-lhe gentilmente a face. — Estava cego devido à dor, a minha dor, mas não voltará a acontecer. Prometo. Estarei sempre aqui para ti.

Notei que o seu lábio superior tremia e, instantes depois, ela enxugou uma lágrima com força para que não deslizasse pelo seu rosto.

— Não faças isso. Não chores. Por favor...

— Desculpa ter-te escondido que o papá estava na cidade há vários meses. Queria dizer-to, mas não sabia como reagirias. Tínhamos medo que ficasses louco.

Soltei um suspiro. A questão do meu pai continuava a ser um caminho cheio de obstáculos. Comecei a revirar a terra, em silêncio.

A Emma pegou numa pá mais pequena e imitou os meus movimentos. Minutos depois, voltei a falar:

— Eu entendo, Emma. — Peguei num pequeno arbusto seco e atirei-o para o lado. — Onde está ele agora?

Ela mordeu o lábio inferior, hesitando.

— Está hospedado no Hotel Sea — respondeu num sussurro —, embora venha aqui com frequência. Sabes, fica para jantar ou almoçar. No outro dia, ajudou-me a limpar a casa, para que a mãe não tivesse de o fazer. — A sua voz tornou-se mais confiante. — É também ele que a leva ao hospital, assim não temos de apanhar um táxi.

Respirei fundo. Tinha de continuar a fazê-lo. Respirar era um requisito para essa coisa que é estar vivo. Mas as suas palavras foram como um golpe brusco. Senti-me atordoado ao perceber que não estivera ali por elas e que ele, de alguma forma, tinha estado.

— Ele sente a tua falta, Blake — disse, alto e bom som. Depois, levantou-se,

atirou a pá ao chão e começou a sacudir as calças do seu pijama cor-de-rosa, tentando livrar-se de restos de sujidade. — Sabes, sempre foste o seu preferido.

— Não digas asneiras. — Enterrei a ferramenta no chão com força.

— É verdade. Sabes que sim. Andavam sempre juntos. Viam jogos de futebol, iam pescar aos fins de semana, ele levava-te para todo o lado. O papá nunca teve esse tipo de ligação comigo.

— Tu eras mais nova, Emma. — Fixei os olhos nela. — É essa a única razão. Depois veio o divórcio, ele foi-se embora e tudo mudou.

A minha irmã olhou para mim com um ar de dúvida e esforcei-me por esquecer todos os momentos com o meu pai que de repente me inundaram, como uma cascata de água a cair com força. Por mais idílica que fosse a nossa relação, o que importava isso agora? Nada voltaria a ser como antes.

Quando algo se parte, ficam as rachas.

A minha mãe saiu e disse-nos que o pequeno-almoço estava pronto, pelo que deixámos de lado as memórias e as ferramentas e entrámos em casa.

A semana seguinte foi uma miragem. Ocupado entre as aulas, as idas e vindas a casa da minha mãe e a tarefa que me impusera: tratar do jardim.

Eu sabia como a fazia feliz com aquele simples pormenor. A mamã sorria com uma caneca quente nas mãos quando me observava pela janela da cozinha a trabalhar no jardim. De vez em quando, puxava uma cadeira e sentava-se ao meu lado, a ver tudo o que eu fazia e a dar-me conselhos.

De tarde, visitei vários hortos com a minha irmã, depois de ter ido buscá-la à escola, e comprámos plantas de diversos tamanhos e cores que fomos colocando no jardim, até ele começar a tomar forma. Já não parecia abandonado.

Só tive notícias da Léane na terça-feira. Temia dar o primeiro passo, não sabia o que fazer ou como iniciar a conversa que tantas vezes recriara na cabeça nos últimos dias. Na mensagem que me enviou, dizia:

«Obrigada por me teres levado à residência na outra noite. Não sei o que me aconteceu. Podemos encontrar-nos? Acho que precisamos de conversar.»

Ao que consegui responder:

«Não tens de agradecer. Agora concentra-te na reportagem de sexta-feira. Podes fazer isso.

Falamos em breve, vou estar lá para ver como consegues essa bolsa de estudo.»

Na sexta-feira, ela ainda não tinha respondido à minha última mensagem. Talvez tivesse sido má ideia não ir ter com ela no momento em que me perguntara se nos podíamos encontrar, mas eu não me sentira preparado para ser honesto com a Léane. Reconhecer como ela me fazia sentir era como saltar no vazio. E eu não queria fazê-lo enquanto todas as frentes que me espreitavam não estivessem fechadas.

Fui para casa de manhã, apesar de ter tido aulas. A minha mãe pedira-me que fosse lá para falar com ela. Já tínhamos feito todos os preparativos necessários durante a semana. Havíamos mudado o titular do seguro da casa, da conta bancária e mil outras questões burocráticas. Não me ocorria que outras coisas haveria ainda por resolver.

Convidou-me a sentar-me quando entrei e preparou um chá.

— Há algum problema? — perguntei, preocupado.

— Não há novidades. O médico diz que estou a dar-me bem com os analgésicos.

— Fico feliz. — Acenei e afastei o desconforto.

— Tenho de te dar algumas coisas, Blake. Sei que o concurso acaba esta tarde. Imagino que vais ver a Léane, certo?

— Sim — admiti, antes de beber um pouco de chá.

A minha mãe levantou-se e caminhou até ao aparador da sala de jantar. Abriu uma das portas de madeira e tirou do interior do móvel uma caixa pequena e retangular e um envelope branco. Sentou-se à mesa e estendeu-me a caixa, embrulhada em papel vermelho.

— Comprei-a há anos — disse. — A primeira vez que me foi diagnosticado cancro. Lembro-me que quando saí do hospital sentia-me... sentia-me como se flutuasse, como se fosse outra pessoa e nada daquilo fosse real. Depois, ainda sem ser eu própria, passei pela montra de uma loja e vi-a. Quase por magia, uma frase tomou conta da minha mente e prometi a mim mesma que a manteria até ao fim dos meus dias. É por isso que nunca me deixei tomar pela tristeza. Era claro para mim em que direção devia seguir.

Ficámos em silêncio durante alguns instantes, enquanto eu tentava perceber o

que queria ela dizer-me. Antes que eu pudesse perguntar-lhe, deslizou a caixa sobre superfície de madeira da mesa e colocou-a à minha frente.

— Quero que fiques com ela. Abre-a.

Rasguei o papel vermelho até descobrir uma caixa velha e preta. Abri o fecho e levantei a tampa para ver o que estava lá dentro.

Era uma bússola. Uma bússola que parecia ter muitos anos.

Os rebordos dourados estavam envelhecidos. E, por baixo do vidro, as agulhas que marcavam as direções oscilavam com o movimento da minha mão.

— Vira-a — pediu a minha mãe.

Virei a bússola delicada e vi que, no verso, havia uma inscrição:

«Nunca percas o norte.»

Respirei fundo, na tentativa de recuperar o fôlego.

— Pode parecer uma parvoíce, mas às vezes as pessoas sentem-se perdidas. Não podes deixar-te arrastar para baixo, Blake, tens de continuar sempre em frente, na direção certa, mesmo que não seja a mais fácil.

Fiz-lhe um pequeno sorriso, ainda dominado por um sem fim de emoções.

— Não é uma parvoíce, mãe. — Estendi a mão para lhe tocar nos dedos. — É o melhor presente que já recebi. Obrigado.

Ela enxugou uma lágrima, emocionada, antes de sacudir os braços no ar.

— Acabaram-se os momentos tristes! — exclamou, meio a rir, meio a chorar. Olhei para ela com adoração, comovido. — O outro presente é mais agradável, garanto-te.

Estendeu-me o envelope branco. Abri-o com cuidado e espreitei para o interior. Voltei a fechá-lo automaticamente e franzi o sobrolho.

— Enlouqueceste?

— Não. — Sorriu. — Nunca perco o norte.

Faltavam três horas para o início da final do concurso.

Liguei o motor do carro e regressei a Reading a toda a velocidade.

De repente, e por alguma razão estranha, precisava de a ver.

Precisava de a ver ganhar, de a ver tocar nos seus sonhos com a ponta dos dedos. Queria estar ao seu lado naquele momento e, acima de tudo, queria que ela soubesse que me tinha, que se tornara o centro da minha vida. À volta do

qual girava o resto. Era a minha bússola particular.

Avancei pela rua principal de Romford, profundamente pensativo, e travei quando os semáforos ficaram vermelhos. Suspirei. Os meus dedos tamborilaram no volante. Olhei para cima e, depois, para baixo, para a berma da rua à direita. E ali, como um fantasma vindo do nada, vi um letreiro que dizia: Hotel Sea.

Praguejei entre dentes.

Não era que desconhecesse onde ficava, conhecia todos os cantos da cidade onde crescera. Passara por aquela estrada milhares de vezes, sempre que regressava a Reading, mas aquele nome nunca tivera o valor que tinha agora. Infelizmente, naquele momento, eu tinha plena consciência de quem era um dos clientes que decerto ocuparia a suíte principal. E foi como se estivesse a ver a entrada elegante daquele hotel pela primeira vez.

Resignado, como se os músculos do meu corpo não respondessem às verdadeiras ordens que o cérebro emitia, virei na rua seguinte e estacionei no primeiro lugar que vi, apesar de ser uma faixa de autocarros.

Quase corri para a porta do hotel, como se vê-lo fosse uma necessidade.

Não era a visão dele em si, mas a sensação urgente de que queria acabar com tudo de uma vez. Pôr um ponto final na nossa história.

Não sabia se resistiria à vontade de lhe dar um murro quando o encontrasse. Teria de me empenhar em resistir à tentação.

Depois de insistir um pouco, assegurando-lhe que era o filho do seu cliente, a rececionista aceitou dar-me o número do quarto onde ele estava hospedado. Subi as escadas até ao quarto piso, sem paciência de esperar pelo elevador.

Ao bater à porta, usei os nós dos dedos.

Parei de respirar quando ele abriu a porta.

Reconheci a surpresa nos olhos do meu pai. Enquanto reagia, ao ver-me à sua frente, afastou-se para me convidar a entrar. Era de facto a suíte. O quarto estava dividido em duas zonas: à direita, a de dormir, onde se encontrava uma cama enorme e, à esquerda, uma zona de estar com vários sofás e uma mesa cheia de papéis, junto ao computador portátil.

— Que boa surpresa, filho. — O meu pai sorriu e, por um momento, detestei ver o brilho dos seus olhos verdes, tão parecidos com os meus. — Senta-te. Queres uma bebida? Posso pedir à receção que traga...

— Não, não é preciso — interrompi.

Deixei-me cair no sofá, irritado, sem saber o que queria dizer-lhe ou porque o visitava. Qual era a minha intenção? Agora que estava tão perto dele, não tinha a certeza.

Tirou uma lata de cerveja do frigorífico do quarto e bebeu um longo gole antes de se sentar ao meu lado. Apontou para a televisão, que transmitia um jogo de futebol.

— A seleção inglesa está a jogar contra o Brasil. O árbitro está comprado. Marcou um penalti inexistente contra nós. É sempre a mesma coisa.

Não respondi. Assisti ao jogo em silêncio. A seleção estava a jogar bem, tinha a posse absoluta da bola, mas era preciso lembrar que o Brasil tinha alguns dos melhores jogadores do mundo. O árbitro marcou uma falta injusta contra nós, o jogador inglês protestou e viu um cartão amarelo. Bufei de indignação.

— Vês? É como te disse — corroborou o meu pai.

Olhei para ele de lado e acenei lentamente com a cabeça.

— Bem, seja como for, é apenas a fase de qualificação — acrescentou, antes de beber mais um pouco da cerveja. — Vamos ver se temos mais sorte este ano.

Era estranho voltar a ver um jogo de futebol com o meu pai, sentados ao lado um do outro, a olhar para a televisão, como se não tivéssemos estado sem falar durante dois longos anos.

— Como te estás a dar com aquela rapariga? Parece-me simpática.

Virei-me e olhámos um para o outro durante alguns segundos.
A tensão era tal que me perguntei se a sala não estaria em chamas.

— Bem — respondi de forma seca.

— Mentes como o teu pai. Ou seja, muito mal.

O comentário não tinha piada. A última coisa que podia tranquilizar-me naquele momento era ser comparado com ele.

— Ainda bem, porque não pretendo ser um mentiroso como tu.

O meu pai suspirou profundamente e pousou a cerveja na mesa com um golpe seco. Olhou para mim e, pela primeira vez na vida, vi arrependimento e angústia nos seus olhos.

— O que tenho de fazer para que me perdoes, Blake?

Levantei-me do sofá, incapaz de continuar ali sentado como se nada estivesse a

acontecer. Passei as mãos pelo cabelo e tentei pensar rapidamente.

— Eu cometi erros. Todos cometemos — disse, levantando-se também. — A minha relação com a tua mãe nunca devia ter-se tornado um obstáculo entre nós. Entendia que pudesses estar zangado comigo, mas pensei que, com o tempo, me perdoarias. A vida não é dois mais dois, é mais complicada e nem sempre corre como queremos.

Dirigi-me para a porta. Não sabia porquê, mas precisava de sair dali. Toquei com os dedos na maçaneta e parei quando ele falou de novo.

— Blake, eu perdoar-te-ia sempre, independentemente do que fizesses. Não importa os erros que possas vir a cometer. És meu filho. Serás sempre. Nunca te vou virar as costas. E quero que saibas e te lembres disso.

Voltei-me para trás, sem abrir a porta.

— Vais ficar? — perguntei.

— Alguém tem de tomar conta da tua irmã quando... — Deixou a frase inacabada, mas ambos sabíamos o que ele queria dizer. — Estou a abrir um escritório de advogados aqui. Já tenho alguns sócios.

— Vemo-nos em breve, então.

— Sim, quando quiseres.

Acenei com a cabeça e soltei o ar que tinha contido.

— Bem. Agora tenho de ir. Estou atrasado.

O meu pai segurou a porta enquanto eu saía.

— Achas que podemos almoçar juntos um dia destes? — perguntou baixinho, num tom inseguro que eu nunca lhe ouvira.

Vi-o mais velho. Mais fraco do que me lembrava. Mais hesitante, talvez porque as peças do seu mundo também estavam desordenadas. E algo se revolveu dentro de mim.

— Podemos. — Respirei fundo. — Sim, suponho que sim.

31

Léane



Estava consciente de que a decisão do Blake fora a mais sensata. Também eu devia ter-me retirado do concurso quando ainda estava a tempo. Infelizmente, agora era demasiado tarde.

A última reportagem realizava-se no coração da universidade, nos jardins da entrada principal. Todo o equipamento tinha sido preparado com antecedência e os juízes (que decidiam o vencedor final, retirando todo o poder ao público) estavam sentados em cadeiras brancas confortáveis que tinham sido colocadas naquele lugar especialmente para eles e formavam uma linha reta rigorosa. O Owen Gabsen sorria alegremente enquanto distribuía autógrafos sem parar. Isto porque não, não estávamos sozinhos. Uma multidão enorme reunira-se ali perto para assistir ao concurso ao vivo. Aos primeiros curiosos seguiram-se muitos estudantes que apareceram entusiasmados por poderem ver o famoso apresentador em carne e osso. Infelizmente para mim, a notícia espalhara-se num boca a boca frenético por todo o *campus*. Mal conseguia engolir a saliva, a minha garganta estava completamente fechada. Faltavam apenas vinte minutos para o início da final.

O único aspeto positivo da multidão era o facto de os meus amigos também estarem ali. A Lissa pôs as mãos nos meus ombros e disse:

— Tem calma. Não percas o foco. Respira fundo.

— Não consigo — respondi, prestes a hiperventilar.

— Consegues, sim — encorajou-me o Adam, que estava ao lado da Lissa. — Já sabes, imagina que estão todos nus. Dizem que isso resulta sempre.

— Resulta em que sentido? A pôr-me mais nervosa?

Tanto o Ryder como a Rachel riram-se atrás do Adam. Lancei-lhes um olhar assassino, apesar de o comentário que os fez rir ter saído da minha boca. A mínima coisa desestabilizava-me. Eu só queria sair dali e livrar-me dos organizadores, dos juízes, de toda a equipa e do público. Estilo *Noiva em Fuga*, mas na variante «Concorrente em Fuga». O plano era tentador, mas havia tanta gente à volta que, mesmo que tentasse, não conseguiria escapar. Parecia existir à minha volta um mar de mãos, pés, braços e cabeças, tirando-me o fôlego como se estivessem a apertar-me os pulmões.

Para piorar tudo, era incapaz de desviar o olhar daquelas pessoas, por muito que a Lissa me obrigasse a fazê-lo para não ficar ainda mais nervosa, porque não conseguia deixar de querer encontrá-lo. O Blake. A única pessoa que eu desejava verdadeiramente que estivesse ali naquele momento, como a luz de um farol no meio da escuridão.

Desviei o olhar para o Ryder e o Adam, enquanto a Rachel me ajeitava o cabelo.

— O Blake disse alguma coisa sobre... se planeava vir? — perguntei.

— Quase não esteve em casa esta semana — comentou o Adam.

— Ele vem. Claro, não duvides disso — interrompeu o Ryder.

Sorri-lhe, um pouco mais calma. Apesar da noite catastrófica de sábado na discoteca Oceans, afeiçoara-me ao Ryder. Embora ele transmitisse uma imagem contrária, tinha um toque infantil que o tornava especial. Além disso, adorava o Blake como poucos conseguiam. Era um amigo leal.

O Mark Dabbent falava com o público, a poucos metros de nós. Parecia calmo, o que só me deixava mais nervosa. Inspirei devagar e, depois, concentrei-me nas minhas pernas, determinada a impedir que tremessem. Sentia-me como uma boneca feita de plasticina. E precisava de ser sólida. Muito sólida.

Quando o Owen Gabsen se levantou da cadeira, o público ficou em silêncio, de repente, quase como se estivesse enfeitiçado. A Lissa deu-me uma palmadinha nas costas e afastou-se alguns metros porque a reportagem final estava prestes a começar.

— Caros amigos, tenho orgulho em estar aqui hoje, nesta universidade que me deu tanta satisfação — começou ele por dizer, segurando o microfone demasiado perto dos lábios. Passeou placidamente pelo chão macio coberto de relva. —

Tanto a organização do concurso como a direção da cadeia estão muito gratas à Universidade de Reading pela colaboração neste grande projeto educativo que, de quatro em quatro anos, nos revela talentos do mundo jornalístico.

O público aplaudiu animado, como se tudo o que o Owen dizia não fosse apenas uma atuação previamente ensaiada. Fiz um grande esforço para não vomitar. Não por causa das palavras do apresentador, mas consequência dos nervos que fervilhavam no meu estômago e me provocavam tremores.

— Sem mais demoras, a final da convocatória deste ano está prestes a começar. Espero sinceramente que apreciem o espetáculo. Fiquem atentos porque, como sabem, só um dos dois finalistas alcançará a vitória. — Fez um piscar de olho estúpido. E agora apresento-vos os jurados que decidirão o vencedor: Eva Larsen, Fred Gilder, Alice Kellen e, claro, Owen Gabsen! — Apontou para si mesmo, como se houvesse a possibilidade remota de alguém não o reconhecer. — Boa sorte para os dois finalistas!

Mais e mais aplausos.

Classificação de um a dez em termos de probabilidade de vómito? A roçar o nove.

A jurada Eva Larsen substituiu o apresentador. Quando pegou no microfone, virou-se a fim de olhar para nós os dois. Usava uns óculos engraçados cor-de-rosa tipo pastilha elástica que levantou delicadamente ao passar o dedo indicador pela ponte do nariz.

Esperei ansiosamente que ela dissesse o tema da reportagem, uma vez que, tratando-se da final, mantinham essa surpresa em segredo. Garantiam, assim, que o texto não podia ser preparado com antecedência, de modo a avaliarem a fundo o nível de improvisação dos concorrentes. Não tinha a certeza de conseguir desenrascar-me bem.

— O tema da reportagem será «A aprendizagem». Não se requer que a objetividade seja um fator obrigatório, mas valorizaremos a profundidade do enfoque, assim como evitar os habituais erros de vocabulário ou de pronunciação que muitas vezes surgem quando se improvisa. — Sorriu para a assistência. — E a primeira a iniciar a reportagem, por ordem alfabética de apelido, será a Léane Bouvier.

A primeira coisa que pensei, no meio daquela multidão, por mais estúpido que

parecesse, foi que a decisão não era justa. Ou melhor, a organização. O Mark ia ter mais tempo para refletir sobre a reportagem, os minutos que durasse a minha.

O segundo pensamento que me assaltou enquanto caminhava devagar em direção ao centro do parque também era estúpido: o Blake não estava lá. Não tinha vindo. Não se importava o suficiente. A ideia de que isso era verdade fez-me desmoronar por dentro. Cada passo parecia mais pesado e mais impossível.

A mulher entregou-me o microfone e reparei como o Gael me piscava o olho para me encorajar.

Depois de mais alguns aplausos, o público voltou a ficar em silêncio. Comecei a tremer. Estava a ter uma branca.

Zero ideias. Zero palavras para dizer.

— Sempre pensei... sempre pensei... — repeti a palavra, sem encontrar as que se seguiriam e cometendo, assim, o primeiro erro. — Sempre pensei que aprender consistia em memorizar um monte de definições e dados que vinham escritos nos livros...

A tremer como uma folha de papel, olhei para a frente, notando pela primeira vez que estivera o tempo todo a olhar para o chão, concentrada na relva que balançava ao sabor do vento.

E foi quando o vi.

Quando encontrei o verde dos seus olhos, mais brilhante do que nunca, o coração bateu-me de novo com força. O Blake sorriu. Na verdade, sorriu apenas para mim. E foi como se a palavra «aprendizagem» ganhasse um novo significado. As peças começaram a encaixar-se na minha cabeça e quase não tive de procurar as palavras certas, pois elas pareciam vir ter comigo.

— Muitas pessoas medem a aprendizagem pelas qualificações académicas obtidas ou pelos exames aprovados. Eu era uma delas. Acreditava, estava convencida, que tirar um dez era a prova irrefutável do muito que aprendera. — Respirei fundo. Não tirei o olhar do rosto perfeito do Blake nem por um instante. Não me importava que esse pormenor pudesse prejudicar a reportagem. Precisava daquilo. — No entanto, as experiências deste ano fora de casa, a estudar na Universidade de Reading, fizeram-me perceber que não existe nenhum método possível de medir a aprendizagem. Há muitas formas de

aprender e uma é através dos livros. Mas sem dúvida que a mais importante é a que se adquire com as experiências que a vida nos oferece.

Fiz uma pausa e engoli saliva, uma vez que notei que me faltava o ar.

— Por acaso existem livros que nos preparem para não sentirmos saudades dos nossos pais quando estamos tão longe da casa onde crescemos? Há livros que nos ensinem a manter uma amizade ou como devemos comportar-nos quando encontramos novos amigos no caminho da vida? — Pela primeira vez, desviei o olhar do Blake para o canto de onde os meus amigos, tanto a Lissa como os que se tinham juntado ao clube, olhavam para mim comovidos. — E se a aprendizagem não é vida e experiências, algum de vocês consegue dizer-me onde posso arranjar um manual de instruções que explique todos os segredos sobre o amor? — Uma grande parte do público riu-se do comentário, mas eu mal vi essas pessoas, dado que o meu olhar se voltou para o Blake. — Este ano aprendi que é preciso cometer erros para saber corrigi-los. E aprendi que toda a gente, mesmo aqueles que consideramos inimigos, nos ensina lições valiosas que deveríamos ter mais em conta. Aprendi que é importante manter a mente aberta, porque nunca sabemos o que podemos descobrir depois de cada amanhecer. Aprendi a fazer-me valer por mim mesma. E, acima de tudo, aprendi que o encarnado não é uma cor tão horrível como sempre pensei que fosse. Simboliza a paixão que colocamos em tudo o que é importante para nós. E estou convencida de que a paixão e a vontade de aprender coisas todos os dias são duas das coisas mais importantes da vida.

Fiquei surpreendida quando o público começou a aplaudir. Fechei os olhos com força, a engolir ar de repente, incrédula com as palavras que acabara de proferir. Não sabia se o júri pretendia uma espécie de artigo de opinião sentimental... mas não tinha conseguido parar, mesmo sabendo que esticava o tempo médio que costumávamos poder usar para cada reportagem.

Queria dizer tudo aquilo.

Precisava de exprimir o que sentira durante aquele curso, longe de casa, a conhecer pessoas, pendurada por um fio invisível no caminho difícil do amor. Como poderia aprender a reagir perante todas aquelas emoções?

Tinham-me ensinado a estudar. Devia ler o texto devagar, concentrada e a compreendê-lo. Depois, tinha de o sublinhar e, mais tarde, escrever os próprios

rascunhos para que, na altura da revisão, tudo fosse mais simples e claro.

Por outro lado, os meus pais nunca se tinham sentado ao meu lado à mesa de jantar para me explicarem como deveria trabalhar as relações de amizade ou como era suposto ser uma história de amor, esclarecendo-me sobre os passos certos que deveria seguir. Não. Aqueles segredos, que representavam para mim as coisas importantes da vida, guardavam-nos para eles, na esperança de que eu escrevesse o meu próprio manual de instruções. Compreendi que não existia uma única forma certa de fazer as coisas, mas caminhos múltiplos que conduziam a trilhos infinitos. E só eu podia decidir que bifurcação seguir em cada momento.

Quase não prestei atenção à reportagem do Mark. Estava demasiado ocupada a tentar pôr os pensamentos em ordem enquanto olhava para o Blake. Soube que o Mark terminara quando o público aplaudiu de novo.

O júri indicou que precisava de alguns minutos para deliberar e vários alunos assobiaram, indignados, embora eu não tenha percebido porquê.

Tinha parado de tremer.

Fosse qual fosse o resultado, estava satisfeita comigo. Era uma sensação tão agradável que não havia palavras para a descrever.

Enquanto aguardava o resultado, vários alunos que estavam por perto felicitaram-me. Sorri quando vi a Lissa a abrir caminho por entre a multidão, quase às cotoveladas. Afastou o cabelo da cara quando me alcançou.

— Foi... genial. — O seu sorriso era enorme. — Estou orgulhosa de ti, Léane.

Abracei-a, feliz por ela se ter aproximado. Tinha os nervos à flor da pele.

Quando o Owen Gabsen se levantou, com o microfone na mão, tentei de novo encontrar o Blake, mas não consegui dar com ele.

— Senhoras, senhores... — afirmou o Owen com um sorriso malicioso. — Depois de muito deliberar, uma vez que, como viram, o nível desta competição foi mais elevado do que nunca, o júri chegou a uma decisão. — Fez uma pausa e olhou para o papel na sua mão direita, como se não soubesse quem fora o escolhido. Contive um gemido, tomada pelo desespero. — E este júri, composto por grandes profissionais da área, decidiu por unanimidade que quem merece ser o legítimo vencedor é...

Silêncio e mais silêncio.

— Léane Bouvier!

Abandonei o meu corpo e, durante alguns instantes, pensei que flutuava.

Não era verdade. Não podia ser verdade.

O público vibrou emocionado com assobios de alegria e aplausos descompassados. Um monte de braços envolveu-me e apertou-me calorosamente. Estava demasiado atordoada para distinguir quem era quem. Continuava sem conseguir ultrapassar o meu espanto. Deixei-me levar e aceitei todo o tipo de felicitações, incluindo a do Mark.

Alguns minutos mais tarde, os membros do júri vieram felicitar-me. Um a um, disseram-me que tinham gostado de ouvir a minha opinião sobre a palavra «aprendizagem» e garantiram-me que esperavam ansiosos que me juntasse à equipa durante o mês de verão.

Pouco a pouco, o público foi-se dispersando. Alguns estudantes ficaram para trás a conversar, enquanto outros se instalaram na relva, deitados, para aproveitarem ao máximo o que restava daquela tarde de sexta-feira.

— Foi tão genial! — A Rachel saltitou à minha volta.

— Excelente, Léane. — O Ryder pôs-me a mão no ombro. — Temos de comemorar em grande estilo. Vai ser a melhor festa de sempre.

— Achas que o Blake vai achar boa ideia depois do que aconteceu no passado sábado? — provocou o Adam.

Ia responder que não importava o que ele pensasse, pois nem sequer estava ali, mas uma voz grave e rouca inconfundível impediu-me de o fazer.

— A melhor festa de sempre vai ser o teu funeral, se não fechares essa tua boca.

Virei-me e tropecei nos meus próprios pés. O Blake desviou o olhar do Ryder enquanto me segurava com força para impedir que eu caísse. Sustive a respiração. Não conseguia tirar os olhos dele. Como se um íman me puxasse com força; contive-me para não acariciar com o dedo indicador, devagar, a linha do seu maxilar perfeito.

Um monte de libélulas instalou-se no fundo do meu estômago, e batiam as asas como loucas, na tentativa de escaparem. Era como se olhássemos um para o outro pela primeira vez em muito tempo, redescobrindo-nos. Estremeci quando os dedos do Blake tocaram suavemente nos meus. Tinha ficado tão fascinada a observá-lo que, até àquele instante, nem sequer reparara que os nossos amigos se

tinham afastado e que estávamos sozinhos.

Em silêncio, o Blake levantou a minha mão e observou, concentrado, as minhas unhas, pintadas de um vermelho-brilhante e inconfundível. Era tão intenso que quase se via a vários quilómetros. Esperava que aquele pequeno gesto fosse suficiente para que ele entendesse tudo o que eu não podia dizer-lhe com meras palavras. Com delicadeza, como se pudesse estragá-lo com o contacto, deslizou a ponta dos dedos na unha do meu indicador.

— Pensei que te tinhas ido embora — disse eu por fim, fazendo um esforço para me manter calma.

Inclinou a cabeça a fim de olhar para mim.

— E para onde poderia ter ido sem ti?

O meu coração começou a bater tão rápido que tive a certeza de que, não apenas o Blake, mas todo o *campus*, conseguiam ouvir as batidas atabalhoadas que se amontoavam no meu peito. Era um concerto de emoções à borla.

—Léane… sei que não sou perfeito…

— Para mim, és — interrompi, incapaz de me conter.

O canto dos seus lábios levantou-se ligeiramente.

— Também sei que pensas que sou de cor vermelha. — Deu um passo em frente, até que os nossos corpos se encostaram. — Mas, se me deres uma oportunidade, vou mostrar-te que posso ser da cor que quiseres. Queres que amanhã acorde verde? Posso fazê-lo. Aliás, a palavra certa não é «posso», mas sim «quero». Quero fazê-lo, Léane.

Abri a boca com a intenção de falar, mas o Blake impediu-me de o fazer, pondo um dedo nos meus lábios.

— Desculpa ter sido um idiota.

Afastei-lhe a mão, incapaz de me manter calada durante mais tempo.

— Não és idiota! Detesto que tenhas uma imagem de ti mesmo tão má e que não saibas ver todo… todo o bem que há em ti — disse. — Porque pensas isso?

— Porque se não o fosse, tinha reconhecido há muito tempo que gosto de ti — disse, quase a sussurrar. Inclinou-se e os seus lábios tocaram nos meus, mas antes que eu pudesse beijá-lo afastou-se um pouco. — Gosto de ti. De ti toda. Quero-te na minha vida. Quero as tuas cores, as tuas zangas, as tuas loucuras, o som do teu riso… Quero tudo de ti.

Pela primeira vez, o Blake conseguiu silenciar-me com as suas palavras.

A emoção era muito mais intensa do que a experienciada quando me anunciaram que ganhara o concurso, ou que fora aceite naquela universidade ou qualquer outra vivência de que tivesse feito parte. Nada se comparava ao efeito das palavras do Blake.

— O que te parece? Tu queres tudo de mim? — perguntou num sussurro. — «Tudo» significa o bom, o mau... Não quero esconder-me nunca mais. Preciso que possas tirar de mim o que quiseres, sem segredos.

— Sim. — Respirei fundo. — Sim a ti. Sim a tudo.

As mãos grandes do Blake agarraram o meu rosto e os seus lábios encostaram-se aos meus com força, quase em desespero. E, devagar, quando pareceu libertar-se de todos os medos, o beijo tornou-se mais suave, mais doce. Deslizou a língua pelo meu lábio inferior, fazendo-me delirar. Gemi e reparei que ele sorria de satisfação, antes de me abraçar com mais força, ao ponto de começar a questionar-me sobre onde começava o meu corpo e acabava o dele. Descobri, então, que, apesar de todas as nossas diferenças, encaixávamos um no outro de uma forma perfeita, como se fôssemos duas peças de um *puzzle* complicado que finalmente se tinham unido.

Protestei quando o Blake quebrou o contacto e tirou um envelope do bolso das calças de ganga.

— É uma surpresa. — Estendeu-mo, ainda a sorrir. — Um presente da minha mãe.

Franzi o sobrolho, incapaz de perceber o que poderia estar escondido naquele envelope. Abri-o devagar e tirei dois longos pedaços de papel com uma textura acartonada.

Eram dois bilhetes de avião.

O destino? A Islândia.

Olhei para ele incrédula.

— O que achas? Parece-te apetecível?

Fez um sorriso provocador e deslizou a sua mão lentamente pelo meu rabo. Eu gostava do Blake atrevido, embora fosse quase uma tortura, tendo em conta que estávamos num lugar público.

— Quando…? — Tentei conter a emoção. — Quando é o voo?

O Blake começou a depositar pequenos beijos húmidos no meu pescoço, subindo até mordiscar o lóbulo da minha orelha. Por fim, sussurrou-me ao ouvido:

— O que importa isso? Temos todo o tempo do mundo.

Epílogo

(Seis meses depois)

Um manto negro pairava sobre eles, isolando-os do resto do mundo. Só o ruído dos seus passos quebrava o silêncio sinistro que reinava nos arredores de Reiquiavique. Quando deixaram a cidade para trás, tentando afastar-se da ligeira neblina que tinha coberto o céu, foram transportados para o que parecia ser o fim do mundo.

— Estamos perdidos? — perguntou Léane em voz baixa. — E não te atrevas a mentir-me.

O Blake sorriu. Felizmente, a jovem não percebia como ele se divertia com a sua incerteza, uma vez que a escuridão invadia tudo à sua passagem.

— Blake...? — insistiu.

Sem parar de caminhar, ele apertou a mão da Léane com mais força.

— Não estamos perdidos, pequenina. Confia em mim.

— Odeio confiar em ti — murmurou, e os seus passos tornaram-se cada vez mais sonoros, na tentativa vã de lhe mostrar o desconforto.

Tinham passado mais de vinte minutos desde que haviam deixado a cidade, na esperança de poderem vislumbrar uma aurora boreal. Desde que o avião aterrara na Islândia que o Blake estava determinado a assistir àquele estranho fenómeno que ocorria no céu de uma forma quase mágica. E a Léane adorara descobrir que aquele rapaz entusiasta, que estava determinado a virar a sua vida do avesso, tinha finalmente regressado.

Não fora fácil para ele aceitar a morte da mãe.

A Claire deixara-os no dia 7 de agosto. E embora ela tivesse feito o Blake prometer que iria sorrir todos os dias, mesmo naqueles em que ela já não estivesse ali para o ver, ele tinha dificuldade em cumprir a promessa.

Quando decidiram utilizar no final de setembro os bilhetes de avião que a

Claire lhes oferecera, a Léane não esperava que aquilo fosse a chave para que o Blake voltasse a sentir a alegria que deixara para trás. Representara uma lufada de ar fresco para ele.

Enquanto caminhavam, a Léane aproximou-se mais do namorado, permitindo que ele lhe envolvesse a cintura com um braço e a puxasse para junto de si.

Porque não haveria de confiar nele?, questionou-se. Afinal de contas, ele não lhe falhara uma única vez. Seis meses antes, o Blake prometera-lhe que nunca mais se esconderia, que se mostraria como era.

Tinha-o cumprido.

Deixara-a entrar na sua vida, na família, em tudo o que era importante para ele. E, durante o mês em que a Léane estagiou na cadeia Princett, o Blake tornou-se o seu fã número um, apesar de ela só ter aparecido uma vez de relance na televisão, e por engano. Quando levou um café com canela a um dos editores do programa, a câmara captou o seu perfil sem dar por isso.

— O que achas deste lugar?

O Blake parou de andar.

A Léane olhou à volta, na tentativa de distinguir qualquer coisa na escuridão. Só viu as árvores frondosas que balançavam ao longe com o vento gelado.

— Se isso significa parar de caminhar, acho-o perfeito.

O Blake sorriu e, sem mais uma palavra, deitou-se no chão gelado. Com um suspiro de satisfação, cruzou os braços atrás da cabeça e contemplou em silêncio o maravilhoso céu islandês.

A Léane seguiu-lhe o exemplo e instalou-se ao seu lado. Apesar de terem roupas térmicas e especiais para resistirem às baixas temperaturas, ela não tinha a certeza de que fossem suficientes. A cada respiração, escapavam-se-lhe dos lábios ondulações de névoa.

— Vem, não ponhas a cabeça no chão.

O Blake puxou-a para cima, encostando o rosto dela no seu peito. Depois, abraçou-a com força, tentando aquecer-lhe o corpo. No meio da escuridão, num lugar que poderia ter sido denominado O Nada, o Blake fechou os olhos quando o cabelo da Léane lhe tocou no rosto e um cheiro inconfundível a baunilha inundou todos os seus sentidos.

Não conseguia explicá-lo por palavras, mas sabia que nunca se cansaria

daquele cheiro. Sempre que tinha a Léane ao lado, a vida ganhava uma cor diferente. Os tons tornavam-se mais vibrantes, mais luminosos e intensos. Ela pintava os traços de felicidade que ele, por vezes, não sabia como desenhar. E agora, pela primeira vez na sua vida, estava convencido de que nunca perderia o norte.

— Achas que vamos ver alguma aurora boreal? — perguntou a Léane.

— Tenho a certeza de que sim. — Deu-lhe um beijo na testa. — Só temos de esperar...

Ficaram em silêncio durante muito tempo, descontraídos, a ouvir apenas o som lento das respetivas respirações. A Léane aconchegou-se melhor ao peito do Blake. Ouvir o som rítmico das batidas do seu coração tinha o dom de lhe acalmar os medos. Era a melodia mais perfeita do mundo.

— Em que pensas? — perguntou num sussurro.

— Em ti. Em mim. E que quero que o céu seja verde.

— Verde... — Os lábios da Léane formaram um sorriso tímido.

Quase como se o céu os tivesse escutado às escondidas, pequenas ondulações de um verde profundo deslizaram devagar sobre a cúpula. O Blake ficou sobressaltado e sentaram-se sem tirar os olhos do céu.

Parecia um fenómeno mágico e inexplicável, como se não pudesse ser real. Só que, contra toda a lógica, era-o.

Os anéis que começavam a formar-se pareciam feitos de fumo, e a cor verde era tão viva que, por vezes, apareciam também tons de um amarelo-brilhante. A Léane pensou, por muito estúpido que isso pudesse parecer, que a qualquer momento uma nave espacial alienígena surgiria no céu.

O Blake abraçou-a por trás, apoiando a cabeça no seu pescoço, sem parar de admirar aquele espetáculo maravilhoso, que parecia feito para eles.

Passou muito tempo até que, tal como aparecera de repente, a aurora boreal voltou a desaparecer, como se nunca tivesse estado ali.

Quando a escuridão os envolveu de novo, o Blake procurou os lábios da Léane às apalpadelas e percorreu o seu rosto com a ponta dos dedos, até que as suas bocas se encontraram. Ela abafou um gemido, atordoada com a paixão que aquele beijo escondia. Depois de se separarem, sorriram.

— Vamos voltar ao hotel antes de morrermos de frio — sugeriu o Blake. Pegou

na mão dela e começou a andar na direção certa.

— E aonde vamos amanhã? — A Léane deu um pequeno salto ao pé dele, feliz e animada. — Ver as baleias, conhecer melhor a cidade, visitar umas águas termais?

Durante alguns instantes, o som quente do riso do Blake pareceu dissipar o frio intenso.

— Não sei, Léane. Tu é que decides. — Apertou-lhe a mão com força. — Podemos fazer o que quisermos. Podemos ir a qualquer lugar.

Agradecimentos

São muitas as pessoas que passaram pela minha vida e que me influenciaram de uma forma ou de outra com experiências e momentos irrepetíveis. Porém, como imagino que se darão por aludidas, irei direta ao assunto e nomearei todos os que participaram no processo criativo deste romance.

À minha família, pelo entusiasmo, pelo incentivo e, sobretudo, por me terem incutido o hábito da leitura. Obrigada por todos os presentes com forma retangular (a minha tia sabe do que estou a falar!) e pelos inúmeros livros que me leram antes de adormecer. Tudo teria sido muito diferente se não fossem vocês. Menção especial à minha mãe, sempre pronta a ler tudo o que eu escrevo. Obrigada por confiares em mim desde o início. Lamento que, por causa disso, tenhas tido de ultrapassar obstáculos desagradáveis, como sacos de plástico ancestrais ou textos quase ilegíveis.

À Eva e Dani (Dónute, torrão!). Muito obrigada pela vossa amizade. Agradeço-vos do fundo do coração por todas as correções e conselhos. Sem a vossa ajuda, continuaria presa num *loop* infinito. Obrigada pelos milhares de conversas, pelas gargalhadas, pelas reflexões e por continuarem por aí. Ah, e claro, pelo título fantástico que te ocorreu, Dani. Sabes que adoro!

A todos os leitores anónimos que lhe deram uma oportunidade antes de a publicação em papel se tornar uma realidade.

À minha editora, Miriam, que decidiu apostar *em Leva-me a Qualquer Lugar*. Se neste momento tens este romance nas mãos, é, sem dúvida, graças a ela.

Aos meus adoráveis felinos, que me aquecem no inverno e me sufocam no verão.

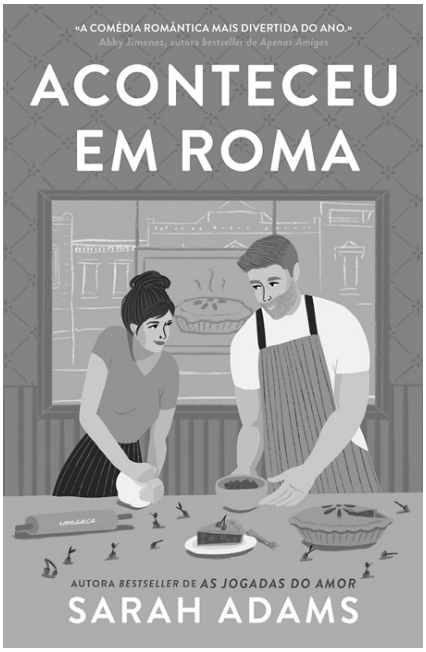
Mas, acima de tudo, graças a ti, pequenino. Uma vez disseste-me: «Gosto de partilhar a minha vida contigo.» Digo-te o mesmo. És o porto de abrigo ao qual

me agarro quando o resto do mundo parece estar a virar na direção errada. Consegues que não me sinta perdida porque estás sempre ao meu lado, disposto a deixar-te encontrar. E eu faço-o. Desde o dia em que te conheci. Nunca mudes. Quero tudo de ti, incluindo os erros. És a única pessoa com quem iria a qualquer lugar…

Se adoraste



então vais amar



Os opostos vão atrair-se nesta encantadora fatia de romance sobre uma estrela da *pop* e um pasteleiro de uma pequena cidade.



Nesta sua estreia no género YA, Alexene Farol Follmuth — autora de *The Atlas Six*, sob o pseudónimo Olivie Blake — explora os desafios que as raparigas de cor enfrentam nas STEM e a vulnerabilidade de um primeiro amor com uma sagacidade e honestidade infalíveis.

Contents

1. 1 Léane
2. 2 Blake
3. 3 Léane
4. 4 Blake
5. 5 Léane
6. 6 Blake
7. 7 Léane
8. 8 Blake
9. 9 Léane
10. 10 Blake
11. 11 Léane
12. 12 Blake
13. 13 Léane
14. 14 Blake
15. 15 Léane
16. 16 Blake
17. 17 Léane
18. 18 Blake
19. 19 Léane
20. 20 Blake
21. 21 Léane
22. 22 Blake
23. 23 Léane
24. 24 Blake
25. 25 Léane
26. 26 Blake
27. 27 Léane
28. 28 Blake
29. 29 Léane
30. 30 Blake
31. 31 Léane
32. Epílogo
33. Agradecimentos

Landmarks

1. Cover